

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

POLIANA DA SILVA LACHI

**UM CORPO DE SENTIDOS: DISCURSO, SUBJETIVIDADE E MÍDIA.**

MARINGÁ – PR

2010

POLIANA DA SILVA LACHI

**UM CORPO DE SENTIDOS: DISCURSO, SUBJETIVIDADE E MÍDIA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Lingüísticos – Estudos do Texto e do Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Luis Navarro  
Barbosa

MARINGÁ – PR

2010

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

L137c Lachi, Poliana da Silva  
Um corpo sem sentidos : discurso, subjetividade e  
mídia / Poliana da Silva Lachi. -- Maringá, 2010.  
199 f. : il. color., figs., tabs.

Orientador : Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de  
Maringá, Programa de Pós-Graduação em Letras, área de  
concentração: Estudos Linguísticos - Estudos do Texto e  
do Discurso, 2010.

1. Análise do discurso - Foucault - Mídia impressa. 2.  
Identidade - Mídia impressa - Modernidade - Foucault. 3.  
Corpo - Análise do discurso - Foucault - Modernidade. 4.  
Mídia - Análise do discurso - Foucault - Corpo -  
Modernidade. 5. Análise do discurso - Subjetividade -  
Foucault. I. Barbosa, Pedro Luis Navarro, orient. II.  
Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-  
Graduação em Letras. Área de Concentração: Estudos  
Linguísticos - Estudos do Texto e do Discurso. III.  
Título.

CDD 21.ed. 401.41

POLIANA DA SILVA LACHI

**UM CORPO DE SENTIDOS: DISCURSO, SUBJETIVIDADE E MÍDIA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Lingüísticos – Estudos do Texto e do Discurso.

Aprovado em

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa  
Universidade Estadual de Maringá  
- Presidente -

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Célia Passeti Cortez  
Universidade Estadual de Maringá

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Katia Menezes de Sousa  
Universidade Federal de Goiás - UFGO

Era uma vez uma menina baixinha, gordinha, dentuça e de cachos no cabelo em seu aniversário de seis anos. A festa era em casa, e enquanto os primos corriam de um lado para o outro, o tio padrinho chegou trazendo um presente. Hoje não há como se lembrar do embrulho, pois o que sempre importou, desde o começo, foi o conteúdo. O tio sentou-se na ponta do sofá da sala, pegou a menina no colo, e mostrou o que ele havia trazido: um livro de capa clara, com um menino engraçado com uma panela na cabeça desenhado. E em letras coloridas, o nome do presente, *O menino maluquinho*.

- Já sabe ler?

- To aprendendo (e estava, pois já era o segundo ano que ela estava indo para a escola).

Então ele abriu o mais importante presente que a menina já recebeu, e pediu para ela ler. Ela juntava as letras, formava as sílabas, demorava um pouco, mas conseguia. Olhava as figuras e as letras com os olhos brilhando, e quando terminava uma página, seguia ansiosa para a outra. E o tio olhava para a tia:

- Viu só... Ela já lê direitinho...

*Ao meu tio João Carlos, que com um presente recheado de amor de tio e de padrinho fez eu me apaixonar pelas palavras, a ponto de querê-las na minha vida para sempre e como profissão. Foi o primeiro livro que eu ganhei, e provavelmente o mais importante, pois sem ele, nenhum dos outros teriam importado.*  
*Talvez ele tenha já se esquecido – mas eu nunca vou.*

*Às minhas tias Bernardete e Nelly, que por gostarem de ler encontraram em mim alguém para mimarem com muitos livros.*  
*Ao Pedro Cesar, meu amigo-irmão, apoio para todas as horas.*

*Aos meus pais, sempre.*

## AGRADECIMENTOS

De cada passo dado, nenhum foi em vão. Nem mesmo foi só. A teoria do caos diz que um pequeno evento pode gerar uma consequência enorme e que cada um desses eventos é gerado a partir da combinação – coincidente ou não – de outros que muitas vezes são sutis demais para serem notados. Cada escolha, cada ato, não passa despercebido – ele muda de trajetória, seleciona caminhos; e esses atos são praticados por pessoas, mas nunca por alguém só, pois não há como viver sozinho neste mundo.

Esse trabalho é uma dissertação de mestrado. Não foi escrito apenas com base em teóricos como Foucault, Courtine e Bauman, grandiosos intelectuais que, cada um em seu tempo e com pensamentos próprios, souberam se destacar no mundo acadêmico. Foi, sim, através de suas ideias, de suas contribuições para o universo acadêmico, que as palavras escritas neste trabalho puderam se formar, ganhar força e ser postas no papel; mas foi também com a ajuda de outras pessoas que esta pesquisa pôde criar vida. Algumas delas são desconhecidas da academia e não possuem nenhum livro publicado, mas nem por isso deixaram de me ensinar muito; outras caminham também por esse meio, algumas há mais tempo e outras como iniciantes assim como eu, mas todas, pouco ou muito conhecidas, são talentos inspiradores.

É a essas pessoas que eu quero agradecer. Não haveria esta dissertação – ou caso a houvesse, seria talvez muito diferente (não há como se esquecer da teoria do caos...) se qualquer uma delas tivesse deixado de passar pela minha vida. É difícil poder dizer a cada uma delas quão importante elas foram e ainda são para mim, e o tamanho da minha gratidão...

Antes de tudo eu gostaria de dizer “muito obrigada” aos meus pais, *Aderval e Marlene*. Foram eles que me deram um corpo e educaram a minha alma. Eles é que me mostraram que tudo deve ser feito com amor, coragem, sinceridade, honestidade e fé. Foram eles que me ensinaram que a educação é algo extremamente importante; e muito mais do que isso: eles me ensinaram a lutar pelos meus sonhos, ao invés de esperar que eles caíssem em minhas mãos. Foram eles que me ensinaram a ser teimosa (apesar de eu acreditar que às vezes eles achavam melhor que eu não fosse tanto...), e que agir é importante, porém sempre há uma consequência. Estaria eu preparada para suportar as consequências daquilo que eu procurava? Amo vocês – muito!

Gostaria de agradecer à *minha família* - minha avó, D. Marina, minhas tias Suely e Nelly e minha irmã Tati, assim como meu tio Manoel e meus primos e primas – que me abrigaram desde o início da graduação, sendo a minha família quando meus pais estavam a 620km de distância, aguentando minhas crises de mau humor, meu cansaço, meu estresse, meu entusiasmo por algo que elas não conheciam, minhas loucuras, minhas manias, e compartilhando minhas alegrias.

Gostaria de agradecer aos *amigos* Ju, Dani, Diego, Dango e toda a turminha... vocês me aguentam há um bom tempo e são sempre um lugar feliz que eu posso ter no meio do cansaço... A todos o meu carinho, pois cada um teve a sua importância. Amo muito vocês!

Gostaria de agradecer também a dois amigos em especial: Pedro e Paula.

*Pedro*, amigo de infância e irmão de coração, acompanhou-me por todos esses anos e foi sempre o apoio que eu precisava: discretamente fazia cara feia para os meus absurdos e puxava a minha orelha quando eu errava feio. Alguém que sempre foi um lugar de paz e de força, quando tudo o mais parecia desabar e difícil demais de conseguir contornar ou superar. Ele sabia como me colocar de volta no lugar, quando eu estava com o ânimo exaltado. Acreditou em mim quando nem eu mesma o fazia; fez tantas vezes minhas esperanças voltarem, e ainda permitiu que eu tivesse a ilusão de que poderia mesmo fazer um mundo mais gostoso de viver para aqueles que estavam à minha volta. Fez-me acreditar que eu poderia mesmo ser alguém especial...

*Paula*, foi minha companheira desde a graduação. Mulher guerreira, de incrível inteligência, caráter e ternura. Alguém com quem já dividi viagens, festas, sorrisos, gargalhadas, cochilos em sala de aula, passeios, amigos, trabalhos, congressos, problemas, confidências, lágrimas, alegrias, brigas e ideias. De tudo isso, o que mais me fascinou foi poder dividir o nosso crescimento, poder ter participado de sua evolução e saber que ela participou da minha. Tenho muito orgulho dessa amiga!

Aos companheiros do mestrado, *Eriquinha*, *Thaís*, *André*, *Maria Fernanda*, *Josibely*, pelos nossos momentos de estresse na copiadora, de alegria na cantina, confraternizações e congressos, por poder encontrar pessoas tão inspiradoras e com as quais foi um prazer conviver, aprender e criar laços de amizade. Sinto muito a falta dos *slides* sofisticados da Eriquinha, da engraçada bagunça da Thaís e de seu eterno bom humor; da alegria discreta da Josibely e das infundáveis discussões sobre o neoliberalismo entre o André e a Maria Fernanda...

Deixo um abraço carinhoso a uma outra companheira muito especial, *D. Maria Iraídes*, com quem também dividi momentos únicos e que, com sua energia, caráter, determinação, humildade e genialidade, conquistou o coração de cada um de nós e nos fez chorar no último dia de aula de nossa última disciplina. Alguém que atravessou o país e enfrentou dificuldades em busca de um sonho e nos encheu de coragem para continuarmos a lutar pelos nossos. Um exemplo, que sempre será guardado e lembrado com muito carinho.

O meu “muito obrigada” à *Andrea*, secretária do PLE, cujo esforço e eficiência possibilitam que todos nós, alunos – e creio que também os professores – possamos fazer o nossos trabalhos. Agradeço o carinho e a educação com que sempre nos atendeu, os e-mails mandados nos finais de semana (sinal de trabalho levado pra casa) e a prontidão com que sempre nos atendeu cada vez que tínhamos que tirar alguma dúvida.

Obrigada à *CAPES*, que reconheceu a minha pesquisa e durante um ano me forneceu uma bolsa de estudos, com a qual pude me dedicar exclusivamente ao mestrado, participar em congressos e investir em material de pesquisa.

Não poderia deixar de agradecer aos professores. Aos do mestrado, *Profª Ismara*, *Profª Sonia Benites*, *Profª Maria Célia*, *Profª Ceci*, *Profª Fátima*, por terem nos acolhido; por cada uma, a seu modo, ter-nos mostrado a sua paixão por aquilo que ensina e estuda. E ainda por não apenas terem ensinado teorias e conceitos, mas terem também dividido conosco suas experiências de vida.

Agradeço às professoras doutoras *Maria Célia Passeti* e *Kátia Menezes de Souza*, por aceitarem fazer parte da banca de qualificação e defesa, além de contribuírem com sugestões que apararam as arestas e incongruências da pesquisa e possibilitaram a sua melhoria.

Agradeço ainda à *professora Ismara*, que, apesar do ar sério, sempre se mostrou uma professora compreensiva (inclusive com nossos atrasos na volta dos intervalos) e carinhosa. Uma dama de elegância à flor da pele, mas capaz de conviver com os alunos com sorriso acolhedor no rosto e nos proporcionar muitas risadas.

Não posso esquecer uma querida e gentil professora da graduação, *Maria Ângela Boer*, que desde o primeiro ano da faculdade me incentivou, e depois não só me apresentou ao meu orientador, mas torceu por mim durante todo o caminho. É para mim – e tenho certeza de que para muitos outros também – uma figura materna no meio acadêmico e alguém a cuja altura um dia eu gostaria de chegar.



Um agradecimento especial ao professor *Pedro Navarro* - não só por ter sido um orientador paciente e compreensivo, que sabia sutilmente cobrar por resultados; não só por ter sido um teórico inspirador; não só pelo apoio e pelo voto de confiança e pelo incentivo para eu seguir em frente nesta área; não só pela longa jornada desde a graduação; não só pela sobremesa no churrasco do encerramento da sua disciplina no mestrado; por tudo isto e por ter permitido que eu desenvolvesse a minha própria pesquisa, mesmo sendo ela de uma temática que ele não trabalhava, e que eu seguisse minhas próprias idéias; por ter tornado mais confortável o caminho da pesquisa e ser um exemplo de Mestre. A você, professor Pedro Navarro, todo o meu respeito e a minha admiração.

Graças infindas a *Deus*, por ter-me dado oportunidades e muita força para lutar; por ter-me dado barreiras para que eu tivesse algo para enfrentar e poder demolir minhas próprias muralhas e me modificar para alguém melhor; por ter-me dado aquilo que eu precisava e o que eu merecia, e não o que eu pedia; por permitir que eu fizesse parte de tudo isso tendo tantas pessoas boas ao meu lado; por me permitir sonhar, lutar pelo meu sonho e conseguir realizá-lo, e por dar sempre, dia após dia, a calma depois da aflição e um sonho depois do outro, realizado ou não.

A cada uma dessas pessoas e a tantas outras que fizeram parte da minha vida e me ajudaram a chegar até aqui, o meu eterno MUITO OBRIGADA! Obrigada pelo que fizeram por mim, mesmo que inconscientemente, e muito obrigada por terem acreditado em mim, principalmente quando eu mesma tinha minhas dúvidas... Se eu pude finalmente chegar a este dia e escrever esta dissertação, foi porque a cada palavra escrita havia a mão de cada um junto com a minha. Vocês possibilitaram que o caos que sou se transformasse em esperança e que eu agarrasse oportunidades.

*Je ne regrette rien!*

O meu propósito é falar de corpos  
Que foram mudados em formas de diferentes tipos  
Ovídio, *Metamorfoses*

O corpo ainda é pouco  
Titãs, *O pulso*

## RESUMO

Esta pesquisa tem como temática a subjetivação do sujeito atual através dos discursos sobre o corpo materializados na mídia impressa. Observa-se que a modernidade, caracterizada por sua dinamicidade, liquidez, elevação o conhecimento para a forma de hipóteses e alta reflexividade – reflexividade essa que afeta o sujeito – produz uma dissolução das certezas que o sujeito tinha sobre si, configurando assim a crise de identidade e a própria identidade como um processo em eterna construção. Juntamente com esses aspectos, a mídia atua como uma mediadora das experiências, representando a sociedade ao mesmo tempo em que a transforma. Nessa mídia, corpos são representados por meio do discurso, e ao se falar dos corpos, fala-se dos sujeitos. E é nesse caminho que este trabalho se envereda – uma investigação sobre o sujeito atual, com o objetivo de analisar a identidade desses sujeitos a partir do discurso midiático sobre o corpo. Para isso, são apresentadas três linhas que servem de base para a pesquisa: os estudos culturais, com conceitos e noções sobre identidade, modernidade, e na qual foram também enquadrados os estudos sobre a mídia; uma história do corpo, que está longe de ser unidisciplinar ou linear; e o método arqueogenealógico de Michel Foucault, com seus conceitos de série, enunciado, relações de poder e saber, que contribuem tanto para o método de análise e tratamento dos discursos quanto para o entendimento do corpo e do sujeito como afetados por micropoderes – método esse que é tomado emprestado e enquadrado em uma Análise do Discurso de linha francesa. Como materialidades para análise, foram selecionados doze enunciados de sete diferentes tipos de revistas, reunidos em uma série de três trajetos temáticos: 1) O Discurso científico nas práticas sobre o corpo; 2) O *fitness* e a modelagem do corpo; 3) Corpo, estética e dieta. Observou-se a recorrência ao discurso científico e ao treino como forma de controle do corpo, que por sua vez é instaurado pela mídia também através da voz do outro, sendo esse outro o sujeito do cotidiano e as suas experiências, ou o sujeito especialista (com o saber científico, autorizado), e cuja sexualidade pode ser apresentada ou negada conforme a utilização desse corpo, que deve fazer parte da ordem – e, para isso, deve ser belo, forte e magro (pois de acordo com essa ordem de discurso, não há como um corpo fora de forma ser produtivo), podendo ser renegado e odiado pelo sujeito ao se extrair da ordem, fazendo ainda com que o sujeito promova uma dissociação discursiva de si do seu próprio corpo.

**Palavras-chave:** Michel Foucault; subjetivação; identidade; modernidade; mídia; corpo.

## RÉSUMÉ

Cette recherche porte sur la thématique de la subjectivation du sujet actuel à travers les discours portant sur le corps matérialisés dans le média imprimé. On remarque que la modernité, caractérisée par son dynamisme, liquidité, la montée de la connaissance sous forme d'hypothèses et haute réflexivité, touchant le sujet, produit une dissolution des certitudes que le sujet avait sur soi-même, nous voyons ainsi une crise d'identité et l'identité elle-même comme un processus toujours en cours d'élaboration. Parallèlement à ces aspects les médias jouent un rôle de médiateur d'expériences, ce qui représente la société en même temps qui la transforme. Dans ces médias des corps sont représentés par des discours et si nous parlons des corps, nous parlons des sujets. C'est vers ce chemin que va cette étude - une enquête sur le sujet actuel dans le but d'analyser l'identité de ces sujets à partir du discours des médias sur le corps. À cette fin, nous présentons trois lignes qui servent de base pour la recherche: les études culturelles, des concepts, des notions sur l'identité, la modernité dans laquelle les études ont été formulés y compris les médias; une histoire du corps qui est loin d'être unidisciplinaire ou linéaire et la méthode archéogénéalogique de Michel Foucault, avec ses concepts de série de l'énoncé, des rapports de pouvoir et de savoir, qui contribuent à la fois à la méthode d'analyse et de traitement des discours et à la compréhension du corps et du sujet affectés par des micropouvoirs - cette méthode empruntée et encadrée dans une analyse du discours de la ligne française. Comme matériel pour l'analyse, nous avons sélectionné douze énoncés de sept différents types de revues, dans une série de trois sentiers thématiques: 1) Le Discours scientifique dans les pratiques sur le corps; 2) Le "fitness" et modelage corporel; 3) Le corps, l'esthétique et le régime. Nous avons eu recours au discours scientifique et à l'entraînement comme moyen de contrôle du corps, qui est à son tour, instauré est établi par ces médias également, par la voix d'un autre et le sujet du quotidien et ses expériences ou le spécialiste (maîtrise du savoir scientifique autorisé) dont la sexualité peut être présentée ou niée en fonction de l'utilisation du corps qui doit faire partie de l'ordre et pour cela nous devons être beaux, forts et minces (car selon cet ordre du discours un corps pas en forme ne peut jamais être productif), ceci étant il peut être renié et haï par le sujet s'il est hors cet ordre, soi-disant de ce fait nous voyons une dissociation discursive du corps et soi-même.

**Mot-clé:** Michel Foucault; subjectivation; identité; modernité; les médias; corps.

## SUMÁRIO

|                                                                                      |            |
|--------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS: POR UMA ANÁLISE DO HOMEM ATUAL NO/PELO DISCURSO .....</b> | <b>14</b>  |
| <b>1 MODERNIDADE E IDENTIDADE: DESLOCAMENTOS E LIQUIDEZ .....</b>                    | <b>18</b>  |
| 1.1 A MODERNIDADE LÍQUIDA.....                                                       | 18         |
| 1.2 A IDENTIDADE.....                                                                | 25         |
| 1.3 A MÍDIA.....                                                                     | 36         |
| <b>2 UMA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL DO CORPO .....</b>                                | <b>49</b>  |
| 2.1 O CORPO DA MEDICINA.....                                                         | 54         |
| 2.2 O CORPO SEXUADO E O CORPO ERÓTICO.....                                           | 60         |
| 2.3 O CULTO AO CORPO E A CORPOLATRIA .....                                           | 64         |
| 2.4 AS TÉCNICAS CORPORAIS.....                                                       | 70         |
| <b>3 A ANÁLISE DO DISCURSO E MICHEL FOUCAULT .....</b>                               | <b>75</b>  |
| 3.1 O MÉTODO ARQUEOGENEALÓGICO DE FOUCAULT.....                                      | 78         |
| 3.1.1 O saber.....                                                                   | 84         |
| 3.1.2 O poder .....                                                                  | 87         |
| 3.1.3 O poder e o corpo .....                                                        | 90         |
| <b>4 UMA SÍNTESE TEÓRICO-METODOLÓGICA.....</b>                                       | <b>96</b>  |
| <b>5 O CORPO MOLDADO .....</b>                                                       | <b>98</b>  |
| 5.1 O DISCURSO CIENTÍFICO NAS PRÁTICAS SOBRE O CORPO.....                            | 103        |
| 5.2 O FITNESS E A MODELAGEM DO CORPO.....                                            | 124        |
| 5.3 FAÇA PARTE DOS PADRÕES DE BELEZA! CORPO, ESTÉTICA E DIETA.....                   | 149        |
| 5.4 UMA SÍNTESE TEÓRICO-ANALÍTICA.....                                               | 165        |
| <b>DE QUE CORPO SE FALA? CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                              | <b>168</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>                                              | <b>172</b> |
| <b>ANEXOS .....</b>                                                                  | <b>177</b> |
| ANEXO 1 .....                                                                        | 177        |
| ANEXO 2 .....                                                                        | 178        |
| ANEXO 3 .....                                                                        | 179        |
| ANEXO 4 .....                                                                        | 180        |
| ANEXO 5 .....                                                                        | 186        |

ANEXO 6 .....187

ANEXO 7 .....188

ANEXO 8 .....192

ANEXO 9 .....196

ANEXO 10.....197

ANEXO 11.....198

ANEXO 12.....199

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS: POR UMA ANÁLISE DO HOMEM ATUAL NO/PELO DISCURSO

Foucault, em seu livro *As palavras e as coisas*, apresenta o surgimento do homem por meio das ciências humanas, utilizando para isso uma análise das ciências econômicas, biológicas e das ciências da linguagem. Para o autor, o homem surge a partir do momento em que se constitui como objeto das ciências. Mas seria esse homem recém-nascido o mesmo homem do nosso tempo moderno<sup>1</sup>? Os inúmeros estudos (tanto das ciências sociais quanto da filosofia e da linguagem, como os projetos dirigidos pelo Professor Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa) apontam que há, sim, uma mudança dos paradigmas, e que o homem se constitui como um conflituoso objeto. Se não é o mesmo, quem é ele, então?

O próprio homem se questiona: ele se constitui como objeto científico, buscando, desde a Antiguidade até a era moderna, a sua origem, os seus modos de agir, a sua relação em sociedade. Se na Antiguidade esse processo se dava por meio da religião, do misticismo crente em magias e atos sobrenaturais, com o surgimento da ciência moderna de base empírica os saberes ganharam um novo peso de verdade e passaram para um novo estatuto, mesmo sem terem deixado de estar ligados à elite.

Foucault faz dessa questão a sua maior inquietação. O desvendamento do sujeito moderno não ocorre apenas em *As palavras e as coisas*, mas é um pensamento que transpassa toda a sua obra, inclusive aquelas que tematizam o poder, o saber e a ética. É essa também a inquietação que move este trabalho: quem é o homem atual?

Fala-se então em identidade, o saber sobre si, sobre o *self*, e essa identidade é fragmentada, líquida, devido às próprias características da chamada modernidade; e ela é, acima de tudo, um efeito de sentido dado ao discurso, e um processo eterno. É influenciada pelo atual período vivido pela sociedade: a modernidade, cujas fronteiras foram apagadas e cujas sólidas certezas foram liquidificadas. Tempo e espaço ganham uma dimensão diferenciada ao separarem-se. Modificam-se também as relações entre o local e o global –

---

<sup>1</sup> Nos estudos culturais e sociais em geral, há uma vasta discussão a respeito de qual seria a terminologia mais adequada e suas implicações. Anderson (1999) utiliza pós-modernidade. Giddens (2002), pós-modernidade e modernidade tardia. Bauman (2001; 2005) refere-se à modernidade líquida. Como o objetivo desse trabalho não está no questionamento dessas terminologias, optou-se aqui pela utilização de moderno como referente à atualidade, porém a escolha léxica dos autores será mantida e os vocábulos serão utilizados como sinônimos, uma vez que se entende que elas podem oferecer uma maior delimitação e caracterização do período abordado na pesquisa.

instaura-se a globalização. As mudanças ocorrem em um ritmo nunca experimentado, num dinamismo que afeta as instâncias de forma reflexiva.

Como instituição representante e transformadora dessa modernidade, desenvolve-se a mídia, que passa a atuar como uma mediadora de experiências para os sujeitos, uma reprodutora simbólica que permite que os saberes se dispersem no tempo e no espaço e estejam disponíveis e acessíveis para uma gama de sujeitos em diferentes situações e condições. Entre esses saberes e experiências figura o saber sobre o corpo e as formas de controlá-lo e discipliná-lo, biopoder que dita ao sujeito como se vestir, como tornar seu corpo belo, útil, saudável e, acima de tudo, produtivo.

Ao se falar dos corpos, fala-se dos sujeitos, e é neste enfoque que este trabalho envereda: um discurso sobre o corpo que é, acima de tudo, um discurso sobre o sujeito e sua identidade. Dentro dessa temática, toma-se o objetivo de analisar quem é o sujeito atual configurado na mídia impressa brasileira a partir dos discursos sobre o corpo. Para isso se faz importante também observar as relações de poder e saber que atuam nesses discursos, produzindo corpos dóceis e como que possibilitando o processo identitário. Em face disso, este trabalho atreve-se a criar um espaço teórico no qual três linhas se cruzam e proporcionam uma base sobre a qual se torna possível lançar o olhar para o discurso sobre o corpo.

Primeiro são utilizados os estudos culturais, para se compreenderem aspectos relativos à modernidade, à identidade e à mídia. A incursão nesse campo teórico foi apoiada nos estudos de Giddens (2002), Stuart Hall (2006; 2007), Woodward (2007), Zygmunt Bauman (2001; 2005) e Thompson (2008). Um segundo pilar destas reflexões fundamenta-se em reflexões de cunho histórico sobre o corpo. Foram mobilizados saberes de áreas da medicina, da estética, da genética, que envolviam questões culturais e simbólicas sobre o corpo, a partir de Courtine (2008), Castro (2005; 2007), Castro e Bueno (2005), Codo e Senne (2004), Moulin (2008) e Mauss (1974). O terceiro eixo se constitui com os estudos do filósofo Michel Foucault, a partir do método arqueogenealógico. Trata-se de uma espécie de análise de discurso que parte do enunciado como uma função enunciativa, composta por uma materialidade, uma modalidade enunciativa, um objeto que é visto como referencial e contempla um domínio associado, evidenciando o caráter interdiscursivo do tema sobre o qual esta dissertação se debruça. Ainda por esse método, é possível observar as relações de poder e saber atuando na produção de individualidades e o que é de vital importância para a realização deste trabalho e o disciplinamento dos sujeitos,



o qual se dá mediante o controle que se exerce sobre seu corpo. Assim, por meio da arqueogenealogia foucaultiana, são operadas noções como enunciado, função enunciativa, série, formação discursiva, micropoderes e relações de poder e saber. De Foucault foram utilizadas principalmente as obras *A arqueologia do saber* (2007a), *Vigiar e punir* (2008a) e *Microfísica do poder* (2008b), além de *As palavras e as coisas* (2007b), *A ordem do discurso* (2006), *Resumo dos cursos do Collège de France 1970-1982* (1997) e *As técnicas de si* (s/d). Como suporte, foram utilizados os textos dos professores Gregolim (2004; 2006) e Navarro (2006; 2007; 2008a; 2008b).

Importante para essa pesquisa também foi o texto do professor Milton Milanez (2006), cuja temática trouxe a inspiração e as primeiras fagulhas da inquietação a respeito da relação entre discurso e corpo. Vale ressaltar que a temática do corpo na perspectiva do discurso e da arqueogenealogia vem sendo trabalhada pelo professor já há alguns anos e resultou inclusive no grupo de pesquisa *Grudiocorpo*, sediado na UESB, campus Vitória da Conquista.

Este trabalho está ainda sob a temática das pesquisas realizadas pelos professores Pedro Navarro e Ismara Tasso, da Universidade Estadual de Maringá intitulado *Práticas discursivas identitárias: discurso, sentido e mídia*, que buscava uma compreensão dos aspectos socioculturais e econômicos definidores do sujeito pós-moderno.

A análise do sujeito atual por meio dos discursos midiáticos sobre o corpo se justifica a partir da necessidade de compreender os processos de subjetivação operados na mídia, além da relação entre subjetivação, saber e poder que atua na sociedade moderna e produz sujeitos e corpos docilizados

Como *corpus*, foram coletados doze enunciados de sete revistas diversificadas, voltadas para diferentes públicos e com distribuição, temática e periodicidade também diferenciadas. Não foram priorizados os enunciados verbais ou os não verbais, nem se optou pela utilização de gramáticas específicas da língua ou da imagem, sendo os enunciados trabalhados diante do método arqueogenealógico, e, dessa forma, configurados como uma função enunciativa que se apresenta por meio de uma materialidade que não é restritivamente linguística. Essa série de materialidades discursivas foi organizada em três trajetos temáticos:

1. A ciência e o corpo;
2. O *fitness*; e
3. O corpo e a dieta.

Apesar dessa divisão, cabe observar que os trajetos temáticos não são estanques nem homogêneos; em seu funcionamento, os enunciados se entrelaçam e transpassam zonas de saberes e formações discursivas. Se tal enquadramento é feito, é por uma questão de método e pelo corte delimitador de uma pesquisa cujo alcance pode se estender para outras áreas além da medicina, da ciência, do *fitness* e da beleza. Assim, é possível observar a temática da ciência no trajeto temático da estética, da dieta e do *fitness*, assim como o discurso da beleza e da sexualidade no condicionamento físico, por exemplo.

Depois de organizados, esses enunciados foram analisados isoladamente por meio de um batimento descritivo-interpretativo, para em seguida serem analisados como trajetos temáticos, e só depois a série foi analisada em sua integralidade. Foram observados as regularidades, os saberes, os efeitos de sentido e os modos de subjetivação.

O trabalho foi disposto em cinco capítulos principais, sendo os quatro primeiros de base teórica, abordando os três pilares que fundamentam esta pesquisa:

1 *Modernidade e identidade: deslocamentos e liquidez* – por sua vez dividido entre as sessões *Modernidade, Identidade e Mídia*.

2 *Uma teoria histórico-cultural do corpo* – dividido entre *O corpo na medicina, O corpo sexuado e o corpo erótico, O culto ao corpo e a corpolatria* e *As técnicas corporais*.

3 *A Análise do Discurso e Michel Foucault* – com os aspectos do método arqueogenealógico do filósofo.

4 *Uma síntese teórico-metodológica* – este microcapítulo apresenta uma síntese em forma de tabela com o cruzamento das teorias utilizadas.

O quinto capítulo principal, *O corpo moldado*, é de teor analítico e organizado de acordo com os quatro trajetos temáticos constituídos a partir dos enunciados, além de um subcapítulo no qual são apresentadas as regularidades que transpassam as doze materialidades discursivas analisadas.

Os demais capítulos são constituídos pelas considerações finais a respeito da pesquisa, pelos dados bibliográficos e pela lista de anexos com todos os enunciados trabalhados.

# 1 MODERNIDADE E IDENTIDADE: DESLOCAMENTOS E LIQUIDEZ

## 1.1 A MODERNIDADE LÍQUIDA

Na sociedade atual são muitíssimos os discursos e práticas taxados como modernos: coisas, pessoas e comportamentos são chamados de “modernos”. Um carro, ao ser lançado em sua propaganda, é caracterizado como “novo”, “moderno”. Uma obra de arte é “moderna”. Uma coleção de roupas recém-lançada é “moderna”. Um indivíduo que tenha comportamentos diferentes dos tradicionais é chamado de “moderno”. Um novo computador é “moderno”. Comumente esse termo é usado com o significado de novo, do que há de mais atual; entretanto, o que é realmente ser moderno? O que representa estar em uma sociedade moderna e ser afetado por ela?

Moderno se refere ao *modernismo*, termo que nasceu na América hispânica do final do século XIX como forma de designar uma tendência estética com inspiração nas escolas francesas (como o romantismo, o simbolismo e o parnasianismo) e que atuava como um movimento de emancipação em relação à arte espanhola (ANDERSON, 1999). A mesma origem teve o termo *pós-modernismo* por volta da década de 1930, o qual caracterizava um “refluxo conservador dentro do próprio modernismo” (ANDERSON, 1999, p. 10). Ao passarem para a sociedade europeia essas noções deixaram de se referir a um movimento estético para ganhar um caráter de época. Desde o seu surgimento, esses dois termos se espalharam por diversas áreas, transpassando as artes, a arquitetura, e ganhando corpo nos estudos sociais e históricos, referindo-se a um presente absoluto – a modernidade (ANDERSON, 1999).

No presente trabalho a conceituação de modernidade é buscada nos estudos sociais e culturais. Para Giddens (2002), mais do que um simples período histórico, esse termo representa todo um conjunto de práticas comportamentais e instituições que afetam o mundo de forma global e que são posteriores ao período feudal europeu. Para o autor, essas instituições diferem drasticamente daquelas que as precederam, fato que se deve ao seu dinamismo e ao impacto de ordem global que alcançaram, pois a chegada da modernidade altera o cotidiano dos sujeitos, seja nos aspectos sociais seja nos pessoais: ela “deve ser entendida num nível institucional; mas as transformações introduzidas pelas instituições

modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual, e portanto com o eu” (GIDDENS, 2002, p. 9).

Por outro lado, esse período não é homogêneo. Conforme Bauman (2001), a modernidade pode ser vista por meio de um primeiro momento, o *sólido*, e de um momento *leve, fluido* ou *líquido*. Neste último considera-se que “os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo” (BAUMAN, 2001, p. 8). Essa metáfora construída por Bauman para caracterizar esse novo advento da modernidade explica perfeitamente o que é esse momento, que pode ser ainda chamado de modernidade tardia (GIDDENS, 2002) ou pós-modernidade (ANDERSON, 1999), e coincide com o período mais atual da modernidade. Esta é fluida por se mover com facilidade, alterar o seu estado e adequar-se a qualquer forma – de modo que está sempre pronta para se reconfigurar. Como os líquidos “invadem e inundam o seu caminho”, assim é a *modernidade líquida* (BAUMAN, 2001).

Para o advento da modernidade foi necessário um derretimento dos sólidos, das durabilidades e eternidades, e nesse processo os principais fatores atingidos foram as “lealdades tradicionais, os direitos costumeiros e as obrigações que atavam pés e mãos, impediam os movimentos e restringiam as iniciativas” (BAUMAN, 2001, p. 10), o que trouxe a liberdade para a economia de fatores como a política, a cultura e a ética, formulando novos termos econômicos:

o “derretimento dos sólidos”, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e dos sistemas na agenda política (BAUMAN, 2001, p. 12).

Não obstante, derreter os sólidos tradicionais não significa a total liquidificação. Se os moldes antigos foram eliminados, novos surgiram em seu lugar, exigindo dos indivíduos novas escolhas e novos padrões comportamentais e de vida que se adequassem a esse novo lugar estabelecido:

na verdade, nenhum molde foi quebrado sem que fosse substituído por outro; as pessoas foram libertadas de duas velhas gaiolas apenas para ser admoestadas e censuradas caso não conseguissem se realocar, através de seus próprios esforços dedicados, contínuos e verdadeiramente infatigáveis, nos nichos pré-fabricados da nova ordem: nas classes, as molduras que (tão intransigentemente como os

*estamentos* já dissolvidos) encapsularam a totalidade das condições e perspectivas de vida e determinavam o âmbito dos projetos e estratégias realistas de vida. A tarefa dos indivíduos livres era usar sua nova liberdade para encontrar o nicho apropriado e ali se acomodar e adaptar: seguindo fielmente as regras e modos de conduta identificados como corretos e apropriados para aquele lugar (BAUMAN, 2001, p. 13).

Essa liquidificação dos sistemas sociais provocou uma passagem do nível macro para o micros social, no qual, em vez do sistema, destacam-se a sociedade e as políticas de vida (BAUMAN, 2001).

Observa-se na modernidade um avanço do mundo industrializado, com a utilização de maquinários e da força material nos processos de produção. Entretanto, essa industrialização não deve ser compreendida como sendo a sua única dimensão, pois outro fator que marca presença de forma drástica é o capitalismo, um “sistema de produção de mercadorias que envolve tanto mercados competitivos quanto a mercantilização da força de trabalho” (GIDDENS, 2002, p. 21).

Para Bauman (2001), a modernidade começa quando o espaço e o tempo se separam tanto do que ele chama de “práticas da vida” quanto entre si e passam a se caracterizar como categorias distintas; assim, “um mundo com um sistema de tempo universal e zonas de tempo globalmente padronizadas como o nosso hoje, e social e experiencialmente diferente de todas as eras pré-modernas” (GIDDENS, 2002, p. 23). Giddens (2002) aponta que todas as culturas, de alguma forma, contaram (e contam) com uma maneira de se posicionar em um dado espaço e ter certa noção posicional:

não há sociedade em que os indivíduos não tenham sentido de futuro, presente e passado. Cada cultura tem alguma espécie de marcador espacial padronizado que designa uma consciência especial de lugar. Em situações pré-modernas, porém, tempo e espaço se conectavam através da situacionalidade do lugar (GIDDENS, 2002, p. 22).

Por meio dessa relação foram criados elementos de contagem, ordenamento e padronização, como mapas e calendários. Antes da separação entre tempo e espaço e destes com o lugar, noções de distância e temporalidade, como *perto* e *cedo*, *longe* e *tarde*, não se distinguiam claramente, pois o que as caracterizava era a quantificação do esforço que um ser humano deveria promover para poder percorrer uma dada distância. Assim, “se as pessoas fossem instadas a explicar o que entendiam por ‘espaço’ e ‘tempo’, poderiam

ter dito que ‘espaço’ é o que se pode percorrer em certo tempo, e que ‘tempo’ é o que se precisa para percorrê-lo” (BAUMAN, 2001, p. 128).

Só com a chegada de outros meios que permitiam o deslocamento do homem sem que fosse necessária apenas a sua força muscular é que foi possível as concepções de tempo e espaço passarem a ser discutidas – e essa história se dá com a modernidade (BAUMAN, 2001). Com isso, o tempo e o espaço passaram a ser noções vazias, embora isso não impeça o seu impacto na vida social, pois sem **eles** não seria possível toda a complexa organização da sociedade moderna (GIDDENS, 2002).

Não obstante, tempo e espaço diferem entre si, pois o tempo é passível de mudanças e manipulação. Para Bauman (2001), na modernidade sólida havia um enfoque sobre o espaço por meio da territorialidade (o progresso significando expansão territorial); o tempo rotinizado era uma forma de organização desse espaço e de controle. Entretanto, com a modernidade líquida,

se todas as partes do espaço podem ser alcançadas a qualquer momento, não há razão para alcançar qualquer uma delas num dado momento e nem tampouco razão para se preocupar em garantir o direito de acesso a qualquer uma delas (BAUMAN, 2001, p. 137).

O que Bauman (2001) expõe é a mudança de uma modernidade sólida, na qual o espaço era o foco e o tempo controlado atestava os fatores da durabilidade e eternidade, para uma modernidade líquida, em que ocorre a dominância do tempo e, em forma de instantaneidade, um movimento rápido em uma curta quantidade de tempo:

se a modernidade sólida punha a duração eterna como principal motivo e princípio de ação, a modernidade “fluida” não tem função para a duração eterna. O “curto prazo” substitui o “longo prazo” e fez da instantaneidade seu ideal último. Ao mesmo tempo em quem promove o tempo ao posto de contêiner de capacidade infinita, a modernidade fluida dissolve – obscurece e desvaloriza – sua duração (BAUMAN, 2001, p. 145).

Essa separação e a ascensão da instantaneidade foram fundamentais para que o dinamismo se tornasse uma das principais características da modernidade tardia, à medida que se introduz nas práticas sociais. Por meio dele a sociedade moderna passa a possuir um ritmo, amplitude e profundidade de mudanças que afetam as relações sociais de forma que não o fez nenhum dos períodos ou instituições anteriores (GIDDENS, 2002). Mas não é

apenas por meio desses fatores que se dá o dinamismo - ele ocorre também pelo que Giddens (2002) denomina de desencaixe das instituições e reflexividade institucional.

Por *desencaixe das instituições* Giddens (2002) explica a forma como as relações sociais se deslocaram de seus lugares específicos sob a influência das novas formas de relação entre tempo e espaço, assumindo novos nichos. Esse processo ocorre por meio de *sistemas abstratos* que abordam tanto as *fichas simbólicas* (troca mediante um valor padrão passível de utilização em diferentes contextos, cujo representante maior é o dinheiro) quanto os *sistemas especializados*, que se definem como modos de dispor os conhecimentos técnicos e especializados, possuem validade independentemente dos seus usuários e se estendem das áreas tecnológicas às vivências mais íntimas do sujeito, transpassando diversos níveis sociais, como são os casos do médico, do analista, do técnico e do engenheiro (GIDDENS, 2002).

Para Giddens (2002), os sistemas abstratos requerem do sujeito moderno a confiança, uma espécie de compromisso que se relaciona com a ausência de tempo e espaço e com a ignorância, pois não há necessidade de confiança quando o sujeito tem conhecimento de um sistema. A confiança atravessa as relações cotidianas e se relaciona com questões como segurança psicológica, risco e perigo.

Já a *reflexividade institucional* diz respeito ao modo como os conhecimentos são utilizados e regulados nas relações sociais e como eles atuam organizando e transformando essa sociedade moderna: “ela se refere à suscetibilidade da maioria dos aspectos da atividade social, e das relações materiais com a natureza, à revisão intensa à luz de novo conhecimento ou informação” (GIDDENS, 2002, p. 25-26), sendo esse conhecimento constitutivo das instituições modernas (GIDDENS, 2002)

A mudança ocorrida nessas instituições possibilitou o surgimento de uma forma social diferenciada daquelas anteriores à modernidade: o Estado-Nação, que contrasta com as formações da ordem tradicional e é reflexivamente monitorado, seguindo modelos políticos. Essa organização é constitutiva da modernidade, que exerce sobre os indivíduos um “controle regular das relações sociais dentro de distâncias espaciais e temporais indeterminadas” (GIDDENS, 2002, p. 22).

Para Giddens (2002), a reorganização das noções de tempo e espaço, os mecanismos de desencaixe e a reflexividade das instituições apontam para uma propriedade universalizante, a globalização, que por sua vez implica na relação entre presença e ausência e na atuação dos eventos por meio de relações sociais à distância nos

espaços locais, e significa que “em relação às consequências de pelo menos alguns dos mecanismos de desencadeamento, ninguém pode ‘eximir-se’ das transformações provocadas pela modernidade” (GIDDENS, 2002, p. 27). Dessa forma, eventos distantes passam a ter efeitos nos espaços locais e nas intimidades do sujeito, formando-se então uma relação *global-local*.

Uma vez derretidas as tradições – sendo então a modernidade uma ordem pós-tradicional -, as certezas que eram abrigadas por essas tradições deixam de ser substituídas pela certeza abrigada no conhecimento racional. Assim, modernidade passa a significar, dentro dessa gama de características influenciadoras, o princípio da dúvida, tornando todo e qualquer conhecimento uma hipótese (GIDDENS, 2002).

Os sistemas e conhecimentos especializados estão disponíveis para qualquer indivíduo que possua recursos para obtê-los; entretanto, como esse conhecimento é uma hipótese, o indivíduo se torna apto à recapacitação, na qual ele readquire habilidades e conhecimentos, seja em relação à sua vida íntima seja à vida social. Essa recapacitação irá variar conforme o contexto e a sua situação de vida, mas para Giddens (2002, p. 14), essa readquisição de habilidades e conhecimento “é sempre parcial, e pode ser afetada pelas constantes ‘revisões’ a que o conhecimento especializado está sujeito, bem como por discordâncias internas entre os especialistas”; e diante da dúvida, aparece uma quantidade extraordinária de opções e possibilidades:

a alta modernidade é caracterizada pelo ceticismo generalizado juntamente à razão providencial, em conjunto com o reconhecimento de que a ciência e a tecnologia têm dois gumes, criando novos parâmetros de risco e perigo ao mesmo tempo em que oferecem possibilidades benéficas para a humanidade (GIDDENS, 2002, p. 32).

Os riscos inerentes à modernidade, daí, ela ser chamada de apocalíptica, pois surgem possibilidades de riscos com os quais as sociedades anteriores não precisavam lidar nem tinham alguma consciência de que um dia teriam que fazê-lo. Não havia, por exemplo, a possibilidade de um atropelamento em um semáforo ao sair de casa, ou de ser atingido por uma corrente elétrica, ou ainda, pensando em formas mais drásticas, o risco da explosão de uma bomba atômica ou de guerras nucleares (GIDDENS, 2002). Se por um lado riscos gerais existentes em outras épocas são erradicados, por outro são introduzidos novos parâmetros de riscos.



Essa cultura de risco em que se torna a modernidade leva o indivíduo a construir sua vida de forma calculista em relação às possibilidades de escolha e de ação com as quais os indivíduos são confrontados. O futuro se torna então reflexivo, na medida em que é trazido para o presente como uma forma de calcular as ações e os riscos. Para Giddens (2002), aceitar o risco é algo imposto ao indivíduo moderno pelos sistemas abstratos, e produz o efeito de que nenhuma atividade promovida por esses indivíduos segue um curso predeterminado, ficando eles expostos a acontecimentos aleatórios.

Considerando-se essas características da modernidade, pode-se observar que

ser moderno passou a significar, como significaria hoje em dia, ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado. Movemo-nos e continuamos a nos mover não tanto pelo “adiamento da satisfação”, como sugeriu Max Weber, mas por causa da impossibilidade de atingir a satisfação (...). Ser moderno significa estar sempre à frente de si mesmo, num Estado de constante transgressão (...); também significa ter uma identidade que só pode existir como projeto não-realizado. (BAUMAN, 2001, p. 37).

Se a modernidade produz mudanças em todos os aspectos da vida social e em todas as instituições, não é de estranhar que ela possibilite uma ressignificação da instância última da sociedade: o sujeito. Essa é uma das formas pelas quais atua a reflexividade da modernidade. Para Giddens (2002, p. 10),

a reorganização do tempo e do espaço, somada aos mecanismos de desencalhe, radicaliza e globaliza traços institucionais preestabelecidos da modernidade; e atua na transformação do conteúdo e da natureza da vida social cotidiana.

Assim, ao afetar a vida cotidiana, afeta também o indivíduo. As mudanças modernas oferecem uma diversidade de escolhas, obrigando o indivíduo a optar por um estilo de vida<sup>2</sup>. Ao planejar sua vida de forma que considere os riscos e as possibilidades, o indivíduo constrói o que Giddens (2002) chama de autoidentidade, por isso ela é um processo reflexivamente estruturado. É dessa mesma forma que a modernidade afeta também a instituição familiar, moldando-a e forçando-a a deslocamentos que os momentos anteriores não haviam promovido.

Para Giddens (2002, p. 18),

---

<sup>2</sup> Para Giddens (2002), o estilo de vida não se refere apenas ao poder de consumo de um indivíduo e sua classe social, mas também às escolhas e decisões que esse indivíduo faz para sua vida diante das múltiplas possibilidades que são disponibilizadas pelas instituições e nichos modernos.

o advento da modernidade traz mudanças importantes no ambiente social externo do indivíduo, afetando o casamento e a família assim como outras instituições; mas as pessoas continuam a viver suas vidas como sempre fizeram, enfrentando da melhor maneira que podem as transformações sociais à sua volta.

Ainda segundo o autor, as circunstâncias sociais não estão separadas das individuais, e, conforme o sujeito moderno faz as escolhas do seu estilo de vida, ele contribui para reconstruir o lócus em que participa. Assim sendo, indivíduo e sociedade são reflexivamente construídos – e dessa forma, a liquidez afeta tanto o indivíduo quanto a sociedade: “a falta de sentido pessoal – a sensação de que a vida não tem nada a oferecer – torna-se um problema psíquico na modernidade tardia” (GIDDENS, 2002, p. 16).

Então, quem seria esse sujeito moderno?

## 1.2 A IDENTIDADE

*A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação;  
uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa absoluta a ser devorado...*  
(BAUMAN, 2005, p. 84)

Se com a chegada da modernidade houve uma liquidificação das instituições, o sujeito não passou imune. Então, o que diferencia esse sujeito moderno daqueles que o antecederam?

Como forma de responder a inquietação sobre o indivíduo moderno, Hall (2006) aponta três concepções de identidade: o sujeito do Iluminismo, o sociológico e o pós-moderno. O sujeito do Iluminismo se caracterizava por uma identidade centrada, unificada; ele era “dotado da capacidade da razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo” (HALL, 2006, p. 10-11). Esse centro apontado pelo autor é o que constituía a identidade desse sujeito.

Já dentro da concepção do sujeito sociológico, esse núcleo não era autônomo ou independente e os fatores do mundo moderno se refletiam no indivíduo. A identidade seria então formada por meio da interação do eu com o espaço e o meio social nos quais

participava: “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2006, p. 11). Há nessa noção uma ligação entre o exterior e o interior do indivíduo, o que Hall (2006) chama de *mundo pessoal* e *mundo público*, em que indivíduo e sociedade estão “costurados”, segundo as palavras do autor.

Essa ligação entre social e pessoal não se rompe na concepção de sujeito pós-moderno. Então, onde está a mudança? A mudança está justamente nas estruturas às quais o sujeito se liga. Se houve uma liquidação da sociedade, o sujeito, que se prendia a ela, passa por uma desestruturação. Para Hall (2006), esse sujeito se destaca por não possuir uma identidade fixa, essencial ou permanente. Como os líquidos, as identidades modernas estão sempre em movimento, tomando novos formatos – que logo serão perdidos para que outros assumam o seu lugar. Elas não se prendem a um único formato, uma única configuração: “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2006, p. 13).

Hall (2006) reforça esse sentido de contradição das identidades modernas: se há a aparência de que elas são unificadas, isso se deve a uma fantasia ilusória que o indivíduo forma ao construir a sua narrativa biográfica. Assim, a identidade moderna se constitui a partir da chamada *crise de identidade*:

quando a identidade perde as âncoras *sociais* que a faziam parecer “natural”, predeterminada e inegociável, a “identificação” se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um “nós” a que possam pedir acesso (BAUMAN, 2005, p. 30).

Segundo Giddens (2002), na Europa Medieval os indivíduos lidavam com identidades fixas, nas quais fatores como a linhagem, o gênero e o *status* social eram determinantes para a organização de um sentido sobre o sujeito; mas com a modernidade surge a ideia de que cada pessoa tem o seu caráter único e com potencialidades que são passíveis de realização ou não.

Bauman (2005, p. 30) aponta que “quando uma identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer ‘natural’, predeterminada e inegociável, a ‘identificação’ se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente por um ‘nós’ a que possam pedir acesso”. Para o autor, pensar em identidade só se tornou possível a partir dessa crise de pertencimento.

Para Giddens (2002, p. 38), a modernidade “rompe o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais”. Laclau (*apud* HALL, 2006) aponta as sociedades modernas como descentradas, deslocadas por forças exteriores a ela. Assim, essas sociedades “são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’ – isto é, identidades – para os indivíduos” (HALL, 2006, p. 17). Há então o fenômeno da pluralização das identidades.

Cabe então pensar como se deu essa mudança na perspectiva da identidade. O que possibilitou que houvesse essa descentralização, essa pluralização? Hall (2006) aponta cinco fatores históricos que contribuíram para o nascimento do sujeito moderno descentrado.

O primeiro desses fatores foi o pensamento marxista: apesar de ele ter surgido durante o século XIX, uma nova leitura de suas teses teve impacto na era pós-moderna. Por meio da premissa de que “os homens (sic) fazem a história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas” (HALL, 2006, p. 34), os estudiosos interpretaram que o homem é um ser condicionado à história, e poderia agir apenas conforme fatores e condições históricas criados por aqueles que o antecederam (HALL, 2006). Assim, para esses estudiosos, a concepção de sujeito como agente individual foi deslocada.

O segundo fator do descentramento do sujeito foi a descoberta do inconsciente por Freud, para quem a formação das identidades, dos desejos e até da sexualidade está colocada nesse inconsciente, que atua com uma lógica diferente daquela empregada pela razão. Nessa concepção freudiana, o entendimento do sujeito como unificado é derrubado, pois

a imagem do eu como inteiro e unificado é algo que a criança *aprende* apenas gradualmente, parcialmente, e com grande dificuldade. Ela não se desenvolve naturalmente a partir do interior do núcleo do ser da criança, mas é formada em relação com os outros; especialmente nas complexas negociações psíquicas inconscientes, na primeira infância, entre a criança e as paternas fantasias que ela tem de suas figuras paternas e maternas (HALL, 2006, p. 37).

É então o olhar do Outro que faz com que a criança inicie o seu aprendizado dos aspectos simbólicos e se torne um sujeito “dividido” em face dos sentimentos contraditórios gerados por essa aprendizagem. Como forma de apagar essa divisão, o sujeito cria a sua identidade, e a vivencia como se ela fosse resolvida, unificada – por isso a psicanálise aponta que a identidade tem uma origem contraditória e que é formada por

meio de processos inconscientes (HALL, 2006, p. 38), e enquanto processo, ela está sempre incompleta e em formação. Assim, conforme Hall (2006, p. 39), “a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma *falta* de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser visto por *outros*”.

O terceiro impacto sobre o centramento do sujeito são os estudos linguísticos realizados por Ferdinand de Saussure, para quem os significados do dizer não eram estabelecidos pelos sujeitos – ao invés disso, eles seriam produzidos conforme o sujeito se posicionasse no “interior das regras da língua e dos sistemas de significado de nossa cultura” (HALL, 2006, p. 40). Por ser a língua anterior ao indivíduo, não há como este ser o seu autor; uma vez que o sujeito coloca a língua em uso, ao invés de criá-la, ele põe em ação um conjunto de significados que já estavam presentes na sua língua e cultura (HALL, 2006).

A identidade será então como os significados: estes não são fixos, mas se constroem nas relações cotidianas com elementos exteriores à língua; eles surgem a partir de uma “relação de similaridade e diferença que as palavras têm com outras palavras no interior do código da língua” (HALL, 2006, p. 40). Da mesma forma, a identidade será constituída pela diferença de que o *eu* se caracteriza por não ser o *outro*, embora essa constituição não seja a última a ocorrer, pois o sujeito não pode nunca fixar uma identidade. Dessa forma, assim como as palavras, as identidades são o que Hall (2006) chama de *multimoduladas*, pois sempre apresentam as sombras de outros significados que são colocados em movimento, apesar da tentativa de fixação do significado (e da identidade). Assim, “o significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença)” (HALL, 2006, p. 41).

O quarto fator que promoveu o deslocamento do centro do sujeito foi a teoria de Michel Foucault e sua genealogia do sujeito moderno, na qual Foucault aponta para a sua concepção de poder como disciplinar, tomado como forma de regulação, vigilância; “é o governo da espécie humana ou de populações inteiras e, em segundo lugar, do indivíduo e do corpo” (HALL, 2006, p. 42), com o objetivo de produzir um ser humano com corpo dócil (HALL, 2006). Hall (2006) aponta que, apesar de essa forma de poder ser produto de instituições coletivas, esse poder, aliado ao saber, irá produzir individualidades.

Por fim, o quinto aspecto do descentramento do sujeito foi o impacto do feminismo (enquanto crítica teórica e movimento social), um dos inúmeros movimentos sociais que

surgiram na conturbada década de sessenta e faziam oposição ao liberalismo capitalista e ao estalinismo, ao mesmo tempo em que “suspeitavam de todas as formas burocráticas de organização e favoreciam a espontaneidade e os atos de vontade política” (HALL, 2006, p. 44). Esses movimentos apontavam quanto as classes políticas e as organizações políticas de massa estavam enfraquecidas; com forte apego cultural, eles apelavam para a identidade de seus integrantes:

assim, o feminismo apelava às mulheres, a política sexual aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas, e assim por diante. Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a política de identidade – uma identidade para cada movimento (HALL, 2006, p. 45).

Essas políticas de identidade tinham o caráter definidor dos movimentos sociais da década de 1960, atuando com a preocupação do que seria a identidade, como ela se constituiria ou seria contestada. Para Woodward (2007), a política de identidade atua nos movimentos sociais como forma de afirmação das identidades dos indivíduos pertencentes a grupos marginalizados, sendo então esse processo de identificação uma forma de manifestação política.

Ainda segunda a autora, “as lealdades políticas tradicionais, baseadas na classe social, foram questionadas por movimentos que atravessavam as divisões de classe e se dirigiam às identidades particulares de seus sustentadores” (WOODWARD, 2007, p. 33). Abrindo a contestação política em áreas como a família e a sexualidade e questionando as noções de público e privado, os movimentos feministas acabaram por politizar a subjetivação e os processos de identificação (HALL, 2006).

Com as mudanças ocorridas através desses aspectos, a identidade deixou de ser centrada. Woodward (2007) aponta a forma como as antigas certezas entram em colapso com a modernidade e surgem novos posicionamentos. As sociedades modernas passam então a não possuir um único núcleo ou centro, mas sim, uma pluralidade, pois as relações sociais deixam de ser moldadas a partir de uma única força e passam a ser afetadas por essa multiplicidade.

Essa multiplicidade possibilita ao sujeito uma diversidade de posições que podem ser assumidas e que promovem novas identidades. Para Woodward (2007), diferentes contextos sociais pedem diferentes posicionamentos por parte do sujeito:

podemos nos sentir, literalmente, como sendo a mesma pessoa, mas nós somos, na verdade, diferentemente posicionados pelas diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma dessas diferentes situações, representando-nos, diante dos outros, de forma diferente em cada um desses contextos. Em um certo sentido, somos posicionados – e também posicionamos a nós mesmos – de acordo com os “campos sociais” nos quais estamos atuando (WOODWARD, 2007, p. 30)<sup>3</sup>.

Dessa forma, o indivíduo não possui apenas uma identidade, sendo-lhe exigido que assuma diferentes papéis conforme a situação (são cambiantes), papéis que nem sempre estarão em harmonia, pois “a complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito” (WOODWARD, 2007, p. 31). Desse modo, o que é demandado por uma identidade pode ser contrastante com aquilo que é determinado por outra, assim como algumas identificações podem ser encaradas como estranhas se partilhadas por um mesmo indivíduo, como no exemplo apontado por Woodward (2007), de que se espera que as mães sejam heterossexuais, pois uma combinação de maternidade e homossexualidade é tida pelos padrões sociais como estranha, desviante.

Para Bauman (2005, p. 18-19),

em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados. Poucos de nós, se é que alguém, são capazes de evitar a passagem por mais de uma “comunidade de ideias e princípios”, sejam genuínas ou supostas, bem-integradas ou efêmeras, de modo que a maioria tem problemas em resolver (para usar os termos cunhados por Paul Ricoeur) a questão da *la mêmète* (a consistência e continuidade da nossa identidade com o passar do tempo). Poucos de nós, se é que alguém, são expostos a apenas uma “comunidade de ideias e princípios” de cada vez, de modo que a maioria tem problemas semelhantes com a questão da *l'ipséité* (a coerência daquilo que nos distingue como pessoas, o que quer que seja).

Conforme aponta o autor, na atual sociedade – aquela moderna, descentrada e, conforme Bauman (2005), *fragmentada* -, não há como um indivíduo passar por apenas uma comunidade de cada vez. Ele acaba sendo submetido a várias comunidades, com sistemas de ideias, significados e culturas diferentes. Essas comunidades são definidoras das identidades (BAUMAN, 2005), assim, o indivíduo fica sujeito a várias identidades ao

---

<sup>3</sup> O conceito de campo social é explicado por Woodward (2007) com base na teoria de Pierre Bourdieu como sendo instituições nas quais o sujeito participa, como as famílias, partidos políticos, instituições educacionais, grupos de trabalho ou de amigos.

mesmo tempo: “as ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta” (BAUMAN, 2005, p. 19).

Bauman (2005) aponta que o Estado não é mais o depositário da confiança dos sujeitos. Assim, se antes as identidades eram determinadas pelo papel produtivo nas divisões de classe do trabalho e eram garantidas pelo Estado; agora cabe ao próprio indivíduo a realização da sua autoidentificação. Se há o nacionalismo, é porque ele constitui uma forma de resistência à globalização, uma forma de apropriar-se de uma proteção que o Estado-Nação não oferece mais (BAUMAN, 2005). Entram em jogo então as identidades culturais.

Nessa busca pela identificação entra em jogo a questão da diferença, que não se contrapõe à identificação, nem a exclui, mas, contrariamente, identidade e diferença são inseparáveis, uma depende da outra (SILVA, 2007). É que afirmar uma identidade só faz sentido porque faz parte de uma cadeia de negações: ser algo só significa porque não é outra coisa. Da mesma forma ocorre com a questão da diferença, que se constitui como tal apenas em relação às afirmações de identidade: “as afirmações sobre diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a identidade” (SILVA, 2007, p. 75).

Para Silva (2007), em geral a diferença é considerada um produto derivado da identidade, sendo então a identidade o ponto referencial do sentido. Não obstante, ainda segundo o autor, ao avaliar essa questão mais de perto observa-se que o que viria primeiro seria a diferença, uma vez que a diferença seria o processo pelo qual ela mesma e a identidade se constituiriam. Assim, se a diferença “é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições” (WOODWARD, 2007, p. 41), ela é também o seu fator constitutivo.

Na construção da identidade e da diferença se observa que geralmente essa relação se dá em forma de binarismo, no qual o “eu” se opõe ao “outro”<sup>4</sup>, constituindo-se assim as identidades culturais. Destarte,

a diferença pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como “outros” ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo (WOODWARD, 2007, p. 50).

---

<sup>4</sup> Nota-se a diferença comumente utilizada na Análise do Discurso, na qual o *outro* se opõe ao *Outro* (em maiúscula), de forma que o segundo se caracteriza como a voz do inconsciente, influenciada pela obra da psicanálise lacaniana.



Dessa forma, esse sistema binário causa exclusão, pois um será sempre a norma e o outro o desviante, o fora do padrão. Uma vez construída essa diferença, ela pode ser marcada tanto por meio dos *sistemas simbólicos* quando por meio de formas de *exclusão social*, uma vez que a própria identidade se define como sendo simbólica e social. A diferença permite ainda que o significado da identidade nunca seja fechado, fixo (WOODWARD, 2007).

Para Woodward (2007, p. 41), “cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo”, sendo que a cultura se define como um “sistema partilhado de significação” (WOODWARD, 2007, p. 41). Dentro dessa relação, considerando que a identidade do sujeito não é fixa nem una, Woodward (2007) aponta que, neste quadro de diferenças, algumas acabam se tornando mais importantes do que outras. Em determinadas situações, é mais importante significar a identidade como “brasileiro”, “heterossexual” ou “idoso” do que como “negro”, “classe média”, “solteiro”. Woodward (2007) afirma que, no caso das identidades nacionais, a sua emergência é histórica, ou seja, elas são estabelecidas em um determinado ponto temporal. A redescoberta do passado atua assim como forma de construção da identidade:

uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apela a antecedentes históricos. Os sérvios, os bósnios e os croatas tentam reafirmar suas identidades, supostamente perdidas, buscando-as no passado, embora, ao fazê-lo, eles possam estar realmente produzindo novas identidades (WOODWARD, 2007, p. 11).

A representação e marcação da identidade se dão por meio dos símbolos. Segundo Woodward (2007, p. 10), “existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa”. Para a autora, que em seu texto toma como exemplificação as discussões sobre as identidades dos sérvios e croatas em meio a uma disputa política, o cigarro fumado por um indivíduo, por exemplo, pode apontar para o seu pertencimento no sentido de identidade nacional. Por isso, essa identidade é tanto social quando simbólica (WOODWARD, 2007).

Essa identidade, fragmentada, líquida, que se dá por meio da diferença e é marcada por símbolos, é vista também como construída no discurso, pois as posições assumidas pelos sujeitos implicam a sua identidade – até mesmo no sentido de que a própria língua

utilizada pelo indivíduo é constitutiva de um sentido de pertencimento a uma nação, a um lugar (WOODWARD, 2007):

quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. Os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades (WOODWARD, 2007, p. 55).

Os sentidos então se dão conforme a posição tomada pelo sujeito, porém esse mesmo sujeito é produzido pelo discurso a partir de formações discursivas (HALL, 2007). Hall (2007) aponta que, diante das inúmeras discussões a respeito da identidade e das perspectivas de abordagem dessa noção, é no cruzamento entre esses sujeitos e as práticas discursivas que a identificação será apreendida. Tal identificação, na perspectiva discursiva, é tida sempre como um processo nunca completado, pois ela pode, a qualquer momento, ser sustentada ou abandonada. Nessa perspectiva, Bauman (2005) faz uma analogia da identidade com um quebra-cabeça incompleto, no qual o sujeito junta peças previamente dispostas na sociedade como forma de constituir um saber sobre si, uma identificação. Não obstante, não há uma imagem dada antes do resultado dessa montagem; assim, o sujeito não tem certeza de que o processo esteja sendo bem-sucedido ou não, nem de que todas as peças necessárias para cumprir a sua tarefa estejam disponíveis (na verdade, não se tem uma noção de quantas peças existem nesse quebra-cabeça) ou de que as peças já encaixadas estejam realmente no lugar certo. Para Bauman (2005), o sujeito, ao realizar o processo de construção de sua identidade, efetua uma experimentação daquilo que já está disposto. Com base em Lévi-Strauss, Bauman (2005, p. 55) caracteriza essa atividade como sendo a de um *bricoleur*, “que constrói todo tipo de coisas com o material que tem à mão”.

Essa *bricolage* se dá por meio do discurso. Para Hall (2007, p. 112), o termo identidade se refere ao

ponto de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições de sujeito que as práticas discursivas constroem para nós.

Sendo assim, ao estar vinculada aos discursos e ser por eles produzida, a identidade recebe também a influência do poder, e até mesmo a sua definição está sujeita aos vetores de força das relações de poder (SILVA, 2007), assim como às determinações da história (como ocorre com as identidades nacionais, por exemplo):

é precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas (HALL, 2007, p. 109).

Essas técnicas e práticas discursivas são apontadas por Fisher (2002), a partir de uma teoria foucaultiana do sujeito, como técnicas de subjetivação. Foucault, em seus estudos, buscou descobrir quem é o sujeito hoje, trabalhando para isso as formas como esse sujeito foi (e é) objetivado e subjetivado<sup>5</sup>. Nessa busca pelo sujeito, o filósofo esboçou

uma história das diferentes maneiras nas quais os homens, em nossa cultura, elaboram um saber sobre eles mesmos: a economia, a biologia, a psiquiatria, a medicina e a criminologia. O essencial não é tomar esse saber e nele acreditar piamente, mas analisar essas pretensas ciências como outros tantos “jogos de verdade”, que são colocadas como técnicas específicas dos quais os homens se utilizam para compreenderem aquilo que são (FOUCAULT, s/d, p.2)

Para isso, Foucault observou quatro grandes grupos de técnicas, os quais englobam as técnicas de produção (que permitem produzir e manipular os objetos), de sistematização de signos (responsáveis pela organização dos signos, dos sentidos, significados e símbolos), de poder (determinante da conduta dos indivíduos) e, por fim, aquelas que o filósofo configurou como sendo as *techniques de soi*, as técnicas de si (FISHER, 2002; FOUCAULT, s/d), as quais

permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de transformarem-se a fim de atender um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade (FOUCAULT, s/d, p. 2).

---

<sup>5</sup> Os estudos foucaultianos, especificamente aqueles a respeito das noções de discurso, formações discursivas, saber e poder, serão abordados de forma mais detalhada no capítulo *A análise do discurso e Michel Foucault* deste trabalho.

Foucault (s/d) traz essa noção dos estudos gregos sobre o preceito da *epimeleisthai sautou*, um tomar conta de si, o cuidado que o sujeito tem consigo e que reflete a necessidade do sujeito de conhecer-se. Para o filósofo, observar o si – e saber a quem ele se refere – é uma questão de pensar no fundamento da identidade do sujeito.

Foucault (s/d) faz uma retomada do que seria esse cuidado de si desde a antiguidade, observando a importância da escrita como forma de reflexão. O autor expõe ainda que esse cuidado não se restringe conforme a faixa etária dos sujeitos, pois é algo de que “cada um deve se incumbir ao longo de sua vida” (FOUCAULT, s/d, p. 9); nem se apegam apenas ao corpo ou à alma (apesar de esta última ter sido privilegiada pelos pensadores gregos nos quais Foucault se baseou para elaborar a sua teoria).

Dentro dessa perspectiva, Fisher (2002, p. 44) elabora algumas categorias de análise das técnicas de si:

- confissão (que recai sobre vários aspectos da vida do sujeito, como a sua sexualidade, sua intimidade, seus erros cometidos, por exemplo);
- culpabilização;
- Moralização das práticas (proposta pela autora como sendo as lições de moral);
- exemplo de vida;
- autoavaliação;
- autodecifração;
- autotransformação (tanto do corpo quanto da alma);
- governo de si pelo governo do outro.

É possível acrescentar ainda o elemento abordado por Foucault (s/d) penitência, pelo qual o sujeito é reconhecido como exterior às regras e sofre a mutação para que possa fazer parte da ordem: “A penitência não tem por objetivo estabelecer uma identidade, mas, pelo contrário, assinalar a privação de si, a ruptura consigo mesmo” (FOUCAULT, s/d, p. 17).

Sendo assim, ao considerar os aspectos trazidos neste capítulo, pode-se apontar, de forma resumida, que a identidade

não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditório, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a

estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (SILVA, 2007, p. 96).

Cabe agora caracterizar um segundo fator, a mídia, a qual está trançado com as questões da modernidade e da identidade, influenciando-as e constituindo-as no momento em que se articula a si mesma: a mídia. Como ocorre então essa relação?

### 1.3 A MÍDIA

*Os meios de comunicação são rodas de fiar no mundo moderno e, ao usar estes meios, os seres humanos fabricam teias de significação para si mesmos*  
(THOMPSON, 2008, p. 20)

Segundo Thompson (2008), o surgimento da indústria da mídia ocorreu durante a segunda metade do século XV, quando as primeiras técnicas de impressão, surgidas na China e desenvolvidas por Gutenberg cerca de quase sete séculos mais tarde, começaram a se expandir pelos principais pontos da Europa. A maior parte dos primeiros livros produzidos, chamados de *incunábulo*s, eram escritos em latim, e cerca de 45% deles eram de caráter religioso. Do mais famoso desses incunábulos, a Bíblia de Gutenberg, ainda sobrevivem algumas cópias. Editoras começaram a se desenvolver pela Europa, já com um caráter de mercantilização.

Esse crescimento não passou despercebido pela Igreja, que, ao mesmo tempo em que apoiava o desenvolvimento das impressões, tentava controlar as atividades das casas editoriais, chegando, em 1501, a ser proibida pelo Papa Alexandre VI a publicação de qualquer livro sem a autorização da Igreja. Entretanto, essa censura não conseguia frear o comércio dos livros, uma vez que as editoras conseguiam burlar a proibição publicando os livros em locais diferentes daqueles em que eram banidos (THOMPSON, 2008).

Com a expansão, os livros passaram a ser publicados também nas línguas vernáculas, como o alemão, o francês e o inglês, assim como surgiram almanaques, livros populares e outros tipos de publicação que eram acessíveis à parte menos instruída da

população e os livros passaram a ser oferecidos por vendedores ambulantes que circulavam de aldeia em aldeia (THOMPSON, 2008).

A escrita impressa não se restringiu aos livros. Para Thompson (2008, p. 63),

há uma outra maneira em que o desenvolvimento da imprensa transformou os padrões de comunicação no início da Europa moderna: foi o aparecimento de uma variedade de publicações periódicas que relatavam eventos e transmitiam informações de caráter político e comercial.

Quando a imprensa chegou à área das notícias, já havia na Europa diversas redes de comunicação regular, como as que inicialmente eram controladas pela Igreja Católica, as formadas pelas autoridades políticas e aquelas que serviam para fins comerciais. O desenvolvimento dessas redes passou primeiramente pelo estabelecimento de serviços postais regulares entre os Estados, mas rapidamente elas passaram ao uso geral da população (muitas vezes, mediante pagamento de taxas, como no caso do correio real constituído por Luís XI na França de 1464). Não obstante, segundo Thompson (2008), as mensagens levavam certo tempo para chegar ao seu destino, uma vez que eram transportadas via carruagens e cavalos por estradas em condições precárias, e só mais tarde, com a implantação dos trens, é que diminuiu o tempo das entregas.

Para Thompson (2008, p. 64), “o segundo desenvolvimento que profundamente afetou o estabelecimento de redes de comunicação nos inícios da era moderna foi o uso da imprensa na produção e disseminação de notícias”. Surgiram então materiais como folhetos, informativos, pôsteres e cartazes, os quais, embora ainda fossem distribuídos de forma avulsa e irregular, constituíam uma importante fonte de informação para a população sobre eventos distantes.

Ainda segundo o autor, os periódicos de notícia (ou uma versão mais próxima do que se tem hoje) começaram a surgir já nas primeiras duas décadas do século XVII, quando “periódicos regulares de notícias começaram a aparecer semanalmente com um certo grau de confiabilidade” (THOMPSON, 2008, p. 64). Inicialmente, o interesse dos jornais recaía sobre os eventos distantes, mas com o passar do tempo os eventos locais passaram a ganhar espaço nessas publicações.

Toda essa proliferação da imprensa afetou fortemente a sociedade: a propagação das notícias possibilitou tanto mudanças nos aspectos da cultura quando no nível religioso, com a difusão do protestantismo e a fragmentação da cristandade. Autores como Cícero, Ovídio e Virgílio passaram a ter grande circulação pelos meios impressos, além de suas

obras se tornarem uma importante forma de organizar os dados sobre o mundo natural e o social (THOMPSON, 2008). Dessa forma, a imprensa contribui para a criação de redes de poder.

Para Thompson (2008), foi apenas durante o século XIX que os sistemas de comunicação puderam se desenvolver em escala global. A invenção, por volta de 1830, do telégrafo eletromagnético e do sistema *dot-dash* do código Morse, somada à expansão das linhas por meios submarinos, alterou drasticamente os sistemas de comunicação. Thompson (2008, p. 139) aponta o seguinte exemplo:

até a década de 1830, uma carta postada na Inglaterra levada de cinco a oito meses para chegar à Índia; e, devido às monções no oceano Índico, a resposta poderia levar dois anos para chegar. A partir de 1870, um telegrama podia chegar a Barmby, em cinco dias, e a resposta estaria de volta no mesmo dia. E em 1924, na Exposição do Império Britânico, Jorge V enviou a si mesmo um telegrama que circulou o globo somente em linhas inglesas e levou 80 segundos.

Para o autor, esses eventos mostram como a rápida comunicação em escala global estava se tornando uma realidade para a sociedade.

Outro fator que influenciou nesse desenvolvimento foi a constituição de agências internacionais de notícias, as quais possibilitavam que as informações fossem coletadas e distribuídas em largos espaços trabalhando conectadas à imprensa, e assim tornaram as notícias acessíveis aos jornais, que as imprimiam e distribuíam (THOMPSON, 2008).

Por outro lado, assim como o desenvolvimento dos cabos possibilitou a rapidez na comunicação, o tempo que uma informação levava para ser distribuída reduziu-se ainda mais quando foram criados os meios de transmiti-las através de ondas eletromagnéticas: “O uso de ondas eletromagnéticas para fins de comunicação expandiu grandemente a capacidade de transmitir informações através de longas distâncias de maneira flexível e eficiente, dispensando a necessidade de instalar cabos fixos na terra e no mar” (THOMPSON, 2008, p. 142). Para a utilização das ondas, os espaços radioespectro dos países tiveram que ser delimitados, cabendo a cada país desenvolver uma legislação que regulamentasse o uso e a distribuição das ondas eletromagnéticas, abrindo espaço para a sua utilização para fins militares.

Durante o século XX a evolução das tecnologias voltadas à transmissão de informações e dados não parou. Surgiram formas mais sofisticadas de cabos (podem ser mencionados aqui os cabos de fibra ótica), satélites passaram a ser usados no intercâmbio

de informações a longas distâncias, e cada vez mais são utilizados meios digitais para o processamento e armazenamento das informações (THOMPSON, 2008).

Tais inventos, conforme Thompson (2008), possibilitaram também a globalização dos meios de comunicação, fazendo com esses meios passassem a fazer parte da vida social de forma regular e possibilitando que os produtos da mídia passassem a circular em amplitude internacional.

Essa extensão dos meios de comunicação (aqui, em especial, da mídia, que é um dos alicerces deste trabalho) mostra a sua importância diante dos aspectos sociais, uma vez que a própria comunicação é um aspecto central da vida dos indivíduos e, como aponta Thompson (2008, p. 19), “de uma forma profunda e irreversível, o desenvolvimento da mídia transformou a natureza da produção e do intercâmbio simbólicos no mundo moderno”. Esse simbolismo de que são dotados os meios de comunicação se refere tanto à produção quanto ao tratamento dos materiais significativos para os indivíduos:

o desenvolvimento dos meios de comunicação é, em sentido fundamental, uma reelaboração do caráter simbólico da vida social, uma reorganização dos meios pelos quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e intercambiados no mundo social e uma reestruturação dos meios pelos quais os indivíduos se relacionam entre si (THOMPSON, 2008, p. 19).

Segundo Thompson (2008), uma vez que a comunicação necessita de um meio material para a sua distribuição, é comum passar despercebida a influência exercida pelos meios sociais sobre sua produção. Com base no postulado de Thompson (2008), têm-se aqui, então, duas dimensões dos meios de comunicação: a sua materialidade e o seu estatuto social (e político, histórico, ideológico...).

A comunicação é tida por Thompson (2008, p. 25) como “um tipo distinto de atividade social que envolve a produção, a transmissão e a recepção de formas simbólicas e implica a utilização de recursos de vários tipos”. Dentro de sua dimensão de materialidade, cabe então observar que os meios de comunicação necessitam de certo nível técnico para a sua produção e transmissão. Este elemento material permite a fixação das informações, podendo ir desde os aparelhos fonadores dos seres humanos até a internet, o papel e a TV. Para Thompson (2008), esses *meios técnicos* podem variar conforme a produção simbólica, possibilitando diversos tipos de intercâmbio de informações.

Ainda segundo o autor, o próprio caráter da *fixação* das informações nesses meios técnicos pode sofrer variações quanto à sua durabilidade, pois, sem dúvida, um dado fixado



em papel possui maior durabilidade do que aquele que é apenas transmitido via telefone ou em uma conversa face a face, sem que haja uma gravação.

Esses meios técnicos podem ainda se diferenciar de acordo com a sua capacidade de *reprodução*, sendo possível a produção de múltiplas cópias de uma mesma forma simbólica. Esse fator está ligado à exploração comercial das informações e também à originalidade e autenticidade da obra, que em muitos casos estão vinculadas à qualidade da obra e são determinantes do seu valor comercial (THOMPSON, 2008).

Além do mais, para a produção desses meios são necessárias certas *habilidades, competências e formas de conhecimento*, pois esses meios técnicos pressupõem alguma forma de uso de regras e de codificação ou decodificação da informação. Para Thompson (2008), ser capacitado por meio de regras não significa apenas conhecer essas regras ou saber formulá-las de forma clara, mas também ter a habilidade de utilizá-las na prática.

Ao considerar tais aspectos, é possível diferenciar uma mídia em massa (*mass media*) de outras formas de comunicação. Para Thompson (2008, p. 30), o termo *massa* é um tanto enganoso, pois pode apresentar uma imagem de uma quantidade grande e indefinida de indivíduos, e essa dimensão não pode ser aplicada a todos os meios. Alguns até podem alcançar um público considerável, como o caso dos filmes e programas de televisão mais populares, mas em outros setores o público acaba não sendo de tão grande dimensão, podendo o material publicado destinar-se a um público específico, como é o caso de algumas revistas e livros.

Assim, para o autor,

se o termo “massa” deve ser utilizado, não se pode, porém, reduzi-lo a uma questão de quantidade. O que importa na comunicação de massa não está na quantidade de indivíduos que recebe os produtos, mas no fato de que estes produtos estão disponíveis em princípio para uma grande pluralidade de destinatários (THOMPSON, 2008, p. 30)

Então a comunicação em massa diz respeito a uma forma de produção de conteúdo simbólico por meio de fixação e transmissão, estando ligada a instituições (THOMPSON, 2008). Para Thompson (2008), esse tipo de comunicação se caracteriza por cinco aspectos: 1) os meios técnicos e institucionais; 2) a mercantilização; 3) dissociação estrutural entre produção e recepção das formas simbólicas; 4) distribuição das formas simbólicas no tempo e no espaço; e 5) distribuição pública das formas simbólicas.

Para o autor, **os meios técnicos e institucionais** de comunicação envolvem certos tipos de tecnologia e inovações tecnológicas que são também explorados comercialmente e ocorrem dentro de instituições, tornando possível que surja a *indústria da mídia*.

Quanto ao aspecto **mercantilização**, Thompson (2008) aponta que os produtos da mídia podem sofrer dois tipos de valorização: um *valor simbólico*, em que os indivíduos atribuem um valor subjetivo e/ou emocional às formas simbólicas, passando o produto a receber estima, apreço, repulsa ou desprezo; e um *valor econômico*, que corresponde à atribuição de um valor ao produto por meio do qual ele pode ser trocado no mercado. É a esse tipo de valorização que está ligado a mercantilização, que transforma as formas simbólicas e produtos da mídia em *mercadorias*. As formas de essa mercantilização ocorrer são variadas. No caso dos livros e panfletos, por exemplo, a mercantilização pode depender da quantidade de cópias vendidas; já nos jornais e revistas há um espaço aberto para a propaganda. No caso dos programas televisivos e de rádio de canal aberto, é a propaganda que irá garantir a mercantilização. Não obstante, o ato de tornar mercadoria por meio da atribuição de um valor econômico não se restringirá à comunicação em massa: outras formas simbólicas, como as obras de arte, também passam por esse processo e possibilitam o desenvolvimento de mercados específicos (THOMPSON, 2008).

No tocante à **dissociação estrutural entre produção e recepção das formas simbólicas**<sup>6</sup>, para Thompson (2008), nas comunicações em massa os contextos de produção e recepção geralmente se diferenciam, não coincidem<sup>7</sup>. Isso implica também que a comunicação flui em um único sentido, sem o *feedback* que seria característico de uma conversação face a face, mas isso não impede que a indústria da mídia tente contornar esse fator, atuando por meio de pesquisas mercadológicas (THOMPSON, 2008).

Quanto ao aspecto **disponibilidade das formas simbólicas no tempo e no espaço**, se a produção e a recepção se dissociam, então os produtos estão disponíveis em outros contextos além daqueles dos quais eles surgem, podendo alcançar contextos mais distantes

---

<sup>6</sup> Observa-se que aqui se têm duas linhas que podem ser analisadas: o lado da produção e o lado da recepção dos produtos midiáticos. Neste trabalho, a característica de recepção da mídia é citada como forma de delimitar esse campo que faz parte da pesquisa realizada; entretanto é preciso considerar que é sobre a produção que se tem o foco, uma vez que é dela que se ocupa a Análise do Discurso, teoria-método utilizada para esta análise.

<sup>7</sup> Vale lembrar ainda que a internet é hoje um importante meio de comunicação em massa na qual não ocorre necessariamente a separação entre produção e recepção. Entretanto, como este trabalho tem como corpus enunciados que circulam na mídia em massa impressa, as propriedades da internet não serão aqui trabalhadas.

daqueles originários. Essa não é uma característica apenas das comunicações de massa, mas para esta é de vital importância. Para Thompson (2008, p. 35),

informação e conteúdo simbólico são colocados à disposição de um número incalculável de indivíduos, em espaços cada vez mais amplos e em velocidade sempre maior. A ampliação da disponibilidade as formas simbólicas se tornou tão pronunciada e rotineira, que todos a supõem como uma característica corriqueira da vida social.

Quanto ao aspecto **circulação pública das formas simbólicas**, para Thompson, os produtos da mídia ficam disponíveis a uma pluralidade de destinatários, de forma que aqueles que possuem os meios técnicos e financeiros passam adquiri-los, mesmo que isso se restrinja a uma pequena margem da população. Essa disponibilidade faz com que a mídia apresente uma interessante articulação entre o que é público e o que é privado, uma vez que ela tem a capacidade de tornar público (isto é, visível a inúmeros sujeitos em contextos diferenciados) os conteúdos das mensagens (THOMPSON, 2008).

Essa alteração no modo de considerar o que é público e o que é privado passa a atravessar a sociedade moderna por meio da mídia:

antes do desenvolvimento da mídia, os líderes políticos eram invisíveis para a maioria das pessoas que eles governavam, e podiam restringir suas aparições públicas a grupos relativamente fechados em assembleias ou a reuniões da corte. Mas hoje não é mais possível restringir do mesmo modo a atividade de autoapresentação (THOMPSON, 2008, p. 109).

Público e privado se definem de duas formas. Uma diz respeito ao domínio do poder político institucionalizado, no qual público se refere à autoridade e à atividade política do Estado, e privado, ao que se exclui desse limite. Para Thompson (2008, p. 111),

o domínio privado inclui organizações econômicas privadas operando num mercado econômico e visando, de alguma maneira, fins lucrativos, como também uma vasta gama de relações, fins lucrativos, como também uma vasta gama de relações pessoais e familiares que podem ser informais ou formalmente sancionadas pela lei (por exemplo, o matrimônio). O domínio público inclui uma série de instituições estatais e paraestatais: das corporações legislativas, judiciais à política, serviços militares e secretos, dos serviços sociais a uma variedade de organizações de bem-estar; ele também inclui organizações econômicas de propriedade do estado, como as indústrias nacionalizadas e as empresas de utilidade pública.

Dessa forma, esse primeiro sentido de público e privado se refere a um pertencimento ao Estado (o público) e a um não pertencimento, porém legislado (o privado).

A segunda forma de entender essa dicotomia se define por meio do discurso sociopolítico, em que o que entra como ponto central na estruturação dessas duas noções é a questão da visibilidade. Assim, o público se define como aquilo que está aberto ou acessível ao público, o que é observável, apresentado diante de espectadores, disponível para uma gama de sujeitos. O privado é o seu oposto: é o fechado, “o que se esconde da vista dos outros” (THOMPSON, 2008, p. 112), o que se realiza em segredo. Público *versus* privado, neste sentido, corresponde então à visível *versus* invisível, e é nessa dimensão que as discussões sobre a mídia se encontram: ela torna públicos os segredos, visibiliza-os, desamarra-os, transporta-os do nível privado e os deixa aparentes para uma pluralidade de indivíduos.

Assim, a mídia afeta a sociedade em vários pontos. Para Giddens (2002), a imprensa foi um dos fatores que levaram ao surgimento do Estado moderno como tal, assim como outras formas de instituições modernas. Para o autor, os jornais contribuíram de forma decisiva para a separação das noções de tempo e espaço, e com o desenvolvimento da mídia impressa e o advento da mídia eletrônica, essa separação passou para o nível global. Se antes do surgimento das telecomunicações a transmissão das informações dependia do seu transporte físico, com o desenvolvimento desse setor os conteúdos simbólicos passaram a ser transmitidos a grandes distâncias em um tempo cada vez menor, sem a necessidade de seu deslocamento físico (THOMPSON, 2008). Cabe, não obstante, observar que essa dissociação deveu-se ao seu caráter e à sua forma de reprodução, e não às mensagens e informações que os meios de comunicação transmitiam (GIDDENS, 2002).

Isso abriu espaço para outro fator: a simultaneidade não espacial. Na antiguidade, a simultaneidade implicava a localidade, era um tempo e um lugar que coincidissem. Uma vez separados o tempo e o espaço, a simultaneidade se desprende do espaço, sendo possível eventos simultâneos ocorrerem em lugares diferenciados (THOMPSON, 2008).

Existem outros dois fatores característicos da mídia que exercem forte influência sobre a sociedade. O primeiro deles é o *efeito colagem*, que, para Guiddens (2002), não seria uma narrativa, mas uma forma de organizar os eventos: “a coexistência de itens diferentes nos meios de comunicação de massa não representa uma confusão caótica de

signos” (GIDDENS, 2002, p. 31). Acontece que, apesar de diferentes eventos serem justapostos, não há ali uma incoerência. O evento em si possui mais importância do que o seu lugar, assim, a mídia justapõe histórias que se harmonizam por sua oportunidade e por terem consequências.

Ao trazer os eventos, a mídia proporciona que eles, mesmo sendo exteriores ao indivíduo, infiltrem-se nas atividades do seu cotidiano. Essa é a *intrusão de eventos distantes no cotidiano*, o segundo fator influência. Para Giddens (2002), ocorre muitas vezes a inversão da realidade, de forma que aquilo que é disseminado pela mídia ganha um valor real maior do que aquilo que é experimentado pelo sujeito.

Essa intrusão pode ser relacionada com o sujeito de outra maneira. Giddens (2002) aponta que, diante da modernidade, muitos eventos deixaram de fazer parte da experiência dos sujeitos: é a segregação da experiência. Para o autor, “a segregação da experiência significa que, para muitas pessoas, o contato direto com eventos e situações que ligam a vida individual a questões mais amplas de moralidade e finitude são raras e fugazes” (GIDDENS, 2002, p. 15). Essa segregação é coordenada pela ciência, tecnologia e especialização, que alteram as condições de vida dos sujeitos, proporcionando que certos tipos de experiência se tornem exteriores ao cotidiano de alguns indivíduos. Morte, doenças, etc., são experiências que com a modernidade foram recolhidas à condição de privado; porém a mídia vai trazer essas experiências para o sujeito por meio do que Giddens (2002) chama de experiência mediada.

Com relação a essa forma de obter sentidos sobre algo por meio da mídia, Thompson (2008) aponta três formas de mediação. A primeira delas é a *historicidade mediada*, por meio da qual o sujeito adquire um sentido de passado (e as consequências desse passado) através de jornais, livros, filmes, programas de televisão, etc.

A segunda forma é a *mundalidade mediada*, na qual a compreensão do mundo exterior sobre a experiência do indivíduo é atingida por meio dos produtos da mídia, que, para Thompson (2008, p. 38), permitem “a experiência de eventos, a investigação de outros e, em geral, o conhecimento de um mundo que se amplia para muito além de nossos encontros diários”.

Por fim, Thompson (2008) aponta a *socialidade mediada*. Uma vez que a compreensão do lugar e do passado é reconfigurada pela modernidade, o sentido de pertencimento dos sujeitos a determinados grupos ou comunidades também passa por mudanças. Para o autor,

à medida que nossa compreensão do passado se torna cada vez mais dependente da mediação das formas simbólicas, e a nossa compreensão do mundo e do lugar que ocupamos nele vai se alimentando dos produtos da mídia, do mesmo modo a nossa compreensão dos grupos e comunidades com que compartilhamos um caminho comum através do tempo e do espaço, uma origem e um destino comuns, também vai sendo alterada: sentimo-nos pertencentes a grupos e comunidades que se constituem em parte através da mídia (THOMPSON, 2008, p. 39).

Thompson (2008) aponta ainda uma segunda forma de mediação provocada pela mídia: a visibilidade mediada. O autor traz de Foucault a questão da disciplina e o modelo do *Panopticon* (concebido por Jeremy Bertham em 1791 e analisado por Foucault em *Vigiar e Punir*): uma construção arredondada que possibilitasse ao observador, no centro, manter o seu olhar sobre o seu derredor (onde estariam os presos, os loucos, os anormais que deveriam ser disciplinados), exercendo o controle e a disciplina por meio desse olhar - esse é o conceito do Panopticon:

cada vez mais os indivíduos são conduzidos a um novo sistema de poder no qual visibilidade é um meio de controle. Eles não são mais testemunhas de um grandioso espetáculo que se desenrola diante deles, mas antes objetos de múltiplos e interligados olhares que, através do exercício diário de controle, dispensa a necessidade de espetáculo (THOMPSON, 2008, p. 121).

Não obstante, Thompson (2008) aponta que a forma como a mídia se relaciona com o poder e a visibilidade possui certa diferença em relação a esse modelo idealista proposto por Bertham e trazido por Foucault: para o autor, enquanto no Panopticon muitos sujeitos se tornavam visíveis para poucos, como a mídia poucos se tornam objeto do olhar de muitos<sup>8</sup>. Além disso, na visibilidade mediada os sujeitos (aqueles que são vigiados e os que vigiam) não partilham um lugar comum, pois uma das características da mídia é a dissociação entre lugar de produção e de recepção.

Dessa forma, essa mídia que possibilita ao sujeito as experiências mediadas faz também com que o poder seja exercido: para Thompson (2008, p. 26), “os meios técnicos, e as informações ou conteúdo simbólico nele armazenados, podem servir assim de fonte para o exercício de diferentes formas de poder”. Ao surgirem as indústrias da mídia,

---

<sup>8</sup> Thompson (2008) afirma ainda que por meio da mídia aqueles que exercem o poder são submetidos à visibilidade. Essa vertente aponta para um poder que é exercido por sujeitos. Assim, como a concepção de poder de Thompson é diferenciada daquela trabalhada por Foucault (que é a base deste trabalho e será explicada nos próximos capítulos, e a qual aponta que o poder se exerce, não sendo centrado em nenhum sujeito ou instituição), será considerado aqui apenas esse aspecto da visibilidade.

surgiram também novas formas de poder, que escapam ao controle de instituições como a Igreja e o Estado.

Para Giddens (2002), a mídia atua como uma expressão e instrumento das tendências globalizantes da modernidade: “em suma, nas condições da modernidade, os meios de comunicação não espelham realidades, mas em parte as formam” (GIDDENS, 2002, p. 32); e ao formar (e transformar) a sociedade, a mídia influencia também os sujeitos.

Para Thompson (2008, p. 181),

com o desenvolvimento das sociedades modernas, o processo de formação do self se torna mais reflexivo e aberto, no sentido de que os indivíduos dependem cada vez mais dos próprios recursos para construir uma identidade coerente para si mesmos. Ao mesmo tempo, o processo de formação do self é cada vez mais alimentado por materiais simbólicos mediados, que se expandem num leque de opções disponíveis aos indivíduos e enfraquecem – sem destruir – a conexão entre a formação e o local compartilhado.

A mídia fornece ao sujeito novas experiências (experiências mediadas), novos sentidos de pertencimento (sociabilidade mediada), sentidos de passado (historicidade mediada); e oferece também recursos simbólicos que atuam como possibilidades para a construção de um saber sobre si. Se antes da mídia uma das formas de obter sentidos para a formação das identidades era a interação face a face, com o avanço dos meios de comunicação e a imprensa as informações passam a chegar ao sujeito através das mediações. Assim, “o conhecimento local é suplementado, e sempre mais substituído, por novas formas de conhecimento não locais que são fixadas num substrato material, reproduzidas tecnicamente e transmitidas pela mídia” (THOMPSON, 2008, p. 184).

A mídia disponibiliza para o indivíduo uma enorme quantidade de material simbólico, de forma que ele construa seu projeto de vida com base nessas informações recebidas. Assim, o sujeito fica cada vez mais dependente dos meios de comunicação, distanciando-se dos contextos espaçotemporais de seu cotidiano.

Apensar de ser grande a quantidade de material fornecido pela mídia, apenas parte desses elementos lhe é associada; mas isso não impede que o sujeito receba não apenas informações sobre a apropriação de produtos, mas também os conhecimentos sobre o modo de agir em determinados contextos, como relacionamentos, doenças graves, etc., e assim o sujeito constrói sistemas de experiências (THOMPSON, 2008).

Bauman (2005, p. 104) aponta então que “a mídia fornece a matéria bruta que seus leitores/espectadores usam para enfrentar a ambivalência de sua posição social”. A mídia fornece ao sujeito informações sobre como ele deve ocupar uma posição de sujeito específica (WOODWARD, 2007).

Um exemplo é o modo como a mídia constrói os padrões de beleza. Eco (2004) aponta que desde a primeira metade do século XX até a década de 1960, ao se questionar o ideal de beleza<sup>9</sup> para o século XX, o que se encontrava era uma luta entre a beleza espelhada na provocação e a beleza do consumo. A beleza da provocação está ligada aos movimentos vanguardistas de arte, como o cubismo, o surrealismo e futurismo. Se eles não tinham em si a preocupação da beleza, nem a imagem da beleza natural e formas harmônicas, foi por irem contra a ideia comum que o homem tinha de beleza na época em que essas obras de vanguarda tornaram-se belas: a beleza da provocação daquilo que era comum, aceitável, natural.

Quando trabalha a beleza do consumo, Eco (2004) volta-se para a mídia e para o indivíduo e seu corpo e identidade:

aqueles que visitam uma exposição de arte de vanguarda, que comprem uma escultura “incompreensível” ou que participam de um *happening* vestem-se e penteiam-se segundo os cânones da moda, usam *jeans* ou roupas assinadas, maquiam-se segundo o modelo de Beleza proposto pelas revistas de capas cintilantes, pelo cinema, pela televisão, ou seja, pelos *mass media* (ECO, 2004, p. 418)<sup>10</sup>.

Eco (2004) aponta que esses sujeitos seguem os padrões de beleza propostos pelo consumo material, consumo que é justamente o oposto do praticado pelas vanguardas. Essa discrepância é o que caracteriza o século XX, segundo o autor. O modelo de beleza do século XX encontrado por Eco (2004) é o que o próprio autor chama de *orgia de tolerância*: a mídia torna-se democrática na medida em que disponibiliza diversos modelos de beleza, que vão desde a mulher fatal (como Greta Garbo e Rita Hayworth) até ao que o autor chamou de “mocinha da casa ao lado” (figurando pureza, inocência, juventude, e facilmente caracterizada por meio de figuras como Claudette Colbert e Doris Gray); do herói do Velho Oeste, maciço e viril, ao vagamente feminino, ou seja, uma moda que vai da feminilidade extravagante até ao andrógeno de Coco Chanel. “Os *mass media* são

---

<sup>9</sup> Eco (2004) trabalha em seu livro a beleza não apenas do corpo, mas o ideal que atravessa a sociedade, passando pelas artes em geral.

<sup>10</sup> Grifos do autor.



totalmente democráticos, oferecem um modelo de Beleza para quem já é dotado de graça aristocrática e outro para a proletária de formas opulentas”.

Para Ory (2008, p. 157),

a conjuntura cultural pesou, e com muita intensidade, sobre este ordinário dos corpos que está profundamente situado no cruzamento do máximo de determinações, das mais intelectuais até as mais materiais, porém todas mais ou menos mediatizadas por uma vulgarização, uma imprensa, uma publicidade e uma ficção consideradas aqui como outros tantos modos de difusão de representações, portanto de valores.

Assim, para o autor, a mídia – como as revistas femininas, de moda, literatura médica popular, as novas revistas masculinas (hetero ou homossexuais), juntamente com uma proporção menor de filmes e emissões radiotelevisivas - passa então a ter um papel maior do que a própria escola e a literatura científica um meio pelo qual o discurso sobre o corpo se propagou, portando para isso um discurso de pretensão científica, como, por exemplo, os discursos sobre as dietas ou os de cunho psicanalítico.

Os modelos de beleza e os discursos trazidos pela mídia não ficam simplesmente suspensos sobre o sujeito: eles recaem sobre a sua forma mais material, o corpo. Pergunta-se então: como seria essa relação entre o corpo, o sujeito e a identidade, a mídia e a modernidade? É essa a temática abordada pelo capítulo seguinte.

## 2 UMA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL DO CORPO

O que é o corpo? Como ele foi concebido nas sociedades pré-modernas e como ele é hoje? Qual a origem desse objeto?

Se buscada uma origem histórica do corpo, será encontrada não apenas uma história da origem do homem, mas também a de um dualismo que atravessou os saberes sociais e atuou durante muito tempo como alicerce das distinções dos sujeitos e da sociedade. Fala-se aqui de uma origem que, de tão anterior, confunde-se com o místico e o religioso de uma época em que estas eram as únicas fontes de explicação para as inquietações e dúvidas dos indivíduos.

Se houve uma história do corpo na antiguidade, foi porque houve também uma história religiosa:

no Antigo Egito, Atum cria [o corpo] a partir do próprio coração, que possui a energia vital. As antigas civilizações da China, da Índia e do Japão apagaram fronteiras entre alma e corpo, permitindo uma medicina vinculada às crenças religiosas, valorizando o controle respiratório (o sopro vital, tênue como o imaterial), as posturas iogues e o conceito de harmonia do conjunto. Nos poemas homéricos (oitavo século a.C.), o ser humano é essencialmente seu corpo, fragmentado para servir em funções vegetativas, animais ou mentais. A psique vital não emerge antes do século VI a.C. (LEPARGNEUR, 1994, p. 11-12).

Já no século IV a.C. Platão colocava o dualismo corpo e alma em um universo composto por um lado idealista; a alma imortal aprisionada na terra dentro de um corpo, como o autor expõe por meio de Sócrates no diálogo *Fédon* (LEPARGNEUR, 1994).

Aristóteles contraria esse dualismo, afirmando a união entre corpo e alma, apesar de aceitar a existência de um intelecto humano que sobreviveria após a morte do corpo. Para Lepargneur (1994, p. 12), Aristóteles via o ser humano como “um composto substancial unificado: tudo o que o espírito conhece passa pelos sentidos do corpo”.

Dentro da tradição judaico-cristã, corpo e alma são criações de Deus, feitos à sua imagem e semelhança: “corpo e alma O confrontavam juntos: Ele os criara a ambos e a ambos julgaria” (BROWN, 1990, p. 39), uma concepção que não fala sobre a preexistência da alma, nem em reencarnação, e que considera corpo e alma de forma una.

Descartes retoma o dualismo; o filósofo opõe “exageradamente a ‘coisa pensante’ (o espírito ou a alma) e a ‘coisa estendida’ (a matéria, o corpo)” (LEPARGNEUR, 1994, p. 14), reduz o corpo à máquina e unido à mente de forma inexplicável.

Essa concepção dualista acabou por influenciar o cristianismo católico e protestante, que passou a adotar uma noção de corpo e alma na oposição entre bem e mal, vinculando a mente/alma ao bem e o corpo ao mal. Para Lepargneur (1994, p. 14), esse pensamento tem como consequência que “a distinção do corpo e da mente, desenvolvida em antagonismo, leva a prestigiar o trabalho intelectual e a desprezar os serviços braçais”.

Ainda dentro desse mesmo cristianismo católico, os estoicos encaravam o corpo como um organismo unificado, porém esse corpo necessitava de controle para que a alma se ajustasse a Deus, pois por meio dele é que a alma tinha acesso às sensações (BROWN, 1990).

Nas medicinas orientais essa oposição entre corpo e alma não existia, e para Lepargneur (1994), é graças a esse apagamento que se dá a eficácia da medicina oriental. Já no mundo ocidental surge uma medicina que se caracteriza pelo “exame científico da mecânica corporal para fins de conserto das funções que venham a falhar” (LEPARGNEUR, 1994, p. 15). Diante dessa concepção, surge a Psicologia como uma ciência experimental e pragmática, medindo as ações e reações e possibilitando à medicina um estudo sobre o cérebro humano. Dessa abertura surgiram teorias como, por exemplo, a do behaviorismo de Watson e Skinner (LEPARGNEUR, 1994).

Considerando-se esses saberes, observa-se, ao ser percorrer a história, o surgimento de diversos corpos, diferentes noções, regimes e práticas que “coexistem, rivalizam, se sucedem e se transformam ao longo do tempo” (PRADO FILHO & TRISOTTO, 2008, p. 116). Não são apenas diversas características de um mesmo corpo: são vários corpos que se configuram a partir desses saberes; um objeto que é resignificado a partir desses discursos<sup>11</sup>. Assim, para Prado Filho e Trisotto (2008, p. 116),

o corpo posto como objeto para o saber médico ao tempo de Hipócrates não é o mesmo corpo dos “fluidos” e “vapores” que se coloca para a medicina medieval, que, por sua vez, não é o mesmo da medicina moderna, na qual predomina a concepção biológica e anatomofisiológica. É importante notar que, colada a um “corpo concreto”, histórico – objeto e resultado de práticas concretas – encontra-se certa “corporeidade”.

---

<sup>11</sup> As noções de discurso, saber e a forma como esses objetos são resignificados são trabalhadas no capítulo seguinte, *A análise do discurso e Michel Foucault*.

O corpo não é monopólio de nenhum campo de conhecimento, mesmo que ele seja em diversos momentos enquadrado como natural de uma específica área (como ocorre com a medicina, a biologia...). Para Prado Filho e Trisotto (2008), esse corpo passa na modernidade por diversas formas de produção, sendo normalizado, modelado, moralizado, treinado, capacitado: “a modernidade desenvolveu todo um conhecimento e uma sofisticada tecnologia de produção de corpos” (PRADO FILHO & TRISOTTO, 2008, p. 115). Segundo estes autores, quando transportado para uma perspectiva que considera a história e a cultura, esse corpo deixa de ser natural e passa a ser encarado como construído.

Essa desnaturalização do corpo significa compreender não apenas que o corpo não é natural dos campos da biologia e da medicina, mas também que são quebrados os paradigmas que naturalizam o corpo dentro dessas áreas.

O corpo, este volume concreto, não tem nada de natural – em rigor, não existe “corpo natural”, espontâneo e livre, “pura potência”, anterior a qualquer trabalho da cultura – ele é sempre resultado de investimentos de poder e de enunciações por saberes: sua própria “natureza” é construída (PRADO FILHO & TRISOTTO, 2008, p. 116).

Dentro dessa relação entre corpo e historicidade e cultura, Prado Filho e Trisotto (2008) indicam a existência de um corpo e de uma corporeidade: o corpo como um objeto concreto, histórico, objeto das práticas; a corporeidade como “a ordem dos dispositivos, dos enunciados e das normas, implicando jogos de enunciação, de normalização e de subjetivação nos quais são produzido não apenas o corpo, mas a própria “alma”, a subjetividade dos sujeitos (PRADO FILHO & TRISOTTO, 2008, p. 116; CODO & SENNE, 2004). É nessa corporeidade que este trabalho está interessado, e para se chegar a ela é necessário tomar o corpo como objeto: ver esse corpo desnaturalizado, mesmo que dentro de discursos médicos, mas compreendido como objeto de práticas.

Para Prado Filho e Trisotto (2008), o sujeito só tem acesso ao corpo pela corporeidade, pelos enunciados e práticas. É a partir dessa corporeidade que os sujeitos (dos sujeitos do cotidiano até os especializados) se relacionam com o corpo.

Qual seria, então, a relação entre a subjetividade desse sujeito e o seu corpo?

Para Woodward (2007), o corpo é o lugar em que o indivíduo estabelece fronteiras definidoras de sua identidade, e na perspectiva da psicanálise lacaniana, o primeiro passo

para a construção de um sentido de um “eu” pelo sujeito; ele é um referencial estável para a autocompreensão, um significante da subjetividade do sujeito (HALL, 2007).

A relação entre a identidade (uma convenção social) e o corpo do indivíduo é que esse *eu* não é uma mera projeção, ele é encarnado (GIDDENS, 2002). Para Giddens (2002), a criança aprende sobre o seu corpo nas práticas cotidianas, de forma que esse corpo é experimentado. Para o autor, “aprender a tornar-se um agente competente – capaz de se juntar aos outros em bases iguais na produção e reprodução de relações sociais – é ser capaz de exercer um monitoramento contínuo e bem sucedido da face e do corpo” (GIDDENS, 2002, p. 57).

Ao controlar esse corpo regularmente, o sujeito constitui a sua autobiografia, uma narrativa coerente sobre si, a sua identidade, ao mesmo tempo em que a expõe para os outros indivíduos; e até mesmo a normalidade é configurada por meio dos maneirismos, das aparências. Assim, sujeito e corpo absorvem-se, constituindo um sentido de unificação, e a reflexividade do eu se estende a ele - porém, nunca de forma que a sua identidade possa ser apreendida por inteira, possa estar completamente exposta (GIDDENS, 2002).

Como objeto, ele faz parte de todo indivíduo; entretanto ele atua além disso: é também um sistema de ação, de prática. Diante dessas características, surgem fatores de diferenciação como a questão da aparência, que para Giddens (2002, p. 95) se constitui como

todas as características da superfície do corpo, incluindo modos de vestir e de se enfeitar, que são visíveis pelo indivíduo e pelos outros, e que são normalmente usados como pistas para interpretar as ações. A postura determina como a aparência é usada pelo indivíduo dentro dos ambientes genéricos das atividades cotidianas; é como o corpo é mobilizado em relação às convenções constitutivas da vida diária. A sensualidade do corpo se refere ao manejo da disposição ao prazer e à dor. Finalmente, temos os regimes a que o corpo é submetido.

Ainda segundo o autor, a aparência denota a identidade social do sujeito, além de apontar para o gênero, a classe e o *status* ocupacional; é influenciada pelo social por meio de propagandas (aqui mais uma vez a forma de atuação da mídia sobre o sujeito), pressões de grupos e recursos socioeconômicos.

Assim, o corpo se configura como um espaço simbólico na formação das identidades. Para Castro e Bueno (2005, p. 9), “num mundo marcado pela desterritorialização, o corpo desponta como um espaço limite de vivência (ou até mesmo

sobrevivência) do exercício da territorialidade”. Ele é então território da cultura e da identidade; mas o que significa esse corpo como território cultural?

Para Castro e Bueno (2005), estudar o corpo possibilita o acesso às especificidades de cada cultura. Segundo as autoras,

um dos mais importantes legados das reflexões antropológicas consiste na ideia de que, nas mais diversas culturas, todo tipo de adorno e intervenção corporal constituem forma de linguagem que, ao apropriar-se *corpo biológico* o transforma num *corpo cultural*<sup>12</sup> (CASTRO & BUENO, 2005, p. 10).

Assim, o corpo se configura como um suporte para a cultura das sociedades (GUIMARÃES, 2005). Diante da modernidade e da aceleração das relações entre o global e o local, da forte influência da globalização, que expande os horizontes sociais, e dos meios midiáticos, observa-se que a cultura passa a ser acessível e acessada a partir de qualquer espaço, e nessa perspectiva o corpo ganha um sentido diferenciado. Para Guimarães (2005, p. 80), a globalização e a luta entre o individual e o coletivo ganham no corpo um espaço para “o embate entre o indivíduo e os interesses políticos e econômicos que querem incluí-lo nesse processo”. O autor afirma o corpo como o aspecto máximo da individualização, porém ele é coletivizado à medida que passa a carregar o simbólico gerado pela globalização.

Essa coletividade simbólica faz parte da cultura, que é definida por Smith (*apud* GUIMARÃES, 2005, p. 80) como “um modo coletivo de vida, ou um conjunto de crenças, estilos, valores e símbolos”. A cultura é então entendida apenas a partir da pluralidade, do conjunto. Por meio da globalização ela é recriada, deslocada e ressignificada; passa a se relacionar com novas possibilidades – e visibilidades, como a mídia e as modernas formas de comunicação.

Dentro desse processo, observa-se o próprio corpo como um lugar de comunicação, “uma espécie de *outdoor* ambulante” (GUIMARÃES, 2005, p. 85), usado para expressar ideias – cabendo para isso não só a utilização das vestimentas e dos adornos (por exemplo as camisetas, que tão comumente carregam mensagens de campanhas políticas e grupos sociais), mas também de elementos como os gestos, o comportamento do sujeito e práticas como o *body building*, a tatuagem e o *piercing*. O corpo se torna então o que Ramos (2005) denomina de território.

---

<sup>12</sup> Grifo das autoras.

Ainda segundo a autora,

as culturas são célebres pela diversidade de interferências definitivas praticadas no corpo humano. Escarificação, tatuagem, ablação, plástica estética – a mais recente – representam marcas que registram o prestígio ou a exclusão do indivíduo ao grupo, bem como crenças, hierarquias, jurisprudência e a estética de uma época (RAMOS, 2005, p. 91).

O corpo é então espaço para a inscrição do pertencimento, é lugar em que ocorre a batalha dos processos de identificação. Corpo, identidade e cultura se ligam e se apoiam, e a reflexividade da identidade do sujeito se estende ao corpo (GIDDENS, 2002)

A partir do século XX, com o apagamento da divisão entre corpo e alma, modifica-se a relação do indivíduo com o seu corpo, surgindo uma perspectiva do corpo como objeto na história das mentalidades, conforme observa Courtine (2008) a partir da teoria foucaultiana.

Ory (2008) expõe que “o ordinário dos corpos humanos se acha, por definição – entenda-se, por delimitação -, submetido à influência do movimento geral das sociedades”. O que é então apontado pelo autor é um ordinário que se constrói a partir de uma perspectiva histórica e social. Segundo ele, as modificações e movimentos da cultura durante a modernidade provocados pela globalização afetam as representações e práticas corporais. Surgem dessa forma modernizações como as mudanças nos sistemas de água e esgoto, o desenvolvimento de políticas públicas que limitam o tempo de trabalho do indivíduo e permitem uma mudança no estilo de vida das populações. Então, o que mudou no corpo (ou ainda, para o corpo)?

## 2.1 O CORPO DA MEDICINA

Conforme apontam Prado Filho e Trisotto (2008), a medicina, juntamente com as demais ciências biológicas, toma o corpo como de seu pertencimento natural, passando a atuar como as ciências autorizadas a tomá-lo como objeto. A partir disso, surgem diversos discursos que têm o corpo como tema. Esses discursos transpassam tanto a questão da saúde e da doença – tão cara à medicina – quanto as questões que são um pouco mais

marginais da área, como a estética, sem deixar de haver um cruzamento com a tecnologia da genética.

Para Moulin (2008), a medicina atua como uma promulgadora de regras de comportamento e de censura no cotidiano dos sujeitos. Isso se justifica pelo *status* do conhecimento científico sobre o funcionamento do organismo, de forma que permite a longevidade dos sujeitos e a derrota da doença pela saúde. Assim, a medicina passa a dizer ao indivíduo como conviver com a sua sexualidade, “seus modos de reprodução e sua maneira de morrer” (MOULIN, 2008, p. 15). Tais intervenções não foram recebidas livremente pela sociedade, que se recusava a abandonar a autonomia sobre o seu próprio corpo. Para Moulin (2008, p. 15), “a multiplicação de suas intervenções, algumas delas tocando a integridade da pessoa [...], suscitou a inquietação na própria corporação, que permitiu a seu lado um lugar para a sociedade civil e para as autoridades políticas e religiosas”.

A história da medicina e do corpo no século XX, segundo Moulin (2008), começa com a vitória sobre as doenças, embora não as erradique, apenas as limite. A autora expõe que a medicina era um ritual de cura, com o desenvolvimento da doença em tempo real e de forma ritualística, em que o doente passava pela crise - um momento decisivo da condição do doente e marcado por episódios como a liberação de suor e urina e a normalização de sua temperatura.

Com a chegada da modernidade, a doença e a experiência cotidiana do sujeito se afastam. A doença ganha espaço restrito, acompanhada à distância. Na infância, a experiência da doença se torna cada vez mais rara, com a quase extinção de enfermidades como a rubéola, a coqueluche ou a caxumba, que passam a ser prevenidas pela vacinação. Nos hospitais, ocorre a diminuição da quantidade de leitos e de infecções (MOULIN, 2008).

Não obstante, para Moulin (2008, p. 17), “saúde e doença, muito longe de constituírem valores opostos, combinar-se-iam de fato em graus diversos em cada indivíduo ou, melhor dizendo, a doença não seria senão uma vicissitude da saúde, ou quem sabe um elemento constitutivo desta”. Para a autora, tanto a saúde quanto a doença são constitutivas do ser vivo.

No século XX a saúde da população passa a ser objeto de preocupação dos governantes, levando a Organização Mundial da Saúde (OMS) a adotar um código de direitos que assegurasse o bem-estar físico, mental e social dos sujeitos: “a saúde passou a



ser a verdade e também a utopia do corpo, aposta da ordem social e de uma ordem internacional futura, mais equitativa e mais justa, no conjunto do mundo” (MOULIN, 2008, p. 18). Com esse enfoque, a saúde passa a ser uma preocupação pública; o Estado passa a interferir no sujeito, criando campanhas de vacinação obrigatórias e suspendendo em certos momentos as liberdades privadas (MOULIN, 2008)<sup>13</sup>.

Com o desenvolvimento da medicina nesse período, o conhecimento do especialista médico vai além do reconhecimento dos sintomas, configurando também o que é privado e o que é público. Se a doença é característica do indivíduo, o sujeito saudável é “um doente que se ignora” (MOULIN, 2008, p.19). Cabe ao sujeito realizar exames periódicos que possam apresentar os sintomas e a doença.

Esse controle é válido também no caso das doenças infecciosas. No século XX houve, pelos menos nos países desenvolvidos, uma redução (quando não plena erradicação) dos casos de doenças epidêmicas como a varíola e a peste, o que se deve ao desenvolvimento da área médica, que passou a conhecer as causas dessas doenças, assim como a força de tratá-las. Por outro lado, não tardou que a chegada da aids e de outras formas de vírus colocasse em questão a vitória da medicina (MOULIN, 2008).

Para Moulin (2008, p. 33), a aids “infligiu um duro desmentido a um século que pretendia eliminar as doenças infecciosas”. Mas seu impacto não foi apenas na medicina, acuada por não conseguir vencer essa doença assim como havia feito com as doenças infecciosas antecessoras e ver os seus limites serem expostos; ela afeta todas as camadas sociais, abalando a luta pela liberdade sexual e interferindo nos costumes cotidianos. “No desvario provocado pela morte de muitos jovens, as barreiras tradicionais vieram ao chão, as associações pressionaram os médicos para que dissessem tudo e tudo fizessem, puseram as questões, exigiram respostas” (MOULIN, 2008, p. 33). Os soropositivos manifestavam-se, exigindo um tratamento que os libertasse da quarentena e do isolamento, ao mesmo tempo em que se promoviam o esclarecimento e a prevenção (MOULIN, 2008).

As pesquisas médicas colocam em evidência outra forma de doença: as crônicas, como reumatismos, doenças cardiovasculares, endócrinas e cancerosas. Para Moulin (2008, p. 36), “a doença crônica significa a longa convivência do paciente com a deficiência orgânica”. Uma vez diagnosticada, ela faz com que o indivíduo reorganize o

---

<sup>13</sup> Essa intervenção do Estado no corpo dos indivíduos é um exemplo do que Foucault (2008a; 2008b) coloca como *biopoder* e *governamentalidade*, que são explicados no capítulo *A Análise do Discurso* e Michel Foucault deste trabalho.

seu projeto de vida e o seu cotidiano, aderindo a drogas e técnicas específicas que permitem ao doente a sobrevivência – uma vez que a doença não tem cura. “O doente se torna o parceiro do perito e completa um saber livresco por suas aprendizagens pessoais” (MOULIN, 2008, p. 37).

Apesar das descobertas e avanços da medicina e da constatação da doença como característica do corpo, ainda assim não é permitida a exibição da doença: “o corpo é o lugar onde a pessoa deve esforçar-se para parecer que vai bem de saúde” (MOULIN, 2008, p. 19-20).

Poucos são os casos que fogem dessa censura. Esse é um dos motivos do choque causado pela aids: “desde a lepra e a sífilis, conhecidas pelas desfigurações que acarretam, nenhuma enfermidade havia atingido o corpo de forma tão pública” (MOULIN, 2008, p. 34). Inicialmente, a aids se caracterizava por ser uma doença social, interpretada, assim como um conjunto de outras enfermidades, como um fator que se desenvolvia apenas em países pobres; mas essa premissa logo foi desestabilizada, à medida que começaram a aparecer casos de soropositividade entre artistas e atletas famosos, como o jogador de basquete Magic Johnson (MOULIN, 2008). Moulin (2008, p. 33-34) exemplifica essa questão: “Se o diagnóstico de Michel Foucault, falecido no início da epidemia, em 1984, foi durante algum tempo sonegado ao público, a doença e a morte, observáveis ao vivo, invadiram a telinha”.

Assim, a aids é trazida para o nível do visual; apesar da censura, os próprios infectados sentiam a necessidade de mostrar sua doença e reportar a sua experiência. Situação parecida ocorre com o vírus ébola, surgido na África, o qual inspirou inúmeras obras literárias e cinematográficas que revelavam a fragilidade do corpo humano (MOULIN, 2008).

Outra revolução da medicina em sua relação com o corpo foi a constituição do mapa genético do corpo humano. Tal mapeamento forneceu uma visão reducionista do indivíduo, uma vez que descreve toda a diversidade humana a partir de um único código comum a todas as singularidades (KECK & RABINOW, 2008).

Para Keck e Rabinow (2008, p. 85), “o corpo genético é um corpo quadriculado da população, corpo atravessado por normas e regularidades, lugar do controle e da formação do ‘eu’”. Para os autores, a genética mudou o olhar sobre o corpo, trazendo um corpo digitalizado e universal, normatizado, apontando ainda uma estrutura desse corpo que fica longe do olhar dos indivíduos – mas ainda assim os determina. Essa estrutura determina a

norma do corpo, e tudo aquilo que foge a ela é o desvio, campo de estudos e de análises (KECK & RABINOW, 2008).

Por outro lado, no caso das doenças, a genética abalou o pensamento médico, uma vez que trouxe à luz doenças que, por serem hereditárias e genéticas, estavam longe do alcance da cura, limitando a zona de intervenção do médico sobre esse mal e, por outro lado, abrindo espaço para a pesquisa e a compreensão da herança de algumas enfermidades (KECK & RABINOW, 2008).

A descoberta de uma doença genética no corpo causa ao enfermo uma mudança na forma como ele se relaciona com o seu corpo. Diagnosticada a doença, os sintomas podem estar ou não manifestados. Segundo Keck e Rabinow (2008, p. 91), “o teste genético aparece então como uma imagem do corpo em preto e branco: responde por sim ou não à questão da identidade pessoal, tornando visível a doença ou a ausência de doença”. Ainda segundo os autores, “a identificação com a doença e a todo um destino familiar produz um duplo do corpo, cujo teste genético mostra o caráter real ou fantasmático” (KECK & RABINOW, 2008, p. 91). Assim, o teste genético atua no processo de pertencimento e construção da identificação do sujeito – ele *é* ou *não é doente*, o que determina que seu cotidiano e sua relação com o seu corpo sigam uma prática ou outra.

Ademais, essa mesma genética não serve apenas como um diagnóstico apocalíptico da doença incurável: o corpo vai começar a passar por um controle, em uma busca pelos genes responsáveis pela doença, mas também pode trazer às claras as predisposições do corpo, e “o horizonte da investigação genética não é, deste modo, só a cura, mas também o reforço: a genética não vai produzir mais apenas um corpo protegido contra a doença, mas também um corpo mais forte, mais belo, mais inteligente” (KECK & RABINOW, 2008, p. 97). Esse corpo é apontado por Keck e Rabinow (2008) como sendo o corpo da população, o qual é controlado e enquadrado nas normas, Ocorre então um controle social sobre a diversidade biológica.

Além dos referidos, a genética instaura também outro fator que traz desconforto para várias áreas da sociedade: a clonagem. A ideia de dois corpos iguais, realizada em 1997 por Ian Wilmut a partir da ovelha Dolly, foi recebida de forma negativa pela sociedade, ocasionando a proibição da clonagem, mesmo que para fins terapêuticos (KECK & RABINOW, 2008).

Descrever esse corpo e estruturá-lo dentro dos saberes da medicina faz com que haja a sua mecanização. Ele se transforma em máquina, se automatiza; a aproximação

entre o corpo humano e uma máquina é tanta que começam a surgir, no século XX, máquinas automáticas capazes de compensar, de certa forma, a falência de determinadas áreas do corpo, possibilitando ao indivíduo a sobrevivência (MOULIN, 2008).

Em outra perspectiva, a relação entre corpo e medicina não se restringe às doenças. Há também uma série de mudanças nas práticas sobre o corpo que podem ser relacionadas com os padrões de beleza e as intervenções realizadas pelos sujeitos para participarem dessa ordem de discurso: as práticas relacionadas com a medicina estética.

Ory (2008) aponta que, com o avanço dos conhecimentos científicos sobre a derme e epiderme e as técnicas de interferências, modificam-se também os critérios para o que é belo e sadio. A maquiagem já não é apenas uma ilusão de beleza, um efeito momentâneo — já na modernidade tardia ela fica responsável por tratar a pele, rejuvenescer, proteger, revitalizar. Assim, os hidratantes constituem fator de proteção contra os raios solares, batons tomam a função de hidratar, colágenos purificam e rejuvenescem a pele. O mesmo vale para os cuidados com os cabelos, aos quais se alia a argumentação da higiene e saúde (ORY, 2008). Para Moulin (2008, p. 34), “mostrar a pele é uma maneira de sugerir o desarranjo do sistema imunológico no interior do corpo”.

A evolução dos produtos voltados para a beleza afeta o meio social e leva à profissionalização do mercado, fazendo expandir-se uma área dominada por empresas francesas e americanas (estas últimas foram responsáveis pela modernidade empresarial da área). Profissionalização demanda especialização e a atuação conjunta de diversas áreas: a medicina dermatológica, a publicidade e os *beauty parlors* (institutos de beleza) (ORY, 2008).

Nota-se ainda que a intervenção definitiva e expressa se torna cada vez mais um recurso para os sujeitos: “A luta contra o envelhecimento pelo recuo dos limites da ‘terceira idade’ confere, em compensação, o máximo terreno às operações que têm por objetivo eliminar, atenuar ou retardar as rugas, manchas e outros sinais de decrepitude” (ORY, 2008, p. 159).

Ao deparar-se com um discurso sobre o belo dos corpos, observa-se mais um discurso que o cruza, atuando na produção dos sentidos de pertencimento dos sujeitos: o discurso sobre o corpo sexuado e erótico. Que corpo é esse?

## 2.2 O CORPO SEXUADO E O CORPO ERÓTICO

Para Sohn (2008), nunca o corpo sexual esteve tanto em destaque como agora. Fonte de cuidados minuciosos, é facilmente encontrado exposto pela mídia no cotidiano dos sujeitos, como consequência da gradual morte do pudor ocorrida desde o período entre a primeira e a segunda guerras mundiais. Se o começo do século XX se depara com uma proibição da mostra do corpo severa ao ponto de levar as grávidas a se ausentarem do público até o momento do nascimento os indivíduos se recusarem a despir-se durante a sua higienização e até mesmo durante as relações sexuais, não é dessa forma que ele chega ao momento presente (SOHN, 2008). Ocorre um progressivo desnudamento do corpo e uma permissão da sua visualização, o que pode ser facilmente visualizado pela evolução dos costumes de banho: calções longos, com mangas e sobressaias para as mulheres, aos poucos foram dando espaço para o *jersey*; maiôs encurtam as pernas (inicialmente apenas uma parte, depois até os joelhos) e ganham decotes mais ousados, abrindo-se na região do peito e deixando de lado as mangas. Mais tarde, as calças dão lugar aos calções e o maiô feminino se resume a apenas uma peça, para anos mais tarde se dividir em um conjunto de duas peças, mas ainda com o calção alto. Em 1946 surge o maiô de duas peças de Louis Réaud que cabe em uma caixa de fósforos, o “biquíni”. Vinte anos depois, as banhistas exibem seus corpos sem a parte de cima de seus trajes e os maiôs brasileiros contribuem para a derrubada dos últimos pudores. Com isso, a praia ganha *status* de lugar de prazer e de exposição do corpo desnudo (SOHN, 2008).

O encurtamento das roupas não se resume aos trajes de banho: as vestimentas femininas também se encurtam, permitindo que as pernas apareçam (até mesmo os *shorts* curtos aparecem), abolindo o espartilho e aderindo ao sutiã (SOHN, 2008). Para Sohn (2008), essa exposição dos corpos nus permite uma mudança também nos aspectos íntimos e privados dos indivíduos, possibilitando o aparecimento da sua dimensão sexual.

Não obstante, em público, o pudor ainda se guarda por lei até meados do século – o que não impediu que as artes se apropriassem desse corpo desnudo e o tornassem visível em filmes como *E Deus criou a mulher* (1956), de Roger Vadim, *Os amantes* (1958), de Luis Malle, *A colecionadora* (1967), de Éric Rohmer, e *Com o diabo no corpo* (1986), de Maruschka Detmers, os quais retrataram desde uma exposição primária do corpo nu e moldado em *collant* até o adultério, cenas de banho, sugestão de cenas de sexo, o direito à

sexualidade feminina a até a relação sexual explícita (SOHN, 2008). Essa onda de filmes pornográficos levou o governo americano, em 1920, a sancionar regras de decência às quais os filmes devem se submeter; mas o avanço das produções, que buscavam uma liberação dos costumes sexuais, propicia o nascimento de filmes do estilo *soft pornô*. Logo, os filmes são produzidos em massa, passando a atingir um quarto das entradas vendidas. Em 1975 os filmes pornográficos ficam restritos a salas especializadas, sendo proibida a sua divulgação e propaganda, além de lhes serem impostas altas taxas (SOHN, 2008). Não obstante, ao mesmo tempo que sua exibição era restrita às salas de cinema, o pornô escapava para um novo meio de reprodução que surgia na época: o videocassete. Assim, ele atinge o indivíduo em seu próprio espaço (SOHN, 2008).

Para Sohn (2008), o cinema pornográfico permitiu uma ruptura no olhar sobre o corpo e nas representações da sexualidade, uma vez que passa a exhibir atos sexuais não simulados, isolados de uma relação afetiva ou pessoal, e até mesmo focando em suas cenas os órgãos sexuais. Ao se transformar, assim, em consumo em massa, essa forma de cinema, para Sohn (2008, p. 116), ultrapassa “o limite do aceitável”, “o filme pornográfico, enfim, descambou para o *hard crade* e integrou o sujo, o monstruoso, o bestial”.

Surgem na literatura os textos eróticos e pornográficos, algumas vezes escondidos entre uma literatura oficial, publicada por meio de pseudônimos ou anonimamente, o que aconteceu, por exemplo, com o *As onze mil virgens*, de Guillaume Apollinaire; mas havia também aqueles que traziam ao olhar público o corpo sexuado sem se esconderem: D. H. Lawrence publica, em 1928, *O amante de Lady Chatterley*. Essa erotização do corpo e a busca pelo prazer chegam a trazer para a literatura cenas sadomasoquistas, como em *A história de Ó* (1954). Não obstante, essa literatura pornográfica não se mantém durante muito tempo em auge, tornando-se essa forma de contestação obsoleta a partir da *Belle Époque* (SOHN, 2008).

Na imprensa, já na década de 1950 são publicados os primeiros exemplares da *Playboy*, atingindo uma tiragem de cerca de 400 mil exemplares nove anos depois. Com a influência do cinema pornográfico, as revistas especializadas também banalizaram o ato sexual e a sexualidade, assim como o corpo nu; se antes as cenas explícitas de sexo eram proibidas, essa proibição cai por terra já nos anos de 1990 e passa a influenciar as revistas femininas, que começam a trazer em suas reportagens elementos desse corpo nu e sexuado (SOHN, 2008).

Até mesmo a publicidade adere ao nu, criando o *pornô-chic*, como o visto em Dior e Weston (SOHN, 2008). Para Sohn (2008, p 117),

a pornografia não é, portanto, nem mais transgressiva nem escondida. Ela se expõe abertamente e propõe referências. Sobretudo, vende muito, e até nos circuitos comerciais mais tradicionais. O material pornográfico não fica mais recolhido exclusivamente nos *sex-shops* que surgiram no fim dos anos 1960 na Europa.

Ainda segundo a autora, essa abertura e explicitação da sexualidade fez surgirem diversas discussões a respeito do papel da mulher, chegando o movimento feminista a combater a pornografia durante a década de 1970, por considerá-la um produto machista (SOHN, 2008). Essas discussões não se atêm aos movimentos de emancipação das mulheres: a cada mudança na visualidade do corpo nu e sexual, é questionada a sobrevivência da moral nas sociedades. Como forma de questionamento dos comportamentos, surge o discurso científico sobre a sexualidade (SOHN, 2008).

Segundo Sohn (2008, p. 118),

o século XX é marcado pela proliferação dos discursos sobre o sexo, os sexos e a sexualidade, como também pela intervenção médica sempre maior sobre o corpo sexuado, possibilitada na segunda metade do século XX pelos progressos científicos.

Ainda segundo a autora, anteriormente a esse período havia certo controle sobre os corpos, de forma que pairava sobre eles uma biopolítica do sexo, controlando-o, normalizando-o, atingindo os comportamentos privados das mulheres e das crianças, assim como as questões reprodutivas (SOHN, 2008). Foi com a chegada do século XX que começaram a surgir estudos que se definiam a partir de uma “ciência sexual” - compostos de pesquisas de caso das áreas psiquiátrica e médica -, os quais focalizavam comportamentos de perversão, porém utilizavam para isso os critérios de normalidade e anormalidade e deixavam de lado os critérios religiosos (SOHN, 2008).

Foram principalmente os estudos de Freud que operaram a mudança no olhar sobre o corpo sexuado: de uma sexualidade que era puramente voltada à reprodução, passa-se para uma sexualidade hedonista, com uma busca pelo prazer (SOHN, 2008). Essa mudança possibilitou que se redefinisse também o fator da perversão; o desenvolvimento harmonioso psíquico era fundamental para haver uma sexualidade normal (que era considerada pelo psicanalista como heterossexual e genital) (SOHN, 2008).

Surgem também associações cujas finalidades vão desde a luta pelo prazer sexual das mulheres casadas até a educação sexual como forma de eliminar a prostituição e as doenças venéreas; surgem também manuais de controle de gravidez e dicionários sobre sexologia (SOHN, 2008). É graças a estes últimos que a sexualidade pode ser discutida mais abertamente, havendo uma legitimização do prazer e uma nova forma de concebê-lo, a qual contrasta com as normas da moral.

Os estudos da sexologia são ainda responsáveis por uma retomada de antigas concepções e pela contestação do que foi desenvolvido por Freud, ao afirmarem que o desenvolvimento do prazer feminino em nada difere do masculino, contrariando a teoria freudiana de hierarquia dos sexos (SOHN, 2008). A sexologia se configura também como uma ciência terapêutica, que restitui as funções eróticas dos indivíduos: “fundadas sobre o prazer e centradas na heterossexualidade conjugal, essas terapias seduziram pelo seu bom senso e por suas promessas de satisfação plena” (SOHN, 2008, p. 124).

Com toda essa propaganda do prazer, a medicina passa a se preocupar com o corpo sexuado feminino; porém essa preocupação permite que se veja apenas um corpo de gestante, o que permitiu o surgimento das técnicas de contracepção hormonal, que oferecem não apenas o controle da gravidez, mas também uma maior qualidade de vida para a mulher e a sua feminilidade (SOHN, 2008).

Ademais, na luta pela identidade sexual são desenvolvidas e praticadas técnicas que permitem a mudança de sexo: é o nascimento do transexualismo, que une as áreas de psiquiatria, endocrinologia e genética e coloca em similitude a sexualidade do corpo com a sexualidade psicológica do sujeito (SOHN, 2008).

Só mais tarde é que a medicina sexual se volta para o homem e à sua busca pelo prazer e à luta contra a impotência. Esta deixou de ser explicada por meios místicos para ser vista como função orgânica ou uma psicopatologia (SOHN, 2008).

No plano do social, observa-se a liberação de palavras e gestos que envolvessem a sexualidade, assim como a separação entre a sexualidade e a reprodução: sexo se fazia também por prazer e não se restringia mais ao círculo fechado do casamento. Os tabus são aos poucos derrubados: os jovens também praticam sexo e já não há um necessário comprometimento com o parceiro. Para Sohn (2008), a homossexualidade também sentiu os efeitos dessa liberação dos costumes. Ela deixou de ser reprimida e banida para a escuridão ou vista como crime; ganha visibilidade, inicialmente nos bares, clubes e associações, para depois atingir as *public school* e as universidades (onde as amizades



românticas e a dominância dos mais velhos sobre os mais jovens eram práticas comuns), e ao final chegar às ruas. Se por um lado existe a homofobia, por outro o amante operário se torna o ideal de homem viril e oprimido (SOHN, 2008).

Inicialmente tratada como uma doença, cuja cura era efetuada por meio de lobotomia e eletrochoques, a homossexualidade recai na clandestinidade, para ser brutalmente exposta ao mundo por meio do incidente de *Stonewall Inn* em Nova Iorque, em 1969, e retirada da lista de doenças mentais (SOHN, 2008). Foi só em 1979 que a homossexualidade pôde ganhar as ruas abertamente, com a criação da parada do orgulho gay em Paris. A indiferença entre os sexos é reivindicada pelos homossexuais. Segundo Sohn (2008, p. 150),

a banalização da homossexualidade e a liberação dos costumes favorecem, deste modo, comportamentos e representações “não conformistas”. O corpo masculino, por exemplo, sofre cada vez mais a influência das imagens sugeridas pelos gays. O homossexual viril, esportivo e musculoso, importado da Califórnia nos anos 1990, contaminou a moda e a publicidade. Ousando, por provocação, bancar “as grandes loucas”, para cobrir de ridículo a estigmatização do homossexual afeminado, e se travestir de *drag kings* para brincar com a imagem das lésbicas *butch*, os gays também liberam a componente feminina da masculinidade e a componente masculina da feminilidade, desestabilizando ao mesmo tempo as divisões clássicas de gêneros.

Assim, todas essas mudanças em relação ao corpo nu e sexuado mostram uma mudança de costumes que se estende além do nível biológico e social – elas afetam também o sujeito reflexivo, o seu processo de identificação e de pertencimento. Na modernidade, até mesmo as certezas sexuais são abaladas.

### 2.3 O CULTO AO CORPO E A CORPOLATRIA

Se o corpo sexual e nu é tão caro ao indivíduo moderno, esse desnudamento traz outra preocupação que não a redefinição da sexualidade: como deve ser esse corpo para ser desnudado?

Sohn (2008) expõe que, com o encurtamento das roupas e a exposição das formas, não há mais como criar um corpo ilusoriamente belo. Os cânones de beleza física se tornam ainda mais exigentes:

a partir da Belle Époque, o modelo do homem e da mulher magros e longilíneos predomina. Com a nudez do verão, é necessário ainda por cima exibir músculos firmes. O recuo do pudor implica assim um novo trabalho sobre o corpo entre musculação e dietética incipiente (SOHN, 2008, p. 111)

Surge assim o culto ao corpo, definido por Castro (2007, p. 17) como sendo

um tipo de relação dos indivíduos com seus corpos que tem como preocupação básica o seu modelamento, a fim de aproximá-lo o máximo possível do padrão de beleza estabelecido. De modo geral, o culto ao corpo envolve não só a prática de atividade física, mas também as dietas, as cirurgias plásticas, o uso de produtos cosméticos, enfim, tudo que responda à preocupação de se ter um corpo bonito e/ou saudável.

Esse culto ao corpo é definido por Codo e Senne (2004) como corpolatria. Os autores assimilam essa ideia à própria religião; segundo eles, assim como a religião, o culto ao corpo necessita de milagres, de penitência, de templos e oráculos:

- os *milagres* proporcionam a libertação do sexo dos preconceitos: ele pode ser exposto livremente sua cura pode ser alcançada pela alimentação ou pelo simples toque das mãos;
- necessita de *penitências* porque é necessário esforço e horas diante do espelho, treino, cuidado, práticas de controle do corpo e da alimentação;
- os *templos* de que necessita são lugares de concentração dos adeptos trajados de tênis e *shorts*, com paredes recobertas de espelhos;
- Os *oráculos* são múltiplos, vindos do Oriente, da ciência ou da história.

Não obstante, reduzir os motivos apenas ao desnudamento é ignorar um conjunto de influências que trabalharam de forma que o corpo surgisse como material a ser moldado.

Para Castro (2005), a publicidade, o cinema e a TV contribuíram tanto para a divulgação de novas formas de cuidado do corpo quanto para as práticas de higiene. Foi por esses meios que se espalharam as imagens dos profissionais vinculados ao cuidado do corpo.

Mais do que um simples cuidado, a corpolatria é uma forma de o sujeito voltar-se para a sua própria identidade. Para Castro (2005), diante das inúmeras possibilidades da modernidade líquida, o sujeito desenha o seu próprio corpo como uma forma de definir sua identidade e o seu projeto de si. Assim, “a preocupação com o corpo que vem marcando nosso cotidiano é, em última instância, uma luta pela reapropriação de si mesmo” (CODO

& SENNE, 2004, p. 11). Segundo Radner (*apud* BAUMAN, 2001, p. 79), “a mulher que se exercita possui seu próprio corpo pela identificação com uma imagem que não é a sua própria mas a dos corpos que lhe são oferecidos como exemplos”.

Para Castro (2005), a prática do culto ao corpo é estruturada tanto pela mídia – mediadora que permite que o tema esteja sempre presente no cotidiano dos sujeitos – quanto pela indústria de beleza, pois ambas garantem a

*materialidade* da tendência de comportamento, que – como todo traço comportamental e/ou simbólico no mundo contemporâneo – só poderá existir, se contar com um universo de objetos e produtos consumíveis, não podendo ser compreendido desvinculado do mercado de consumo (CASTRO, 2005, p. 144).

Assim, o culto ao corpo se torna uma prática cultural cuja base é material. Além de envolver a redescoberta do *self* e a identificação, sociabilidade e pertencimento dos sujeitos a determinados grupos, a corpolatria – o modelamento do corpo – implica beleza e treino.

Até o início do século XX, a beleza era considerada uma espécie de dom possuído, e a intervenção sobre o corpo diante dos caprichos da moda era praticamente um sacrilégio; mas a partir da segunda metade do século essa mesma beleza se torna um direito a ser adquirido por todo sujeito. Sua falta indicaria doença, problemas individuais e psíquicos, uma negligência do sujeito consigo; assim, apenas seria desprovido de beleza aquele que o desejasse (SANT’ANNA, *apud* CASTRO, 2005; CASTRO, 2005).

Diante dessa mudança, surgem diversas maneiras de buscar padrões desejáveis de beleza e de intervir sobre o corpo como forma de moldá-lo, as quais vão desde as roupas, os adereços, a dieta e exercícios de condicionamento físico até às cirurgias plásticas.

Para Castro (2005), a relação entre corpo e moda – composta tanto pelas vestimentas quanto pelos adereços – é tensa e ambígua: a moda atua na moldagem do corpo, uma vez que torna possível aumentar ou diminuir certos volumes ou valorizar determinadas áreas; mas, por contraste, o corpo impõe padrões e restrições ao estilista, que deve se ater às suas dimensões. Assim, “ao atuar como segunda pele, os tecidos, adornos e acessórios reestruturam o corpo, ao omitir ou evidenciar uma ou outra de suas partes; assim como o *fitness*, os tecidos e acessórios o contornam e modelam” (CASTRO, 2007). Tida como uma das mais importantes dimensões de estilo de vida dos sujeitos, a moda (ou as roupas) expressa a identidade desse sujeito, o seu lugar social (CASTRO, 2005).

Para Castro (2007), o ato de vestir o corpo é um aspecto universal das culturas humanas, e realizar esse ato é tornar esse corpo social e atribuir-lhe uma identidade. Isto se

dá de acordo com os aspectos e práticas culturais de cada sociedade, os quais permitem que determinadas áreas sejam descobertas, cobertas, valorizadas, dentro do aceitável – ao mesmo tempo em que restringe o inaceitável. “Em resumo, o ato de vestir-se realiza-se dentro das limitações de uma cultura e suas normas, em busca de satisfazer as expectativas com relação ao que se aceita como um ‘corpo vestido’” (CASTRO, 2007, p. 15). Giddens (2002) aponta que os modos de o sujeito de vestir são influenciados por fatores como os grupos, a propaganda, os recursos socioeconômicos – fatores que vão promover muito mais a padronização do que a individualização do sujeito.

Outro aspecto que afeta a aparência do corpo é a dieta, que se destaca no discurso da beleza aliada a um discurso sobre a conservação da boa saúde, levando ao desenvolvimento, durante o período de entreguerras, de uma racionalidade nutricional. Para Ory (2008, p. 163), “esta oferta dietética converge com a sempre renovada, de personalidades independentes do sistema médico ou, pelo menos, à margem com relação a ele, propondo ao público uma dieta de resultados supostamente rápidos e decisivos”. Para Codo e Senne (2004), essa intervenção da dieta no corpo, as novas práticas alimentares (com ou sem uma filosofia naturalista como base), os jejuns ou terapias alternativas, apontam para a necessidade do sujeito de reconquistar a relação entre o homem e a natureza, relação que é compreendida como uma ausência da mediação social ou tecnológica.

Intervindo de forma mais drástica, as cirurgias plásticas – não necessariamente reparadoras – respondem a essa busca pelo corpo dentro do ideal de beleza, com um esforço reduzido e resultado em curto prazo. É por meio dela que se torna possível “o esticar da pele, e uma remodelagem das nádegas, do busto ou do rosto, fazendo algumas vezes intervir implantes, para não mencionar próteses” (ORY, 2008, p. 166). São práticas cuja responsabilidade recai sobre a medicina estética – não tão conceituada como as áreas da medicina que têm como função a cura das doenças, a saúde e a sobrevivência dos sujeitos. A medicina estética, ao contrário, atende a uma demanda psíquica (ORY, 2008).

Segundo Ory (2008), durante a década de 1920 a francesa Suzanne Noël tenta promover a plástica estética conforme um ideal de papel social, pois até então essa área da medicina era mal compreendida pela sociedade. Para o autor, anos mais tarde, é com uma concepção individualista que essa prática médica é utilizada, como forma de satisfazer os sonhos dos sujeitos e permitir-lhes alcançar os padrões de beleza e retardar os processos de envelhecimento (ORY, 2008).

O século XX possibilitou ainda o desenvolvimento de outra forma de intervenção no corpo para adequá-lo aos padrões de beleza (sem falar no pertencimento e identificação): o *fitness*. Para Vigarello (2008), se no século anterior o treinamento era uma cultura pouco adotada (quando não, curiosa) e facilmente contestada, durante o novo século será imposta a sua legitimidade e a sua organização. A promessa para aqueles que praticam os exercícios físicos é de um corpo que tenha mais flexibilidade e ao mesmo tempo mais harmonia e beleza. Treinar o corpo vai além da perspectiva da beleza: tem relação com a força, com o desenvolvimento pessoal e da identidade (VIGARELLO, 2008).

O treino do corpo irá se constituir então de repetição, movimentos controlados e sistematizados, mecânicos e precisos, que trabalhem os músculos do corpo de forma que ele se potencialize, aumentando os seus recursos físicos (VIGARELLO, 2008). Da mesma forma que o treino, a ginástica (responsável pela importância dada à *performance*) e os esportes em geral se popularizam, a cultura do corpo moldado por meio do treinamento fica ainda mais forte. Surgem novos lugares para as práticas ligadas ao lazer popular, as quais se expandem em clubes, sociedades de ginástica e sociedades esportivas (VIGARELLO, 2008).

Para Vigarello (2008, p. 203), o esporte

pretende inventar uma moral que promova a competição e ao mesmo universal. Jogar significaria ser moral, competir significaria ser exemplar, derreter para com o outro em particular, tanto quanto enérgico ou apaixonado.

Essa percepção a respeito da prática esportiva assegura ainda mais a *performance* como forma de aperfeiçoar o sujeito. Para tanto, o treinamento é codificado, o tempo é dividido, os movimentos se repetem, instrumentos (como halteres) são aplicados, fixam-se programas de exercícios, procura-se um especialista (o treinador); a ginástica calcula os movimentos, chega às escolas e ao cotidiano privado dos sujeitos; as práticas físicas se diversificam: podem ser feitas ao ar livre ou em clubes especializados, com ou sem instrumento (como o ciclismo ou os esportes pedestres), no ar, na terra ou na água (VIGARELLO, 2008).

O avanço da área provoca ainda o desenvolvimento tecnológico; para os equipamentos e instrumentos, já não há mais a utilização de madeira, mas do aço; no lugar do ferro pesado nos motores de competição, o leve duralumínio. As motricidades ganham

velocidade, impulso, agilidade. A tecnologia chega também aos gestos, que são ainda mais calculados e detalhadamente descritos nos estudos (VIGARELLO, 2008): “o corpo se vê aqui, da cabeça aos pés, ‘tecnicizado’, sempre mais atravessado pelos modelos da sociedade industrial” (VIGARELLO, 2008, p. 208).

Se os movimentos são precisamente descritos e calculados, o corpo que produz esses movimentos não escapa dessa influência. Cada progresso durante o treinamento é controlado por dispositivos de avaliação que são aperfeiçoados e se multiplicam a cada dia. Tudo é anotado, relacionado, registrado e tipificado na busca do corpo perfeito (VIGARELLO, 2008).

Sem se restringir a espaços públicos ou especializados, o treinamento atinge o nível do pessoal, ocupando cada minuto extra do cotidiano dos sujeitos – quer se esteja em locais de trabalho quer em prazerosos momentos de lazer (VIGARELLO, 2008).

Segundo Vigarello (2008, p. 215), “O mundo do trabalho e da indústria com seus ritmos acelerados, o ambiente das repartições e dos escritórios com seus códigos de adaptabilidade orientam cada vez mais o tônus e a esbelteza”. Nasce novas formas de lazer que valorizam o movimento, assim como nascem novas referências culturais – mudanças que possibilitam ao corpo tornar-se atlético e modelado (VIGARELLO, 2008).

A imagem do exercício é banalizada à medida que cresce a importância da silhueta e do cultivo da forma física. O corpo com sobrepeso é um corpo que não se encontra nos critérios da saúde, mas é sinalizado como em risco (de doenças, que atacam aqueles com sobrepeso em maior quantidade) (VIGARELLO, 2008). Por outro lado, o excesso de magreza também não é aceitável. Fazendo parte da modernidade (e sendo tão sua característica) e da extrema preocupação com o peso, aparece a anorexia nervosa, “uma patologia do autocontrole reflexivo, operando em torno de um eixo de auto-identidade e aparência corporal, em que a vergonha desempenha papel preponderante” (GIDDENS, 2002, p. 101).

Na anorexia, a preocupação em manter o corpo esbelto faz com que a alimentação seja controlada e progressivamente rejeitada. Ocorre principalmente entre as mulheres jovens, por serem estas as que sofrem uma maior pressão em relação à beleza física (GIDDENS, 2002). Para Giddens (2002), tanto a anorexia nervosa quanto o seu oposto, a superalimentação compulsiva – devem ser consideradas como formas de o sujeito criar e manter uma identidade distintiva.

Essas práticas apontam para uma das marcas mais evidentes da corpolatria: o narcisismo, que na época de Freud era considerado uma patologia, mas com a modernidade passou a significar a preocupação do sujeito consigo mesmo (CODO & SENNE, 2004).

Considerando-se essas formas de intervenção sobre o corpo como forma de seguir um padrão de beleza e a corpolatria, observa-se enfim que

o corpo atual e seu treinamento acentuam de modo extremo em última análise uma dupla experiência da identidade, uma dupla maneira também de se “encontrar” a si mesmo em uma sociedade que enaltece a realização pessoal. Buscar no primeiro caso o que constitui o potencial próprio de cada um, no segundo o que possibilita estender o território de si mesmo. O “desenvolvimento” do corpo se tornou de fato para muitos, hoje, o coração de uma experiência íntima: o exemplo privilegiado de uma exploração da identidade (VIGARELLO, 2008, p. 250).

Conforme apontado, o sujeito tem em seu corpo os aspectos culturais da sociedade e tem na corpolatria uma forma de construção da sua identidade. Essa corpolatria busca o padrão de beleza, seja por meio da moda, da dieta, da medicina estética, seja pelo treinamento e exercícios físicos.

Pode-se observar ainda outra forma de indivíduo utilizar-se do seu corpo: as técnicas corporais.

## 2.4 AS TÉCNICAS CORPORAIS

Assim como vestir-se, comunicar-se e alimentar-se fazem parte de um conjunto de práticas culturais que requerem determinadas técnicas e habilidades (CASTRO, 2007). Essas técnicas são chamadas de técnicas corporais, definidas por Mauss (1974, p. 211) como “maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos”.

Segundo Lévi-Strauss (1974), Mauss cria um estudo que examina as maneiras como cada sociedade impõe o uso do corpo pelo indivíduo; e é ao educar os sujeitos nessa perspectiva de melhor utilização de seus corpos que as sociedades imprimem suas marcas nesses indivíduos. Nada é inútil, cada detalhe é necessário:

esta procura da projeção do social sobre o individual deve esquadrihar o mais profundo dos costumes e das condutas; nesse domínio, não há nada fútil, nada gratuito, nada supérfluo: “A educação da criança está cheia do que chamamos de detalhes, mas que são essenciais”. E ainda “Quantidades de detalhes, inobservados, e dos quais é necessário fazer-se a observação, compõem a educação física de todas as idades e dos dois sexos (LÉVI-STRAUSS, 1974, p. 3).

Para Mauss (1974), cada sociedade possui hábitos que a caracterizam e lhe são próprios. Simples eventos não são praticados da mesma forma por todos: “sabia muito bem que o caminhar, a natação, por exemplo, todas as espécies de coisas deste tipo, são específicas de sociedades determinadas” (MAUSS, 1974, p. 212). Ainda segundo o autor, é desta forma que os polinésios não nadam da mesma forma que os franceses e uma geração não nada como as suas anteriores.

Segundo o etnógrafo, as sociedades possuem certos *habitus* (palavra usada pelo autor em latim) que são variantes conforme as sociedades, as educações, a conveniência ou a moda (ou seria possível dizer, ao fazer uma aproximação com a teoria foucaultiana, com a ordem do discurso?). Tais *habitus* são passados para as crianças, por educação ou por imitação, e são autorizados conforme o prestígio (ou seja, a posição) do sujeito, o qual perpetua esse *habitus* (MAUSS, 1974).

Esses *habitus*, esses atos e formas de agir, são as técnicas corporais, que podem ser desenvolvidas independentemente do uso de instrumentos, mas devem ser, sobretudo, tradicionais e eficazes, pois não há técnica nem sua transmissão se não houver uma tradição (MAUSS, 1974).

Mauss (1974) afirma ser o corpo o instrumento mais importante e natural do homem, e que, anteriormente às técnicas como os instrumentos, há a técnica corporal, a qual proporciona um conjunto de atitudes permitidas ou não, naturais ou não. O etnógrafo classifica essas técnicas de quatro formas: quanto ao sexo, quanto à idade dos sujeitos, quanto ao rendimento das técnicas e quanto à sua transmissão.

- *Quanto ao sexo*, Mauss (1974) aponta que existe uma sociedade de homens e uma de mulheres. O que o autor tenta evidenciar a partir dessa premissa é a diferença das técnicas. Para isso, ele utiliza os seguintes exemplos: o homem cerra o punho com o polegar para fora, a mulher para dentro; a mulher atira uma pedra no plano vertical, enquanto o homem o faz no plano horizontal.

- *Quanto à idade*, para o autor, alguns gestos são característicos de determinadas idades. Como exemplo ele cita o ato de acocorar-se, praticado naturalmente pela criança,



mas pouco conservado como prática em determinadas culturas, pois a prática foi considerada durante muito tempo como o arqueamento dos membros inferiores, que era sinal de degenerescência, pois o próprio homem de Neandertal tinha os membros inferiores arqueados (MAUSS, 1974).

- *Quanto ao rendimento das técnicas*, para Mauss (1974), algumas técnicas podem produzir um rendimento maior ou menor que as outras, produzir maior ou menor resultado. Assim, para melhorar esse rendimento, o sujeito deve praticar o treino, o que torna então as técnicas as “normas humanas do treinamento humano” (MAUSS, 1974, p. 220).

- *Quanto à transmissão das técnicas*, apenas a fisiologia e a psicologia não dão conta de explicar o porquê de um sujeito utilizar uma determinada técnica e não outra; assim, para Mauss (1974), é necessário recorrer às tradições que impuseram as práticas que foram ensinadas a esse sujeito.

Diante dessas padronizações, Mauss (1974) enumera as seguintes práticas:

|                                             |                                                                                                                                                                           |
|---------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Técnicas de nascimento e obstetrícia</i> | Envolve os tão variados modos de partos e de auxílio à mãe, assim como a escolha da criança, a exposição ou morte dos anormais – incluindo em muitas sociedades os gêmeos |
|---------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

|                             |                                                                                                               |
|-----------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Técnicas da infância</i> | A respeito da criação e alimentação das crianças. Envolve o desmame e o tratamento da criança após o desmame. |
|-----------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

|                                 |                                                                                                      |
|---------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Técnicas da adolescência</i> | É na adolescência que os sujeitos aprenderão as técnicas que deverão observar durante a vida adulta. |
|---------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------|

|                                 |                                        |
|---------------------------------|----------------------------------------|
| <i>Técnicas da idade adulta</i> | Mauss (1974) divide essas técnicas em: |
|---------------------------------|----------------------------------------|

|                          |                                                                                                                                                                                                                      |
|--------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Técnicas do sono:</i> | Para o autor, a noção de dormir é natural do ser humano, ao mesmo tempo em que é inexata; as sociedades podem ou não recorrer a determinados instrumentos (como travesseiros, ou simplesmente um círculo ao redor do |
|--------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

fogo ou dormir em pé ou a cavalo);

|                                              |                                                                                                                                                                                                                                                       |
|----------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Vigília e técnicas de repouso:</i>        | O repouso pode ser um repouso perfeito ou apenas um leve descanso, assim como podem variar as posições em que o corpo pode ser posto;                                                                                                                 |
| <i>Técnicas da atividade e do movimento:</i> | O movimento pode ocorrer no corpo inteiro, como o andar, o pisar, o rastejar, a corrida, a dança, ou simplesmente envolverem técnicas ou atividades mais complexas, como o salto, o escalar, o descer, a natação, os movimentos de força e o segurar; |
| <i>Técnicas de cuidados pessoais:</i>        | Que envolve o esfregamento, a lavagem, o ensaboamento, os cuidados com a boca, o tossir e o cuspir e a higiene das necessidades naturais;                                                                                                             |
| <i>Técnica do consumo:</i>                   | O comer, a ausência e o uso da faca, o beber;                                                                                                                                                                                                         |
| <i>Técnicas de reprodução:</i>               | As posições sexuais, as técnicas que envolvem os atos sexuais “normais e anormais” (MAUSS, 1974);                                                                                                                                                     |
| <i>Técnicas do cuidado do anormal:</i>       | O autor não discorre claramente sobre essa técnica, mas aponta uma prática: a massagem.                                                                                                                                                               |

Para Mauss (1974), se tais técnicas podem ser expostas ao sujeito é porque há uma autoridade social. Essas técnicas alcançam todas as formações sociais, de acordo com cada

sociedade: “em toda sociedade, todos sabem e devem saber ou aprender aquilo que devem fazer em todas as condições” (MAUSS, 1974, p. 231).

Ainda segundo o autor, se o corpo não deixa de ser fisiológico, as causas e motivações das técnicas e movimentos corporais não estão nos fatos psicológicos, pois esses seriam apenas a “engrenagem”. Em certos momentos a teoria de Mauss esbarra em questões raciais e biológicas, ao que o etnógrafo responde que “a educação fundamental de todas essas técnicas consiste em fazer adaptar o corpo e seu emprego” (MAUSS, 1974, p. 232) – e essa educação, vale dizer, é histórica (MAUSS, 1974).

Pode-se dizer que as teorias sobre as técnicas corporais de Marcel Mauss, apesar de já terem sido formuladas há tantos anos (o autor viveu no começo do século XX), ainda oferecem intrigantes contribuições para um estudo sócio-histórico-discursivo do corpo. Para Lévi-Strauss (1974, p. 1), a importância da obra de Mauss consiste em que sua influência

não se limitou aos etnógrafos, à qual nenhum poderia dizer haver escapado, mas atingiu também aos lingüistas, aos psicólogos, aos historiadores das religiões e orientistas, e mais, no domínio das ciências sociais e humanas, uma plêiade de pesquisadores franceses, de uma ou de outra maneira, é devedora à sua orientação.

Se na época de Mauss foi possível fazer tais observações sobre o corpo, como seria hoje? O que seria possível encontrar nesse corpo tão mudado do sujeito moderno, e o que esse corpo diria sobre esse sujeito? Para chegar a estas questões, cabe primeiro definir qual o método a ser utilizado: um método que permita falar em discurso, relações de saber e poder no nível do enunciado e ao disciplinamento do corpo. Está-se, dessa forma, diante da Análise do Discurso de linha francesa com base nos estudos realizados pelo filósofo Michel Foucault.

### 3 A ANÁLISE DO DISCURSO E MICHEL FOUCAULT

A linguística propriamente dita teve seu início a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure. É só a partir desse teórico que a língua passa a ser estudada por si mesma, e não com interesse na descrição de normas e variantes utilizadas por classes sociais ou o estudo da lógica, da expressão do pensamento filosófico e o estudo dos textos antigos como forma de preservar esses textos (CAMARA JR., 1975). Nessas variantes, a língua é perpassada de interesses outros além de ela mesma. É somente com o trabalho de Saussure que se inaugura um novo foco sobre a língua, constituindo uma ciência que a tem como objeto principal, o que fez com que toda a área das ciências humanas se revolucionasse e ganhasse um caráter de cientificidade (PAVEAU & SARFATI, 2006). É fundada então a *linguística*, que se ocupará da descrição e história das línguas, da dedução das regras gerais dos fenômenos linguísticos e ainda da sua autodefinição e delimitação, tendo como matéria as manifestações da linguagem humana (SAUSSURE, 2006), cujas especificidades estão marcadas em *Curso de Linguística Geral*, uma organização das aulas ministradas por Saussure realizada por dois de seus alunos, Charles Bally e Albert Sechehaye.

Com base em sua própria teoria, Saussure critica a filologia e a gramática por não empregarem um método científico, e, como forma de dar conta da cientificidade, o autor definiu que linguística deveria se ocupar da língua (*langue*), e não da fala (*parole*), uma vez que a língua é um sistema convencional, um produto social com autonomia e ordem própria, enquanto a fala é individual e está ligada aos fatores psíquicos (SAUSSURE, 2006; PAVEAU & SARFATI, 2006).

Para o teórico, fatores como a história, os costumes de um povo, a história política e a atuação das instituições sociais, apesar de influenciarem a língua, não afetariam seu sistema interno, pois “a língua é um sistema que conhece somente sua ordem própria” (p. 31):

nossa definição da língua supõe que eliminemos dela tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema, numa palavra: tudo quanto se designa pelo termo “Linguística externa”. Essa Linguística se ocupa, todavia, de coisas importantes, e é sobretudo nelas que se pensa quando se aborda o estudo da linguagem (SAUSSURE, 2006, p. 29).

Na teoria saussureana se fundamenta o estruturalismo, o qual apresentará vertentes divergentes, organizadas em três tendências: o *estruturalismo moderado*, o *científico* e o *especulativo* (GREGOLIN, 2004). É a esta última tendência, caracterizada por sua aproximação com os estudos problematizados por Freud e Marx, que se ligará uma nova disciplina, surgida em meados da década de 1960, com a qual autores como Pêcheux e Foucault, buscaram

historicizar as estruturas, estabelecer uma relação tensa com os conceitos e métodos da linguística saussureana, problematizando o corte entre língua/fala e, assim, fazendo retornar o sujeito e a história – que haviam ficado em suspenso na definição do objeto saussureano (*langue*) (GREGOLIN, 2004, p. 25)

Essa nova disciplina, a Análise do Discurso (AD), fundada por Michel Pêcheux em meados de 1969, foi uma forma de deslocamento da *linguística da frase* para a *linguística do discurso* (ORLANDI, 2001) e constitui-se em uma teoria tanto do discurso quanto da produção dos efeitos de sentido. Com base nos estudos sobre a ideologia desenvolvidos por Marx e na releitura deste feita por Althusser, sobre o inconsciente (Freud e Lacan), sobre a língua como sistema (Saussure) e com certa influência da informática, a AD caracteriza-se por sua forte transdisciplinaridade (MALDIDIER, 2003) e contribui para a prática de uma leitura não subjetiva, que possibilite “ler no ‘discurso textual’ os traços da memória histórica tomada no jogo da língua” (MALDIDIER, 2003, p. 90).

No decorrer dos cerca de vinte anos ao longo dos quais Pêcheux desenvolveu sua obra, uma característica fundamental foi a autocrítica e a capacidade de reformulação mostradas pelo autor. Com textos publicados inicialmente sob o pseudônimo de Thomas Herbert, Pêcheux desenvolveu sua teoria em três momentos, nos quais figuravam a retomada e reformulação de conceitos postulados anteriormente pelo estudioso.

Se sua primeira fase se caracterizou por uma proposta teórico-metodológica de tratamento dos discursos políticos, considerando para isso o sujeito e a história e trazendo para o estudo da linguagem a questão althusseriana dos aparelhos ideológicos e o assujeitamento do sujeito atravessado pelo inconsciente (GREGOLIN, 2004), seu segundo momento segue em direção à heterogeneidade e traz de Foucault a noção de formação discursiva, que ele reinterpreta. É nesse momento que Pêcheux explica o quadro epistemológico da AD e a sua filiação ao marxismo, à linguística e à psicanálise, desenvolvendo a relação entre língua, discurso, ideologia e sujeito, ao mesmo tempo em que propõe uma teoria do esquecimento que afeta o sujeito. Essa teoria aponta um sujeito

que tem a ilusão de ser a fonte e origem de seu dizer: “sob a ação da interpelação ideológica, o sujeito pensa que é a *fonte do dizer*, pois este se apresenta como uma *evidência*” (GREGOLIN, 2004, p. 62).

Só em seu terceiro momento, chamado por Maldidier (2003) de “desconstrução dirigida”, é que Pêcheux se distancia da questão política (vinculada ao Partido Comunista) e se aproxima tanto da semântica quanto dos estudos realizados por Foucault a respeito da nova história, embora não deixe de criticar o filósofo por este não considerar em sua teoria a questão da ideologia (MALDIDIER, 2003).

Desses deslocamentos operados por Pêcheux resultou que “na passagem do singular ao plural, do discurso às materialidades discursivas, da análise de discurso às outras disciplinas, se desenhava uma nova maneira de trabalhar” (MALDIDIER, 2003, p. 71). É por essa nova maneira que se passa a analisar as relações de poder, os saberes reinantes na sociedade e a descontinuidade da história.

Essa abertura para as disciplinas sócio-históricas permitiu a reconfiguração da disciplina da Análise do Discurso, na qual passaram a figurar questões como a *heterogeneidade* (idealizada por Jacqueline Authier), *memória discursiva* (que teve sua origem na leitura que Jean-Jacques Courtine fez da noção de campo associativo presente na *Arqueologia do Saber*), e *arquivo* (noção que permitirá que a leitura saia do campo da “máquina de ler” e possibilitará que a Análise do Discurso se confronte também com outros textos históricos e sociais, e não apenas com os políticos) (MALDIDIER, 2003).

Se por um lado Pêcheux inaugurou o AD, por outro, uma segunda vertente dessa disciplina, com base em Foucault, não foi assim tão declaradamente delimitada. Pêcheux teve como objetivo, ao fundar a Análise do Discurso, lançar um olhar sobre os discursos políticos; Foucault objetivava, por meio de sua teoria, investigar a subjetivação do sujeito na cultura ocidental. Sob a influência de pensadores como Kant, Kierkegaard e Nietzsche, Foucault reconfigura as disciplinas humanísticas (por exemplo, a Filosofia e a História), que constituem o centro de sua análise, uma vez que têm como objeto e saber o ser humano (GREGOLIN, 2004).

Esse sujeito seria, para Foucault, algo historicamente produzido por meio de práticas discursivas e produto do cruzamento dos eixos do ser-saber, ser-poder e ser-si. Ao produzir uma história sobre os modos de subjetivação desse sujeito, Foucault percorre três momentos: primeiramente surge um olhar sobre a forma como as ciências produzem a objetivação dos sujeitos; em seguida vem a objetivação desse sujeito através das práticas

divergentes; e só então é feita uma análise da subjetivação por meio das técnicas de si e da governamentalidade. Essas fases, que têm como marcos obras como *As palavras e as coisas*, *A arqueologia do saber*, *A ordem do discurso* e *Microfísica do poder* (NAVARRO, 2008b), apresentam para o investigador em Análise do Discurso um vasto campo de elementos, como a apresentação da nova história, a noção de arquivo, série, enunciado, poder e saber e as técnicas de si.

Foi ao focar o sujeito que Foucault acabou por desenvolver uma nova forma de análise do discurso. Se Foucault não fundou a Análise do Discurso, nem tem como base uma análise linguística (uma vez que o método foucaultiano tenta dar conta tanto do verbal quanto do não-verbal, olhando o enunciado como uma materialidade), seu método arqueogenealógico – ou seja, a sua *caixa de ferramentas conceitual* - torna-se produtivo quando a busca é pelas condições de emergência das práticas discursivas e pela relação destas com as práticas sócio-históricas (GREGOLIN, 2008). É esse método que será utilizado nesta pesquisa, como uma forma de observar quem é esse sujeito hoje anunciado pela mídia por meio dos discursos sobre o corpo.

### 3.1 O MÉTODO ARQUEOGENEALÓGICO DE FOUCAULT

As primeiras obras de Foucault, entre as quais se destacam *A história da loucura na idade clássica*, *O nascimento da clínica* e *As palavras e as coisas*, apontam para uma nova forma de análise, que, tendo como objetivo investigar os modos de subjetivação dos sujeitos pelas ciências, considerou como objeto os discursos produzidos pela sociedade ocidental em determinadas épocas. Esse método empregado no primeiro momento dos estudos foucaultianos é exposto na obra *A arqueologia do saber*, na qual o autor define questões como enunciado, formações discursivas e arquivo.

Se antes Foucault mostrou a aplicabilidade, em *A arqueologia do saber* há a descrição do funcionamento e dos conceitos do seu método, que busca compreender como surgem os acontecimentos discursivos, analisando para isso as condições sócio-históricas que possibilitam a sua emergência (GREGOLIN, 2006, p. 71):

o *método arqueológico* envolve a escavação, a restauração e a exposição de discursos, a fim de enxergar a positividade do saber em um determinado momento histórico. Ele se constitui na busca de elementos que possam ser articulados entre si e que fornecem um panorama coerente das condições de produção de um saber em certa época.

Assim, o método arqueológico investiga por que um dado enunciado se constitui como acontecimento em uma ordem do saber. Para Araújo (2007, p. 91),

o arqueólogo analisa uma ordem do saber, onde arranjos produziram objetos (e é deles que os cientistas se ocupam), e o meio pelo qual é feita essa análise é o discurso (...). Os pressupostos da arqueologia não são a representação acurada, o transcendental, nem o empírico, e sim a constituição histórica de certos saberes, *épistémès*, nas quais os discurso se arma.

Dessa forma, o objeto do método desenvolvido por Foucault é o discurso (por exemplo os analisados pelo filósofo, como o discurso sobre a loucura, o discurso da clínica, da medicina, das ciências humanas...), e esse discurso tem como unidade o enunciado, formador das práticas discursivas pertencentes ao saber de uma determinada época (ARAÚJO, 2007). Ou seja, na análise arqueológica

trata-se de descrever o exercício da *função enunciativa*, suas condições, suas regras de controle, o campo em que ela se realiza pois entre o enunciado e o que ele enuncia não há apenas relação gramatical, lógica ou semântica, há uma relação que envolve os sujeitos, que passa pela História, que envolve a própria materialidade do enunciado (GREGOLIN, 2006, p. 89-90).

Por meio de seu método, Foucault aponta uma nova forma de olhar para a história – uma história geral, diferente de uma global que era praticada pelos historiadores. Essa nova história aponta para uma multiplicidade de rupturas, a descontinuidade e o deslocamento do descontínuo:

uma história que não seria escansão, mas devir; que não seria jogo de relações, mas dinamismo interno; que não seria sistema, mas esforço incessante de uma consciência em se recompor e em tentar readquirir o domínio de si própria, até as profundezas de suas condições; uma história que seria, ao mesmo tempo, longa paciência ininterrupta e vivacidade de um movimento que acabasse por romper todos os limites (FOUCAULT, 2007b, p. 15).

Um conceito então se torna fundamental para o seu estudo: a série. Não é mais para as unidades que o analista deverá voltar-se, uma vez que elas devem ser vistas com desconfiança, pois seus limites são variáveis e relativos (FOUCAULT, 2009a), ao mesmo



tempo em que apagam as discontinuidades da história (NAVARRO, 2008b). É a série que tentará dar conta do que será analisado, esse conjunto de enunciados nos quais não haverá preocupação com uma descrição linguística, mas sim, com uma descrição dos acontecimentos discursivos que busque entender as condições sócio-históricas que permitiram o aparecimento de tais enunciados:

trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se buscar, sob o que está manifesto, a conversa semissilenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionados a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar (FOUCAULT, 2009a, p. 31)

Destarte, essas séries se realizam obedecendo a certa regularidade, que permite tornar-se visível um grupo de enunciados, um sistema de dispersões. Os enunciados podem enquadrar-se em uma mesma forma de encadeamento e enunciação; podem também partilhar conceitos e possuir uma unidade de tema e opções teóricas. Como parte dessa regularidade, os enunciados podem ainda se referir a um mesmo objeto, definido por meio de sua superfície de emergência, sua instância de delimitação e suas grades de especificação (FOUCAULT, 2009a).

O objeto não preexiste a si mesmo. Foucault (2007), em *As palavras e as coisas*, fala sobre o surgimento das ciências humanas e como o surgimento dessas ciências criou um novo objeto ao qual elas se prendem: o homem. Esse homem empírico não existiria antes das ciências humanas, ele foi criado por meio delas. A partir disso, pode-se observar que o objeto foi criado a partir das práticas discursivas constitutivas dessas ciências. Esse objeto não está disponível na realidade, sua existência se deve a um feixe de relações que definem e permitem o seu aparecimento em um campo de exterioridade. Essas relações são de caráter discursivo e estão presentes nos limites do discurso, caracterizando-o como prática (FOUCAULT, 2009a; ARAÚJO, 2007).

Esses objetos não permanecem imutáveis – a cada novo discurso eles podem ser reconfigurados, remodelados. O que permite que o sistema de formação se estabilize são as relações “entre as superfícies em que podem aparecer, em que podem ser delimitados, analisados e especificados” os objetos (FOUCAULT, 2007, p. 52). Assim, a análise do objeto de um discurso não é uma análise lexical, mas um olhar sobre as relações que

caracterizam a prática discursiva, uma vez que os objetos se configuram a partir dessas práticas, que se relacionam com as práticas sociais, econômicas e culturais (ARAÚJO, 2007).

Essa regularidade que permeia os enunciados e estabelece suas regras de formação é definida pela formação discursiva, a qual se caracteriza como um princípio e sistema de dispersão e de repartição dos enunciados e sua condição de existência:

no caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* (FOUCAULT, 2009a, p. 43).

Segundo Araújo (2007), as formações discursivas trabalham de forma que se tornem visíveis as diferenças e semelhanças, a ordem do discurso. Analisar essas formações consiste em analisar o saber de uma época e as transformações sofridas pelos objetos desse saber, considerando que essas formações “têm níveis, limiares, modos de funcionamento, diversos” (p. 100), conduzem à análise das relações de saber e poder que transpassam e transformam a sociedade e caracterizam o discurso como prática (FOUCAULT, 2009a)

Para Foucault (2009a), o enunciado – determinado pelas formações discursivas - não se define como uma proposição, uma frase ou o ato de falar. Não é necessário haver uma estrutura proposicional definida para se configurar um enunciado, e uma proposição pode ser expressa por meio de diferentes enunciados, não intercambiáveis, com caracteres enunciativos distintos. Apesar de haver uma equivalência entre frase e enunciado, esta não ocorre de forma total, pois há enunciados que não se ajustam à estrutura linguística da frase, como o caso das listas, dos gráficos e das árvores genealógicas; ou seja, um enunciado não pode ser definido pelos elementos gramaticais de uma frase. O ato de fala seria aquilo que se produz ao enunciar em determinadas situações, e a individualização dos enunciados dá-se conforme os critérios de determinação dos atos de comunicação, sendo que o ato de fala e o enunciado existiriam com certa reciprocidade. Não obstante, em certos casos é necessário mais de um enunciado para constituir um ato de fala, como o caso da prece, da promessa e do contrato.

Assim, nenhum dos critérios que definem as proposições, as frases ou os atos de fala pode abranger o enunciado em sua totalidade. O enunciado não é a língua, nem existe

no seu mesmo sentido ou nível, pois a língua, enquanto sistema de construção de possíveis enunciados ou forma de descrever enunciados reais, jamais se apresenta em sua totalidade ou por si mesma, sendo necessária uma forma secundária.

Apesar de não ser necessária uma construção linguística regular para dar forma ao enunciado, também não é qualquer forma de emergência de signos no tempo e no espaço que permitirá que ele se configure, pois o enunciado não é inteiramente linguístico nem exclusivamente material, mas é necessário para a existência da frase, da proposição e dos atos de fala. Assim sendo, ele não é uma estrutura propriamente dita, mas uma função de existência que pertence exclusivamente aos signos; “não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (FOUCAULT, 2009a, p. 98).

Para Foucault (2009a), o enunciado se define por ser uma função enunciativa, uma função de existência que se constitui por meio da relação do enunciado com o referencial e se caracteriza pelo seu princípio de diferenciação, pela posição sujeito, pelo campo associado e pelo suporte material. Para que um signo se constitua como enunciado – e participe então dessa função enunciativa –, seria necessária a sua relação com um referencial. Um signo se constituiria como enunciado a partir do momento em que se relacionasse com uma “outra coisa” de forma específica, mas sem ter diante de si um correlato ou a ausência desse correlato, estando ligado a um referencial que não se constitui de coisas, fatos, realidades ou seres, mas sim, de leis de probabilidades, de regras de existência para os objetos nomeados.

É por meio de sua relação determinada com o sujeito que o enunciado se distingue de uma série qualquer de signos; mas vale considerar que esse sujeito não se dá por meio de um sintagma linguístico (uma vez que mesmo os enunciados em terceira pessoa possuem um sujeito e que também o sujeito do discurso pode ser diferente do sujeito enunciadador), e que ele pode se relacionar de diversas formas com o enunciado. Foucault (2009a) afirma ainda que não há signos sem alguém para proferi-los, mas que esse “autor” que profere não é o mesmo que o sujeito do enunciado.

O sujeito seria então uma função determinada, mas esta não seria a mesma em diferentes enunciados, pois, como função e posição, ele se constitui como posição vazia, que pode ser ocupada por diferentes indivíduos quando chegam à enunciação. Além disso, um mesmo indivíduo pode ocupar diferentes posições de sujeito em uma série de

enunciados. Esse sujeito não é a causa nem a origem ou o ponto de partida da enunciação, nem sua intenção é o fator que ordena as palavras. É apenas um lugar determinado e vazio e passível de ser ocupado por diversos indivíduos, e caracteriza a formulação enquanto enunciado. É uma das condições fundamentais para a existência da função enunciativa como tal, a qual não se constitui sem que haja um domínio ou campo associado. Para que haja enunciados é preciso haver uma relação com o campo adjacente, pois um enunciado não existe sem que esteja cercado por outros enunciados (FOUCAULT, 2009a)

Esse campo associado é então constituído pela série das outras formulações, no exterior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento; pelo conjunto das formulações referidas pelo enunciado; pelo conjunto das formulações que podem ser geradas a partir deste ou que o antecederam; e ainda pelo conjunto de formulações que compartilham do mesmo *status* do enunciado em questão. Assim, não há enunciado livre ou neutro, ele deve estar em um campo associativo para se constituir como tal, de modo que o novo apresentado não esteja no que é dito pelo enunciado, mas no próprio acontecimento (FOUCAULT, 2006; 2009a). Assim, o enunciado, por meio de sua materialidade, é um acontecimento que se inscreve tanto na ordem da língua quanto na da memória (FOUCAULT, 2009a).

O enunciado possui um *status* material, uma existência material que o constitui. Essa materialidade é repetível e não definida pelo espaço ou tempo ocupados pelo enunciado ocupa, mas pelo próprio status de coisa ou de objeto (FOUCAULT, 2009a). Cada emissão de um conjunto de signos se configura como uma enunciação, como uma singularidade marcada no tempo e espaço que, ao contrário do enunciado, não é passível de repetição (FOUCAULT, 2009a). Segundo Foucault (2009a, p. 118), a “constância do enunciado, a manutenção de sua identidade através dos acontecimentos singulares das enunciações, seus desdobramentos através da identidade das formas, tudo isso é função do *campo de utilização* no qual ele se encontra inserido”.

A existência do enunciado não se dá de forma aleatória, ela se condiciona a partir de um sistema de regras que controlam, organizam e redistribuem o discurso e a sua materialidade. Discursos são excluídos ou interditados; os sujeitos podem estar ou não qualificados a enunciar (FOUCAULT, 2006). Assim, o enunciado possui um efeito de raridade, um dito que exclui outros dizeres e é determinado pelas formações discursivas (SILVA, 2004).

### 3.1.1 O saber

Foucault, em sua inquietude pelas formas de subjetivação do indivíduo, passou por um primeiro momento em seus estudos em que “pesquisou os diferentes modos de investigação que procuram aceder ao estatuto de ciência e que produzem, com efeito, a objetivação do sujeito” (GREGOLIN, 2006, p. 55). Assim, essa sua primeira fase – a arqueológica –, compreende as obras *História da loucura na idade Clássica*, *O nascimento da clínica*, *As palavras e as coisas* e *Arqueologia do saber* – obras nas quais Foucault propõe um olhar sobre a *episteme* de certas épocas, as formas gerais de pensamento, “cuja rede, em sua positividade, torna possível um jogo de opiniões simultâneas e aparentemente contraditórias” (GREGOLIN, 2006, p. 67). E ao focar as *epistemes*, Foucault realiza um levantamento da história dos saberes que constituíram o homem como objeto.

Em *História da loucura na idade Clássica* (1962, *apud* GREGOLIN, 2006), o filósofo busca compreender como surgiu esse objeto, quais os mecanismos que permitiram que passasse a haver uma diferenciação entre o “normal” e o “louco”, qual o ponto inicial em que não se pensava ainda na loucura. Foucault opõe então esse momento de não diferenciação da loucura com aquele de sua descoberta e o afastamento dos ditos loucos do pertencimento à sociedade (GREGOLIN, 2006).

Entretanto, não é na loucura em si ou em sua ideologia em que o filósofo está interessado: o que ele busca é compreender a diferenciação entre razão e desrazão, o surgimento desses discursos. Para isso, Foucault realiza uma estruturação dos saberes, “das *epistemes* que funcionam como o solo de possibilidade para os saberes que coexistem em um certo momento histórico” (GREGOLIN, 2006, p. 69). Dessa forma, já em seus primeiros estudos Foucault aponta para a questão das condições de produção do discurso:

analisando a história, Foucault mostra o confinamento (idade clássica) e a sistematização do saber sobre o louco (idade moderna) como episódios em uma longa história de estratégias de controle das populações humanas (GREGOLIN, 2006, p. 71).

Assim como Foucault analisou o surgimento da loucura (e do discurso sobre), em *O nascimento da clínica* o estudioso busca determinar as condições de surgimento da medicina, o momento de aparecimento do discurso médico (GREGOLIN, 2006), e o que tornou possível um saber sistematizado a respeito da doença e do sujeito doente, a mutação

desses saberes: “a medicina nasce da discursivização da loucura e da morte, duas negações do sujeito” (GREGOLIN, 2006, p. 72).

Foucault aponta para a descontinuidade da história – que era vista tradicionalmente como algo progressista, contínuo. Dessa forma, para ele, o surgimento do olhar clínico não é um resultado de uma evolução natural dos saberes, mas devido a certas condições de possibilidades históricas.

O mesmo ocorre com o surgimento das ciências humanas, configurando o homem como objeto e sujeito do saber. Foucault analisa em *As palavras e as coisas* três epistemes que possibilitaram esse surgimento: a similitude, a representação e a interpretação.

Para Foucault, as ciências humanas são articuladas a partir de discursos outros, os quais possibilitaram o seu nascimento. O discurso sobre o homem é um acontecimento que se dá na ordem dos saberes, que só se tornou possível seu aparecimento em um dado momento histórico devido a uma reorganização geral ocorrida na episteme ocidental, uma mutação dos saberes da época:

a busca da episteme de uma época é, portanto, a busca pela ordem intrínseca, por uma certa lógica interna que possibilita o conhecimento, formando uma base sólida e coerente sobre a qual se constrói todo o arcabouço do saber daquela época determinada (GREGOLIN, 2006, p. 77).

Ao analisar a forma como a sociedade ocidental concebia a relação entre as palavras e as coisas, Foucault chama atenção para o surgimento de uma condição de produção que possibilitou o aparecimento do homem como objeto e sujeito de um saber científico: até o século XVI, as palavras agiam magicamente sobre o mundo, elas eram semelhantes às coisas – mais do que isso, elas *eram* as coisas; já entre os séculos XVII e XVIII, desaparecem as crenas antigas e supersticiosas, as palavras passam então a representar as coisas, o que possibilita o nascimento de um saber científico. O século XIX chega com a questão da historicidade, apontando que os saberes se darão conforme a linguagem e o discurso. A palavra é a interpretação da coisa (GREGOLIN, 2006). Dessa forma, essas três epistemes possibilitaram o surgimento das ciências humanas na história ocidental: “diferente da idade clássica, que pensava o conhecimento como produto, e, portanto, infinito, a modernidade descobre que nada está acabado, tudo está sempre se transformando com os movimentos da História” (GREGOLIN, 2006, p. 83).

Tendo pensado os saberes relacionados à loucura, à medicina e às ciências humanas, Foucault formula assim a sua concepção de saber: possível conforme as

condições de produção, descontínuo, historicizado. Saber esse que não é concebido como sendo um mero conhecimento:

enquanto o conhecimento corresponde à constituição de discursos sobre as classes de objetos julgados cognoscíveis, isto é, à construção de um processo complexo de racionalização, de identificação e de classificação dos objetos independentes do sujeito que os apreende, o saber designa, ao contrário, o processo pelo qual o sujeito do conhecimento, ao invés de ser fixo, sofre uma modificação durante o trabalho que ele efetua na atividade de conhecer (REVEL, 2005, p. 77).

Para Foucault,

não se trata de um pré-conhecimento ou de um estágio arcaico no movimento que vai do conhecimento imediato à apoditicidade; trata-se dos elementos que devem ter sido formados por uma prática discursiva, para que, eventualmente, se constituísse um discurso científico, especificado não só por sua forma e seu rigor, mas também pelos objetos de que se ocupa, os tipos de enunciação que põe em jogo, os conceitos que manipula e as estratégias que utiliza (2009a, p. 204).

São esses conjuntos de elementos, formados por meio de práticas discursivas, que o filósofo chama de *saber*. Para Foucault (2009a), o saber compreende aquilo que é possível de ser dito em uma prática discursiva que pode ser especificada pelo domínio de objetos, os quais podem ou não possuir um *status* científico. Apresenta-se como um “espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso” (FOUCAULT, 2009a, p. 204), uma “posição subjetiva” (CASTRO, 2009, p. 394), a qual possibilita, no caso do corpo, que o sujeito enuncie sobre esse objeto a partir do discurso da medicina genética, da estética e do treino.

Ao caracterizar as práticas discursivas em relação às disciplinas científicas (a gramática, a medicina, a psiquiatria, a economia política), Foucault estabelece o saber como não sendo nem as disciplinas institucionalizadas, nem o futuro ou passado dessas disciplinas (CASTRO, 2009), mas o estatuto determinante do campo de coordenação e subordinação dos enunciados no qual os conceitos “aparecem, se definem, se aplicam e se transformam” (FOUCAULT, 2009a, p. 204). Além disso, os saberes são tidos também como “possibilidades de utilização e apropriação dos discursos” (CASTRO, 2009, p. 394).

Objeto da arqueologia, o saber em seu funcionamento não se apresenta isolado. Ele atua em conjunto com o poder – saber e poder se implicam mutuamente, não há saber sem as relações de poder, e não há poder sem a constituição de um campo de saber (MACHADO, 2008). Segundo Foucault,

Temos que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder (FOUCAULT, 2008a).

E o que seriam essas relações de poder? Como Foucault as caracteriza?

### 3.1.2 O poder

Althusser, ao fazer uma releitura da teoria marxista a respeito dos aparelhos ideológicos do Estado e das relações de produção, considera que o poder que está ligado às formações sociais dominantes e às esferas econômicas. Em seus estudos, a sociedade é concebida como articulada em uma infraestrutura de base econômica e uma superestrutura de característica jurídica, política e ideológica, sendo que a superestrutura é determinada pela infraestrutura. O Estado se caracteriza por ser uma força repressora, disputada pelas classes, e a luta de classes é um ponto essencial na teoria de Althusser; e evidencia a questão da ideologia, realidade não histórica, sistema de idéias e de representações e meio do qual se dá o funcionamento dos Aparelhos do Estado, qualificado como Aparelho Ideológico de Estado - AIE (ALTHUSSER, 1985).

Observa-se que essa noção de poder, repressor e centrado, é uma visão facilmente encontrada nos estudos das ciências humanas, e mostra o quão profunda é a influência de Althusser (e fundamentalmente Marx, base da releitura de Althusser) para os estudos quem têm o homem como objeto. Entretanto, não é por meio dessa conceituação que Foucault irá expor a sua genealogia. Em Foucault, o poder sai do nível marxista e althusseriano de entidade unitária e estável para assumir um caráter de “relações de poder”, tidas como “modos de ação complexos sobre a ação dos outros” (REVEL, 2005, p. 68), e que considera ainda as questões históricas de emergência dessas relações. Para Revel (2005, p. 69),

a crítica política do Estado não permite evidenciar a circulação do poder no corpo social inteiro e na diversidade de suas aplicações, isto é, a variabilidade dos fenômenos de assujeitamento e, paradoxalmente, de subjetivação aos quais ela dá lugar.



A genealogia foucaultiana tem então como propósito identificar quais os efeitos de poder, o que o rege em determinados enunciados - e não os poderes que atuam em um discurso (FOUCAULT, 2008b). O poder é visto como “uma forma histórica que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios do objeto, etc., sem ter que se referir a um sujeito” (FOUCAULT, 2008b, p. 7).

Ao fazer uma análise histórica do surgimento das prisões na sociedade, Foucault (2008a) elabora uma nova concepção: os micropoderes. O filósofo conceitua essa noção não como um fator a ser possuído por uma classe ou por um indivíduo, mas como um aspecto que é simplesmente exercido. Machado (2008, p. X) observa que “não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente”.

Ao contrário da tese marxista e da althusseriana, para Foucault não há uma centralização do poder no Estado nem em um ponto único da estrutura social (MACHADO, 2008). Ele propõe que, para o entendimento da questão, é necessário que se abandone o modelo jurídico de soberania (FOUCAULT, 1997). Assim, o poder passa a ser tido como prática social presente nas relações do cotidiano – daí ser ele caracterizado como um micro-poder:

a análise ascendente que Foucault não só propõe, mas realiza, estuda o poder não como uma dominação global e centralizada que se pluraliza, se difunde e repercute nos outros setores da vida social de modo homogêneo, mas como tendo uma existência própria e formas específicas ao nível mais elementar (MACHADO, 2008, p. XIII).

O poder produz o real, domínios, rituais de verdade, indivíduos. E para essa produção, ele está ligado ao saber. O poder produz saber. Não há uma relação de poder sem que haja um campo de saber constituído, nem se pode haver um saber sem que se surjam novas formas de saber (MACHADO, 2008; FOUCAULT, 2008b).

Outro fato em que o poder como definido por Foucault se distancia daquele das teorias marxistas é quanto à repressão. O estudioso não o vê como uma força puramente repressora, que nega e cerceia aos indivíduos, pois, dessa forma, ele não se manteria. Ele é, antes de tudo, uma “rede produtiva” (FOUCAULT, 2008b, p. 8) que atravessa as relações sociais:

temos em suma que admitir que esse poder se exerce mais que se possui, que não é “privilégio” adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas (...). Esse poder, por outro lado, não se aplica pura e simplesmente como uma obrigação ou uma proibição, aos que “não têm”; ele os investe, passa por eles e através deles; apóia-se neles, do mesmo modo que eles, em sua luta contra esse poder, apóiam-se por sua vez nos pontos em que ele os alcança (FOUCAULT, 2008a, p. 26)

Entretanto, se Foucault não fala em repressão, fala em resistência e contra-poder (2008a, 2008b). Onde há poder, há resistência – que não é anterior ao que se opõe. Ela é coextensiva e produz do mesmo modo, e é aquilo que possibilita a mutação do poder. Pensar em repressão é considerar um poder jurídico concebido por uma lei que nega aos sujeitos (FOUCAULT, 2008b)

Uma das formas de reprodução desse poder é através da vontade de verdade, produzida historicamente no interior dos discursos, não havendo uma existência exterior às relações de poder. Segundo Foucault (2008b, p. 12),

cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

Essa verdade é centrada na forma do discurso científico e nas instituições produtoras, é difundida e consumida em diversos aparelhos, produzida e reproduzida na maioria das vezes por aparelhos políticos e econômicos: “a verdade não é descoberta de cientistas, no sentido arqueológico e genealógico, ela é produzida” (ARAÚJO, 2007, p. 100).

Para Foucault (2008a, p. 14), por verdade entende-se “um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados”. Assim sendo, os discursos científicos não são em si nem verdadeiros nem falsos, mas controlados e sancionados em efeitos de verdade por meio das relações de poder (FOUCAULT, 2008a): “a verdade não existe fora do poder ou sem poder” (FOUCAULT, 2008a, p. 12).

Considerar tal aspecto facilita o entendimento do aspecto de que cada sociedade, sistema cultural e cada época possuem regimes de verdades diferenciados, são selecionados outros tipos de discursos que atuam como enunciados verdadeiros ou falsos (FOUCAULT, 2008a).

### 3.1.3 O poder e o corpo

Se o poder atua em todas as esferas sociais, produz indivíduos e afeta a sua vida cotidiana, não é de se espantar que ele atinja também a forma mais concreta do homem: o seu corpo (MACHADO, 2008)

Para Foucault, a consciência do indivíduo sobre o próprio corpo só se deu devido a um investimento do corpo pelo poder (FOUCAULT, 2008b, p. 149): “é a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico”. Dessa forma,

o corpo, este volume concreto, não tem nada de natural – em rigor, não existe “corpo natural”, espontâneo e livre, “pura potência”, anterior a qualquer trabalho da cultura – ele é sempre resultado de investimentos de poder e de enunciações por saberes: sua própria “natureza” é construída (PRADO FILHO & TRISOTTO, 2008, p. 116)

Ao descrever a história do surgimento das prisões, Foucault (2008a) mostra que, com o advento da modernidade, houve o desaparecimento dos suplícios como forma de punição dos indivíduos: “desapareceu o corpo como alvo principal da repressão penal” (FOUCAULT, 2008a, p. 12).

Entretanto, esse desaparecimento não implica um afrouxamento da atuação do poder sobre o corpo: houve apenas uma mutação. Se o poder se exerce nas ações cotidianas, é no cotidiano do corpo que ele estará presente. A punição muda de forma, a dor não é mais o seu objeto. Mas o poder ainda está lá: se por um lado o corpo deixou de ser alvo da dor e do suplício, por outro os métodos modernos de punição – prisão, castigos, trabalhos forçados – não funcionam sem alguns elementos de punição ao corpo, como a redução alimentar, a privação sexual, a expiação física, a masmorra (FOUCAULT, 2008a).

A punição serve, acima de tudo, como um mecanismo de controle dos indivíduos, um sistema de “economia política” do corpo:

ainda que não recorram a castigos violentos ou sangrentos, mesmo quando utilizam métodos “suaves” de trancar ou corrigir, é sempre do corpo que se trata – do corpo e de suas forças, da utilidade e da docilidade delas, de sua repartição e de sua submissão (FOUCAULT, 2008a, p. 25).

Esse corpo foucaultiano é um corpo mergulhado no campo político, que é apresentado, pelo autor, como um “conjunto de elementos materiais e das técnicas que servem de armas, de reforço, de vias de comunicação e de pontos de apoio para as relações de poder e saber que investem os corpos humanos e os submetem fazendo deles objetos de saberes” (FOUCAULT, 2008a, p. 27). Sobre esse corpo, incidem as relações de poder, que o investem e o marcam, sujeitam-no, havendo sempre uma ligação entre o corpo político e a sua utilidade econômica, ele é uma força de produção que é investido de poder e saber (FOUCAULT, 2008a).

Para Foucault (2008a), um corpo só é útil na medida em que é produtivo e submisso – e essa sua submissão não se dá apenas por meios de violência. O filósofo analisa que, se o poder fosse apenas opressor, ele não se manteria. Da mesma forma ocorre quando o que está em questão é o corpo: há uma tecnologia política do corpo que é difusa, não podendo ser localizada em discursos sistematizados ou instituições: “trata-se de alguma maneira de uma microfísica do poder posta em jogo pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de verdade se coloca de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas formas” (FOUCAULT, 2008a, p. 26).

Esse corpo descrito por Foucault é objeto e alvo de poder; é dócil, uma vez que é submetido, utilizado, é passível de transformação e aperfeiçoamento; um corpo ativo atingido pelo poder: “esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’” (FOUCAULT, 2008a, p. 118).

As disciplinas se caracterizam como técnicas que permitem a distribuição dos indivíduos por meio da individualização, classificação e combinação de seus corpos, trabalhando assim como um tipo de organização do espaço. Ela permite também o controle do tempo e a sujeição do corpo ao tempo para que haja produção com eficiência (FOUCAULT, 2008b).

De acordo com Revel (2005, p. 35), as disciplinas são “técnicas de coerção que exercem um esquadramento sistemático do tempo, do espaço e do movimento dos indivíduos e que atingem particularmente as atividades, os gestos, os corpos”. Elas atuam com domínio do corpo, fabricam corpos submissos e exercitados, corpos dóceis (FOUCAULT, 2008a). Se por um lado elas possibilitam que o corpo seja o mais útil possível, potencializando-o, por outro também diminuem as suas forças na medida em que

o torna submisso e obediente. Ele é individualizado por seu posicionamento, sua localização, sua distribuição, e hierarquizado. Uma disciplina organiza a sua multiplicidade, impõe uma ordem, ajusta o corpo não só no espaço, mas também no tempo, permite o bom emprego do corpo: “um corpo disciplinado é a base de um geste eficiente” (FOUCAULT, 2008a, p. 130). Assim,

sobre toda a superfície de contato entre o corpo e o objeto que o manipula, o poder vem se introduzir, amarra-os um ao outro. Constitui um complexo corpo-arma, corpo-instrumento, corpo-máquina (FOUCAULT, 2008a, p. 130).

A disciplina constrói-se no corpo a partir de táticas, produzindo quatro tipos diferentes de individualidades (ou ainda uma individualidade dotada de quatro características distintas): “é celular (pelo jogo da repartição espacial), é orgânica (pela codificação das atividades), é genética (pela acumulação do tempo), é combinatória (pela composição das forças)” (FOUCAULT, 2008a, p. 141). Esse poder disciplinar combina forças e as multiplica, agindo de forma a “adestrar” o corpo e o sujeito. Ao fabricar o indivíduo, a disciplina o coloca tanto como objeto quanto como instrumento de seu exercício (FOUCAULT, 2008a). Ela se exerce por meio de um mecanismo que possua um “jogo do olhar”, um aparelho de observação do indivíduo, assim como de registro e treinamento. (FOUCAULT, 2008a).

Para Foucault (FOUCAULT, 2008a, p. 148), o ato de vigiar é um fator importante de controle:

a disciplina faz “funcionar” um poder relacional que se auto-sustenta por seus próprios mecanismos e substitui o brilho das manifestações pelo jogo ininterrupto dos olhares calculados. Graças às técnicas de vigilância, a “física” do poder, o domínio sobre o corpo se efetua segundo as leis da ótica e da mecânica, segundo um jogo de espaços, de linhas, de telas, de feixes, de graus, e sem recurso, pelo menos em princípio, ao excesso, à força, à violência.

Assim, a punição não se dá pela força: ela se dá pelo olhar (olhar esse que é, na sociedade moderna, realizado também pela mídia e recai sobre o corpo do sujeito). Tudo o que foge ao adequado, ao apontado pela disciplina como sendo o “normal”, os desvios, o não-conforme, é penalizado pela inobservância (FOUCAULT, 2008a). A punição atua de forma a reduzir os desvios. A classificação e a hierarquização castigam e recompensam: “a disciplina recompensa unicamente pelo jogo das promoções que permitem hierarquias e lugares; pune rebaixando e degradando” (FOUCAULT, 2008a, p. 151) - caracteriza-se

dessa forma uma punição que não tem em si a função de reprimir, uma vez que é ela mesma uma das formas de controle da disciplina.

O controle disciplinar, na medida em que compara, aponta diferenças, hierarquiza e homogeneiza, aplica a questão da norma. A regulamentação obriga a homogeneização e, ao mesmo, tempo individualiza e mede os desvios, revela as diferenças e as ajusta (FOUCAULT, 2008a). O indivíduo se torna, desse modo, uma representação ideologia fabricada.

A disciplinarização dos corpos ocorre ainda no nível do biopoder, que “age sobre a espécie humana, que considera o conjunto, com o objetivo de assegurar a sua existência” (MACHADO, 2008, p. XXII). Faz parte do biopoder o controle sobre a natalidade e a mortalidade, as condições de vida do indivíduo – um poder que atua no “nível da espécie, da população com o objetivo de gerir a vida do corpo social” (MACHADO, 2008, p. XXII).

Essa biopolítica – que atua por meio dos biopoderes – se ocupa da gestão de elementos da vida dos indivíduos como a questão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade, dentre outros, tornando esses fatores algo da ordem da preocupação política (REVEL, 2005).

Em *História da Sexualidade: a vontade de verdade*, Foucault (2009b) demonstra que, desde antes da idade clássica, uma das formas de manifestação do poder soberano era o direito à vida e à morte, no qual os pais dispunham da vida dos filhos e escravos, assim como os soberanos dispunham dos súditos como forma de se defender e de sobreviver, tendo no confisco dos corpos o seu método:

o soberano só exerce, no caso, seu direito sobre a vida, exercendo seu direito de matar ou contendo-o; só marca seu poder sobre a vida pela morte que tem condições de exigir. O direito que é formulado como “de vida e morte” é, de fato, o direito de *causar* a morte ou de *deixar* viver (FOUCAULT, 2009b, p. 148)<sup>14</sup>.

Com a idade clássica, há um deslocamento nesses ideais. O confisco já não é mais o principal método de controle utilizado; o poder passa a gerir a vida, e a morte torna-se uma forma de garantir a vida do corpo social (FOUCAULT, 2009b). Como afirma Foucault

---

<sup>14</sup> Grifo do autor.

(2009b, p. 150), “pode-se dizer que o velho hábito de *causar* a morte ou *deixar* viver foi substituído por um poder de *causar* a vida ou *devolver* à vida<sup>15</sup>.”

O poder sobre a vida – e não mais sobre a morte – desenvolveu-se, durante o século XVII, tanto em uma visão de corpo máquina que recebia uma disciplina anátomo-política, na qual o controle se exercia sobre esse corpo por meio do adestramento, na ampliação das suas capacidades, utilidades e docilidades, quanto no corpo da espécie, vivo e biológico, que recebia o controle de bio-política da população, manifestada nos níveis do nascimento, da morte, da proliferação e da longevidade. Assim, observa-se que o ideal de poder consistia não em matar o sujeito, mas em garantir a sua vida, tendo no dispositivo da sexualidade uma das principais formas de agenciamento desse biopoder, que atua tanto na disciplina do corpo quanto na regulação da população. Nesse sentido, observar-se, como analisa o autor, a relação desse tipo de poder com o capitalismo, que introduziu o corpo dos sujeitos nos aparelhos de produção, fazendo com que seus corpos fossem valorizados (FOUCAULT, 2009b).

Para Foucault (2009b), é a partir dessa mudança de concepção que a vida entra para a história, ou seja, “a entrada dos fenômenos próprios à vida da espécie humana na ordem do saber e do poder” (FOUCAULT, 2009b, p. 154); mudança essa que proporcionou o surgimento de tecnologias políticas que têm como alvo o corpo, a saúde, as condições de vida e existência. Através dessas mudanças, o biopoder passa, então, a atuar pela norma e por meio de mecanismos reguladores e corretivos.

Enquanto a disciplina atua no nível do individual, o biopoder dar-se-á em relação ao corpo da população, ao nível da espécie, do ser vivo (FOUCAULT, 2005), e

se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc. (FOUCAULT, 2005, p. 289).

A biopolítica volta-se para a população através de mecanismos reguladores que visam estabelecer e manter um equilíbrio dessa população, de forma que a vida seja otimizada. Enquanto a disciplina é centrada no corpo, produz individualidades e dociliza, o biopoder foca a vida, com uma tentativa de controlar, prevenir e remediar eventos aleatórios que possam surgir. Uma vez que esses mecanismos atuam em níveis

---

<sup>15</sup> Grifo do autor.

diferenciados (do corpo do indivíduo e da vida da população), eles não se anulam, ao contrário, articulam-se, tendo em comum a norma (FOUCAULT, 2005).

Outra forma de controle apontada por Foucault (2008b), além da disciplina e do biopoder, é a governamentalidade. Essa se caracteriza como um “conjunto construído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer essa forma bastante específica e complexa de poder que tem por alvo a população e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança” (FOUCAULT, 2008b, p. 291-292). Assim, Para Revel (2005, p. 55), “as tecnologias governamentais concernem, portanto, também ao governo da educação e da transformação dos indivíduos, àqueles das relações familiares e àquele das instituições”.

Considerando esses aspectos de saber, poder, disciplina, biopoder e governamentalidade, fica a inquietação: que corpo é esse, desta época moderna? Que corpo é esse individualizado, disciplinado? Quais são os discursos que o constituem?



#### **4 UMA SÍNTESE TEÓRICO-METODOLÓGICA**

Como se pode observar, este trabalho, com a proposta de lançar um olhar discursivo sobre o corpo como um meio de contemplar a noção de identidade, cruza três diferentes linhas – que, ao serem trazidas para esta pesquisa, se entrelaçam de maneira que elas se apóiam e se completam: a metodologia da análise do discurso de Michel Foucault, que tem o enunciado como função e traz elementos como o saber, o poder e a subjetivação; os estudos culturais, que fornecem uma caracterização da modernidade, assim como da identidade (e, apenas para fins desse trabalho, também estudos sobre a mídia); e, por fim, um estudo da semiologia histórica do corpo, um levantamento de sua histórica (história aqui em uma perspectiva foucaultiana, ou seja, descontínua, não evolutiva, configurada por meio de relações de poderes e saberes), a configuração desse corpo como elemento.

Assim, tornou-se possível elaborar o seguinte quadro, que engloba tais aspectos de forma sucinta e permite uma visualização geral dessas áreas e da forma como elas se comportam a partir deste trabalho:

| TEORIA E MÉTODO DE ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE O CORPO |                   |                                                                                                                                    |                |                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                              |                     |                                                                                                                                                                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|------------------------------------------------------|-------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| MÉTODO ARQUEGENEALÓGICO                              |                   |                                                                                                                                    |                | ESTUDOS CULTURAIS                                                                                                                                                                                                                                                          |                                                                                                              |                     | SEMIOLOGIA HISTÓRICA                                                                                                                                                                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| SABER                                                |                   | PODER                                                                                                                              | SUBJETIVAÇÃO   | MODERNIDADE                                                                                                                                                                                                                                                                | MÍDIA                                                                                                        | IDENTIDADE          |                                                                                                                                                                                                               | CORPO                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|                                                      |                   |                                                                                                                                    |                |                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                              |                     |                                                                                                                                                                                                               | HISTÓRIA DO CORPO                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| ENUNCIADO ← dispersão de regularidade → ARQUIVO      | Referencial       | <ul style="list-style-type: none"><li>Dispositivo da ordem do visível</li></ul>                                                    | TÉCNICAS DE SI | <ul style="list-style-type: none"><li>Líquida</li><li>Fragmentada</li><li>Dinâmica</li><li>Globalização</li><li>Global x local</li><li>Separação tempo-espaço</li><li>Desencaixe das instituições</li><li>Sistemas abstratos</li><li>Reflexividade institucional</li></ul> | <ul style="list-style-type: none"><li>Mediadora de experiências</li><li>Reorganização da distância</li></ul> | CRISE DA IDENTIDADE | <ul style="list-style-type: none"><li>Líquida</li><li>Social e simbólica</li><li>Fragmentação e descentramento</li><li>Pluralidade de centros</li><li>Identidade e diferença</li><li>Técnicas de si</li></ul> | <ul style="list-style-type: none"><li>Corpo cultural</li><li>Saúde, doença e medicina</li><li>Genética</li><li>Máquina</li><li>Corpo ordinário</li><li>Corpo sexuado</li><li>Culto ao corpo/corpolatria</li><li>Corpo belo</li><li>Intervenções sobre o corpo (moda, dieta, cirurgias plásticas, fitness)</li></ul> |
|                                                      | Sujeito           | <ul style="list-style-type: none"><li>Dispositivo da ordem do enunciável</li><li>(da medicina, da estética, do jurídico)</li></ul> |                | <ul style="list-style-type: none"><li>Confissão</li><li>Tatuagem</li><li>Docilização</li><li>Normalização</li></ul>                                                                                                                                                        |                                                                                                              |                     |                                                                                                                                                                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|                                                      | Domínio associado | <ul style="list-style-type: none"><li>Biopoder</li><li>Docilização</li><li>Normalização</li></ul>                                  |                |                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                              |                     |                                                                                                                                                                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|                                                      | Materialidade     | <ul style="list-style-type: none"><li>Hierarquização</li></ul>                                                                     |                |                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                              |                     |                                                                                                                                                                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |

## 5 O CORPO MOLDADO

Como falar das identidades a partir desse discurso sobre o corpo? Que corpo é esse, e que sujeito é esse sobre o qual recai esse processo de identificação? São essas as inquietações que movem este trabalho. Compartilhando daquilo que Foucault já tentava desvendar (o sujeito), tem-se aqui uma união de linhas diferenciadas como forma de entender essas questões: para se chegar ao sujeito e ao processo de identificação, propôs-se aqui direcionar o olhar para o seu corpo. O caminho foi se apropriar dos discursos que tenham esse corpo como objeto.

Por que o corpo? E que corpo?

Fala-se aqui do corpo em seu caráter único, que passa despercebido no cotidiano mas está lá, presente, fazendo sentido e determinando práticas e saberes: o corpo e o sujeito possuem uma relação intrínseca. Não há sujeito sem corpo, não há corpo sem sujeito, da mesma forma que não há um mesmo corpo para vários sujeitos, ou um sujeito para vários corpos. O corpo é então a maior marca da individualidade, a sua expressão máxima. Como coloca Guimarães (2005, p. 80), “nada mais individualizado do que o corpo”. A proximidade entre esses dois é tamanha que em determinados momentos eles se confundem. Isso fica fácil ao se analisarem as imagens: o sujeito, ao ser trazido nos enunciados imagéticos, tem o seu corpo retratado. É esse corpo a unidade que possibilita a identificação do sujeito na imagem, uma vez que podem se ausentar outros tipos de determinações, como as possíveis de serem encontradas nos enunciados verbais (um exemplo pontual é o caso dos nomes e dos pronomes). Ali, na imagem, o sujeito é aquele corpo.

Falar sobre esse corpo é falar sobre esse sujeito. E o que se busca aqui é exatamente isso: que sujeito é esse? Para responder a essa questão, cabe conjugar as teorias trabalhadas anteriormente: as da modernidade, da mídia, da identidade, do corpo cultural historicamente constituído e utilizado por meio de técnicas, dos enunciados dos discursos sobre esse corpo, das relações de saber e poder que controlam tanto esses enunciados quanto o corpo docilizado.

De onde se fala desse sujeito? Aqui, foi escolhido fazer um recorte de materialidades emersas na mídia – essa mesma mídia que é mediadora das experiências (THOMPSON, 2008), que fornece ao indivíduo peças para a construção de seu projeto de

*self* (GIDDENS, 2002) e que detém o poder tanto de retratar a sociedade quanto de transformá-la (GIDDENS, 2002). Essas materialidades estão disponíveis em uma mídia impressa, especificamente em revistas, e compõem-se de reportagens, propagandas, capas, especiais (não se prendem a um gênero específico) que tenham de alguma forma um enfoque sobre o corpo, independentemente da área.

Com essa delimitação, foi organizado um arquivo com doze enunciados publicados em sete revistas de circulação internacional e nacional, editadas no período que vai de março de 2003 a novembro de 2009 e voltadas para públicos diferenciados. Foram consultadas as seguintes revistas:

| REVISTA             | CIRCULAÇÃO    | PERIODICIDADE | CARACTERÍSTICAS                                                                                                          |
|---------------------|---------------|---------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Boa Forma</i>    | Nacional      | Mensal        | Voltada para o público feminino, traz matérias sobre <i>fitness</i> , beleza, dieta, nutrição e saúde.                   |
| <i>Capricho</i>     | Nacional      | Quinzenal     | Voltada para o público feminino adolescente, traz matérias sobre comportamento, beleza, diversão e celebridades.         |
| <i>Época</i>        | Nacional      | Semanal       | Traz reportagens sobre assuntos diversos, como política, economia, saúde, cultura, comportamento, ciência e tecnologia.  |
| <i>Men's Health</i> | Internacional | Mensal        | Voltada para o público masculino, traz reportagens sobre sexualidade, exercícios físicos, comportamento, moda e cultura. |

|                          |          |         |                                                                                                                                            |
|--------------------------|----------|---------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Saúde é vital</i>     | Nacional | Mensal  | Traz reportagens sobre nutrição, medicina, família, animais de estimação, corpo e bem-estar, voltando esses assuntos para a área da saúde. |
| <i>Revista da Semana</i> | Nacional | Semanal | Traz reportagens de assuntos diversos, envolvendo política, saúde, gastronomia, viagens, esporte, cultura, comportamento e economia.       |
| <i>Veja</i>              | Nacional | Semanal | Traz reportagens sobre assuntos diversos, como política, economia, saúde, cultura e comportamento.                                         |

Dessas revistas, foram utilizados os seguintes exemplares:

| REVISTA              | EDIÇÃO | ANO | NÚMERO | DATA                  | ANEXO    |
|----------------------|--------|-----|--------|-----------------------|----------|
| <i>Boa Forma</i>     | 206    | 19  | 8      | Agosto de 2004        | 11       |
| <i>Capricho</i>      | 1062   |     |        | 18 de janeiro de 2009 | 12       |
| <i>Época</i>         | 465    |     |        | 16 de abril de 2007   | 9        |
| <i>Men's Health</i>  | 36     | 3   | 12     | Abril de 2009         | 5, 6 e 7 |
| <i>Revista da</i>    | 78     | 3   | 9      | 12 de março de 2009   | 2        |
| <i>Semana</i>        | 45     | 2   | 27     | 17 de julho de 2008   | 10       |
| <i>Saúde é Vital</i> | 269    |     |        | Janeiro de 2006       | 8        |

|      |      |    |    |                        |   |
|------|------|----|----|------------------------|---|
|      | 1792 | 36 | 9  | 05 de março de 2003    | 3 |
| Veja | 1998 | 40 | 9  | 07 de março de 2007    | 4 |
|      | 2139 | 42 | 46 | 18 de novembro de 2009 | 1 |

Por que esses enunciados, e não outros em seu lugar? O que torna relevantes esses enunciados recortados da mídia impressa e faz com que eles sejam priorizados em relação àqueles de meios televisivos e radiofônicos ou meios como *outdoors*, panfletos e *banners* ou até mesmo cartas e receituários?

O que prioriza esses enunciados são as características do suporte midiático. Tais revistas se caracterizam por serem uma forma da comunicação em massa. Como já apontado no capítulo anterior específico sobre a mídia, as formas de comunicação em massa são assim definidas não por atingirem um grande público, mas por serem desenvolvidas considerando esse fator<sup>16</sup> (THOMPSON, 2008). Esse meio de comunicação (as revistas), além de estar disponível a uma grande quantidade de indivíduos, permitindo a circulação pública das formas simbólicas, também possibilita que essas formas simbólicas sejam acessíveis em diferentes condições de tempo e espaço. Isto, por sua vez, permitiu que o *corpus* deste trabalho fosse constituído de materialidades discursivas datadas desde 2003 até 2009 e distribuídas nacional e internacionalmente, bem como de enunciados de revistas regionais que foram consultados, mas que, em face da organização das séries, preferiu-se não utilizar. Foi considerando esses fatores – disponibilidade e circulação pública das formas simbólicas no tempo e espaço – que se optou pelos enunciados desse meio de fixação da comunicação.

Após a montagem do arquivo, foram organizadas quatro séries de acordo com quatro trajetos temáticos. Na perspectiva de Chareudeau e Maingueneau (2008, p. 480), o trajeto temático “procede, em razão da tríplice funcionalidade histórica do enunciado do arquivo, de uma sequência de enunciados significativa do itinerário de um assunto, da formação de um conceito e da organização de um objeto”. Não se restringindo a uma simples progressão temática (como se observa na linguística textual), o trajeto temático aponta para uma nova forma de ler o arquivo e a multiplicidade de redes de enunciados (CHAREUDEAU & MAINGUENEAU, 2008). Assim, dentro da temática do corpo, foram organizados os trajetos temáticos: a ciência e o corpo; o *fitness*; o corpo e a dieta; e o corpo

---

<sup>16</sup> Os conceitos trazidos sobre a mídia neste capítulo são desenvolvidos no subcapítulo 1.3 *A mídia*, inserido no capítulo *Modernidade e identidade: deslocamentos e liquidez*.

e o aborto. Considerando-se esses trajetos, foram agrupados os seguintes enunciados, compreendendo três séries:

1. O Discurso científico nas práticas sobre o corpo.

- *Capa*. Revista Veja, Edição 2139, ano 42, número 46. 18 de novembro de 2009. (Anexo 1).
- *Capa*. Revista da Semana, Edição 78, ano 3, número 9. 12 de março de 2009. (Anexo 2).
- *Capa*. Revista Veja, Edição 1792, ano 39, número 9. 05 de março de 2003. (Anexo 3).
- *A medicina revela a mulher de verdade*. Revista Veja, Edição 1998, ano 40, número 9. 07 de março de 2007. (Anexo 4).

2. O *fitness* e a modelagem do corpo:

- *Rápido e total: trabalhe o corpo todo com apenas um movimento*. Revista Men's Health, Edição 36, ano 3, número 12. Abril de 2009. (Anexo 5).
- *Aposta dupla: para manter o corpão, ele faz exercícios em casa e na academia*. Revista Men's Health, Edição 36, ano 3, número 12. Abril de 2009. (Anexo 6).
- *Ganhe o corpo que elas desejam*. Revista Men's Health, Edição 36, ano 3, número 12. Abril de 2009. (Anexo 7).
- *De corpo inteiro*. Revista Saúde é vital, número 269. Janeiro de 2006. (Anexo 8)

3. Faça parte dos padrões de beleza! Corpo, estética e dieta.

- *Capa*. Época, Edição número 432. 28 de agosto de 2006. (Anexo 9).
- *Capa*. Revista da Semana, Edição 45, ano 2, número 27. 17 de julho de 2008. (Anexo 10).
- *Eu odeio o meu corpo!* Revista Capricho, Edição 1062. 18 de janeiro de 2009. (Anexo 11)

- *Eu tinha vergonha do meu corpo*. Revista Boa Forma, Edição 206, ano 19, número 8. Agosto de 2004. (Anexo 11).

Considerando esses enunciados, o que se poderia dizer sobre o sujeito moderno? Quais são as condições de produção (isto é, relações de poder e saber) do discurso sobre o corpo, presentes na mídia impressa brasileira, que permitem que surjam diferentes identidades configuradas como sendo do sujeito moderno? E o que é dito sobre esse sujeito?

### 5.1 O DISCURSO CIENTÍFICO NAS PRÁTICAS SOBRE O CORPO

Giddens (2002) ressalta que, com o advento da modernidade, ocorre o desabamento das certezas e a instauração das dúvidas, um processo de liquidificação que transformou as formas de conhecimento em hipóteses que, como tais, podem ser a qualquer momento retomadas, reformuladas, deslocadas.

Diante disso, cabe interrogar a importância da ciência na modernidade e sua influência sobre o sujeito, sua identidade e seu corpo. Como esses conhecimentos, enunciados a partir de uma determinada posição ou instituição (a ciência, o cientista, o conhecedor, o especialista...), permitidos por formações discursivas, são refletidos no corpo do sujeito, e quais são esses saberes (permitidos e alicerçados por poderes) que essa forma de discurso lança sobre o sujeito e sua identidade – discursos esses que emergem no cotidiano a partir da mídia?

O primeiro enunciado se configura como sendo uma capa da revista *Veja*, edição 2139, de 18 de novembro de 2009<sup>17</sup>. Tomando quase a página inteira, parte de um corpo nu é trazida, curvado em uma posição quase fetal, com uma perna dobrada em direção ao peito e outra estendida, um braço escondido pelo corpo e outro abraçando a perna dobrada, sendo mostrado apenas do meio das costas até o meio da coxa da perna estendida – os joelhos ficam de fora da imagem, e mesmo aquele que está mais próximo do peito, abraçado, foi recortado; dos pés, apenas uma parte é revelada, o calcanhar.

---

<sup>17</sup> Ver Anexo 1.



Esse corpo é disposto contra um fundo branco, e é quadriculado por linhas cinza claro. A pele clara se apaga com a luz, ganhando quase a mesma cor branca do fundo; em contraste, as zonas sombreadas escondem a parte frontal do torço e a interna das pernas. No rodapé da página, a imagem do corpo se apaga sutilmente, uma transparência que revela o fundo. Sobre esse corpo, traços e linhas pretas configuram as formas e os ângulos. Os traços e linhas quadriculados transportam o corpo para o planejamento, uma planta esboçada e desenhada, um corpo que é transformado em material para ser



planejado e engendrado, calculado – um corpo em duas dimensões. Esse posicionamento demonstra o funcionamento da disciplina, que, para Revel (2005, p. 35), “exercem um esquadrinhamento sistemático do tempo, do espaço e do movimento dos indivíduos”.

No topo da página, o título da revista se sobrepõe à imagem, mas sem apagá-la totalmente. Abaixo, no centro da página e sobre a curvatura do quadril articulado e das curvas dos traços da planta, o título da reportagem principal da edição se sobrepõe em letras em caixa alta, de traços finos e arredondados, tomando toda a largura da página, em cor de pele mais acentuada do que a imagem: *corpo*. O título, formado uma palavra, se entrelaça com a imagem ao mesmo tempo em que a sobrepõe, como estampado, tatuado sobre a pele do sujeito; como se o nome do objeto fosse uma de suas partes.

Abaixo, o subtítulo se destaca em letras em caixa maiúsculas vermelhas, já de traços não tão finos como as do título: *O NOVO MANUAL DE USO*, a respeito do qual cabe fazer algumas observações quanto aos seus efeitos de sentido e aos saberes relacionados:

- *novo* só se configura como tal considerando que tenha havido algo que o precedesse e possa ser caracterizado como “antigo/velho”; assim, se há um novo manual de uso do corpo, qual seria esse manual antigo? Esse antigo manual aponta para um domínio associado de enunciados, constituindo

saberes e práticas voltadas para um cuidado de si, modos de como os sujeitos que antecederam o momento da emersão da função enunciativa, apagados pelo enunciado mas ainda assim operando o seu efeito de sentido.

- *manual* implica normas e formas de uso; um conjunto de instruções e práticas “corretas” de como utilizar um dado equipamento/objeto. Assim, se o corpo recebe um manual que o decifra, é porque é configurado tido como maquinário, um conjunto de funções e partes que devem ter um determinado funcionamento – que só é alcançado caso o manual seja seguido à risca. Observa-se, assim, um saber que toma o corpo como objeto e atribui a ele enunciados que ganham o valor de verdade.
- *uso*, assim como *manual*, implica uma objetividade do corpo, que não é visto como sujeito, mas como maquinário, equipamento, conjunto de peças e funções com uma finalidade, utilidade; implica também as técnicas corporais que se referem a saberes de como utilizar o corpo de forma eficiente.

Abaixo do subtítulo seguem as chamadas, em forma de dois tópicos e que explicam o título e o subtítulo e antecipam o que será trabalho na reportagem, em letras menores e pretas:

- *80% da saúde e longevidade dependem apenas de quanto a pessoa conhece o seu organismo*
- *Teste: em 50 questões, descubra se você é um estranho para você mesmo*

A delimitação do corpo ocorre não apenas pelas linhas que o quadriculam, pelos traços que o modelam e engendram, pelo recorte da página, mas também pelos números e porcentagens, que se refletem tanto sobre o corpo quanto sobre a subjetividade (*80% da saúde.../50 questões*). Observa-se que, por meio de um teste com apenas 50 questões, o sujeito é capaz de encontrar um saber sobre si, a sua delimitação e seu contraste com o outro (... *um estranho para você mesmo*), conhecimento esse que é fundamental para a sua sobrevivência (pois *80% da saúde e longevidade dependem apenas de quanto a pessoa conhece o seu organismo*) – o quanto o sujeito sabe sobre o seu corpo determinará o quanto viverá e a manifestação ou não de doenças<sup>18</sup>. É possível observar aqui o

---

<sup>18</sup> Doenças essas que, para Keck e Rabinow (2008) são inerentes ao corpo. Esse saber propõe que o corpo, segundo os autores, é doente por natureza; o sujeito apenas espera que a doença se manifeste, aguarda o momento do anúncio da fatalidade, recorrendo às avaliações preventivas para esse anúncio.

funcionamento do biopoder, que, para Foucault (2005, 2009b), toma o corpo do sujeito como corpo da população, tendo como objetivo gerir e manter a vida – o que se apresenta no enunciado através da busca pela saúde e pela longevidade.

O que se vê nesse enunciado é um corpo recortado pelo saber científico, de cujo sujeito é apagado. É o corpo máquina, possível de controle e de moldagem, e que é posto de tal forma para que seja útil, que tenha um *uso*. Não é um corpo sexuado ou sensual. Apesar de nu, não há um apelo sexual, nem sensualidade – as zonas que definiriam esses fatores estão ocultas pelos jogos de sombra da imagem. O peito é escondido pelos braços e pela perna; o corpo mostrado de lado não revela a sua possível genitália. Pela ausência de pelos e pelo contorno arredondado dos membros, observa-se que é um provável corpo feminino. Mas essa identificação não é posta às claras. Se o corpo está nu, é para mais bem mostrar o seu esboço e as suas funções, e não como forma de seduzir. Se a sexualidade não está presente nem os órgãos sexuais, é porque dessa máquina não se considera a reprodução – uma vez que ela é criada por meio do planejamento, do desenho, da planta, esse corpo é calculado, engendrado, criado e construído sob controle. O que está em foco é a *performance*, a produtividade, e não o dar sequência à espécie, aspecto ponto do biopoder (FOUCAULT, 2005, 2009b).

O segundo enunciado analisado está materializado na capa da Revista Semana, edição 78, de 19 de março de 2009<sup>19</sup>. Diante de uma página em branco, três quadros tomam de início o olhar do leitor. Ocupando quase toda a largura da página, três imagens similares se apresentam lado a lado. Nelas, um bebê com menos de um ano se apresenta de frente, apenas de fralda, em posição de gatinhar - técnica corporal que, segundo Mauss (1974), é característica dessa fase da infância. Ele não olha diretamente para o fotógrafo ou leitor, mas para um ponto qualquer fora da imagem. De uma imagem para a outra, há a sutil mudança (quase imperceptível) nas tonalidades tanto dos cabelos quanto da pele dos bebês: o primeiro, de cabelos quase pretos e pele em um tom mais próximo do pardo; o segundo, com cabelos claros quase loiros e uma pele branca e levemente rosada; o terceiro, por fim, fica um meio termo entre os tons anteriores, com cabelos castanhos médio e a pele mais clara do que o bebê do primeiro quadro, mas mais escura do que a do segundo.

---

<sup>19</sup> Ver Anexo 2.

Imediatamente abaixo dos quadros, três pequenos quadrados, representado com o terceiro assinalado em verde, indicando a configuração das imagens como um formulário de escolhas.

Se esse caráter de escolha não estava claro apenas com as imagens, em caixa alta e em letras vermelhas que tomam toda a largura da página, ultrapassando as margens dos quadros com as imagens dos bebês, o enunciado que nomeia a reportagem da edição denuncia: *escolha o seu bebê*. Abaixo, outro enunciado explica:

- *A genética já é capaz de selecionar crianças mais saudáveis, mais fortes e até mais bonitas*

A ciência deixa de ter apenas o caráter de conjunto de conhecimentos, e sofre a atribuição de ação; mais do que isso, a ela é atribuído o poder de controle e seleção dos sujeitos, de forma que eles se caracterizem conforme uma ordem que impõe que sejam *mais saudáveis, mais fortes e mais bonitas*. Esta é uma técnica de funcionamento do biopoder, que, por meio de um saber autorizado (a ciência da medicina genética), passa a exercer um controle em busca do aprimoramento da espécie; a atuação dessa ciência se dá então a nível da população, e não apenas do indivíduo. Nota-se o uso do advérbio intensificador *mais*: não há uma construção sintática de comparação (*mais do que.../ mais que...*), entretanto, produz-se um efeito de sentido que questiona – *mais* em relação a quê?

A resposta está na dualidade entre a concepção natural e aquela controlada pela ciência. A medicina genética se destaca como um ramo que estuda o corpo a partir dos seus genes, um processo de estruturação que apaga quaisquer diferenças e aspectos culturais que possam envolver o sujeito; o corpo é decodificado em cromossomos, RNAs e DNAs, um olhar que vai além da célula viva e pulsante para chegar ao comum de todos os sujeitos e de todos os seus corpos, uma mesma formação de códigos que se repete independentemente dos genótipos, fenótipos, classes sociais e formas simbólicas e



culturais (KECK & RABINOW, 2008). Uma rede/fórmula que define o que é ser humano (ou seja, ter 22 pares de cromossomos semelhantes perfeitamente alinhados mais um par de cromossomos sexuais) e que tem a função de assinalar como anormal aquele sujeito que escapa e essa ordem discursiva.

O enunciado coloca a genética em um *status* em que se permite não apenas ditar as regras de diferenciação daquilo que é humano do que não o é (observa-se que a genética diferencia o ser humano de outros animais e demais seres vivos quanto à quantidade de pares de cromossomos; por exemplo, uma drosófila se constitui como tal por ter apenas seis pares; o que diferencia o homem do macaco não é mais uma possível linha evolutiva de um possível ancestral comum, mas o DNA); essa ciência pode criar sujeitos – e seus corpos – aperfeiçoados, que se destacam daqueles de concepção natural e não controlada e cujos cromossomos não são selecionados.

Há aqui então uma força contraditória: a princípio, a genética elimina as questões sociais e simbólicas para uma caracterização do ser humano (cabe lembrar mais uma vez: ser um ser humano é ter 22 pares de cromossomos alinhados mais dois cromossomos sexuais); entretanto, a seleção que efetua é com base nessas mesmas questões. Só se é possível compreender conceitos como *saudável*, *forte* e *bonito* a partir dos saberes que transpassam historicamente as relações sociais. O que significava ser saudável até os meados do século XIX se modifica consideravelmente no século seguinte; ser forte significa força para tração, resistência física ou resistência a doenças? E se pode dizer que na história da humanidade, um dos fatores mais instáveis é a definição do que é ser belo<sup>20</sup>. Esses são fatores que são apropriados pela genética, mas que são constituídos sócio-historicamente, e como tal reflete saber que se relaciona a poder que permite ou não a sua constituição.

E porque a ação dessa ciência sobre a criança? Essa questão se esclarece quando se analisam as escolhas lexicais operadas no enunciado – por que há o uso do termo *seleciona*, e não transforma? Se a intervenção da ciência ocorre no sujeito, ela se dá antes que ele se constitua como integrante de uma rede social. É até mesmo antes de sua concepção ou de seu desenvolvimento como feto. Ele é selecionado, diante de uma quantidade de outras possibilidades. Mas selecionado não significa modificado ou transformado. Assim, a ciência genética não pode agir diretamente sobre o corpo do

---

<sup>20</sup> Sobre esse assunto, sugere-se aqui o livro *História da beleza*, de Umberto Eco (2004).

sujeito, alterando aqueles já adultos (e produtivos) em *mais saudáveis, mais fortes e até mais bonitos*. Um poder que escolhe qual sujeito é mais apto e, dessa forma, qual será o mais produtivo dentro daquelas possibilidades e aquele que viverá melhor, uma vez que as relações de poder que transpassam a sociedade e os indivíduos tem como função garantir que os sujeitos sejam produtivos e que a vida seja garantida (FOUCAULT, 2005, 2009b).

Observa-se por fim, nesse enunciado, que a imagem das crianças é praticamente a mesma. Então, o que a torna tão diferente que possibilite qualificá-la como ocorre no enunciado verbal? A mesma estrutura que a define como ser humano e que, por ironia, é a mesma para toda a espécie. Mas essa semelhança traz ainda outro efeito de sentido, em que se questiona o que realmente diferencia um sujeito mais saudável, mais forte e mais bonito do outro, deixando em dúvida se essas diferenças são profundas o suficiente para que haja a constituição de outro sujeito.

Isso posto, passa-se agora para o terceiro enunciado desse trajeto temático. Outra capa de revista, da Revista Veja, edição 1792, de 05 de março de 2003<sup>21</sup>, na qual se observa um foco parcial em um corpo contra um fundo preto, corpo esse que toma quase toda a página. No canto superior direito, o título da revista paira acima de tudo com letras



verdes claro e contornos brancos, destacando-se daquilo que sobrepõe. Abaixo, ainda alinhado ao canto direito, mas dessa vez centralizando a página, título e subtítulo da reportagem principal da edição.

O corpo materializado não é mais um corpo infantil ou desenhado, como nos enunciados anteriores. É um corpo malhado, com contornos definidos que ficam nítidos pelas cores e pelos jogos de luz e sombra. Sua posição indica uma técnica corporal voltada para a prática de exercícios – enquanto uma perna se estende reta (perna essa que se esconde e se

---

<sup>21</sup> Ver Anexo 3.



confunde com o segundo plano), outra a frente com o joelho dobrado e levantado, formando um ângulo de noventa graus com o tronco. Como as pernas estão posicionadas lateralmente, o quadril se contorce e é apresentado em posição frontal, seguido pelo tronco e peito, que fazem uma leve inclinação lateral em direção à perna dobrada. Os braços se projetam para fora da imagem, estando o direito, assim como a primeira perna, mesclado com a escuridão do plano de fundo, além de ser mostrado apenas até um pouco além dos ombros. O braço esquerdo, do qual se mostra até um pouco além do cotovelo que se articula em noventa graus, forma uma linha com os ombros e o tronco, acentuando a inclinação lateral. Nem mãos, nem pés são mostrados – observa-se que, da perna dobrada, tem-se apenas um breve vislumbre da meia branca. O que se foca aqui é um corpo composto por fibras e músculos, postos em posição de movimento, ou seja, um corpo de *performance*.

As cores do corpo são contrastantes com o fundo escuro. Na pele dourada que revela a saúde do corpo, os músculos se sobressaem e se tornam mais evidentes por meio das sombras, músculos estes que não estão em posição de descanso, mas flexionados, postos em trabalho. O suor banha a pele – as gotículas brilham contra o dourado e o escuro do fundo e realçam ainda mais as formas e contornos musculares. A roupa se restringe a um *microshorts* cavado e um top, ambos em malha cinza claro (tecido próprio para a prática esportiva e de condicionamento físico), manchadas pelo suor, que deixa o tecido em tonalidade mais escura. Apesar de pouco cobrir o corpo, as roupas não são reveladoras. Deixam a mostra a barriga e as pernas, mas não os seios. Justas, porém não demasiadas, permitindo o movimento e sem tender para a sensualidade – sensualidade e sexualidade não são postas em foco nesse corpo. Trata-se de um corpo de mulher, porém não é um corpo *sexy* ou sensual. Até mesmo os cabelos (símbolos da feminilidade) são deixados à parte, presos e desalinhados, com os fios molhados e caindo sobre o ombro esquerdo, grudados na pele suada.

Não apenas a roupa cobre as regiões dos seios e do quadril, mas a própria perna dobrada lateralmente permite que se esconda a região da pélvis. O recorte do rosto que aparece apresenta uma boca contraída (da mesma forma que os outros músculos do corpo), mostrando uma técnica corporal da respiração. Embora seja um corpo feminino, todos os traços da feminilidade são apagados, escondidos, mesclados com a escuridão do plano de fundo. É um sujeito cujo foco está na sua constituição muscular. Se os contornos do corpo

são relevados (como se observa na região da cintura), é com esse propósito, e não o de seduzir.

Nota-se que a imagem do corpo se restringe apenas ao segundo plano, pois, ao primeiro, são reservados os enunciados verbais, que se sobrepõem à imagem sem se mesclar a ela, como ocorreu no primeiro enunciado. Em letras brancas e em caixa alta, o título da reportagem se divide em duas linhas: *os limites/ do corpo*. Logo abaixo, o subtítulo, cuja segunda parte (que se segue aos dois pontos) atua como uma explicação da primeira:

- *Não é só suor: a genética também determina os resultados da malhação*

Se a imagem representa um corpo contorcido e contraído pelo movimento (a *malhação*, relatada na parte verbal do enunciado), o verbal revela outro lado desses contornos: apenas o condicionamento físico não basta para se conseguir um corpo bem torneado. Ao se colocar que *não é só suor*, suor passa a equivaler à musculação. Mas quais seriam esses *resultados* aos quais o enunciado se refere? São aqueles apresentados pela imagem - um corpo escultural, modelado, com músculos bem torneados e uma brilhante e saudável pele dourada – ou se pode ir além do que está posto, e considerar aspectos como beleza e, o mais importante, produtividade. Há então o biopoder, que além de organizar os sentidos do verbal e do não-verbal, disciplina o corpo por meio das técnicas de malhação, havendo um governo tanto do corpo quanto da população.

É necessário observar a escolha lexical operada pelo enunciado: aqui, a genética não mais *seleciona* (como no enunciado anterior), mas *determina*. Ao determinar, estabelece-se uma ordem que não pode ser rompida, sob a pena de, diante da ordem do olhar, ser posto como o anormal. A organização sintática também produz sentidos; apesar da genética estar aliada à musculação como forma de obter resultados, ao ser colado na ordem em que se apresenta (primeiro *também* e depois *determina*), o verbo recebe um impacto de sentido maior do que a conjunção; assim, os resultados do condicionamento físico são muito mais constituídos pela genética do que pela atividade em si. Trata-se de saberes, da genética e do *fitness*, que se sobrepõem ao sujeito, produzindo uma subjetivação que passa pela disciplina do corpo.

*Determina* ainda está conectado ao próprio título da reportagem, *Limites do corpo*. Observa-se que essa parte do enunciado se distribui em duas linhas, sendo dividido por um traço que atinge os limites da borda da página. Em verde claro, assume a mesma cor do título da revista. Pode-se ter dois efeitos de sentido: o traço tanto divide o enunciado,



quanto oferece um suporte no qual o título se ancora. Assim, tem-se o limite expresso pelo verbal também por meio do símbolo, pois o traço não só representa o próprio limite, quanto oferece um suporte no qual o enunciado verbal se ancora dentro da organização da página – assim como a norma fornece o suporte e a determinação do sujeito. *Limite* e *determina* se ligam na medida em que colocam parâmetros para o corpo, o que pode ou não se alcançado – além da forma em que isso pode ocorrer, por meio da musculação e de acordo com os paradigmas do saberes sobre o corpo provindos da genética, que revela o corpo que está além do olhar, um corpo codificado, que não é mais apenas individual, está na espécie. Esse saber ganha estatuto de verdade ao ser provindo do campo científico<sup>22</sup> e conduz o sujeito a uma posição em que, para que seu corpo seja útil e a vida se mantenha, ele deve atender às normas estipuladas dentro do campo. O conhecimento genético ainda produz outro efeito: é de domínio apenas da genética. Não há outra ciência ou instituição de formas simbólicas que possam produzir o mesmo tipo de saber que a medicina genética – e isso pesa ainda mais na questão da verdade, passando a assumir um lugar autorizado (discurso esse que é materializado na mídia em forma de reportagem) de enunciação e de discursivização.

Como quarto e último enunciado deste trajeto temático tem-se *A medicina revela a mulher de verdade*<sup>23</sup>, publicada pela revista Veja, edição 1998, de 07 de março de 2007. O enunciado aponta que as diferenças entre os corpos masculinos e femininos vão além dos órgãos sexuais, os cromossomos e os hormônios, e constitui todo o corpo e um sistema de patologias. Ao contrário dos enunciados anteriores, este se configura como uma matéria jornalística de longa extensão, com sete páginas, sendo as primeiras duas conjuntas, formando uma só imagem. Observa-se que essa matéria está designada como pertencente ao quadro *Especial*, no qual se dá um maior destaque ao assunto apresentado, o que revela aqui certa importância da discussão sobre a temática do corpo diante da medicina.

---

<sup>22</sup> A verdade no campo científico se configura na medida em que as hipóteses levantadas são aplicadas, testadas e comprovadas. Ao observar-se que a hipótese encontra suporte no “real”, há a sua comprovação, ganhando a condição de verdade incontestável e pronta para a assimilação. A dúvida moderna e o fato do conhecimento se dar em forma de hipóteses que podem ser retomadas futuramente é apagado, eliminando assim quaisquer dúvidas que possam surgir quanto a sua veracidade.

<sup>23</sup> Ver Anexo 4.



Observa-se nas páginas da reportagem uma borda superior e outra inferior. Enquanto a inferior se caracteriza como uma linha grossa em um tom esverdeado escuro, na parte superior a borda se constrói como um jogo de degrade (apesar de ainda ser da mesma cor da inferior), no qual pequenas figuras humanas, retratadas apenas na cor preta, como uma espécie de sombra. Essas figuras estão em movimento, e são todas figuras femininas, observável pelos contornos do corpo e pelos traços de cabelo preso na nuca, e retratadas como se estivessem em seu cotidiano.

No canto esquerdo das duas primeiras páginas, observa-se uma figura feminina, apresentada desde a cabeça até o quadril. De costas e levemente virada para o lado, com a mão direita tampa os seios, enquanto o braço esquerdo se esconde ao lado do corpo. A mão que cobre os seios pousa ali naturalmente, como se não fosse seu intuito esconder. No seu quadril, uma toalha branca pousa quase caindo, sem tentar cobrir totalmente o corpo nu. A mulher é jovem, de pele branca e cabelos lisos e escuros, presos no topo da cabeça e deixando algumas mechas caírem pelo pescoço e pelo rosto. Ela olha para baixo, para um ponto que foge aos limites da página. A pose se mostra natural, com um sujeito que está a vontade como o seu corpo — corpo esse que é magro, o que é evidenciado pela região da barriga, das costas, braços e ombros, nos quais os ossos se projetam por meio do foco de

luz e sombra sobre a pele. Essa imagem feminina é sexuada, mas sem ser *sexy* ou sensual. Feminina, mas sem apelo ou vontade de sedução. A beleza é tratada como algo natural do sujeito, sem subterfúgios para a sua manutenção ou aquisição.

O restante da página pode ser dividido em duas partes. Na primeira, superior, é tomada pelo título, em caixa alta. Parte desse título está em letras pretas e menores (*a medicina revela a... /... de verdade*), que se posicionam acima (*a medicina revela a...*) e outra abaixo (*... de verdade*). Entre as duas linhas, uma só palavra em caixa alta e na mesma cor que as bordas da página toma toda a largura do espaço entre as margens e a figura feminina: *mulher*. O uso do vocábulo em destaque, assim como as figuras da borda e a imagem ao lado reforçam o enunciado quanto ao objeto a ser tratado. Apesar de se falar nas diferenças entre os corpos feminino e masculino, o abordado pela reportagem jornalística é feminino. O corpo masculino aparece apenas como ponto de comparação.

Abaixo do título (que toma metade da página, se dividida no sentido horizontal), o enunciado verbal aparece em três colunas. Ao lado, entre o verbal e o não-verbal, um enunciado que atua como uma chamada da materialidade discursiva verbal e explicação do título:

- *As descobertas sobre as diferenças fisiológicas entre mulheres e homens devem mudar a prevenção, o diagnóstico e o tratamento de diversas doenças – especialmente no caso delas*

Observa-se que o enunciado fala em diferenças fisiológicas. Para Foucault (2007), a função enunciativa se constitui por meio do apagamento; assim, o referencial desse enunciado se constrói pelo apagamento dos outros enunciados do domínio associado que poderiam emergir em seu lugar. Apagam-se os diversos enunciados que apontam para uma disputa entre os gêneros, elevando a diferenças ao nível da fisiologia. Outro fator a se notar é a ordem sintática – *mulheres* é enfatizado ao ser posto antecedendo *homens*. Até mesmo o uso do possessivo *delas* enfatiza essa preferência – não se faz necessário o uso repetido do termo *mulheres*, pois está claro que é nelas que a materialidade discursiva terá enfoque. Esse uso pronominal oferece dois efeitos de sentido: ao mesmo tempo em que não repete o termo, fazendo a sua substituição, reforça-o.

Ainda nesse enunciado, há uma gradação de ações que remontam à prática discursiva da medicina: *prevenção*, *diagnóstico* e *tratamento*, configurando o domínio associado no qual os sentidos sobre o corpo são produzidos. Em relação à prevenção, vale lembrar ainda que, para Keck e Rabinow (2008), o corpo é um ente doente ao qual o



anúncio da doença é apenas uma questão de tempo. Prevenir é atrasar o momento da revelação da doença — o *diagnóstico*. A saúde não é, então, a ausência da doença, mas apenas o estado em que ela ainda não se anunciou (KECK & RABINOW, 2009). Tratar é trazer o corpo para o estado inicial antes do diagnóstico.

Na terceira página, observa-se agora a imagem de dois sujeitos. À frente, uma mulher jovem, de pele branca e cabelos escuros também presos. Seu corpo é retratado até o quadril, e apenas uma parte da veste branca é vista, sem se

poder delimitar em que tipo de peça consiste. Da cintura para cima, o corpo se desnuda. A mulher está parada com o tronco virado para frente, enquanto o rosto se vira para o lado, juntamente com o olhar, que, com expressão neutra, foca em algo além da página. Os braços agora se cruzam acima dos seios, com o intuito de escondê-los, o que não ocorria na imagem anterior, cuja posição exibia naturalidade.

O corpo já não é tão magro como na imagem anterior. As curvas da cintura são suaves, e a parte visível da roupa prende a cintura e faz com que se forme uma levíssima dobra, representante de um corpo que não está obeso ou gordo, mas também não se enquadra nos exagerados padrões de beleza. Também os braços largos indicam essa forma diferenciada de peso, em contraposição às imagens de modelos magras ao excesso.

Atrás dessa mulher está uma figura masculina, quase como um plano de fundo. Sua imagem é recortada tanto pelo quadro de informações à direita quanto pela própria imagem da mulher. Seu rosto aparece pela metade; seus braços e pernas estão ocultos, de seu abdome aparecem apenas leves jogos de sombra sobre a pele, mas que são suficientes para



indicar a presença de músculos. Também de pele branca, cabelos lisos e loiros, esse homem é, apesar de sua pouca disposição, o retrato de um sujeito que se enquadra na ordem do belo, sem deixar de ser másculo. No canto inferior, um recorte de sua roupa, da mesma forma que ocorreu com a mulher; entretanto, em oposição à roupa branca dela, a sua é preta – o que reforça as diferenças entre os dois gêneros, conforme apontado pelo enunciado.

O quadro desta página tem sequência nas páginas



**SISTEMA DIGESTIVO**  
Os hormônios ovarianos deixam os movimentos peristálticos mais lentos. Por isso, as mulheres têm mais intestino preso.

**TEMPERATURA CORPORAL**  
A testosterona faz com que o organismo dos homens funcione num ritmo mais acelerado do que o das mulheres. Por isso, a temperatura corporal delas é ligeiramente mais elevada.

**PELE**  
A pele feminina é até dez vezes mais fina e sensível ao toque do que a masculina – o que ajuda a explicar a maior propensão das mulheres às rugas.

**COMPOSIÇÃO CORPORAL**  
Os homens são “maça” – a gordura tende a se depositar no abdômen e nas costas. O ideal é que o acúmulo de tecido adiposo não ultrapasse 15% do peso total. E que os músculos representem no mínimo 45%.  
As mulheres são “pára” – o excesso de adiposidade se concentra nos quadris, glúteos, coxas e braços e não deve ser superior a 25% de seu peso. A massa muscular deve ficar ao redor dos 35%.

**OSSOS**  
Nos homens, as células construtoras de osso estão menos sujeitas aos efeitos do envelhecimento, o que explica por que eles são menos propensos à osteoporose.  
A densidade óssea das mulheres tende a ser 30% menor.

vamente depressa. Entre outras coisas, hoje já se sabe que o cigarro é mais nocivo para os pulmões delas do que para os deles. Que, quando eles sofrem uma obstrução coronariana, as artérias entupidas tendem a ser de grosso calibre – ao passo que, no caso delas, os vasos cardíacos atingidos são mais finos — e também que as células de defesa das mulheres são mais ativas — mas que, por seu turno, os homens são mais resistentes à dor (veja quadros nas pág. 80 e 82).

No entanto, o caminho a ser percorrido na diferenciação dos tratamentos é longo. Tome-se um exemplo bastante ilustrativo: seis em cada dez remédios disponíveis hoje no mercado são eliminados de forma mais rápida do organismo feminino do que do masculino. Isso quer dizer que o tempo de ação desses medicamentos tende a ser menor nas mulheres. É o que acontece com o anti-hipertensivo verapamil. Como o remédio desaparece mais rapidamente da corrente sanguínea das mulheres, o tratamento não é tão eficiente entre elas quanto é entre eles. A explicação está na enzima CYP3A4. Ela é 40% mais ativa nas mulheres do que nos homens. Produzida no fígado e nos intestinos, a substância é uma das principais responsáveis pelo metabolismo de medicamentos em geral.

Sob o ponto de vista estritamente biológico, as diferenças mais marcantes entre homens e mulheres decorrem da interação entre os genes e os hormônios. E, entre as cerca de três dúzias de hormônios que regem tanto o organismo masculino quanto o feminino, dois têm papel preponderante. A testosterona é fundamental na formação e manutenção das características físicas masculinas. O equivalente feminino da testosterona é o estrogênio. Eles não só determinam características exteriores e comportamentos como regem o funcionamento de órgãos essenciais. Se é graças à testosterona que os homens têm músculos mais desenvolvidos, são mais peludos e têm voz mais grossa, é por causa dela também que o esqueleto deles está mais protegido contra a osteoporose. Se é graças ao estrogênio que as mulheres têm seios protuberantes e a voz mais aguda do que a dos homens, é por causa dele, ainda, que as artérias cardíacas delas estão mais protegidas contra o depósito de placas de gordura — pelo menos até por volta dos 45 anos, quando a produção desse hormônio pelos ovários começa a minguar, até cessar definitivamente com a chegada da menopausa. Mais: asma, artrite reumatóide, epilepsia, diabetes e depressão, entre outros males, podem ter seus sintomas agravados pela falta de estrogênio.

As diferenças fisiológicas entre homens e mulheres são mais conhecidas na cardiologia. Num editorial recém-publicado na *Revista da Associação Médica Americana* (cuja sigla, em inglês, é *Jama*), o médico Roger Blumenthal, professor da Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos, defende incluir dois novos parâmetros para avaliar o risco de uma mulher vir a sofrer de uma doença cardiovascular no prazo de dez anos. Ele argumenta que a análise do histórico familiar de infartos e derrames precoces (ou seja, em parentes diretos com menos de 60 anos) e a medição das taxas sanguíneas da proteína C-reativa ultra-sensível, associada à presença de inflamação arterial, são armas poderosas para a proteção do sistema cardiovascular feminino — sem menosprezar, é óbvio, os fatores de risco tradicionais, como obesidade, tabagismo, sedentarismo, diabetes, hipertensão e colesterol alto, entre outros. Essas evidências surgiram de um trabalho de dez anos, com 24.000 mulheres saudáveis acima dos 45 anos, o *U.S. Women's Health Study*, patrocinado pelo governo americano. A mudança reside no fato de que a concentração de C-reativa e o histórico familiar da doença são ignorados pela maioria dos médicos na avaliação de suas pacientes. O impacto da nova proposta é enorme: ao se levar em conta esses dois fatores, 25% das mulheres que, pelos parâmetros atuais,

veja 7 de março, 2007 81

seguinte, construindo um jogo de palavras por meio dos títulos: *Na saúde... / ... e na doença* (presente na página 82 do enunciado). Esse jogo de palavras remete ao domínio associado de enunciados sobre os votos sacramentais do casamento; entretanto, não é sobre essa forma de relação social que a materialidade discursiva pretende falar, mas sim sobre as principais diferenças fisiológicas entre mulheres e homens. Diversos aspectos são trazidos: *cérebro, visão, pulmão, coração, olfato, audição, paladar, pressão arterial e sistema imunológico*. No quadro, pequenas imagens dos órgãos (como cérebro, coração e pulmão) são trazidas como forma de ilustração e suporte ao verbal. Ocorre assim o exercício de uma prática discursiva que estabelece, pela diferença entre homens e mulheres, a identidade de gênero. Entretanto, cabe notar que o enunciado *aparenta* retomar um discurso sobre a diferença de gêneros, mas observar-se que o sujeito é, para Foucault (2007), uma função vazia que pode ser ocupada por qualquer indivíduo. Dessa forma, os sujeitos homem e mulher e os critérios que atestam e diferencia suas identidades de gênero são constituídos pelo discurso.



Na página seguinte há a continuação do quadro no canto esquerdo, enquanto o enunciado verbal da reportagem (iniciado na segunda página) tem sequência ao lado, em forma de duas colunas. No topo da página, chama a atenção uma imagem de dois corpos — um masculino e outro feminino — com o tronco aberto para observação do sistema digestivo e respiratório. No final da página, outra figura demonstra os tecidos musculares e ósseos de um mesmo corpo, dividido ao meio verticalmente — corpo

esse que é também feminino, o que pode ser observado pela presença de um dos seios no lado muscular da imagem.

Na outra parte do quadro, já na página seguinte, há uma demonstração de *como um mesmo distúrbio pode ter impacto diferentes em mulheres e homens*. São relatados distúrbios como os *cardíacos, derrame, AIDS, dor, tabagismo, stress, diabetes tipo 2 e doenças auto-imunes*. Mais uma vez são apresentadas imagens dos órgãos como forma de ilustração, assim como a de um sujeito fumante (também uma mulher) e um teste de nível de glicose. O quadro tem continuação ainda na página seguinte, com os distúrbios depressão, câncer do pulmão e osteoporose. Mais imagens ilustrativas constituem a materialidade, e dentre elas a única imagem masculina, no topo da página — um homem sentado em uma mesa de restaurante com uma taça de vinho. Ele se recosta na mesa e estica uma de suas mãos para além da taça, enquanto a outra serve de apoio para a cabeça. Seu olhar cansado e depressivo se perde entre a taça, que está com pouco conteúdo, e a sua mão. Nota-se que tanto a posição do sujeito quanto o ângulo da foto dão ênfase para a mão estendida, que aparece ampliada em tamanho desproporcional ao resto do corpo do sujeito,





que por sua vez fica restrito ao segundo plano. Uma imagem masculina que não é enfatizada o bastante para contrastar com as demais femininas apresentadas.

O uso de quadros continua nas duas últimas páginas. Na sexta página, é apresentado o quadro *É uma questão de natureza*, com a tese de que muitas das diferenças entre mulheres e homens se devem a fatores genéticos e não apenas culturais. O enunciado verbal se articula em perguntas e respostas, disponibilizadas entre imagens desenhadas com a

função humorística e ilustrativa.

Na última página (a sétima), há a utilização de dois quadros, um no topo da página e outro ao final. O do topo, *Homens e mulheres na New Yorker*, apresenta função meramente cômica e constitui-se de três charges publicadas pela revista americana *New Yorker* como *exemplos do humor com que as diferenças entre os sexos são retratados pelos cartunistas da revista*. O que seria apenas humor, atua também para demarcar as diferenças entre os dois gêneros. Apesar de fugir do estilo de texto científico, as charges ainda assim confirmam a posição do sujeito enunciadador adotada pelo enunciado. Observa-se que as três charges estão em torno da figura feminina, mesmo quando a palavra é usada pelo homem (como ocorre na segunda charge: *o que você quer, Denise? / Eu não consigo ler mentes.*).

No quadro do final da página, são apontados ainda três exemplos de como os medicamentos podem reagir de forma diferenciada na mulher e no homem. O enunciado verbal se organiza na sequência de medicamento (*antidepressivos, antiinflamatórios e preventivo cardiovascular*), resposta dos sujeitos conforme o gênero e explicação.

Tanto nos quadros quanto na parte verbal da reportagem o que é evidenciado é a diferença do corpo feminino em relação ao masculino. Diferença essa que é posta inicialmente como fisiológica, mas, em seguida, surgem fatores sociais como a função da maternidade e o papel da mulher na sociedade como geradora:

- ... o homem era um ser humano ligado a um par de testículos e a mulher, por sua vez, um par de ovários ligado a um ser humano.
- A visão periférica das mulheres, no entanto, é melhor – o que era essencial para a proteção da cria.
- As mulheres ouvem melhor, principalmente sons agudos, como o choro dos bebês.

O enunciado se constrói ainda a partir de uma linguagem científica, com uma mescla entre a linguagem coloquial, que permite inclusive o uso de charges de humor na reportagem, e a linguagem científica, constituída por meio de três aspectos principais: o uso do léxico técnico da área, o uso de quantificadores e o uso da voz do especialista, o discurso de autoridade, configurando o sujeito legitimado para falar a partir dessa ordem discursiva que incide sobre o corpo.

Quanto ao léxico, são utilizados termos como:

- Diferenças fisiológicas, diferença epidemiológica;
- Prevenção, diagnóstico e tratamento;
- Órgãos reprodutores, testículos, ovários, vagina, mucosa vaginal, feto;





- *Patologia, doença, osteoporose, asma, artrite reumatóide, epilepsia, diabetes, depressão, doença cardiovascular, infartos, derrames precoces, inflamação arterial, obesidade, tabagismo, sedentarismo, hipertensão, colesterol, distúrbios cardíacos, dor, derrame, AIDS, stress, diabetes tipo 2, doenças auto-imunes, paralisia, HIV, vício, lúpus, artrite reumatóide, câncer de pulmão, câncer vaginal, malária, alcoolismo, abuso de drogas, dislipidemias;*
- *Contaminação;*
- *Cobaias, testes clínicos;*
- *Rugas;*
- *Organismo, pulmão, sistema imunológico, pele, cérebro, sistema digestivo, ossos, corpo caloso, células da retina, cromossomo X, órgãos, tecidos do organismo, abdômen, fígado, genes, glândulas adrenais, fêmur;*
- *Coração, pressão arterial, hemoglobina, sangue, artérias coronárias, obstrução coronariana, corrente sanguínea;*
- *Visão central, visão periférica, audição, paladar, visão, olfato;*
- *Estrógeno, hormônios femininos, testosterona, reposição hormonal;*
- *Enzima CYP3A4, proteína C-reativa, HDL;*
- *Movimento peristáltico, densidade óssea, temperatura corporal, composição corporal, adiposidade, menopausa, sintomas, náuseas de gravidez;*
- *Medicina do gênero, cardiologista, médicos, prática médica, especialistas, reumatologista;*
- *Exames clínicos, angioplastia, teste de esforço, terapia;*
- *Remédio, talidomida, farmácia, medicamento, antidepressivos, antiinflamatórios, preventivo cardiovascular, esteróides, Prozac, Zoloft;*

A escolha lexical atravessa várias áreas da medicina: desde as profissões (*cardiologista, neurologista...*), aos órgãos e partes do corpo (*pulmão, abdômen, sistema digestivo...*), às práticas (*angioplastia, terapia...*) e males que afetam esse corpo (*diabetes, paralisia, AIDS...*). Tais termos se restringem ao campo da biologia, e alguns deles (como os procedimentos e práticas e as doenças) são utilizados quase que exclusivamente pela área da medicina. Materializá-los discursivamente em um enunciado de uma revista

voltada para um público não especializado é apresentar para o leitor o discurso do especialista, e ainda contribui como discurso de autoridade e de critério verdadeiro.

Os termos referentes à patologias e doenças alertam ainda para os riscos presentes na sociedade. Se ela é, segundo Giddens (2002), apocalíptica por apresentar novos perigos para o sujeito, perigos esses os quais ele não havia a necessidade de enfrentar em um momento anterior, pode-se entender então que o risco não está apenas no social, mas no próprio corpo. Se ele é um corpo doente que apenas aguarda o anúncio da doença, é também um corpo em eterno risco, cujas escolhas e estilos de vida do sujeito devem ser delimitados de forma que não permita que esse corpo não seja mais produtivo – e a doença é um meio de desconstruir a produtividade. Assim, a ciência médica aparece como forma de subverter a doença e proporcionar ao sujeito o viver bem.

O discurso científico se utiliza ainda dos quantificadores que delimitam o corpo e o controla e autoriza observar o funcionamento de elementos de uma prática discursiva de controle e docilização do corpo, um biopoder que gerencia as condições de vida dos sujeitos de forma que garanta a sua existência (FOUCAULT, 2005; 2009b; MACHADO, 2008). Fala-se assim em *dois terços das doenças* que afetam os dois gêneros, em cérebros *15% maiores e 10% mais pesados*, pulmões *20% maiores*, corações *30% maiores*, artérias *15% menores*, batimentos *10% mais rápidos*, batimentos que variam entre *60 a 80 por minuto*, ou de *55 a 70*, pesquisas realizadas com *24 000 mulheres* saudáveis *acima de 45 anos*, ou sintomas que atingem *1 em 5 mulheres*, o colesterol bom que deve estar na taxa ideal de no *mínimo 50 miligramas por decilitro de sangue*. O corpo é então controlado pela quantidade, estipulado, proporcionado, colocado dentro de uma ordem que estabelece como ele deve ser. Esse posicionamento e delimitação é um dos mecanismos de controle da disciplina.

Quanto ao discurso de autoridade, são utilizadas diversas vozes de especialistas de diferentes áreas dentro da medicina:

- *Na definição do antropólogo e anatomista alemão Rudolf Virchow...*
- *“Vivemos um dos momentos mais fascinantes da ciência. Para onde quer que olhemos, há sempre diferença entre homens e mulheres”, diz a cardiologista americana Marianne Legato, do livro Eve’s Rib (A Costela de Eva).*
- *Num editorial recém-publicado na Revista da Associação Médica Americana (cuja sigla, em inglês, é JAMA), o médico Roger Blumenthal,*

*professor da Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos, defende incluir dois novos parâmetros ...*

- *Diz o cardiologista Otávio Gebara, professor de cardiologia da Universidade de São Paulo: “Acredito que a inclusão desses novos marcadores poderá salvar inúmeras vidas”.*
- *“Cerca de 75% das mulheres vítimas de infarto são avaliadas como de baixo risco”, diz o cardiologista Raul Santos, diretor da unidade clínica de dislipidemias do Instituto do Coração, São Paulo.*
- *Em 1985, o Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos Alertou: “A falta de pesquisas que forneçam dados sobre as mulheres compromete a qualidade das informações e dos cuidados médicos para com elas”.*
- *“O conhecimento mais aprofundado da saúde de ambos os sexos é de enorme importância para aperfeiçoar a prática médica, principalmente com o aumento da expectativa de vida”, disse a Veja a médica Vivian Pinn, dos Institutos Nacionais de Saúde dos Estados Unidos.*
- *“Não existe uma tradição em pensar a osteoporose como uma doença do homem. Por isso, muitos deles não recebem o diagnóstico correto, mesmo depois de sofrer fraturas”, diz o reumatologista Cristiano Zerbini.*

Esses discursos não só atestam confiança no enunciado, mas também constroem o caráter do enunciado da revista (e também o da ciência) como verdade e, como tal, não passível de discussão.

Esse discurso científico constitui ainda as imagens utilizadas nos quadros, nas quais são focados os órgãos, o vírus, o exame clínico, a constituição do corpo, com papel informativo ou ilustrativo daquilo que está sendo exposto pelo enunciado.

Observa-se ainda que entre as vozes dos especialistas e a voz da reportagem há uma relação de contestação, exclusão e admissão dos aspectos sócio-histórico-culturais como fatores de diferenciação entre os gêneros. Inicialmente, a diferença se define no âmbito fisiológico (*vivemos um dos momentos mais fascinantes da ciência. Para onde quer que olhemos, há sempre uma diferença entre homens e mulheres*). Entretanto, no decorrer do enunciado verbal, os aspectos não biológicos ressurgem (como a atribuição do papel social da mulher como mãe): *“Homens e mulheres não existem no vácuo. A maneira como eles se desenvolvem e sobrevivem é uma consequência direta da cultura e da sociedade em que estão inseridos”.*

Diante dessas definições do corpo da mulher, cabe perguntar ao enunciado: quem é essa mulher de verdade que é representada pela materialidade discursiva? Como o enunciado trabalha a partir do contraste, há aqui duas concepções que se completam. A primeira é que ser mulher de verdade é, antes de tudo, ser diferente do homem – diferença essa que se dá principalmente pela fisiologia, mas também pelos aspectos culturais. A segunda é que se há uma mulher verdadeira, é porque há também uma falsa. No jogo entre o certo e o errado, há também a relação entre o antigo e o atual (e mais uma vez deve-se lembrar da questão do conhecimento como hipóteses que podem ser retomadas a qualquer momento e remodeladas ou refutadas). A noção do corpo da mulher anteriormente à pesquisa se constitui como a mulher falsa; a nova, com base na diferenciação fisiológica, é a verdadeira. A antiga não tem seu corpo diferenciado do homem a não ser pelos órgãos sexuais – mulher e homem são iguais. Assim, ser mulher de verdade é ser essa nova mulher cuja fisiologia se difere do corpo masculino. Ser mulher é, acima de tudo, não ser homem. Desse modo, a identidade feminina se constrói não pela sua própria definição, mas pela exclusão, negação e contraposição ao outro; há então o estabelecimento da identidade a partir da diferença, conforme é apontado por Woodward (2007). Foucault (2006) aponta que os enunciados são constituídos por meio de um regime de separação e de rejeição, que neste caso operam a partir do corpo, ou seja, a mulher antiga é aquela que não consegue se enquadrar nesse padrão enunciado. Ela é separada e rejeitada pelo enunciado analisado, que aponta ainda que fazer parte do que é ser essa mulher verdadeira é receber o diagnóstico certo, não fazer, é receber o errado. Mais do que uma diferenciação e de enquadramento em uma ordem do discurso, é uma questão de vida ou morte do sujeito.

Além disso, mais do que uma simples diferenciação de gêneros e processo de identificação por meio do discurso médico e científico, o enunciado, ao ser articulado, atesta a medicina como a instituição autorizada para falar sobre o corpo, aquela que tem o poder de conhecer (ou seja, que tem domínio de um saber) a sua forma “verdadeira”. É ela que descobre e se apossa dessa verdade sobre o corpo e a utiliza para se constituir como lugar oficial de discursivização sobre o corpo – sendo que essa verdade é, para Foucault (2008b), um efeito discursivo construído a partir das relações de saber e poder articuladas nos enunciados.

Essa característica se dá não apenas nesse enunciado, mas também nos três que o antecederam. Ao se apropriar do corpo e produzir saberes que são postos como verdades, a ciência se firma como lugar autorizado. E como tal, produz discursos de controle do corpo,

que se constroem como os quantificadores, que posicionam o corpo no tempo e espaço e a delimitação numérica de aspectos do corpo. Destaca-se aqui um poderoso dispositivo de subjetivação que tem como alvo o corpo do sujeito e da população, configurando o exercício de governamentalidade, o qual pode ser observado pela função enunciativa das materialidades discursivas analisadas.

A ciência desenha o corpo, como um projeto de engenharia, o esquadra (como no primeiro enunciado, ao quadricular a página), confronta as suas proporções (como no último, quando relaciona o tamanho dos órgãos por meio da porcentagem), o decodifica (por meio da genética) e seleciona qual é aquele que deve ser o corpo-alvo dos sujeitos, objeto de desejo e de pertencimento, um corpo que é determinado pelos códigos genéticos, um controle levado ao máximo, atingindo os níveis mais internos do organismo, passando por aspectos simbólicos, históricos, culturais e sociais.

O corpo da ciência é um corpo cuja sexualidade se restringe aos órgãos, hormônios e capacidade de reprodução – mas nem a reprodução muitas vezes está presente. Não há sensualidade, pois o intuito não é seduzir. Se há nudez, é para mostrar os potenciais desse corpo que é visto como um conjunto de órgãos e funções, com capacidade de força e de produção. Um corpo de *performance*, que, ao ser estudado, vira uma máquina cujas funções e atribuição são descritas em forma de manual.

E esse saber científico é, antes de tudo, médico e biológico. Se outra formação discursiva aparece, é por meio do discurso da engenharia, que esquadra o corpo e o transforma em esboço aperfeiçoado e construído. E esse saber biológico é aqui genético e fisiológico – código, função e funcionamento de um corpo que sofre intervenções desde o momento de sua concepção, e desde esse momento ele é pontuado como dentro ou fora da norma, um corpo normal (saúdável, com longevidade – mas sempre jovem, forte, bonito, formado por 22 pares de cromossomos mais dois cromossomos sexuais) ou anormal (tudo aquilo que fuja do estipulado).

## 5.2 O FITNESS E A MODELAGEM DO CORPO

Treinar o corpo com o intuito de modelá-lo é tão recente e moderno quanto o seu próprio desnudamento (SOHN, 2008; VIGARELLO, 2008). Essa prática se estendeu aos

sujeitos plenamente, estabelecendo-se em lugares específicos (os “templos”, como as academias e clubes esportivos) e também sendo assimilado em hábitos (como uma corrida no parque, exercícios físicos feitos em casa, o andar de bicicleta) (CODO & SENNE, 2004).

Não só a prática se estendeu, mas também os discursos sobre ela, que passaram a circular em revistas especializadas, voltadas especificamente para o público feminino (*Saúde e Forma* e *Boa Forma*, por exemplo) e masculino (a *Men's Health*), assim como revistas de atualidades (*Veja*, *Época*, *Isto É*). Revistas essas que, uma vez sendo uma forma da mídia em massa, possibilita que os enunciados, como formas simbólicas, tornem-se disponíveis a uma amplitude de indivíduos em diferentes lugares e momentos (THOMPSON, 2008).

Entretanto, o que se é dito nesses discursos? Que corpo é esse representado e interpretado nesses enunciados cuja temática tange o *fitness*?

O primeiro enunciado, “Rápido e total: trabalhe o corpo todo com apenas um movimento”<sup>24</sup>, da revista *Men's Health*, edição 36, de abril de 2009, configura-se como uma breve matéria que apresenta formas de exercício físico que prometem mudar o corpo de forma facilitada. Na materialidade discursiva, o imagético se destaca, tomando a parte central e direita do quadro. O verbal circunda a imagem, estando o título (*Rápido e total*) e o subtítulo (*trabalhe o corpo todo com apenas um movimento*) acima, e a matéria se distribuindo em colunas à esquerda e abaixo. Há ainda breves notas, que ganham o destaque na medida em que se sobrepõe em círculos sobre a imagem.

A parte verbal da matéria se inicia logo com uma pergunta: “*Procura algo para mudar o seu corpo sem grandes complicações?*”. Apesar da ausência do pronome pessoal (você), fica clara por meio do verbo que o enunciado se dirige ao sujeito-leitor, questionando-o como forma de trazê-lo para o contexto e aproximá-lo com a perspectiva a ser trabalhada. Não há um sujeito determinado – ele pode ser qualquer leitor da revista. Da mesma forma que não se espera pela sua resposta, pois à pergunta se segue uma citação de Alwyn Cosgrove, que apresenta o exercício proposto pela matéria: “*O exercício que combina agachamento de pernas separadas com elevação com pegada aberta pode literalmente trabalhar mais músculos do que qualquer outro movimento*”. Além disso, é próprio desse meio de comunicação haver um distanciamento entre a produção e a

---

<sup>24</sup> Ver Anexo 5.

recepção das formas simbólicas; assim, ao ser produzido o enunciado, não se espera uma resposta por parte do leitor (THOMPSON, 2008). Se há uma interpelação por parte do enunciado, é apenas uma forma de aproximação com o sujeito-leitor.

Ao apresentar o exercício por meio de um especialista – nesse caso, um treinador, que é ainda proveniente de um país no qual o *body building* nasceu e se fortaleceu para só depois se lançar para o mundo

(VIGARELLO, 2008) -, o enunciador (a revista) utiliza o argumento de autoridade tanto para constituir o seu discurso como verdadeiro como para criar ao leitor um sentimento de confiança. A aproximação do leitor com o enunciado ocorre também ao apresentar os benefícios do exercício proposto, quando há o uso de elementos dêiticos (*suas pernas, você desafia*)<sup>25</sup>.

O restante do enunciado verbal se constrói por meio de um discurso didático de manual: são desenvolvidos três tópicos que ensinam como o exercício deve ser feito, um “passo a passo”. Prevalece o verbo no imperativo afirmativo (*eleve, levante-se, desça, retorne, faça, complete, comece*), aparecendo ainda verbos que com forte carga semântica de obrigatoriedade (*deve*). Esse caráter de manual da materialidade discursiva ainda pode ser visto na sua organização, na qual os subtítulos são destacados com letras maiores e fundo amarelo, que facilitam a identificação dos assuntos trabalhados pelo enunciado e o acesso rápido à informação prática.

Mixer
MALHAÇÃO EM CASA

# Rápido e total

Trabalhe o corpo todo com apenas um movimento

Procura algo capaz de mudar seu corpo sem grandes complicações? “O exercício que combina agachamento de pernas separadas com elevação com pegada aberta pode literalmente trabalhar mais músculos que qualquer outro movimento”, afirma o treinador americano Alwyn Cosgrove. Acrescente esse exercício à seu treino e ganhe massa.

**O benefício** Suas pernas são o alvo óbvio durante o agachamento, mas não são as únicas regiões trabalhadas. Ao segurar o peso acima da cabeça, você desafia também ombros, braços, costas e abdome, afirma Cosgrove. Em resumo: é perfeito para queimar calorias e desenvolver músculos.

**Como fazer**

- 1 Com uma distância duas vezes maior que a largura dos ombros entre as mãos, eleve a barra acima da cabeça até os braços esticarem. Levante-se com o pé esquerdo à frente e com uma distância de 60 a 90 centímetros entre os pés.
- 2 Com o tronco reto, desça o corpo até o joelho da frente ficar flexionado em 90 graus e o joelho

de trás quase tocar o chão. A canela da perna da frente deve ficar perpendicular ao chão.

3 Pare e retorne à posição inicial rapidamente. Faça de seis a oito repetições e troque de pernas. Complete duas ou três séries.

**Dica** Faça esse exercício no início do treino porque você desenvolve mais músculos e garante uma postura melhor quando está com mais energia. Se elevar uma barra acima da cabeça assusta você, comece com halteres.

**FIQUE CENTRADO**  
MANTENHA O ABDOME CONTRAÍDO PARA FORTALECER A MUSCULATURA E SUSTENTAR A REGIÃO LOMBAR.

**SUBA**  
TRABALHE AS COXAS COLOCANDO O PÉ DE TRÁS SOBRE UMA ANILHA. E DÊ ÊNFASE A QUADRIL E GLÚTEOS ELEVANDO O PÉ DA FRENTE TAMBÉM SOBRE UMA ANILHA.

**EXERCÍCIO CAMPEÃO**  
A novidade para um corpo melhor

<sup>25</sup> Grifo deste trabalho.

No manual, cada exercício é marcado, quantificado. Para que o exercício possa ser feito, cada parte do corpo deve estar posicionada corretamente, há uma distância específica que leva em conta a própria dimensão corporal:

- *com uma distância duas vezes maior que a largura dos ombros...*
- *Levante-se com o pé esquerdo a frente e com uma distância de 60 a 90 centímetros entre os pés...*
- *... desça o corpo até o joelho da frente ficar flexionado em 90 graus...*
- *Faça de seis a oito repetições...*
- *Complete duas ou três séries.*

Os números e a quantificação colocam então o corpo em um lugar específico, posicionado dentro de uma ordem da qual não pode escapar caso queira atingir o objetivo apontado pelo enunciado – a mudança de corpo. Mas, mudança para qual corpo? Não se trata de um corpo qualquer, mas sim de um treinado, e que tem na massa muscular, com a consequente queima das calorias e o desenvolvimento dos músculos, a sua forma de definição (fala-se aqui de definição tanto no sentido muscular quanto de caracterização e significação). Assim, conforme o enunciado, trabalhar o corpo equivale a trabalhar os músculos, ganhar força física e uma aparência de musculatura definida, práticas que configuram o cuidado de si e a corpolatria.

Esse posicionamento do corpo é também evidência do funcionamento da disciplina, que enquadra o sujeito em um espaço que permite que haja produtividade e utilidade.

No canto direito superior, é apresentado outro enunciado que alia o verbal e o não-verbal: uma medalha com a imagem do tronco malhado de um homem, e logo abaixo as frases: “*Exercício campeão*” e “*a novidade para um corpo melhor*”.

A parte não-verbal da matéria se caracteriza por dois elementos: uma fotografia, maior e mais ao centro, e um desenho, menor e alinhada à direita do quadro. Enquanto a fotografia oferece as cores, perspectiva e jogos de luz e sombra, garantindo à imagem uma impressão de terceira dimensionalidade e realismo, o desenho se constitui apenas por seus contornos nos tons cinza e azul e pouco preenchimento, sendo claramente plana e mais simplificada do que a fotografia. A posição dos corpos é semelhante: os braços levantados elevando a barra acima da cabeça, um joelho dobrado com o pé à frente, outro dobrado para trás, sem deixar o calcanhar tocar o chão. Mas a fotografia é mais estática do que o desenho, uma vez que esse possui indicação de movimento do corpo retratado, como a seta



vermelha ao seu lado que aponta para baixo, mostrando o sentido em que o exercício deve ser realizado.

Ainda sobre a fotografia, o corpo posto se caracteriza por ser de um homem jovem de pele e cabelos claros, que é o modelo-padrão de beleza da atual sociedade (e aqui, no caso, um padrão que se inspira naqueles europeus e americanos) e, por ser homem, é também o público alvo do veículo midiático - assim, o você referido no enunciado não é qualquer sujeito; quem deve ocupar essa posição é um homem. Os movimentos e a sustentação do peso, além de indicarem a sua força física, tornam visíveis os contornos do corpo e ressaltam as formas dos músculos, tensionados, em processo de trabalho. A vestimenta escassa que consiste apenas em um *shorts* e tênis, com *design* esportivo, deixa à mostra as formas que são postas em destaque pelos jogos de luz e sombra. Ainda assim, apesar de mínimos, a roupa e os acessórios enquadram o sujeito em um status econômico, pois elas são vestimentas produzidas por grifes, que são facilmente reconhecidas por meio da logomarca no tênis (da Nike) e das linhas laterais do *shorts* (da Adidas marca americana famosa por produzir materiais esportivos e patrocinar equipes), mesmo que estas estejam semi-escondidas pelas sombras.

Dessa forma, pode ser visualizado o que Segurado (2005) propõe como sendo uma nova forma do capitalismo contemporâneo que escapa à visão de produtividade do sujeito tida por Foucault: ao sujeito, no capitalismo atual, não basta ser produtivo, ele também deve ser consumidor. A todo o momento o sujeito é identificado como consumidor e seu perfil socioeconômico é retratado por seus hábitos de consumo de bens e serviços (SEGURADO, 2005). Aliada a essa questão, o jogo de marcas no corpo do sujeito presente na mídia se dá também pela própria característica de mercantilização da mídia, que ocorre pela valorização econômica de suas formas simbólicas, que são transformadas em produtos e mercadorias (THOMPSON, 2008). A mercantilização passa então a ocorrer tanto pela venda de exemplares, quanto pela publicidade, que ocorre neste enunciado de forma indireta.

Ao contrário do desenho, que mostra como deve ser o movimento praticado durante o exercício proposto, o que é mostrado pela fotografia não é apenas o modo correto da prática, mas o seu resultado. Aqui se pode identificar ainda um jogo de duplicidade que trabalha em conjunto: a mesma imagem (no caso, a fotografia) que demonstra o sujeito com o qual o leitor deve se identificar seduz esse mesmo leitor a entrar para a ordem do discurso do enunciado. Não é apenas um processo de subjetivação, é uma marcação de que

quem pratica os exercícios estipulados pela reportagem realmente consegue mudar o seu corpo, e o resultado é justamente esse apontado pela imagem: o culto ao corpo levando à ordem do discurso.

Outra diferença entre a fotografia e o desenho é o ângulo de observação, a perspectiva. Enquanto no primeiro o olhar se dá transversal ao corpo, e de baixo para cima, no segundo ele é apenas lateral. Assim, no desenho o foco é no posicionamento e desenvolvimento corretos dos exercícios, enquanto na fotografia o foco permite um engrandecimento e enobrecimento do corpo.

Nota-se ainda que verbal e não-verbal não estão em relação de dependência, não se implicam, mas trabalham em conjunto para a constituição do sentido sobre esse corpo em foco. Eles apontam que os enunciados não oferecem apenas uma opção de exercício para aqueles que procuram por isso; eles também chamam/seduzem aos outros sujeitos a entrarem na ordem, e estabelece qual é essa ordem: o corpo trabalhado, torneado e forte.

No segundo enunciado, “*Aposta dupla: para manter o corpão, ele faz exercícios em casa e na academia*”<sup>26</sup>, publicado pela revista Men’s Health, edição 36, de abril de 2009, o modo de se falar sobre o corpo já é diferenciado. A matéria é composta por uma faixa lateral da página, como uma lombada. Diferente do primeiro enunciado, não apresenta o discurso do especialista, mas aquele de quem pratica os exercícios: é o discurso da experiência, representado em forma de narrativa biográfica.

A disposição de imagens também é diferenciada. Enquanto no primeiro elas ocupam boa parte do quadro da matéria, neste enunciado ela consiste em apenas uma fotografia estilo retrato, que foca apenas o rosto e parte dos ombros do sujeito sorridente, contra um fundo parede colorido, que se sobressai mais do que o próprio rosto do retratado. Nota-se que a imagem é posta logo no início da mudança do discurso de um narrador-repórter para um discurso citação em primeira pessoa, um enunciado dado por meio da citação e

## APOSTA DUPLA

PARA MANTER O CORPÃO, ELE FAZ EXERCÍCIOS EM CASA E NA ACADEMIA

Nunca faltou motivação para o mineiro Leonardo Szuster, 24 anos, praticar esportes. Ele malha há nove anos, joga futebol, tênis e faz trilhas. Mas nos últimos meses a vida profissional tomou conta da agenda e ele precisou encaixar a atividade física com prazos apertados no trabalho. A solução: trabalhar peitoral, costas e pernas em uma academia três vezes por semana – pois precisa de equipamentos mais pesados; e deixar o restante para fazer em casa. “Cuido do corpo e assisto a meus programas favoritos na TV”, conta.



>> “Comprei pesos. Às terças e quintas, trabalho bíceps e tríceps. Sábado é dia de ombro: abdução, elevação frontal e elevação de escápula para o trapézio. Faço três séries de dez repetições, com um minuto de descanso entre elas.”

>> “Sempre cuidei da alimentação. Não me proíbo de nada, mas algumas privações são necessárias para atingir os objetivos: no meu caso, manter 81 quilos em 1,81 metro. Portanto, priorizo frutas e evito açúcar, doces, gorduras e frituras. A grelha é uma ótima aliada contra a alimentação trash.”  
>> “Adoro malhar à noite. Durmo muito melhor.”

<sup>26</sup> Ver Anexo 6.

marcado pelas aspas. O aspecto verbal do enunciado se destaca, cabendo então à imagem uma função de identificação do sujeito (daí a sua apresentação logo no início da citação da fala) e de marca de sua satisfação com aquilo que é tratado, o que pode ser observado não apenas pelo rosto sorridente, mas pelas cores vivas da imagem. Diferente do primeiro enunciado, a eficácia do *fitness* proposto não é apresentada pelos contornos do tônus muscular (pois estes nem são trazidos na imagem do segundo enunciado), mas pela demonstração da satisfação do sujeito que o pratica.

A distribuição do título e subtítulo é similar: o título em letras maiores, porém dessa vez capitulares, na parte superior (*Aposta dupla*), e logo abaixo o subtítulo em caixa alta menor (*Para manter o corpão, ele faz exercícios em casa e na academia*), logo seguido de uma narrativa dos hábitos de culto ao corpo de um sujeito selecionado – *Leonardo Szuster, 24 anos*. O subtítulo explica o título: é uma aposta dupla porque o sujeito conta com os exercícios físicos para a modelagem do seu corpo tanto na academia (lugar tradicional, o templo da prática), quanto na sua própria casa. Ele ainda atua por meio da catáfora, antecipando a presença de um sujeito: um *ele* que é dado tanto pela parte verbal da matéria (*Leonardo Szuster*), quanto pela imagem.

Nota-se que, se o cotidiano do sujeito torna cada vez mais escasso o tempo que este pode dedicar ao seu corpo e ao *fitness*, há ainda algumas alternativas que podem solucionar ou driblar essa questão: a prática do exercício físico deixa os lugares específicos e chega a casa do sujeito. Mas esse deslocar não ocorre de forma livre, pois conserva ainda a periodicidade, as regras e a conduta típica da prática. O sujeito não se exercita de qualquer forma; a periodicidade, a regularidade, os tipos de movimento e os membros trabalhados são estipulados, medidos e cronometrados:

- ... *trabalhar peitoral, costas e pernas em uma academia três vezes por semana...*
- *Às terças e quintas, trabalho bíceps e tríceps. Sábado é dia de ombro: abdução, elevação frontal e elevação de escápula para o trapézio.*
- *Faço três séries de dez repetições, com um minuto de descanso entre elas.*
- ...*algumas privações são necessárias atingir os objetivos: no meu caso, manter 81 quilos em 1,81 metro.*

Ao contrário do enunciado anterior, o caráter desta materialidade discursiva não é de manual, mas de “relato de experiência”. São conselhos em forma de regras que visam a modelagem do corpo do sujeito, indicando, novamente, o exercício do biopoder, cuja

função não é salvar a alma do indivíduo, mas assegurar o seu corpo neste mundo. Assim, ao narrar os seus hábitos, o sujeito escreve um diário no qual ele se identifica (*mineiro Leonardo Szuster, 24 anos*). Podem ser encontrados também nesse diário assuntos outros que apontam para a identidade do sujeito e o seu estilo de vida - no sentido apontado por Giddens (2002) -, como a sua rotina de trabalho que não permite mais tanto tempo ao lazer (*Mas nos últimos meses a vida profissional tomou conta da agenda e ele precisou encaixar a atividade física com prazos apertados no trabalho*), os seus gostos, preferências e disposição (*Nunca faltou motivação para o mineiro Leonardo Szuster, 24 anos, praticar esportes. Ele malha há nove anos, joga futebol, tênis e faz trilhas / Cuido do corpo e assisto a meus programas favoritos na TV / Adoro malhar à noite. Durmo muito melhor*), seus hábitos alimentares e a preocupação com a saúde (*priorizo frutas e evito açúcar, doces, gorduras e frituras. A gelha é uma ótima aliada contra a alimentação trash*).

Entretanto, observa-se que não é o próprio sujeito que enuncia: a sua voz é transportada para dentro do enunciado. Apesar de ser um discurso sobre si, é um EU que é apresentado por meio de uma perspectiva do OUTRO – o responsável pela matéria, a própria revista, exercício esse que faz parte do funcionamento da prática jornalística.

O terceiro enunciado trabalhado neste trajeto temático é a matéria “*Ganhe o corpo que elas desejam*”<sup>27</sup>, publicada também pela Men’s Health, edição 36, de abril de 2009. Ao contrário dos anteriores, configura-se como um enunciado extenso, ocupando cinco páginas da revista, que fala sobre quais seriam as partes do corpo masculino preferidas pelas mulheres, resultado obtido por meio de uma pesquisa realizada no site de três revistas femininas de circulação nacional (*Nova, Boa Forma e Gloss*) no mês de março de 2009.

Nota-se que a primeira página se diferencia das outras por ser basicamente imagética, e estar posta antes mesmo do título da matéria, que será apresentado apenas na página seguinte. No topo, estão presentes apenas o nome da seção – *Fitness* – e a sigla do nome da revista – *MH*, de Men’s Health. A imagem fotográfica na qual um homem jovem caminha por uma rua, segurando uma sacola de compras, enquanto morde uma fruta, ocupa de maneira central quase toda a fotografia.

Entretanto, observa-se que não há a exposição do corpo completo do sujeito: suas pernas são cortadas da imagem, o enfoque fica no seu tronco, cujo peitoral passa por um jogo entre o mostrar e o esconder, o evidente e o ilusório, pois a imagem de corpo que se

---

<sup>27</sup> Ver Anexo 7.

vê, com um abdome definido e musculoso, não é parte do corpo do sujeito retratado na foto, mas uma ilusão criada pela imagem da sacola de compras que ele segura à frente de seu corpo, sobrepondo o corpo sarado e desnudo ao corpo do sujeito vestido, como uma



espécie de raio-x. A sacola, por sua vez, não só traz um modelo de corpo, mas uma forma de chegar a ele: a alimentação saudável, o que pode ser observado nos alimentos que ela porta – e essa alimentação é sem dúvida consumida, pois o sujeito é retratado no próprio ato de alimentar-se.

No canto superior direito, um quadro que antecede a reportagem e já aponta para os resultados da pesquisa. Em forma de porcentagem (o que fornece um sentido de cientificidade), são apontadas quais as partes do corpo masculino as quais as mulheres

pesquisadas dão mais importância, assim como a forma em que eles devem ser apresentados:

- *Braços fortes*
- *Peito marcado na camiseta*
- *Abdome malhado*
- *Costas largas*
- *Pernas musculosas*
- *Bunda, redonda e dura*

Não há a simples apresentação das partes dos corpos, há também a sua qualificação. Não bastam que os braços ou as pernas estejam aparentes, eles devem ser torneados, *fortes e musculosos*.

No canto direito inferior da página, outro quadro, em amarelo vivo e chamativo. O enunciado é uma citação da fala de uma celebridade que é apresentada na posição tanto de mulher quanto de pessoa conhecida por sua profissão (*Bianca Rinaldi, atriz*), e atua como um atestado de certificação do enquadramento da imagem na ordem do discurso e também uma confirmação dos dados da pesquisa. O enunciado é em primeira pessoa e em linguagem informal, observada pela escolha lexical (*curto, dele*) e pela colocação pronominal: *adoro o desenho do peito masculino. E curto braços também: me lembram força (...)*. Observa-se que apesar da primeira pessoa ser utilizada e do tom ser informal e pessoal (em alguns momentos a interlocutora se refere ao seu marido), o enunciado não se desprende de seu caráter de certificação. Não se trata de uma simples opinião pessoal – o depoimento endossa a pesquisa, apontando e exemplificando a sua veracidade.

O sujeito representado não é um homem qualquer: é aquele que se enquadra nos padrões estabelecidos pela pesquisa e pela opinião das mulheres. Não apenas com o corpo modelado, mas também os hábitos alimentares (indicando uma atenção e busca por uma vida saudável) e o modo de se vestir (elegante, com camisa social e paletó do terno, sem, contudo, deixar de parecer jovem ou na moda, com a roupa em cores, estampas e texturas não tradicionais, além dos óculos escuros como acessórios) se configuram como aquele de um homem que agradaria a mulher moderna pesquisada, assim como os modelos de beleza vigentes na sociedade.

Na página seguinte, o título se destaca em palavras entrelaçadas, em uma não linearidade organizada de forma que as palavras se encaixem: *Ganhe o corpo que elas desejam*. O enunciado aparece com letras em tamanhos diferentes e dividido em duas cores:

- *Ganhe um corpo...* – em preto, acima;
- *... que elas desejam* – em vermelho, encaixado logo abaixo.

Por meio do tamanho diferenciado das letras e da alternância das cores, duas palavras se destacam: *corpo* e *elas*. Seu destaque aponta para duas informações importantes que chamam a atenção do leitor: o assunto a ser discutido é o corpo, e não um corpo qualquer, não é apenas a sua modelagem; é um corpo na perspectiva das mulheres, de forma que se possa atraí-las.

Ao lado do título, a chamada: *Pesquisa exclusiva de MH mostra quais músculos você deve turbinar para chamar a atenção delas. O treino está aqui!* A matéria não é então apenas uma divulgação de pesquisa, mas um manual que ensina ao sujeito leitor quais as



técnicas corporais que ele deve utilizar para condicionar o seu corpo e transformá-lo naquele que é trazido pela voz da pesquisa.

Apesar da matéria se estender por cinco páginas, nota-se que o enunciado verbal é escasso: três pequenas colunas com sete linhas na primeira página, uma coluna de catorze linhas na segunda, e uma de trinta e uma na terceira. Tanto a quinta página quanto o restante dos espaços da segunda, terceira e quarta são preenchidos com quadros que ensinam o sujeito-leitor a praticar exercícios que desenvolvam a musculatura nas partes do corpo indicadas pela pesquisa; há também a presença de quadros com a citação da fala de outras personalidades, assim como ocorre na primeira página.

O aspecto verbal da matéria se inicia confirmando a pesquisa e a quantidade de entrevistadas: 1203 mulheres, públicos de três revistas femininas (*Nova*, *Boa Forma*, *Gloss*). A proposta é que quanto maior o número de entrevistadas, menor a possibilidade de erro quanto aos resultados obtidos. Entende-se aqui dois tipos de erros. Um, posto no enunciado e que se refere ao leitor (...*para você não correr o risco de errar*), ao adotar o saber disposto na revista, assim como a mudança do seu corpo e de sua identidade; tarefa essa que pode ser adotada com segurança, pois a pesquisa é solidificada e autenticada pela quantidade de mulheres consultadas. O segundo erro está implícito e seria atribuído à revista – a possibilidade de publicarem uma pesquisa falha; erro esse que é apagado para manter sua credibilidade e a sua posição de anunciadora de verdades, que por sua vez são construídas pelo discurso (FOUCAULT, 2008b).

# Ganhe o corpo que elas desejam

**Pesquisa exclusiva de MH mostra quais músculos você deve turbinar para chamar a atenção delas. O treino está aqui!**

Por Wilson Weigl Colaborou Bruno Favoretto  
Fotos Andrzej Tysko Ilustrações Noriatsu Yoshikawa

Isso mesmo, consultamos 1203 mulheres para você não correr risco de errar. Nessa enquete exclusiva, realizada em março nos sites das revistas *Nova*, *Boa Forma* e *Gloss*, elas indicaram que parte do seu corpo mais as seduz (veja resultado ao lado) e em qual delas mais curtem pegar – descontado o amigo! (resultado na pág. 94). O resultado é este guia para você montar uma agenda de treinos (comece pelos braços) e ampliar seu poder de fogo. E, claro, ganhar um corpo mais saudável. Ok, sabemos que as mulheres não costumam dissociar o visual dos outros atributos masculinos. “Mas a aparência contribui decisivamente para a atração inicial”, diz Jussiana Oliveira, psicóloga especializada em sexualidade e consultora da *Men's Health*. Então turbine a sua com os 6 passos a seguir... >>

## 6 PASSOS PARA SE TORNAR O ALVO DELAS

Siga o treino proposto por Fred Berenguer, personal trainer e professor de musculação da academia Bio Ritmo, de São Paulo.

- 1) Faça quatro séries de cada exercício (de oito a 14 repetições por série).
- 2) Procure usar cargas bem pesadas.
- 3) Execute os movimentos devagar: leve mais ou menos três segundos em cada fase.
- 4) Alongue-se antes e depois de treinar.

### BRÇOS: OS CAMPEÕES DA PREFERÊNCIA FEMININA

| EM CASA                                                                                                                                                                                                                                            | NA ACADEMIA                                                                                                                                                                                                                                                |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>1) ROSCA ALTERNADA</b><br>Em pé, com os halteres ao lado do corpo, as palmas voltadas para você, eleve um dos halteres em direção aos ombros enquanto gira a palma da mão para cima. Abaixe-o lentamente enquanto levanta o outro.              | <b>1) ROSCA COM BARRA W</b><br>De pé, com o trôco reto, segure uma barra W com as palmas das mãos voltadas para cima. Flexione os cotovelos em direção aos ombros sem movimentar o tronco. Retorne à posição inicial.                                      |
| <b>2) TRÍCEPS TESTA</b><br>Deitado, segure um halter com as duas mãos, os braços estendidos para cima. Flexione os cotovelos em 90 graus em direção à testa e volte ao início. Mantenha o abdome contraído para sustentar a região lombar no chão. | <b>2) TRÍCEPS NO PULLEY</b><br>De pé na frente do aparelho pulley, segure a barra com as palmas voltadas para baixo, os braços flexionados a 90 graus. Empurre a barra para baixo até estender os cotovelos. Como o trôco reto, retorne à posição inicial. |

menshealth.com.br / ABRIL 2009 / MEN'S HEALTH 91

Os resultados não são apresentados no corpo do enunciado verbal, mas sim em dois quadros distribuídos, um na primeira página, outro na quinta e última página da matéria. Enquanto o primeiro aponta quais são “as partes mais sedutoras” do corpo masculino sob a perspectiva feminina, o segundo quadro é responsável por indicar quais são as partes do corpo masculino que as mulheres gostam de tocar no momento das relações sexuais.

A temática da sexualidade está o tempo todo permeando o enunciado, havendo a referência ao órgão sexual masculino tanto por meio do eufemismo (... *e no qual elas mais curtem pegar – descontando o amigão... / ... traseiros e braços provocam mais entusiasmos do que nosso equipamento natural*<sup>28</sup>) ou o uso direto da palavra (Vale frisar que, segundo a especialista, seu pênis é um mero figurante nas fantasias dela...<sup>29</sup>), o que se justifica por ser na região da sexualidade em que o poder sobre o saber exerce-se com maior vigor, selecionando e rejeitando (FOUCAULT, 2006). A escolha lexical atinge também outras zonas corpóreas: fala-se em *bunda* ou *traseiros* (*Costas largas, peitos definidos, abdome sarado, braços fortes, bunda redonda / ... traseiros e braços provocam mais entusiasmos do que nosso equipamento natural*<sup>30</sup>); glúteos (*Glúteos: 6ª arma para atraí-las*<sup>31</sup>) é apenas usado quando é evocada a voz do especialista, professor de musculação responsável pelos quadros de exercícios da matéria jornalística, marcando assim o discurso de uma posição-sujeito determinante da função enunciativa.

Essa temática ainda aparece associada tanto à aparência do corpo (e de suas partes mais específicas) quando à identidade do homem, o que pode ser observado tanto por meio dos enunciados verbais (... *sabemos que as mulheres não costumam dissociar o visual dos outros atributos masculinos / ... ampliar o seu poder de fogo*) e também pela apresentação dos sujeitos nas imagens da primeira página, da terceira e quarta e da quinta – as três imagens utilizam da mesma técnica de ilusão de mostrar e esconder o corpo, de revelá-lo por meio de um objeto exterior a si. Se na primeira fotografia a ilusão se dava por meio da sacola de comprar, na segunda é um cardápio que revela o ombro bem torneado e na terceira é uma raquete de tênis e a sua capa que mostram os glúteos. Esses objetos não são isentos de significados. Uma vez que a identidade é marcada por meio dos símbolos (WOODWARD, 2007), a utilização dessas formas simbólicas indicam a posição-sujeito

---

<sup>28</sup> Grifo deste trabalho.

<sup>29</sup> Grifo deste trabalho.

<sup>30</sup> Grifo deste trabalho.

<sup>31</sup> Grifo deste trabalho.



apresentada pelo enunciado. Esse sujeito, além de ter seu corpo definido, sexy e atraente, ainda é alguém que se preocupa com a saúde, frequenta cafés e pratica esportes. A preocupação com a saúde é fundamental, uma marcação do funcionamento do biopoder, que se encarrega de manter a vida.

Mas se os contornos desse corpo são deixados à mostra, são apenas algumas partes (aquelas preferidas pelas mulheres, de acordo com a pesquisa), apesar de chamarem a atenção e de serem focadas com destaque. O que resta desses corpos é o que vai trazer outros traços para a construção do projeto identitário desses sujeitos. Como na primeira imagem, os outros dois sujeitos retratados estão bem vestidos e aparentam ser bem sucedidos financeiramente. O sujeito apresentado por meio de uma fotografia centrada entre a terceira e a quarta páginas da materialidade passa um ar de intelectualidade, em um lugar que se subentende como sendo um café. Ele está sentado diante de uma mesa na qual estão dispostos uma xícara de café sobre um pires e um açucareiro (todos no que aparenta ser porcelana, como aqueles utensílios utilizados nos cafés). Apoiado na mesa, inclina-se enquanto lê o menu, com um sorriso um pouco sério e que não revela os dentes. A barba por fazer não traz um aspecto desleixado, mas um ar de maturidade para o rosto ainda jovem. Os cabelos estão cuidadosamente despenteados, e sobre o rosto está um óculos moderno. Sua posição não esconde totalmente a sua vestimenta: sobre a camisa social, um

**"Curto olhar e scarifier os braços e as costas. Um cara que tem esses músculos definidos, mas sem exagero, mostra que se cuida. Sem contar que essas são as partes do corpo que a gente sente no momento do abraço."**

Fernanda Souza, atriz

**"Gosto de admirar o peitoral de um homem. Um peito bonito passa a impressão de segurança, de autoconfiança, dá um ar de Super-Homem. É, quanto a tocar, simplesmente não resisto a apertar o bumbum! É um movimento quase involuntário. Quando percebo, já apertei!"**

Daniela Valente, atriz

**ELAS DETESTAM OS EXIBICIONISTAS** – que usam camisas abertas, calças apertadas, camiseta justas demais – e os musculões em excesso. Do ponto de vista feminino, um cara muito forte ou muito demais não sinaliza um bom futuro parceiro, pois vai dedicar mais tempo ao espelho e à academia do que à companhia dela, sonhando atenção, dedicação e disponibilidade, qualidades que elas valorizam nos relacionamentos. "Caras muito bonitos também são intimidantes", avisa Jussara. Pesquisas encaram a competência que sendo obrigadas a enfrentar ao lado do alvo da coxinha das outras mulheres.

**PEITO: VICE-CAMPEÃO**

**EM CASA**

**1) FLEXÃO DE BRAÇO**  
Contra o abdômen e desce o corpo até a altura dos ombros. Para facilitar o exercício, apoie as pernas numa cadeira, deixando o quadril nas alturas e o tronco reto.

**2) SUPINO COM HALTERES**  
Deitado, com os joelhos flexionados e os braços estendidos verticalmente. Segure os halteres com as mãos, polegares apontando para cima. Flexione o cotovelo até 90 graus, apoiando os cotovelos no chão e voltando a posição inicial.

**NA ACADÊMIA**

**1) SUPINO RETO**  
Deitado no banco inclinado, segure a barra com as mãos afastadas, apoiando a cabeça e os ombros. Desça a barra até a altura do peito, mantendo o corpo reto e a cabeça alinhada à coluna.

**2) CROSSOVER COM TRONCO INCLINADO**  
Fique em pé na máquina de crossover, segurando um punhado em cada mão. Incline o tronco para a frente e abraze os braços, trazendo o corpo para a posição inicial.

**COSTAS LARGAS, PEITO DEFINIDO, ABDOME SARAADO, BRAÇOS FORTES, BUNDA REDONDA.** São características que as mulheres curtem, tanto para observar quanto para desfrutar na cama. "Tive dois antigos parceiros que incentivavam a passividade, a mulher moderna se sente livre para explorar o corpo do homem", diz a psicóloga. Vale frisar que, segundo a especialista, seu pênis é menor figurante nas fantasias dela: tesseiro e braços provocam mais entusiasmo do que nosso equipamento natural. Bem, disencore a ideia de que, ao conquistar um físico atlético, você ganha autoestima e autoconfiança, o que se traduz não só em mais sexo como também abre portas no trabalho e nas relações sociais. Então, não precisamos dar mais motivos para você adotar o treino das partes que contam para elas.

**ABDOMEN: 3º LUGAR NA SEDUÇÃO**

**EM CASA**

**1) ABDOMINAL COM PERNAS APOIADAS**  
Deite no chão com as pernas numa cadeira. Coloque as mãos atrás da cabeça. Eleve os ombros, arredondando as costas. Suba até sentir os músculos abdominais contraindo. Inspire voltando ao início.

**2) ORLÍQUICO COM PERNAS NA VERTICAL**  
Deite no chão com uma mão atrás da cabeça e as pernas flexionadas. Apoie o cotovelo no chão e o outro no joelho. Levante o tronco e as pernas, inspirando e contraindo enquanto do joelho direito toque o joelho esquerdo.

**NA ACADÊMIA**

**1) ABDOMINAL COM PULLEY ALTA**  
Apoie o joelho no aparelho de pulley, puxe a corda até a altura do peito e estenda a corda para a posição inicial.

**2) ABDOMINAL CRUNCH NO APARELHO**  
Ficando na máquina, apoie as pernas no aparelho. Puxe a corda para a altura do peito e estenda a corda para a posição inicial.

**COSTAS: 4º LUGAR NO SEU PODER DE ATRAÇÃO**

**EM CASA**

**1) REMADA UNILATERAL**  
Apoie o joelho no chão e a mão esquerda num banco. Puxe a corda para a altura do peito, mantendo as costas retas. Segure a barra com a mão direita, com o polegar estendido. Com a outra mão, puxe a barra para cima, até sentir os músculos das costas se contraindo. Inspire voltando a posição inicial.

**2) CRUCÍFICO INVERSO**  
Deitado no chão, com as pernas flexionadas e os braços estendidos para cima. Levante os braços, mantendo as costas retas. Segure a barra com as mãos, com o polegar estendido. Com a outra mão, puxe a barra para cima, até sentir os músculos das costas se contraindo. Inspire voltando a posição inicial.

**NA ACADÊMIA**

**1) PULLEY COSTAS**  
Sentado no aparelho de pulley, segure a barra com as mãos afastadas e os cotovelos para fora. Puxe a barra para a altura do peito, mantendo as costas retas. Segure a barra com as mãos, com o polegar estendido. Com a outra mão, puxe a barra para cima, até sentir os músculos das costas se contraindo. Inspire voltando a posição inicial.

**2) REMADA BAIXA COM TRIANGULO**  
Sentado no aparelho de pulley, segure a barra com as mãos afastadas e os cotovelos para fora. Puxe a barra para a altura do peito, mantendo as costas retas. Segure a barra com as mãos, com o polegar estendido. Com a outra mão, puxe a barra para cima, até sentir os músculos das costas se contraindo. Inspire voltando a posição inicial.

**MÚSCULOS: SÓ ATÉ CERTO PONTO**

Um estudo da Universidade da Califórnia revelou que as mulheres gostam mais de caras definidos do que musculosos. Vendo fotos de homens sem camisa, 141 mulheres preferiram os tipos atléticos aos muito malhados. Elas disseram que o tempo que eles gastam na academia é um tempo desperdiçado no relacionamento. Os bombados também foram considerados sujeitos a atrair outras mulheres – e pular a cerca.

**As mulheres associam musculoso a...**

- ▲ Habilidade na cama
- ▲ Popularidade
- ▲ Proteção
- ▲ Saúde e bons genes
- ▲ Dinheiro e ambição
- ▲ Fidelidade
- ▲ Sensibilidade às necessidades delas
- ▲ Narcisismo e egoísmo

colete preto em um material que se assemelha à lã. Sobre os dois, um elegante e moderno paletó aberto com quatro botões nos punhos.

Já no terceiro sujeito a sua configuração é diferenciada. Não há sorriso, mas uma contração da boca que lhe dá uma aparência de desafiador e sério. O lugar também não é o mesmo: se o segundo estava em um café, este está em uma quadra de saibro própria para a prática do tênis. Sua roupa se adequa ao lugar, com a camisa pólo branca, parte do tradicional uniforme de tênis. O boné e os óculos completam o visual esportista, assim como a raquete e a sua capa. Fogem do tradicional a calça jeans, que

não é usada para a prática de esportes (mas que deixa a imagem, assim como a raquete que está guardada e não à mostra e a sua posição de quem está caminhando, de que o sujeito está chegando ou saindo, e não durante a prática) e a gola levantada da camisa, que reforça a aparência desafiadora e moderna (uma vez que tradicionalmente a gola é utilizada abaixada). Esses três sujeitos se apresentam então como bem vestidos, e se enquadram em uma ordem do discurso em que se deve ser bonito, com corpos malhados, e com a aparência de pessoas sérias, saudáveis, modernas e bem sucedidas – sendo que todos esses bem sucedidos homens têm aquilo que as mulheres gostam segundo a pesquisa, como um abdômen trabalhado, ombros e braços fortes, bumbum redondo).

Entretanto, se o corpo malhado é bem visto, o seu excesso não o é, nem o seu exibicionismo:

- *Elas detestam os exibicionistas – que usam camisas abertas, calças apertadas, camisas justas demais – e os músculos em excesso.*

**PERNAS: 5º MELHOR ITEM PARA VOCÊ MOSTRAR**

**EM CASA**

**1) AGACHAMENTO COM HALTERES**  
Fique em pé, com um halter em cada mão, braços relaxados e pés na linha do quadril. Olhando para a frente, agache-se. Os joelhos devem ficar na linha das pontas dos pés. Volte à posição inicial.

**2) AFUNDO PARA A FRENTE**  
Empie, com um halter em cada mão, braços relaxados e pés na linha do quadril, de um passo largo para a frente. Mantenha o tronco reto. Sua coxa deve ficar paralela ao chão. Volte ao início.

**NA ACADEMIA**

**1) LEG PRESS 45 GRAUS**  
Sente-se no aparelho, com as costas bem apoiadas e os pés afastados na linha do quadril. Destave o aparelho e flexione os joelhos em um ângulo de 90 graus. Retorne à posição inicial.

**2) CADEIRA EXTENSORA**  
Posicione-se no aparelho com as mãos nos puxadores, os joelhos flexionados e as pernas sobre o apoio. Estenda os joelhos até a posição horizontal e volte à posição inicial.

**ELAS REVELAM SEUS DESEJOS NA CAMA...**

1203 MULHERES DIZEM QUE PARTE DO SEU CORPO MAIS GOSTAM DE PEGAR NA CAMA

|                                                 |                                                |
|-------------------------------------------------|------------------------------------------------|
| Bunda ("Adoro segurar").....28%                 | Peito ("Curto tocando os mscus")...14%         |
| Braços ("Curto a boa pegada").....25%           | Abdome ("Delícia um homem sem barriga").....6% |
| Costas ("Gosto de senti-las no abraço").....21% | Pernas ("Adoro coxas grossas").....6%          |

"Fico de olho nos glúteos – acho que essa preferência nacional não se restringe aos homens... Nós, mulheres, também adoramos uma bunda masculina! Também gosto de me aninhar num peitoral forte e definido: me sinto protegida."

lidi Silva, atriz

**GLÚTEOS: 6º ARMA PARA ATRAIR-LA**

**EM CASA**

**1) EXTENSÃO DO QUADRIL**  
Apoie as duas mãos (ou os dois cotovelos) em um joelho no chão e posicione a outra perna flexionada sob o peito. Estenda essa perna para trás até realizar a extensão total do quadril. Faça todas as repetições e troque de perna.

**2) ELEVAÇÃO DA Pelve**  
Deitado, com os braços estendidos ao longo do corpo e os joelhos flexionados, contraia os glúteos e eleve a pelve. Volte à posição inicial, sem encostar o glúteo no chão.

**NA ACADEMIA**

**1) EXTENSÃO DO QUADRIL COM PÓLIA BAIXA**  
Em pé no aparelho crossover, mãos apoiadas, prenda uma perna na pólina baixa. Faça a extensão completa do quadril com a perna da pólina e volte à posição inicial.

**2) GLÚTEO NA MÁQUINA**  
Posicione-se na máquina de glúteos, com uma perna presa na máquina e a outra servindo de apoio. Leve a coxa para trás até realizar a hiperextensão do quadril. Repita do outro lado. **MH**

- ... *um cara forte ou vaidoso demais não sinalizaria um bom futuro parceiro...*
- *Músculos? Só até certo ponto.*
- ... *as mulheres gostam mais de caras definidos do que musculosos.*
- ... *as mulheres preferiram os atléticos aos muito malhados.*

A justificativa fica também por conta das pesquisadas, que se inibiriam diante de um homem muito bonito ou então não sentiriam a dedicação do homem na relação, uma vez que este estaria mais preocupado com a sua aparência. Além disso, segundo o enunciado, ainda há o risco da infidelidade.

Como forma de aumentar a credibilidade do enunciado pela matéria jornalística, os resultados de uma pesquisa realizada pela Universidade da Califórnia são também apresentados, segundo os quais em pesquisa realizada 141 mulheres preferiram os homens com corpos atléticos àqueles com os corpos muito malhados. Ao ser citada uma segunda pesquisa, há a confirmação dos resultados da primeira.

Essa confirmação se dá também tanto pela citação das falas das celebridades quanto pela utilização dos argumentos de autoridade, que ocorre no enunciado verbal na forma das citações diretas das falas de uma profissional da psicologia cuja especialidade é a temática da sexualidade (e que, além disso, é a própria consultora da revista na qual o enunciado emerge, o que confere credibilidade também ao seu suporte, que neste caso se define como sendo a revista *Men's Health*). A palavra da especialista é apresentada em vários momentos, seja de relato direto ou indireto:

- *Mas a aparência contribui decisivamente para a atração inicial.*
- *Caras muito bonitos também as intimidam.*
- *Livres dos antigos tabus, que incentivavam a passividade, a mulher moderna se sente livre para explorar o corpo do homem.*
- ... *segundo a especialista, seu pênis é um mero figurante nas fantasias dela: traseiros e braços provocam mais entusiasmo do que nosso equipamento natural.*

Até mesmo a Universidade da Califórnia atua como argumento de autoridade para a reiteração do exposto no enunciado. Mas esses não são os únicos especialistas cujos discursos são materializados. Para se chegar ao perfil de sujeito construído discursivamente pelo enunciado, a matéria mostra seis passos nos quais o treino assume o papel de transformador. Tais exercícios são propostos pelo professor de musculação de uma

academia em São Paulo, Fred Berenguer, ou seja, um especialista vindo de um templo<sup>32</sup> da maior e uma das mais importantes cidade do Brasil.

Por meio de um esquema de “passo a passo”, os exercícios são propostos de forma cronometrada, contada e regulada, como em um manual: assim como no primeiro enunciado deste trajeto temático, o modo verbal em maior quantidade é o imperativo (*faça, procure, execute, alongue-se, eleve, abaixe-o, segure, flexione, mantenha, retorne...* dentre outros). Observa-se que aqui também há uma divisão do que deve ser feito em casa e o que deve ser feito na academia, mas de forma que essa combinação trabalhe cada parte específica do corpo, sendo primeiro o braço, depois o peito, o abdome, as costas, as pernas e os glúteos, conforme a ordem de preferência pelas mulheres mostrada pela pesquisa. No total são seis quadros, cada um para uma parte diferente do corpo e dividido em quatro partes, contendo dois exercícios para serem feitos em casa e dois para a academia, sendo que esses exercícios são apresentados por meio de ilustrações: uma para cada exercício, com os corpos nas cores cinza e branco e setas que indicam o sentido dos movimentos em vermelho. Abaixo das ilustrações (que deixam em evidência mais o posicionamento e o movimento do corpo do que a sua constituição), seguem os comandos, controlados e quantificados (mesmo que a unidade de medida seja o próprio corpo):

- *Deitado, segure os halteres com as duas mãos, com os braços estendidos para cima. Flexione os cotovelos 90 graus em direção à testa e volte ao início.*
- *Segure os halteres com as mãos, polegar com polegar. Flexione os cotovelos até 90 graus, sem girar os punhos.*
- *Desça a máquina até a altura do peito mantendo os cotovelos abertos.*

Cada exercício é nomeado (*Rosca alternada / Supino com halteres / Abdominal com polia alta / Remada unilateral / Cadeira extensora / Elevação da pelve*) e descrito detalhadamente para a sua execução. O corpo é posicionado, colocando em uso técnicas corporais que permitam o seu desenvolvimento muscular – técnicas essas que se diferenciam de certa forma daquelas que podem ser encontradas no cotidiano dos sujeitos, pois além de um posicionamento diferenciado do corpo (como no caso do exercício de

---

<sup>32</sup> Conforme proposto por Codo e Senne (2004), as academias são vistas como espaço para as práticas dos exercícios e, dentro de uma perspectiva da corpolatria/culto ao corpo, elas se tornam templos, pois este também se configura como espaço de prática dentro de um culto. As outras delimitações articuladas pelos autores podem ser vistas no item de *Culto ao corpo e corpolatria* no capítulo *Uma teoria histórica-cultural do corpo* deste trabalho.

extensão do quadril, que não faz parte da vida do sujeito em outras circunstâncias que não se refiram ao *fitness*) e o uso de instrumentos (halteres, cadeiras, polias, barras, entre outros).

A repetição é norma: após completar um exercício, deve-se voltar à posição inicial do corpo e realizá-lo novamente (*Estenda o cotovelo e volte ao início / Volte à posição inicial / Retorne à posição inicial / Com o tronco reto, retorne à posição inicial*). Mas ela não se dá livremente; é também quantificada e estabelecida pelo especialista: *Faça quatro séries de cada exercício (de oito a 14 repetições por série*.

A matéria tenta convencer o sujeito-leitor a adotar esse treino. Para isso, justifica atribuindo o corpo malhado como uma forma de atrair as mulheres sexualmente, fator esse que é o mais enfatizado pelo enunciado; são permitidos ainda motivos como a saúde, a melhoria das relações sociais, da autoestima e autoconfiança e a abertura de novas oportunidades no trabalho. Entretanto, esses outros motivos não só são apenas uma vez citados em partes pontuais do enunciado, como são colocados como óbvios, sem necessidade de explicação, retomada ou desenvolvimento, o que pode ser observado nos seguintes recortes do enunciado:

- *O resultado é este guia para você montar uma agenda de treinos (comece pelos braços) e ampliar o seu poder de fogo. E, claro, ganhar um corpo mais saudável.*
- *Bem, desnecessário dizer que, ao conquistar um físico atlético, você ganha autoestima e autoconfiança, o que se traduz não só em sexo como também abre portas no trabalho e nas relações sociais.*

A linguagem utilizada é informal, com a constante interpelação do sujeito-leitor pelo enunciado (... *para você não correr o risco de errar / ... para você montar uma agenda de exercícios...* / *Deite o chão com as pernas numa cadeira / ... segure a barra presa à polia alta...*). Essa aproximação com o leitor também se dá com o uso da primeira pessoa do plural, com a qual o enunciador se enquadra na posição-sujeito homem, assim como o leitor (*traseiro e braços provocam mais entusiasmos do que nosso equipamento natural*<sup>33</sup>), o que possibilita o efeito de sentido que aponta para uma situação em que um homem experiente aconselha outro ainda inexperiente. Ao tratar o leitor como segunda pessoa e também colocar-se na mesma posição sujeito, o enunciado forma uma dicotomia

---

<sup>33</sup> Grifo deste trabalho.



com um segundo sujeito representado na materialidade discursiva: as mulheres. Forma-se um sujeito-leitor/homem *versus* elas/mulheres, em que elas não só fazem parte da justificativa da prática do *fitness* (com fins de atração sexual) como são o seu atestado de eficiência e verdade quando suas vozes são materializadas em citação direta, que ocorre tanto nos quadros com as falas das atrizes - colocadas aqui como representantes de classe e cuja repercussão se dá devido a serem elas conhecidas na mídia e por sua aparência física dentro dos padrões de beleza (pois o efeito seria diferenciado se elas fossem donas de casa, mães, trabalhadoras rurais, executivas, por exemplo); quanto pela fala da especialista (que possui um duplo peso, uma vez que além de especialista, ela é mulher). Se a ela é atribuído esse controle, ele é apenas aparente, pois se sua voz aparece é apenas dentro da voz da revista (que se posiciona como um sujeito homem), e mesmo essa voz da revista é atravessada e construída a partir das relações de saber e poder da sociedade.

The image shows the cover of a magazine titled 'Saúde é vital' with the issue date 'JANEIRO 2006'. The main headline is 'De corpo INTEIRO' in large, bold letters. Below the headline, there is a quote from a personal trainer and a short article snippet about functional training. The cover also includes a small box with the word 'Corpo' and a list of authors: PRISCILA BOCCIA, EDER REDDER, and OMAR PAIXÃO.

**Corpo**

## De corpo INTEIRO

**“V**ocê é tão forte quanto o seu elo mais fraco”, sentencia o personal trainer americano Harley Pasternak. Assim o especialista explica por que o conceito de treinamento funcional é tão revolucionário. O elo mais fraco a que ele se refere é aquele músculo fraco que deveria ser parceiro de toda a cadeia muscular, mas que rói a corda na hora do esforço. É o tal desequilíbrio gerado pela musculação tradicional, que prioriza alguns músculos, esquece-se de outros e exercita um pedaço de cada vez, isolado dos demais. “Ora, na vida real usamos diversos músculos para fazer um único movimento”, diz o educador físico Luciano D’Elia, organizador do 1º Workshop Internacional de Treinamento Funcional, realizado em São Paulo.

O evento reuniu mais de 200 professores de educação física interessados em incrementar seus planos de exercícios com o treinamento funcional. Por ora só a Academia Única, em São Paulo, e as unidades Pinheiros, Santana, São José do Rio Preto e Catanduva do SESC-SP têm equipe especializada — as demais 17 unidades serão habilitadas nos próximos seis anos. Já as grandes redes acabam de estreitar aulas inspiradas no método.

A questão é que, se a cadeia muscular não está igualmente forte e flexível, cresce o risco de você ter má postura, sucumbir ao fazer certos tipos de esforço e até mesmo ter uma bela dor. “Quando os pares de músculos, chamados de agonista e antagonista, estão desbalanceados, a tensão fica desigual, o que compromete a postura e a movimentação”,

descreve o personal trainer Thiago Passos, aluno do Instituto Chek, escola americana de treinamento funcional.

Outra preocupação é exercitar pontos-chave. “Os pequenos músculos, tanto os da coluna como os dos pés, são fundamentais para o bom funcionamento de todo o corpo”, enfatiza John Blievernicht, consultor da Academia Nacional de Medicina Esportiva, nos Estados Unidos.

O treino funcional prepara o corpo para um bom desempenho nas atividades rotineiras, como agachar-se, empurrar um móvel e carregar uma criança — daí seu nome. Para tanto usa elásticos, bolas, pranchas de instabilidade e bastões, entre outros aparelhos.

O programa desenvolve a força, a flexibilidade, a coordenação, o equilíbrio, a resistência e a velocidade. “O corpo se aprimora e transfere o aprendizado para os momentos de necessidade”, garante a educadora física Liciane Rossi, de Jundiaí, no interior paulista. “É provável que treinar a força dinâmica em movimentos pa-recidos com os do dia-a-dia funcione, mas é preciso comprovar essa hipótese”, pondera Júlio Serrão, professor de biomecânica da Universidade de São Paulo.

As pesquisas ainda engatinham. “A principal dificuldade é medir a atividade muscular durante situações de instabilidade, como a de alguns exercícios funcionais”, reconhece Thiago Passos. “Mas sabemos que abdominais sobre uma bola, por exemplo, ativam inclusive músculos periféricos, ou auxiliares, menos requisitados na versão convencional do exercício”, revela.

Experimente o treinamento funcional, um programa de exercícios que exige esforço muscular integrado e em movimento. O método, que faz sucesso há anos nos Estados Unidos, promete seduzir também os praticantes brasileiros

por PRISCILA BOCCIA  
design: EDER REDDER  
foto: OMAR PAIXÃO

62 | SAÚDE é vital | JANEIRO 2006

Se o terceiro enunciado era voltado para um público masculino, no quarto ocorre uma inversão. A materialidade discursiva *De corpo inteiro*<sup>34</sup>, publicada pela Revista *Saúde é vital*, edição 269, de janeiro de 2006, volta-se para um público feminino, e apresenta o treinamento funcional, uma alternativa mais completa à tradicional musculação que, segundo o enunciado, deixaria de trabalhar alguns músculos ao ficar focada em outros. O foco do artigo não está na questão do treinamento de acordo com o

<sup>34</sup> Ver Anexo 8.

gênero do sujeito, mas na contestação do modo tradicional de praticar a musculação e a apresentação de uma alternativa mais eficaz.

A temática abordada pelo enunciado é reforçada pelo título em sua arte: no topo da página, *De corpo* aparece em letras pretas, e logo abaixo está o restante da sentença – *inteiro* aparece em caixa alta, em fonte maior e em chamativas letras vermelhas, tomando quase o mesmo espaço da largura das duas colunas do enunciado verbal. Essa segunda parte do título ganha então mais ênfase do que a primeira.

Na lateral da página, parte do enunciado interpela o sujeito-leitor:

- *Experimente o treinamento funcional, um programa de exercícios que exige esforço muscular integrado e em movimento. O método, que faz sucesso há anos nos Estados Unidos, promete seduzir também os praticantes brasileiros*

A interpelação ocorre por meio do verbo no modo imperativo (*Experimente*), e o uso de termos como *sucesso* e *seduzir* atuam em conjunto como apoio dessa interpelação, como uma forma de convencer. *Estados Unidos* aparece também como um argumento de autoridade que dá credibilidade ao método, uma vez que esse país se destaca nas pesquisas sobre o treinamento e o *boby building*. Contudo, fica restrito a esse recorte do enunciado a interpelação ao sujeito-leitor ao discurso.

E é por meio dos argumentos de autoridade e da voz dos especialistas que a materialidade discursiva é construída. A cada momento, a eficácia da nova modalidade de *fitness* é reportada por meio dessas falas - já na primeira linha há a sua utilização, e depois a retomada ocorre durante todo o enunciado verbal, utilizando para isso a voz de vários sujeitos:

- *“Você é tão forte quanto o seu elo mais fraco”, sentencia o personal trainer americano Harley Pasternak.*
- *“Ora, na vida real usamos diversos músculos para fazer um único movimento”, diz o educador físico Luciano D’Elia, organizador do I Workshop Internacional de Treinamento Funcional, realizado em São Paulo.*
- *“Quanto os pares de músculos, chamados de agonista e antagonista, estão desbalanceados, a tensão fica desigual, o que compromete a postura e a movimentação”, descreve o personal trainer Thiago Passos, aluno do Instituto Chek, escola americana de treinamento funcional.*

- “*Os pequenos músculos, tanto os da coluna quanto os dos pés, são fundamentais para o bom funcionamento de todo o corpo*”, enfatiza John Blievernicht, consultor da Academia Nacional de Medicina Esportiva, nos Estados Unidos.
- “*O corpo se aprimora e transfere o aprendizado para os momentos de necessidade*”, garante a educadora física Luciana Rossi, de Jundiaí, interior paulista.
- “*É provável que treinar a força dinâmica em movimentos parecidos com os do dia-a-dia funcione, mas é preciso comprovar essa hipótese*”, pondera Júlio Serrão, professor de biomecânica da Universidade de São Paulo.
- “*A principal dificuldade é medir a atividade muscular durante situações de instabilidade, como a de alguns exercícios funcionais*”, reconhece Thiago Passos.
- “*Mas sabemos que abdominais sobre uma bola, por exemplo, ativam inclusive músculos periféricos, ou auxiliares, menos requisitados na versão convencional do exercício*” revela [Thiago Passos].

Os sujeitos-especialistas apresentados destacam-se por sua relação com instituições renomadas (Como o *Instituto Chek*, a *Academia Nacional de Medicina Esportiva* americana e a *Universidade de São Paulo*), por sua profissão (*personal trainer*, *educador físico*, *professor de biomecânica*) ou por sua nacionalidade (como o *personal trainer* americano Harley Pasternak, o *instituto Crek* e a *Academia Nacional de Medicina Esportiva*, cujas origens ocorrem em um país conceituado pela sua cultura do *boby building*). Observa-se que a parte verbal do enunciado possui sete parágrafos, dos quais apenas dois são construídos sem a utilização das citações diretas das vozes dos especialistas.

Nota-se na primeira linha, na citação da fala do especialista, o uso do pronome de segunda pessoa *ocê*. Entretanto, neste momento ele não se configura em uma interpelação ao sujeito-leitor, mas uma forma geral de identificação cujo efeito de sentido não se manteria o mesmo caso fosse substituído por um *nós* ou por outro termo com referência ao ser humano ou aos sujeitos.

Nas páginas seguintes, uma sucessão de imagens que explicam o funcionamento do treinamento funcional. O título da sessão distancia essa forma de *fitness* daquela tradicionalmente praticada nas academias: *Exercício diferente*, no qual a última palavra



vem destacada em **negrito**. Se é diferente, o é em relação a algo – porém, no trecho do enunciado, esse algo está subentendido ao que já foi dito na materialidade discursiva. Ao lado, um pequeno enunciado explica os objetivos dessa nova técnica, trazendo conceitos como *força*, *flexibilidade*, *coordenação* e *equilíbrio* (todos em caixa alta e em **negrito**, e cada um com uma cor própria, o que servirá de legenda para a identificação desses fatores nas imagens), que são explicados nas duas páginas seguintes.



Na primeira página de imagem e segunda página da matéria jornalística, a imagem ocupa a maior parte do enunciado. Nela, um corpo se apresenta em posição trajetória de movimento, em processo, cujo deslocamento é percebido devido triplicação e sobreposição das imagens. Ao contrário do primeiro enunciado, a função das setas não é indicar o sentido do movimento, mas indicar a aplicação dos fatores; que são identificados por meio do uso das cores com as quais são escritos no enunciado verbal do topo da página – força (vermelho), flexibilidade (verde), coordenação (laranja) e equilíbrio (azul).

Ao redor da imagem, o enunciado verbal em três colunas que também explica o funcionamento e os benefícios da técnica corporal: ao invés de trabalhar apenas um plano, a musculação funcional utiliza-se de movimentos que atuam de forma tridimensional, na vertical, horizontal e diagonal; a transferência de peso e dos pontos de apoio durante os deslocamentos realizados nos exercícios garante não apenas a sinergia, o uso em conjunto dos músculos, mas também o equilíbrio e a coordenação. Abaixo de cada coluna, um pequeno grupo de corpos em movimento reproduzidos em cinza e cuja função é ilustrar

aquilo que é apresentado pelo enunciado e as áreas corpóreas trabalhadas. Na imagem referente à sinergia, há até mesmo um elenco de pontos que são apontados por meio de uma sequência numérica que indica a trajetória da força: *primeiro os pés (1), passando por pernas (2), quadris (3), troncos (4) e, finalmente, chegando aos braços (5)*.

Na terceira página do enunciado, são apresentadas duas sequências de movimentos. No topo, o título caracteriza a nova prática proposta: *malhação versátil*, escrito em caixa alta e no qual versátil está em negrito, sobressaindo-se; ele é explicado pelo subtítulo, que

aponta para o trabalho de mais de uma habilidade (mas por meio da predominância); habilidades essas que são trazidas e explicadas nas imagens desta e da última página.

Ao lado do título, uma legenda que utiliza as cores para a identificação das habilidades reportadas pelo enunciado, sendo o padrão o mesmo da imagem anterior. Em cada exercício, uma habilidade se sobressai, o que é indicado pelo tamanho das setas, regulada conforme a proporção de cada habilidade trabalhada conforme o corpo se contorce em movimentos.



Se durante a matéria jornalística há a delimitação da diferença entre a prática comum de treinamento e essa nova proposta funcional, na última página do enunciado há uma aproximação entre as duas, pois assim como a comum, a musculação funcional também se utiliza de repetições e de quantificação de pesos e de tempo:

- Durante o treinamento funcional, o aluno faz repetições.



- Há também o aumento progressivo das cargas (ou seja, quanto maior o tempo em que o sujeito vem praticando o treinamento, maior o peso a ser utilizado nos exercícios).

Porém, essa aproximação é breve, pois se há repetições e quantificação, elas ocorrem em função não da moldagem do corpo em uma escultura muscular, mas com o objetivo de ganhar agilidade e suportar maiores esforços, com a finalidade de viver bem (aspecto observado pelo biopoder).

Observa-se ainda que o corpo apresentado no enunciado é o de uma mulher jovem. Esse corpo é definido, porém não musculoso. É feminino, mas sem ser sensual – a temática

da sexualidade não se faz presente. A pele dourada (que indica que se trata de um corpo saudável) é evidenciada ao ser contrastada com as roupas de ginástica em tons suaves e pálidos, que por sua vez evidenciam os contornos do corpo (mais uma vez, sem mostrar músculos superdesenvolvidos), que é bem torneado, magro, sem barriga ou acúmulo de gordura.

Nas imagens, o sujeito sorri com um olhar determinado que se prende em um ponto que está além do trazido pelo enunciado e que não demonstra em momento algum dúvida em relação ao exercício, ou sofrimento (o que também é demonstrado na parte verbal da segunda página do enunciado quando é apontado que ao se trabalhar vários músculos ao mesmo tempo, *a musculatura fica preparada para executar suas funções de maneira eficiente e sem dor*).



Esse sujeito é identificado apenas ao final do enunciado, por meio de uma coluna em itálico ao lado esquerdo da imagem, que o caracteriza como sendo:

- *Paulistana* - ou seja, proveniente de uma das principais cidades do Brasil, reconhecido pólo industrial, econômico, cultural, político, social e histórico;
- *Beatriz Resende de Andrade* - ao ser nomeado, esse sujeito ganha uma existência concreta, ainda mais forte por se utilizado o seu nome completo do que seria se fosse apresentado apenas o seu primeiro nome ou um apelido (*Bia*), como ocorre no final do enunciado verbal de apresentação do indivíduo;
- *28 anos* – ou seja, um sujeito jovem, mas não inexperiente;
- *Professora de pré-escola* – um sujeito com uma formação profissional com atribuição de conhecimento, que, mesmo não sendo da área do *fitness*, garante ainda assim certo argumento de autoridade ao enunciado;

Sua voz é reportada como meio de citações, que caracterizam tanto o sujeito quanto a prática do exercício: *Passo o dia me agachando e carregando meus alunos de 2 anos no colo / A vantagem é que não enjoa porque aprendo exercícios novos a cada treino*. Assim, ao serem materializadas discursivamente as práticas cotidianas do sujeito (carregar crianças, fazer certos esforços físicos, aprender coisas novas a cada treino), os aspectos reforçados são a eficácia e a confiabilidade do treinamento funcional. Apesar da imagem apresentada não ser a de um profissional da área do *fitness*, o sujeito representado é aquele que fala por meio da experiência, uma vez que pratica regularmente (*cinco vezes por semana*) o treinamento em um local apropriado, o templo do *fitness*, a academia (... *que frequenta a Academia Única, em São Paulo*) – treinamento graças ao qual o sujeito desenvolveu força e resistência para executar o seu trabalho.

Considerando tais aspectos, ao se lançar o olhar sobre esses quatro enunciados, quais as regularidades que podem ser observadas?

Inicialmente, deve-se considerar a escolha lexical da área de *fitness*, e que se volta para um público selecionado. Fazem-se presentes assim termos que se referem ao corpo como *lombar, quadril, glúteos, peitoral, bíceps, tríceps, tronco*; aos equipamentos necessários para a prática, como *polia baixa, leg press, halteres, pulley*; ou ainda remetem a práticas de exercício, como *flexão de braço, remada unilateral, rosca*. Os vocábulos delimitam a área temática do enunciado, mesmo que os enunciados sejam direcionados para públicos diferentes (masculino e feminino) e focando objetivos diferenciados (o *body*

*building*, a sexualidade, o trabalho mais completo do corpo por meio da força, flexibilidade, coordenação e equilíbrio).

O culto ao corpo sai das academias e atinge o cotidiano dos sujeitos, libertando a prática do *fitness* da especificidade do local. Se por um lado passa a influenciar ainda mais a vida dos sujeitos, por outro, o abandono do templo não proporcionou ao treino a perda das regras ou a estrita demarcação do corpo, que é quantificado no tempo (por meio das séries, repetições dos exercícios) e no espaço (por ângulos, por proporções que se dão muitas vezes tomando como parâmetro o próprio corpo), é ordenado, estrategicamente posicionado por meio de técnicas corporais – técnicas essas que se mesclam com o próprio treino (até onde se é técnica, até onde se é treino?) e controlado pela disciplina.

Aos manuais cabe a função de regerar: eles mostram como proceder com o *body building*, explicitam as normas, além de apontarem o resultado a ser alcançado para que o sujeito entre para a ordem do discurso tida como norma. Aliado a ele está o diário, que assume a função de testemunho da eficácia das práticas estabelecidas pelos manuais que ordenam ao sujeito o que fazer com o seu próprio corpo.

Observa-se ainda que a todo momento o discurso do outro é apresentado, seja por meio do relato de experiência (ou seja, o diário, a confissão, o testemunho) ou como discurso autorizado do especialista (posição autorizada enunciar com critério de verdade da época). Mas porque essa necessidade de comprovar a cada instante a eficácia dos modelos de treino apresentados? Entra então em foco a questão da vontade de verdade<sup>35</sup>, que faz com que o sujeito entre em uma ordem do discurso que estabelece aquilo que pode ou não ser dito, o aceitável e o inaceitável. A necessidade dos discursos científicos para realizar essa vontade de verdade se justifica pelas características da própria modernidade, que se pauta na cientificidade e não mais no misticismo dos séculos anteriores (GIDDENS, 2002).

Entretanto, ainda que científico, o conhecimento da modernidade se dá em forma de hipótese, passível de ser retomada. Desconstruir o velho e promover o novo é uma das características da modernidade. Dessa forma, são possíveis enunciados que falam sobre “novos métodos” de se praticar o treino: o conhecimento em forma de hipótese e o apagamento das certezas, característicos da modernidade, possibilitam que surja esse enunciado e que métodos de treino e *fitness* sejam remodelados, questionados e que surjam novos métodos que podem ou não serem uma forma de repressão aos anteriores. Para

---

<sup>35</sup> Conforme já visto no capítulo *A Análise do Discurso e Michel Foucault*, a verdade uma construção discursiva, assim como a identidade.

promover o novo, ele se constitui como verdade a ser adotada sem questionamento e apoiada pelos especialistas – posições-sujeitos autorizados pelas relações de saber e poder para enunciar de tal lugar.

Ao interpelar o sujeito leitor, o enunciado cria uma relação de confiança e proximidade, que torna possível uma mediação da experiência do culto ao corpo e o estabelecimento de padrões para esse corpo que contribuem para o processo de identificação. Diante do *body building*, fala-se assim da construção do corpo pelo sujeito. Corpo esse que deve ter seus músculos definidos, ausência de gordura, força, ser sexualmente apelativo (no caso do corpo masculino), ter flexibilidade e coordenação (no caso do feminino).

### 5.3 FAÇA PARTE DOS PADRÕES DE BELEZA! CORPO, ESTÉTICA E DIETA

Se o desnudamento do corpo trouxe ao indivíduo uma maior preocupação com a sua aparência (desnudamento esse que é tão moderno), foi também essa uma forma da corpolatria se instaurar nos diversos níveis sociais (SOHN, 2008). Com a preocupação de moldar os corpos conforme os padrões de beleza vigentes na sociedade, a corpolatria tanto se utiliza de *templos* como locais de prática (as academias; mas, como observado no capítulo analítico a respeito do *fitness*<sup>36</sup>, o treino não mais se restringe aos locais específicos, acomodando-se entre o cotidiano do sujeito e fixando-se na sua intimidade, tomando a casa do sujeito como novo *locus*), como de *milagres*, *penitências* e *oráculos* (CODO & SENNE, 2004)<sup>37</sup>.

Cabe observar então quais são essas penitências e quem são esses oráculos. Se por penitências se entender privação e sacrifício, quais os procedimentos, técnicas e práticas que o sujeito recebe em seu corpo como forma de cultivar o seu corpo e modificá-lo em algo que esteja dentro dos padrões estipulado pela ordem do discurso?

---

<sup>36</sup> Ver subcapítulo *O fitness e a modelagem do corpo*, inserido no capítulo *Uma teoria histórico-cultural do corpo*.

<sup>37</sup> O conceito de corpolatria, assim como as suas implicações, são explicados no subcapítulo 2.3, intitulado *Culto ao corpo e corpolatria*, inserido no capítulo *Uma teoria histórico-cultural do corpo*.

A primeira materialidade discursiva deste trajeto temático é a capa da revista *Época*<sup>38</sup>, edição 432 de 26 de agosto de 2006, na qual se pode observar uma mulher jovem, com o corpo nu voltado para a direita e o tronco inclinado para trás e para o lado, voltando-se para a esquerda da página. Apenas parte do corpo é apresentada – da cabeça até o quadril, pernas e pés ficam exteriores à imagem. A mulher abraça a si mesma, em uma tentativa de cobrir os seios. Sua cabeça segue a posição do tronco, inclinada para a esquerda. Seu rosto, com um leve sorriso e quase nenhuma maquiagem, volta-se para um ponto que não se encontra na imagem.



Se o cobrir dos seios aparenta pudor, o rosto tranqüilo e com um sutil sorriso não mostra nenhum sinal de vergonha. Não é um corpo que se apresenta de forma tão natural, uma vez que está contorcido, contraído, fecha-se em si, mas também não é um corpo em conflito.

A sua magreza é exposta no corpo nu: barriga lisa, sem acúmulo de gordura ou dobras de pele (assim como todo o corpo), a insinuação das costelas, os braços finos que deixam as pontas dos ossos do cotovelo à mostra, os ossos da clavícula se projetam sob a pele e os ombros formam duas curvas pontiagudas que se destacam para fora do corpo. Ossos que se sobressaem, mas sem passar a imagem da doença. As curvas do corpo ficam ainda mais marcadas pelo jogo entre luz e sombra que se projeta na pele, mas que não confunde as partes do corpo com o plano de fundo escuro da imagem: o corpo, apesar das sombras no fundo preto, mantém seus contornos nítidos, não deixando ao sujeito leitor a dúvida sobre a sua forma.

Os cabelos presos atrás da cabeça em um penteado sofisticado permitem que a região do pescoço e dos ombros fique visível sem que se perca a feminilidade. O brinco na orelha direita (única visível) chama a atenção por ser única peça não natural do corpo, o

<sup>38</sup> Ver Anexo 9.

único acessório, uma vez que não tem nem mesmo vestimenta. A maquiagem sutil, as unhas pintadas, os cabelos cuidadosamente no lugar mostram o cuidado que o sujeito tem com o corpo. A pele sem manchas e levemente dourada aponta ainda para um corpo saudável. Esse é um corpo feminino, mas sem ser *sexy*. Com os seios tampados e a genitália fora do foco da fotografia, esse corpo não se constitui como erótico. Se há nudez, é para realçar as formas do corpo, e não para seduzir. Não há aqui o discurso da reprodução ou do prazer sexual, mas do corpo belo – e que como tal, deve estar na ordem do olhar, disponível e disposto para ser visto.

A imagem ocupa a maior parte da página. Mas caso ela seja dividida ao meio horizontalmente, observa-se que o lado inferior esquerdo está inteiro ocupado pelo enunciado verbal:

- *Porque elas querem ser tão magras?*
- *Uma investigação sobre a mente feminina e os modernos – e tirânicos – padrões de beleza*

O primeiro enunciado se constitui como o título da reportagem principal da edição, enquanto o segundo o explica e introduz o assunto a ser trabalhado.

O título se organiza em cinco linhas, ocupando toda a largura disponível entre o recorte do corpo e a margem da página. O tamanho da fonte varia: na primeira, terceira e quarta linha, a fonte é menor; na segunda e quarta, maior – assim, sobressaem-se as palavras *elas* e *magras*, sendo que *magras* ganha mais destaque tanto por sua extensão quanto por encaixar-se, juntamente com o ponto de interrogação, na curvatura da cintura do corpo do sujeito, o que faz com que seja posto em destaque também a silhueta. As duas palavras em realce enfatizam sobre o assunto a ser tratado na reportagem e sobre qual sujeito: *elas* e *magras* são colocados no mesmo estatuto; entende-se então que a magreza aqui não remete ao corpo masculino, mas ao feminino.

Esse aspecto é reafirmado na segunda parte do enunciado verbal. O elemento a ser analisado é a *mente feminina*, e não a masculina. Observa-se aqui que pode haver uma dupla concepção da palavra *mente*, na qual a primeira se refere ao pensamento, ou seja, aquilo que os sujeitos (no caso, as mulheres) costumam pensar; e a segunda aponta para uma teoria psicológica e psicanalítica, que envolveria aspectos como o inconsciente.

Pode-se verificar ainda que a prática realizada é uma *investigação*, cujo efeito de sentido possui uma carga semântica maior e mais densa do que se fosse utilizado o termo *pesquisa* (que pode ser tanto de opinião quanto de cunho mais científico). Como



investigação, procura-se evidências, provas, um trabalho de vasculhar, um trabalho mais complexo e intenso do que uma pesquisa.

O foco da investigação (e da reportagem jornalística) está nos padrões de beleza, saberes regulados pela história, pelo social, cultural e por outros saberes de outras áreas e que funcionam como parâmetros de como o sujeito deve manter a sua aparência para ser considerado belo – a norma instaurada pelo poder que torna esse corpo produtivo e útil e pelo biopoder que assegura a sua vida. A esses padrões o enunciado atribui duas características: *modernos* e *tirânicos*.

O uso do termo *moderno* não apenas estabelece uma noção temporal para o enunciado, mas também se contrapõe a outras práticas e saberes. Se há os padrões de beleza modernos, é porque em algum momento anterior existiram outras concepções, outros referenciais de belo que ditavam como o corpo do sujeito deveria ser disciplinado<sup>39</sup> e essas concepções se diferenciam das que atravessam as relações sociais hoje e, em conjunto, formam um domínio associado de enunciados sobre a beleza e sobre o corpo.

E *tirânico*? A que se refere? O culto ao corpo em um dado aspecto passa pelas penitências, e é a essa questão que o termo se liga. Ao ser utilizado no enunciado, o vocábulo evoca um domínio de enunciados e práticas de controle e disciplinarização do corpo (incluindo os seus abusos) e os modelos de corpos que fazer parte da ordem, aos quais, para que o sujeito possa adotar, deve exercer esforços e privações muitas vezes dolorosos. Ao ser isolada entre travessões, essa característica dos padrões de beleza é enfatizada, sobressaindo-se a *moderno*. Mas observa-se que, embora taxado dessa forma, o corpo retratado na imagem não se assemelha a um corpo torturado, tiranizado, que passou por penitências, esforços ou provações. Sua beleza é naturalmente posta, apesar do corpo se contorcer para que ela seja enfatizada. Os excessos dos modelos de beleza são ainda apontados pelo enunciado em seu título: *porque elas querem ser tão magras?*<sup>40</sup> O uso do advérbio de intensidade *tão* produz o efeito de sentido da magreza exagerada; não bastaria ser magra, deve-se ser mais magra ainda.

---

<sup>39</sup> É possível lembrar aqui do perfil das mulheres durante os séculos XVI, visíveis em pinturas cânones como *A Mona Lisa (La Gioconda)*, de Michelangelo, *As três graças*, de Rafael, e *O nascimento de Vênus*, de Boticelli, onde as figuras femininas eram retratadas com corpos roliços, abdômen arredondado, braços languídos – uma forma de feminilidade que se focava nas curvas (principalmente nos quadris, região da fertilidade). Outros corpos, outros padrões de beleza. Mas vale recordar ainda que era outro também o papel da mulher na sociedade.

<sup>40</sup> Grifo deste trabalho.

Observa-se que neste enunciado os padrões de beleza estão ligados ao gênero feminino. O corpo trazido é um corpo de mulher, o pronome pessoal do título é um pronome feminino (*elas*), a mente a ser investigada é a feminina. Mas esse sujeito não é parte da ordem, ele quer entrar - o que pode ser observado por meio do enunciado verbal: porque elas querem ser tão magras? Ao invés do uso de um único verbo que indique uma condição ou característica (no caso, o verbo *ser*; porque o enunciado não se apresenta como *porque elas são tão magras?*<sup>41</sup>), a construção *querem ser* indica um estado almejado – estado esse que é trazido pela imagem.



A segunda materialidade é também uma capa de revista<sup>42</sup>, da *Revista da Semana*, edição 45, de 17 de julho de 2008. Mas o sujeito presente é muito diferente daquele anterior. Neste, o sujeito não é um jovem, mas um bebê de menos de um ano de idade, com pele e poucos cabelos claros, e cujo gênero é não é possível de identificação.

Ele está posicionado quase ao centro da página, um pouco para o lado esquerdo, sentado sobre uma superfície acolchoada branca, contra um plano de fundo também branco. De frente para imagem, suas pernas

se projetam também para frente, com os joelhos levemente sobrados em sentido lateral. O mesmo ocorre com os braços, estando o direito mais abaixado, com o mesmo ângulo que a perna, e o esquerdo mais levantado. Seu sentar se configura como uma técnica corporal própria dos bebês. O sujeito olha para um ponto fora da imagem, supostamente atrás da câmera fotográfica. Sua roupa é apenas uma fralda descartável, também branca. Em sua boca, uma chupeta colorida.

Braços, pernas e tronco são roliços e repletos de dobras de pele. O pescoço não é visível por baixo do rosto rechonchudo, e a barriga cai por cima da fralda. Ao redor dos

<sup>41</sup> Grifo deste trabalho.

<sup>42</sup> Ver Anexo 10.

pés, pode-se perceber a largura das pernas. Seu corpo está longe de ser magro – é um corpo que foge da norma, um corpo *gordo*, o que é evidenciado pela parte verbal do enunciado:

- *Gordo para sempre?*

Esse título está à direita da página, ao lado da cabeça da criança e acima de sua mão esquerda. Em letras em caixa alta e vermelhas, grandes o suficiente para ocupar o espaço até a margem da página, essa parte do enunciado chama a atenção por sua cor forte enquanto o restante da página se apaga na cor branda e no tom claro da pele – além das letras em vermelho e daquelas em preto, logo abaixo, as cores chegam à página apenas pelo título da revista, no topo, e pela chupeta da criança, que tampa a sua boca.

Abaixo do braço do bebê, contornando o seu corpo, a segunda parte do enunciado verbal em letras menores e pretas:

- *Uma criança obesa tem grande chance de virar um adulto obeso. O que a medicina, os pais e até o governo podem fazer para evitar esse destino*

Se a imagem utilizada é de um bebê, o enunciado verbal amplia a faixa etária, referindo-se à *criança obesa*, e não apenas a uma criança recém-nascida ou lactante. Também não se volta para uma criança que esteja dentro dos padrões, mas especificamente para os responsáveis por aquelas cujos corpos não se enquadram nos modelos da ordem.

Observa-se que entre os enunciados ocorre uma gradação quando à classificação do corpo. Na primeira parte do enunciado verbal há o uso do vocábulo *gordo*, para depois ser utilizado *obeso*, que se refere a um corpo que está com a pesagem acima de gordo. A primeira palavra possui ainda um sentido pejorativo, não sendo mais empregado como termo politicamente correto, enquanto *obeso* é muitas vezes utilizado no sentido de doença (sendo até mesmo adjetivado, como no caso da obesidade mórbida, estágio da obesidade em que o risco de morte aumenta consideravelmente).

Assim, o corpo gordo não é apenas um corpo que foge dos padrões de beleza, mas um corpo doente. É o corpo do anormal, aquele que foge aos padrões; é um corpo não disciplinado, e que não permite ao sujeito o viver bem. A sua doença é posta pelo enunciado como uma fatalidade que faria parte de toda a vida do sujeito – ele não só seria *gordo/obeso para sempre*, mas também seria o seu *destino*, o qual poderia haver ainda certa forma se *evitar*.

O enunciado aponta ainda que o responsável por esse corpo não é o próprio sujeito (uma vez que se trata apenas de um bebê). Evitar a obesidade como destino dessa criança é responsabilidade da medicina, dos pais e do próprio governo: a *medicina*, por se constituir

em um campo de saber autorizado a falar sobre o corpo (e quando o faz, produz enunciados que assumem o aspecto de verdade e que regulam os corpos); os *pais* são uma instituição familiar responsável pela geração e criação dos indivíduos, além de transmitirem os saberes e práticas da sociedade em que se inserem, enquadrando o sujeito na ordem do discurso; e por fim a obesidade é também responsabilidade do *governo*, por ser este o gestor da população – tem-se então a questão da governamentalidade dos sujeitos, que se utiliza dos saberes da medicina expostas como formas simbólicas na mídia como forma de se exercer sobre a população.

Ao colocar o corpo do sujeito como uma responsabilidade governamental, o enunciado não só confere a esse corpo um aspecto de propriedade pública (assim, o sujeito não teria mais controle sobre si, como ocorre no enunciado ao ser posta a responsabilidade tanto no governo quanto nas outras instituições), como também transforma a obesidade em um caso de saúde pública, uma espécie de epidemia que deve ser controlada e eliminada, ou apenas evitada para o bem da espécie humana.

O terceiro enunciado, *Eu odeio o meu corpo!*<sup>43</sup>, publicado na revista *Capricho*, edição 1062, de 18 de janeiro de 2009, constitui-se em uma

**About me** Texto: Isabela Mena Foto: Xico Burry

## Odeio o meu corpo!

Saiba como conviver melhor com aqueles defeitinhos que todo mundo tem



**A** sensação é bem desagradável: você simplesmente queria mudar seu corpo inteiro. Ou boa parte dele. É a perna fina demais, a orelha de abano, o peito enorme, enfim: tudo contribui para te fazer sentir a última das criaturas. E o espelho, a calça skinny e a menina mais perfeita da classe parecem existir só para que sua vida seja pior. Mas, acredite, até a tal garota tem esse tipo de sensação!

**Culpe os hormônios...**  
Um dos motivos para essa insatisfação é biológico. Até os 17 anos, seu corpo passa por um monte de transformações. Altura, peso, formas, textura do cabelo, tipo da pele: tudo fica diferente graças à ação de novos hormônios que seu corpo está produzindo. Muitas meninas têm dificuldade de se adaptar a essas mudanças, principalmente porque nem sempre o corpo se desenvolve de maneira harmoniosa. Uma menina que espicha muito rápido pode parecer magra demais, assim como algumas variações hormonais podem alterar (para cima) o peso de outra. O melhor nessa hora é ter paciência. Essas mudanças não podem ser consideradas definitivas. Virão outras!

**...E as neurais!**  
Nessa fase, é comum ter uma idéia idealizada do corpo, como se ele tivesse que ser perfeito para ser bonito. Mas, se prestar um pouco de atenção, vai ver que não é bem assim. Olhe à sua volta. As mulheres que você admira têm aquele corpo da atriz da novela? A resposta, na maioria das vezes, será não! Todo mundo tem defeitos. O que deixa uma garota muito mais bonita que as outras é a maneira como ela se vê. Pode reparar que as meninas que têm a auto-estima lá no alto acabam se cuidando mais e, por isso, estão sempre lindas. Então, preste atenção em você. Valorize-se!

**Fazendo as pazes com o corpo**  
Você queria ter as pernas da Gisele Bündchen, mas as suas estão mais para as da Juliana Paes? Opai! Já reparou o sucesso que a atriz faz com os homens? Saber tirar vantagem das suas formas e se espelhar em pessoas que tenham um biótipo parecido com o seu pode ser útil para dar um up no visual. Assim, você aprende a valorizar suas formas com as roupas e os acessórios ideais para elas. Logo, logo, você vai se pegar atraindo olhares e, então, naturalmente, vai fazendo as pazes com seu corpo.

**Exagero perigoso**  
Sentir um bode de si mesma de vez em quando é natural e passa com o tempo. Mas, se você pensa nisso a ponto de perder aulas e deixar de ir a baladas por achar que não está bonita o suficiente, sinal vermelho. A insatisfação exagerada com o corpo pode indicar que você tem uma imagem distorcida dele. Ou seja, quando se vê no espelho, se enxerga muito mais magra ou mais gorda do que realmente é. Esse tipo de distorção é um primeiro passo para transtornos alimentares, como anorexia e bulimia. Se esse for o seu caso, fale com sua irmã mais velha ou com alguém em que você confie. Ela vai te ajudar a encontrar um jeito de sair dessa.

**Agradecimento:** Mattel Brinquedos  
**Quem deu as informações:** Carlos Eduardo Carvalho Freire, professor da Faculdade de Psicologia da PUC-SP, e Alexandre Azevedo, do Ambulatório de Bulimia e Transtornos Alimentares do HC de São Paulo.

60 • CAPRICHIO

<sup>43</sup> Ver Anexo 11.

reportagem de revista voltada para o público juvenil feminino a qual oferece conselhos para as adolescentes de como aceitar próprio corpo. Verbal e não-verbal dividem a página ao meio, estando a parte imagética no topo e o verbal logo abaixo. Título e subtítulo se sobrepõem ao não-verbal, que se constitui como uma imagem paradisíaca, com areia e palmeiras ao fundo.

Em primeiro plano, uma boneca vestida de sereia – boneca essa que, mesmo de costas, pode ser facilmente identificada como sendo da marca *Barbie*, que há décadas é utilizada pelas crianças e referenciada como ideal de beleza, com o corpo bem modelado e proporcional, pernas longas, alta, magra, pele branca e cabelos loiros platinados. A boneca é ainda apresentada com uma sereia, um ser mitológico que, por meio de sua beleza e canto sedutor, conduzia os marinheiros (dos mais experientes aos mais desavisados), à loucura, ao naufrágio à morte no fundo do mar, o que pode ser visto, por exemplo, na *Odisseia*, de Homero. Tem-se assim tanto o modelo de beleza da *Barbie*, um modelo de consumo e sonhada pelas adolescentes, e o modelo perigoso e mítico da sereia.

Sobre a imagem, em letras brancas e que atraem o olhar por seu contraste com as cores frias do segundo plano, apresentam-se o título e o subtítulo:

- *Odeio o meu corpo!*
- *Saiba como conviver melhor com aqueles defeitinhos que todo mundo tem*

O título se apresenta em primeira pessoa (*odeio* - verbo na primeira pessoa do singular / *meu* - pronome pessoal de primeira pessoa no singular), mas essa voz não é da revista ou do jornalista responsável pela confecção da reportagem (que, pelo menos neste instante, está oculta). Trate-se de um discurso citado, uma transposição da voz de outros sujeitos, que serão depois revelados na materialidade discursiva e configurado tanto como assunto como público alvo – o sujeito sobre o qual se fala é aquele mesmo que está entre os leitores da revista, as adolescentes. O mesmo ocorre com o título da sessão na qual o enunciado se insere: *about me* (sobre mim).

No subtítulo observam-se os processos com os seguintes vocábulos:

- *Saiba...* – verbo no modo imperativo, o enunciado não apenas interpela o leitor, mas também se constitui como parte de um discurso de auto-ajuda, de aconselhamento, atestando a mediação da experiência do próprio corpo do sujeito (*saiba como...*). Uma corporalidade mediada em que a todo o momento o corpo do sujeito leitor é apresentado no discurso pela voz do enunciador (... *seu corpo...* / ... *preste atenção em você...* / *Você queria ter*

*as pernas da Gisele Bündchen, mas as suas são mais para as da Juliana Paes? / ... suas formas... / ... fazendo as pazes com o seu corpo).*

- ... *conviver melhor*... – não há aqui a indicação de práticas de intervenção no corpo. Ao sujeito não cabe transformar-se para entrar para a ordem do discurso dos padrões de beleza, mas aceitar a sua característica própria. Mas não basta *conviver*, deve-se *conviver melhor* – o corpo deve ser, acima de tudo, útil. Para a melhora desse aspecto, é permitido o uso de estratégias que valorizem e escondam certas características corpóreas (... *saber tirar vantagem das suas formas*...), como *se espelhar em pessoas que tenham o biótipo parecido com o seu, dar um up no visual, valorizar suas formas com roupas e acessórios ideais para elas*. O termo apresenta-se também como uma marca do funcionamento do biopoder.
- ... *defeitinhas que todo mundo tem* – ao colocar o vocábulo na sua forma diminutiva, o enunciado minimaliza as diferenças que tornariam esse corpo exterior aos padrões e à ordem e os generaliza. Assim, mesmo não estando nos padrões de beleza, o sujeito está dentro da norma e é possível de identificação com outros sujeitos. *Defeitinhas* relaciona-se ainda com as partes do enunciado verbal, como em *pernas finais demais, orelha de abano, peito enorme e magra demais*.

A sequência verbal do enunciado se divide em duas partes: um enunciado dividido em duas colunas e três tópicos, e uma nota/lembrete, ao lado direito da página e com o fundo rosado que se destaca do restante da página.

Na primeira parte, ao se juntar os títulos dos tópicos, observa-se duas sequências frasais que sintetizam a idéia geral do enunciado:

[culpe os hormônios... / e as neurais] / [fazendo as pazes com o corpo]

Assim, a responsabilidade sobre as características do corpo não se enquadrar na ordem são tiradas do sujeito e passadas para dois elementos diferentes: os hormônios e as neuroses. Dessa forma, ora a responsabilidade recai sobre as mudanças características da transição etária do sujeito (*Um dos motivos para essa insatisfação é biológico. Até os 17 anos, seu corpo passa por um monte de transformações. Altura, peso, formas, textura do cabelo, tipo de pele: tudo fica diferente graças à ação de novos hormônios que seu corpo*

*está produzindo*), ora sobre as imagens mentais que o sujeito projeta sobre si e que revelam os saberes autorizados pelos poderes (*Nesta fase, é comum ter uma idéia idealizada do corpo, como se ele tivesse que ser perfeito para ser bonito*).

Mas apesar da transferência de responsabilidade, ainda cabe ao sujeito ser belo. De certa forma a reportagem se configura em uma espécie de discurso de resistência às práticas de intervenção do corpo, o que pode ser visualizado em partes verbais do enunciado como *O melhor nessa hora é ter paciência. Essas mudanças não podem ser consideradas definitivas. Virão outras! / Olhe à sua volta. As mulheres que você vê têm aquele corpo da atriz da novela? A resposta, na maioria das vezes, é não! / Então, presta atenção em você. Valorize-se!*. Esses enunciados indicam que o sujeito deve aceitar o próprio corpo (*aceitar melhor / valorizar-se / adaptar*), pois *o que deixa uma garota mais bonita que as outras é a maneira que ela se vê*. Porém, nota-se que apesar de se falar em aceitação do corpo, ainda há uma imposição das normas de como ser belo, o que ocorre por meio da associação daquilo que o sujeito não deve ser: *pernas finais demais, orelha de abano, peito enorme e magra demais*.

O referencial de beleza se constrói ora com base na perfeição (*... é comum ter uma idéia idealizada do corpo, como se ele tivesse que ser perfeito para ser bonito*), ora na aceitação de pequenos deslizes da norma (*defeitinhas / se prestar atenção, vai ver que não é assim / Todo mundo tem defeitos*); além disso, ele recebe a gradação *bonito > muito mais bonita > linda*, gradação essa que, nota-se, está sempre voltada para o corpo do outro, e não do sujeito expresso em primeira pessoa no título da reportagem e que se constitui como o interlocutor do enunciatador da materialidade discursiva. A esse sujeito – o que não ocupa uma posição em nenhum dos aspectos da gradação do corpo belo – resta apenas a aceitação, a valorização de si, o “fazer as pazes” com o próprio corpo.

Entretanto, o deslize da norma não se constitui como o anormal, mas apenas uma variação que não se desconfigura como uma heterogeneidade totalmente a parte do padrão. Pois se não é exigida a perfeição, ainda assim se fala em beleza: *Você queria ter as pernas da Gisele Bündchen, mas as suas são mais para as da Juliana Paes?* No enunciado, são utilizados dois sujeitos como comparação. De um lado, a modelo brasileira *Gisele Bündchen*, tida como uma das mulheres mais lindas do mundo e constantemente vista na mídia como um padrão de beleza e conduta não apenas para aqueles que vivem no mesmo meio profissional, mas para todos aqueles que procuram por um espelho no social como uma norma para a constituição de si. De outro, a atriz *Juliana Paes*, famosa também pela



sua beleza e pela sua sensualidade. A questão é: entre os pólos de comparação não há uma relação de oposição como o enunciado tenta expressar, mas a mesma relação de gradação que foi observada anteriormente, sendo *Gisele Bündchen* o aspecto *linda* e *Juliana Paes* o *bonito*. Assim, os dois padrões não são opostos, não se fala aqui em norma e anormal, em belo e feio, mas apenas uma gradação do belo, uma hierarquização que demonstra o funcionamento do poder. Para que o sujeito se constitua de acordo com o padrão apresentado pela materialidade discursiva, ela deve, de qualquer forma, enquadrar-se na ordem discursiva que recai sobre o corpo, manipulando-o, selecionando-o e docilizando-o. Se não se é *linda*, deve-se ser bonita e fazer sucesso com os homens (*Já reparou no sucesso que a atriz faz com os homens? / Logo, logo, você vai se pagar atraindo olhares...*).

A preocupação com o corpo é posta como um ato natural do sujeito (*Sentir um bode de si mesma de vez em quando é natural*), mas que deve se controlar. O exagero é colocado como o não produtivo (*Exagero perigoso*) em que a doença está no olhar (... *imagem distorcida...* / *quando se vê no espelho, se enxerga mais magra ou mais gorda do que realmente é...*), e não no próprio corpo – pois aqui se fala de um corpo que está, apesar dos *defeitinhas*, dentro dos padrões de beleza. Essa doença do olhar é também uma doença do sujeito para a qual o enunciado alerta. A doença do sujeito se descreve como os *transtornos alimentares*, a *bulimia* e a *anorexia* e se constituem como uma forma de controle estrito sobre o corpo em que a sua própria manutenção via alimentação é afetada e restrita como um modo de enquadrá-lo na norma. É a técnica de *penitência* descrita por Codo e Senne (2004) e a prática do biopoder.

A linguagem utilizada no enunciado é coloquial e tem a função de se aproximar do público alvo – no caso, um público jovem feminino. Assim, além da informalidade, são utilizadas expressões e gírias para se referir ao sujeito e seu corpo: *orelha de abano* / *última das criaturas* / *menina mais perfeita da classe* / *existir para que sua vida seja pior* / *espicha* / *Opa!* / *acessórios legais* / *sentir um bode de si mesma* / *baladas* / *sinal vermelho* / *encontrar um jeito de sair dessa*. Mesclada à linguagem informal, apresenta-se também o discurso científico do especialista (*hormônios* / *biótipo* / *transtornos alimentares* / *anorexia* / *bulimia*), que está presente também no final do enunciado, em letras menores. Em negrito, a atribuição da fonte das informações da reportagem (*Quem deu as informações*). Logo após, os sujeitos autorizados para enunciarem a partir da posição de especialistas que, enquanto tais, atestam a verdade do enunciado:



- Carlos Eduardo Carvalho Freire, professor da Faculdade de Psicologia da PUC-SP
- Alexandre Azevedo, do Ambulatório de Bulimia e Transtornos Alimentares do HC de São Paulo

Outro fator que deve ser abordado é a questão do distanciamento do sujeito do seu próprio corpo. Observa-se que ao realizar uma recriminação pelo não pertencimento aos padrões de beleza, o sujeito separa-se do seu corpo. No título *Eu odeio o meu corpo*, o ódio recai sobre o corpo, e não sobre o próprio sujeito. Não se fala em “eu me odeio porque meu corpo não se enquadra nos padrões”, mas “*eu odeio o meu corpo*”. O sentido de posse é mantido, mas há uma dissociação entre corpo e sujeito, como se não se implicassem em sua constituição e fossem duas entidades distintas – o corpo passa a ser um objeto a ser

possuído, e não o próprio sujeito enquanto posição de um discurso.

O quarto enunciado a ser trabalhado neste trajeto temático se constitui da reportagem “*Eu tinha vergonha do meu corpo*”<sup>44</sup>, publicada na revista Boa Forma, edição 206, de 2004, que relata a experiência de um sujeito no cuidado de seu corpo e na redução de peso. O enunciado pode ser dividido em dois lados: no direito estão título (“*Eu tinha vergonha do meu corpo*”) e a parte verbal; no esquerdo, uma imagem que toma

**euconsegui!** por Denise Corsi

## Eu tinha vergonha do meu corpo

Para a paulista Cristiane Vasconcelos, liberdade é vestir uma miniblusa e deixar a barriguinha à mostra sem medo. Quem vê ela toda feliz hoje, aos 24 anos, não imagina que já houve tempo em que colava adesivos em suas fotos para esconder a barriga. Nos seus tempos de gordinha (pesava 73 quilos!), Cris experimentou um montão de dietas, mas só conseguiu enxugar com ajuda médica. "Todo mundo precisa de um empurrãozinho. Eu mesma tive de tomar uma fórmula, por seis meses, para controlar a gula." Mas não pense que com remédio ficou tudo fácil – emagrecer foi uma prova de fogo. A garota estava fazendo faculdade e não queria ficar de fora das baladas. "Minha dieta era de 1.200 calorias diárias. Pra rebater o prazer de um chope eventual ou um cachorro-quente de vez em quando, tinha de vigiar o cardápio o resto da semana." Seis meses depois, com 10 quilos a menos, ainda sobravam alguns pneuzinhos. Cris então recorreu à lipoaspiração. "Fiquei bem fininha, mas, por conta do meu rosto redondo, continuavam me chamando de bolacha." Cris não desistiu. Foi fazer um curso profissional na área de beleza e percebeu que podia melhorar mais seu visual. Resolveu apostar na academia e começou a escolher melhor os alimentos, em vez de apenas contar calorias – reduziu massas, frituras e gorduras, encheu a geladeira de frutas, verduras e produtos light. "Antes, eu corria, mas só quando tinha vontade. Passei a malhar quatro vezes por semana, focando os meus objetivos." A nova Cris faz spinning e musculação. Resultado: o corpo mudou, ela secou 3 quilos de gordura e ganhou músculos. Afinal livre do apelido, ela dá seu conselho: "Para se manter bonita, você tem de se aplicar. Esse é um projeto para a vida toda."

**dica experta**  
Cristiane virou uma expert em receitas light. Anote aí sua sugestão preferida.

**patê de ricota light**

**Ingredientes**  
500 g de ricota  
2 col. (sopa) de manteiga light  
1 copo de leite desnatado fervendo  
Sal, salsinha e cebolinha a gosto

**Modo de fazer**  
Coloque todos os ingredientes aos poucos para bater no liquidificador e misture os temperos por último. Deixe esfriar e leve à geladeira.

**Conselho da especialista**  
"A receita é leve. 1 col. (sopa) tem 29 calorias. Fique experta com o excesso, pois você só precisa de duas porções diárias de leite ou derivados. Consumindo duas colheres do patê, você pode comer apenas mais uma porção (um copo de leite ou um iogurte)", diz a nutricionista Leticia Pacheco, do Rio de Janeiro (RJ).

**\*Cristiane Vasconcelos**  
Idade: 24 anos.  
Altura: 1,73 metro.  
Peso: 63 quilos.  
Conquista: enxugou 10 quilos de gordurinhas e somou 3 quilos de músculos.  
Tempo: um ano e seis meses no total.

114 | BOA FORMA | agosto 2004

<sup>44</sup> Ver Anexo 12.

quase todo o lado, mais uma imagem menor, os dados sobre o sujeito que dá o seu depoimento, uma receita e a opinião do especialista.

A imagem maior é constituída por uma mulher jovem em uma academia, encostada em um dos equipamentos. Com o corpo na transversal, os braços se levantam acima da cabeça e se seguram no equipamento. O olhar incide direto para o leitor, com um sorriso de satisfação. O rosto maquiado, os cabelos soltos e cuidadosamente penteados que caem sobre o peito e cobrem os ombros não são condizentes com a prática do *fitness*, mas com um discurso sobre a beleza. O lugar em que o sujeito se apresenta é a academia (o templo do culto ao corpo e do treino). Entretanto, o que está em evidência não é o treino, a performance, mas a beleza que foi construída nesse corpo que foi enquadrado às normas.

A roupa azul justa é própria para a prática do treino e deixa à mostra parte da barriga, os braços e o decote, o que permitem observar a magreza do sujeito: a barriga reta, sem dobras de pele ou gordura, os braços e pernas finos. A posição dos braços evidencia essa magreza, assim como as linhas laterais brancas na roupa azul, que duplicam a forma da silhueta e a coloca em destaque.

Sobre a imagem, no canto esquerdo, o título da coluna da revista. Como no enunciado anterior, em *Eu consegui!*, o uso da primeira pessoa aponta para um sujeito enunciativo que se difere da revista; a voz do outro é materializada, assim como no título da matéria, em letras maiores e que tomam quase todo o espaço entre a imagem e a margem da página: “*Eu tinha vergonha do meu corpo*”. O uso de aspas explicita o discurso citado e a transposição de voz – voz essa que é atribuída ao sujeito da imagem lateral, que atua tanto como identificadora desse sujeito, ilustradora das modificações no corpo relatadas na materialidade discursiva e representação de uma ordem discursiva dos padrões de beleza corporais.

A temática da magreza transpassa a parte verbal do enunciado, escrito em terceira pessoa (... *colava adesivo em suas fotos...* / ... *Cris experimentou...* / *A garota estava fazendo faculdade...*). O enunciativo toma a palavra para falar da experiência e dos procedimentos adotados pelo sujeito para que seu corpo entrasse para a norma (*Para a paulista Cristiane Vasconcelos, liberdade é vestir uma miniblusa e deixar a barriguinha à mostra sem medo*), recorrendo, em diversos momentos, à evocação da voz desse sujeito para construir a linha da narrativa e atestar a sua veracidade (“*Todo mundo precisa de um empurrãozinho. Eu mesma tive que tomar uma fórmula, por seis meses, para segurar a gula*”). Ocorre ainda a interpelação do sujeito leitor, dando à materialidade discursiva um

caráter de diálogo informal (*Mas não pense que com o remédio ficou tudo fácil... / Passe o dia com a gente / Anote aí sua sugestão preferida / Fique esperta...*). Observa-se que, ao interpelar esse sujeito leitor, o enunciado o convoca a assumir uma posição em que ele é caracterizado como sendo mulher (*Fique esperta...*), que constitui o público alvo da revista.

Há no enunciado verbal uma sequência de práticas de intervenção sobre o corpo, na tentativa de escondê-lo (... *colava adesivos sobre suas fotos para esconder a barriga...*), isso é, segregando e excluindo aquilo que não estava na ordem do discurso, ou ainda como forma de transformá-lo e adequá-lo:

- ... *experimentou um montão de dietas, mas só conseguiu enxugar com a ajuda médica*
- ... *Eu mesma tive que tomar uma fórmula, por seis meses, para segurar a gula*
- ... *Minha dieta era de 1200 calorias diárias...*
- *Cris então recorreu à lipoaspiração*
- *Foi fazer um curso profissional na área da beleza*
- *Resolveu apostar na academia*
- ... *começou a escolher melhor os alimentos, em vez de apenas contar as calorias – reduziu massas, frituras e gorduras, encheu a geladeira de frutas, verduras e produtos light*
- ... *passei a malhar quatro vezes por semana, focando os meus objetivos*
- *A nova Cris faz spinning e musculação...*

O resultado das intervenções é demonstrado em forma de gradação. De “*gordinha*”, passa-se para “*ainda sobravam alguns pneuzinhos*”, “*continuavam me chamando de bolacha*” e, por fim, “*afinal livre do apelido*”. Observa-se que, conforme a modificação do corpo há também o uso de eufemismo para indicar o seu emagrecimento; se inicialmente usa-se apenas uma palavra, que mesmo no diminutivo como forma de abrandamento ainda assim tem um referencial direto, passa-se, conforme as práticas interventivas, a uma suavização dos termos e até mesmo um afastamento do corpo – no final, não é das *gordurinhas* que o sujeito se liberta, mas do *apelido de bolacha*.

Abaixo da imagem maior, uma menor do mesmo sujeito, porém em um momento anterior. O rosto olha para o lado, para algo que está fora do enfoque da fotografia. Os

braços, ao invés de levantados sobre a cabeça como na primeira imagem, está com as mãos dadas e pousado sobre a barriga, cobrindo-a assim como a roupa, que esconde também parte dos braços, os ombros e o decote. Os cabelos – agora naturais, ao invés de cuidadosamente penteados – caem sobre o peito, mas de forma diferente da foto anterior, pois se naquela ele realça o decote, nesta ele o tampa. A posição do corpo e dos braços, assim como a camiseta e a calça jeans solta no corpo, não permite que a silhueta se revele. É um corpo envergonhado que se exclui dos padrões e ainda não passou pelas intervenções que o “libertarian” (pois *liberdade é vestir uma miniblusa e deixar a barriguinha à mostra sem medo*).

Esse corpo é totalmente delimitado. Peso, medidas, tempo e práticas do cotidiano (como alimentação e exercícios) são calculados e especificados:

- *Idade: 24 anos*
- *Altura: 1,73 metro*
- *Peso: 63 quilos*
- *Enxugou 10 quilos de gordurinhas e somou 3 quilos de músculos*
- *Tempo: um ano e seis meses*
- *Pesava 73 quilos!*
- *... tomar uma fórmula, por seis meses, para controlar a gula...*
- *Minha dieta era de 1200 calorias diárias*
- *Seis meses depois, com 10 quilos a menos...*
- *Passei a malhar quatro vezes por semana...*
- *... secou 3 quilos...*

Essa delimitação atua como um dispositivo do poder que controla o corpo e o dociliza; e ao fazê-lo, subjetiva o indivíduo, fazendo-o ocupar uma função-sujeito específica em que seu corpo e seu cotidiano já estão estipulados.

Ainda para que essa subjetivação ocorra, o enunciado apresenta uma receita e a opinião do especialista. Enquanto a receita aprovada pelo sujeito que relata a sua experiência (*Cristiane virou uma expert em receitas light. Anote aí a sua sugestão favorita*) atua como não apenas uma receita culinária, mas um modo de gerenciar a alimentação, a sobrevivência e a vida dos sujeitos (sendo esse o funcionamento do biopoder), a opinião do especialista (*a nutricionista Letícia Pecheco, do Rio de Janeiro*) afere veracidade e o sentimento de confiança.

Nota-se que assim como no enunciado anterior, há uma separação do sujeito em relação ao seu corpo, que é tratado como um elemento/entidade à parte, como se não fosse o próprio sujeito – ao invés de ser utilizada a construção “*tinha vergonha de mim mesma*”, há o uso de “*tinha vergonha do meu corpo*”. Cabe ainda observar que no título o tamanho da fonte não é o mesmo para todas as palavras. “*Eu tinha vergonha*” se destaca em relação à “*do meu corpo*”; assim, *corpo* deixa de ter tanto enfoque quanto *vergonha*, passando o efeito de sentido que, assim como o enunciado em geral, coloca em destaque não o corpo magro em si, apesar da temática da magreza atravessar o enunciado, mas necessidade da transformação do corpo. Esse aspecto pode ser notado também na escolha lexical anteriormente abordada, em que o corpo fora de forma é diretamente nomeado (*gordinha*) e o magro é referenciado por meio de eufemismo (*afinal livre do apelido*),

No final da página, ao lado direito, em uma pequena caixa o enunciador convida o sujeito-leitor a contar também a sua experiência:

- *Passe o dia com a gente!*
- *Você quer participar dessa seção e conhecer a redação da revista? Então escreva como conquistou um estilo de vida saudável e um corpo bonito. Mande uma carta para BOA FORMA, seção Eu Consegui!, com uma foto antiga e outra recente.*

Coloca-se então em funcionamento uma técnica de si que, assim como o enunciado, tem como base a confissão de um sujeito que entrou para a norma, confissão essa que passa por vários estatutos: de um dia (*antes*) não ter sido normalizado (*pesava 73 quilos!*), de ter passado pelas práticas de docilização e das práticas utilizadas, de ser agora normalizado. Essa técnica de si que atua não apenas como um depoimento do funcionamento da normalização, mas se constitui como o próprio poder em exercício, que produz subjetividade a partir de um sujeito objetivado pelo discurso midiático sobre o seu corpo.

Observa-se que, apesar dos quatro enunciados terem como tema central a corpolatria, o seu funcionamento e direcionamento se diferenciam. As técnicas se assemelham – uso da voz do especialista como posição-sujeito autorizada pelo poder a falar sobre um determinado saber, os padrões de beleza, o distanciamento do sujeito do próprio corpo, a interpelação e aproximação do leitor, apesar da separação entre produção e recepção, característica própria da *mass media*. Mas cada enunciado aborda de forma diferenciada para a temática que forma o trajeto.

Enquanto o primeiro enunciado aponta para um modelo de corpo que o sujeito deve ter, focando especificamente no corpo feminino, o segundo apaga as questões de gênero e torna o corpo anormal (aqui tido como o corpo obeso) uma questão de saúde pública e cuja responsabilidade sai do sujeito para a ciência (medicina), a família e o governo, que deve, por meio da governamentalidade, gerir o corpo da população. No terceiro enunciado, além da interpelação do sujeito para fazer parte da norma, há o apagamento do corpo anormal; não é dada a oportunidade ao sujeito de não ser belo, há uma segregação e a exclusão dessa possibilidade. Ele deve pairar entre o bonito e o lindo, porém sem jamais sair dessa delimitação hierarquizada. Se nesse enunciado há o enfoque no padrão, no quarto há na transformação e nas intervenções necessárias para que ela ocorra.

Nota-se que o sentido de padrão de beleza que esses enunciados evocam pauta-se no próprio sentido de si do sujeito – que é também uma ilusão, uma vez que o sujeito nem tem autonomia, nem intenção, nem escolha, pois tudo é dado pela ordem. Os aspectos sociais e científicos aparecem, mas perdem espaço para as questões pessoais. O estilo de vida do sujeito, conforme a perspectiva que Giddens (2002) tem desse termo, é delimitado pelo sujeito em busca de um sentido de auto-estima e confiança. Busca-se o conforto emocional, no qual o sujeito tenta livrar-se da vergonha do corpo (e, conseqüentemente, de si), do medo de mostrar-se, da auto-repressão.

#### 5.4 UMA SÍNTESE TEÓRICO-ANALÍTICA

Diante dos enunciados analisados, foi possível observar uma regularidade de modalidades dos processos de representação das identidades dos sujeitos e dos processos de subjetivação, assim como uma regularidade de saberes e práticas discursivas que se constituem como o verdadeiro da época. Essas regularidades transpassam as séries e trajetos temáticos, atingindo o sujeito nas formações discursivas observadas e promovendo a manutenção da sua vida como corpo não apenas individual, mas da população.

Esse manter-se vivo faz parte de toda uma trajetória discursiva do sujeito como ser social e corporificado: o nascer, o manter-se, o reproduzir-se e o morrer. Neste trabalho, os enunciados abrangem apenas duas fases, a do manter-se e a do reproduzir-se, que se

diferenciam das outras duas por não se reduzirem a um momento pontual da vida do indivíduo.

Pensar nessas regularidades e buscar a sua filiação nas formações discursivas é encontrar um domínio de saber – a medicina e suas diversas modalidades - que se apropria do corpo como seu objeto natural e acaba, por fim, tornando-se autorizada a dizer algo sobre o sujeito e sobre o que ele pode vir a ser, sobre a existência ou não de sua vida, enfim, sobre quem se é.

Considerando-se tais aspectos, foi organizado o seguinte quadro, que busca sintetizar as regularidades encontradas e relacioná-las com alguns dos processos teóricos que as constituem:

## CORPO

*Construção discursiva, constituído por relações de saber e poder, disciplinado e dócil, marca da individualidade do sujeito*

| FORMAÇÃO DISCURSIVA DA MEDICINA                                        |                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                       |                                                                                                                        |
|------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Nascimento > desenvolvimento e manutenção da vida > reprodução > morte |                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                       |                                                                                                                        |
|                                                                        | GENÉTICA                                                                                                                                    | ESTÉTICA                                                                                                                                                                                             | ESPORTIVA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | DA<br>SEXUALIDADE <sup>45</sup>                                                                                                                       | GERAL                                                                                                                  |
| IDENTIDADES<br>REPRESENTADAS                                           | <ul style="list-style-type: none"><li>• O corpo normal e o anormal</li><li>• O corpo saudável e o doente</li></ul>                          | <ul style="list-style-type: none"><li>• O corpo belo e o feio</li></ul>                                                                                                                              | <ul style="list-style-type: none"><li>• O corpo forte/atlético/modelado e o fraco sem formas</li><li>• O corpo máquina</li></ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | <ul style="list-style-type: none"><li>• O corpo atrativo e o não-atrativo</li><li>• Sexualidade reprodutiva</li><li>• Sexualidade hedonista</li></ul> | <ul style="list-style-type: none"><li>• O corpo saudável e o doente</li><li>• O corpo que satisfaz o sujeito</li></ul> |
| PROCESSOS DE<br>SUBJETIVAÇÃO                                           | <ul style="list-style-type: none"><li>• Seleção</li><li>• Delimitação</li></ul>                                                             | <ul style="list-style-type: none"><li>• Intervenções:<ul style="list-style-type: none"><li>○ Embelezar</li><li>○ Plásticas</li><li>○ Dietas</li><li>○ Mostrar / esconder o corpo</li></ul></li></ul> | <ul style="list-style-type: none"><li>• Intervenções:<ul style="list-style-type: none"><li>○ Modelar</li><li>○ Modificar</li><li>○ Treinar</li><li>○ <i>Performance</i></li></ul></li></ul>                                                                                                                                                                                                                                                                    | <ul style="list-style-type: none"><li>• Modelar</li><li>• Mostrar e esconder o corpo</li><li>•</li></ul>                                              |                                                                                                                        |
| VERDADEIRO DA ÉPOCA                                                    | <ul style="list-style-type: none"><li>• O corpo normal é aquele que possui 22 pares de cromossomos mais dois cromossomos sexuais.</li></ul> | <ul style="list-style-type: none"><li>• O corpo belo é aquele que é magro e jovem.</li><li>• Ter o corpo belo é algo que depende do sujeito e da medicina.</li></ul>                                 | <ul style="list-style-type: none"><li>• O corpo máquina, que busca puramente a <i>performance</i>, tem sua sexualidade apagada.</li><li>• O corpo feminino deve ser modelado. Não se fala em reprodução ou sexualidade, havendo apenas, em alguns casos, a sensualidade.</li><li>• O corpo masculino deve ser malhado e com os contornos aparentes como forma de exercer a sua sexualidade, que se torna a justificativa da modificação desse corpo.</li></ul> |                                                                                                                                                       |                                                                                                                        |

<sup>45</sup> Optou-se aqui pela utilização da expressão medicina da sexualidade ao invés de medicina reprodutiva por se entender que os enunciados abordados não tratam apenas da reprodução do corpo, apresentando aspectos mais amplos que se enquadram melhor na área da sexualidade, como, por exemplo, a delimitação entre masculino e feminino.



## DE QUE CORPO SE FALA? CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como temática a subjetivação do sujeito atual através dos discursos sobre o corpo materializados na mídia impressa. Com o intuito de analisar quem é o sujeito atual configurado nesse meio de comunicação, o que é justificado pela necessidade de compreender os processos de subjetivação operados pela mídia, foram utilizados como referenciais teóricos os Estudos Culturais (tomando como base noções como modernidade e identidade e nos quais se enquadrou também os estudos midiáticos), o método arqueogenealógico de Michel Foucault (com as concepções de enunciado como função enunciativa, sujeito, discurso, formações discursivas, saber e poder, biopoder, o corpo disciplinado do sujeito e as técnicas de si) e uma breve história do corpo como aspecto cultural e a influencia da medicina, da sexualidade, da corpolatria e das técnicas corporais.

Como *corpus*, utilizou-se sete revistas de publicação mensal e semanal, distribuição nacional e internacional e públicos variados. Dentro dessas, doze enunciados foram selecionados e organizados em uma série composta por três trajetos temáticos que abordavam as temáticas do corpo visto pela ciência, o corpo no *fitness* e o corpo e os padrões de beleza do culto ao corpo. Para se analisar esses enunciados, foi realizado um batimento de descrição e interpretação, e o levantamento das regularidades dentro dos trajetos.

Com isso, pode-se verificar o corpo como uma construção discursiva produzida pela mídia conforme as relações de saber e poder articuladas no histórico e no social. Assim, o corpo não pré-existe; ele é configurado a partir do discurso, é criado no acontecimento e na sua objetivação pelos saberes. Dentro dessa perspectiva, a subjetivação do sujeito só vai ocorrer então a partir da objetivação do seu corpo.

O corpo aparece controlado, seja pela genética, pelo *body building* do treino, pela estética ou pela ciência. O poder recai sobre ele em diversos níveis, seja por meio dos micropoderes e biopoderes do cotidiano que seduzem o sujeito à mudança da alimentação, à prática de técnicas corporais que mantenham a sua *performance* e a sua capacidade de reprodução, ou intervenções mais drásticas que regulam a sua existência e constituição como corpo, a sua codificação genética que uniformiza os sujeitos dentro de uma mesma espécie biológica e delimita o corpo normal do anormal.

A corpolatria passa pelo treino, pela sexualidade, a estética e a medicina, promovendo mudanças que fazem o corpo enquadrar-se em uma ordem discursiva no qual ele deve ser magro (pois a gordura é tida como doença de âmbito da população que torna o sujeito improdutivo e não garante o seu bem viver, devendo então ser combatida pelas instituições promotoras de formas simbólicas e saberes como a mídia e a medicina, a família e o próprio Governo), com o corpo fortalecido bem modelado (pois se a gordura é sinal de doença, o excesso da magreza também o é), belo e jovem. A sua sexualidade pode ser escondida ou mostrada, mas isso dependerá de fatores como a posição-sujeito ocupada pelos sujeitos. Observou-se que nos enunciados direcionados ao público feminino o apelo pela beleza dá-se por meio dos sentimentos de confiança e auto-aceitação, enquanto naqueles direcionados para o público masculino o culto ao corpo ocorre principalmente para adquirir força e tornar-se sexualmente atrativo. É essa imagem de corpo mediada pela mídia com a qual o sujeito irá se identificar, e não aquela que é a sua própria (BAUMAN, 2001). Há então uma corporeidade mediada, por meio da qual o sujeito passa a ter noção do próprio corpo a partir dos exemplos fornecidos pela mídia por meio das formas simbólicas.

O desnudamento dos corpos é um fator a ser considerado. Se o início do desnudamento dos corpos e a perda do pudor tornaram possível o surgimento do culto ao corpo, na modernidade ocorre uma inversão de valores, por meio da qual o corpo se mostra justamente para evidenciar suas formas. Essa nova ordem torna possível observar o funcionamento dos processos de docilização do corpo. Ao haver a mudança das formas de punição e controle operadas durante a Idade Média, o olhar assumiu um papel fundamental. E é esse dispositivo que atua através da exposição do corpo, tornando possível assim o seu controle através de uma moderna e complexa modalidade de *Panopticon* que mantém o seu funcionamento também por meio da mídia.

Os enunciados que representam o corpo e o sujeito na mídia constroem o efeito de sentido em que a magreza e o corpo ideal podem ser construídos, principalmente por meio do *fitness*. Há aqui algo a ser notado: enquanto a ciência estipula e delimita o corpo, o treino o modifica. Se não há o discurso da modificação, há o da aceitação limitada – limitada porque ela se dá a partir de uma gradação em que o corpo pode ser mais ou menos adequado, mas nunca estar fora da ordem e da norma constituída pelo saber e licenciada pelo poder.

A ciência assume o papel de conhecedora do corpo, um lugar autorizado e legitimado para enunciar sobre um objeto e construí-lo pelo discurso, uma vez que ele não é pré-existente. Essa tomada de posição da ciência pode ser vista por meio da presença constante da voz dos especialistas de diferentes áreas (genética, psicologia, nutrição, fisiologia, medicina) presentes nos enunciados.

No nível da construção dos enunciados, o controle aparece em forma de quantificação, medida, que localiza o sujeito tanto no espacial quanto no temporal, utilizando para isso medidas de unidades de padrões científicos (como os centímetros, os meses, os graus), as repetições ou o próprio corpo como marcação de proporção e posição, práticas cuidadosamente explicadas por meio dos manuais. As técnicas corporais, analisadas por Mauss (1974), permitem entender que cada movimento do corpo é cultural, faz parte do saber e é sancionado pelo poder; a forma como o sujeito utiliza o seu próprio corpo e se dispõe do corpo do outro, com ou sem o uso de instrumentos, está condicionada e regulamentada pelas relações de saber e poder, pelo social e histórico.

Faz parte dessa mesma mídia – no caso, a mídia em massa – a dissociação entre a produção e a recepção das formas simbólicas, na qual não há um dialogismo entre os interlocutores ou um *feedback* instantâneo do leitor. Entretanto, nos enunciados é possível notar uma tentativa de apagamento dessa separação, promovendo uma aproximação do enunciador com o sujeito-leitor. Assim, o leitor é a todo o momento interpelado a assumir uma posição de segunda pessoa do discurso, seja por meio dos verbos no modo imperativo ou uso pronominal. Há também a tentativa de angariar a confiança desse indivíduo, fator que contribui para a instauração de um efeito de verdade nos enunciados. Essa vontade de verdade ocorre também pela utilização recorrente do discurso dos especialistas, lugares autorizados de enunciação.

Diante desses aspectos, o corpo se constitui como lugar de conflito e disputas não só dos saberes e discursos, mas também um conflito do sujeito com o próprio corpo: ora ele o cultua, ora o nega e segrega. Ora se apropria, ora é apropriado pelo outro. É nesse jogo que se dá o processo de subjetivação do sujeito e ele é chamado a assumir uma posição.

Assim sendo, estudar o sujeito no viés da mídia possibilita o entendimento dessa mediação e subjetivação e torna-se fundamental caso se tenha em vista a descoberta do homem moderno e atual, uma vez que a própria mídia é um importante instrumento das tendências modernizantes.

Apesar de se enveredar por áreas outras que escapam dos estudos da linguagem e das letras, esta pesquisa não pretendeu de forma alguma desenvolver um trabalho filosófico – apesar de haver a esperança de que esta dissertação possa ter oferecido alguma contribuição para esse campo que tanto pode fornecer para os estudos da linguagem, como já o fez no passado. Seu nascimento se dá nas letras, e é a elas que se filia, pois não há como analisar o sujeito sem passar pela linguagem, da mesma forma que não há como se esquecer que esse sujeito é corporificado, disciplinado e normalizado.

De forma alguma considera-se essa pesquisa como tendo um caráter finito. Ela se caracteriza como sendo apenas um olhar dentre muitos sobre um conjunto de enunciados, de forma que ainda há um vasto campo a ser descoberto o qual permite ainda que assuntos como a resistência aos discursos vigentes sobre o corpo, os discursos que abordam o nascimento e a morte do sujeito ou ainda a apropriação do corpo por outras áreas de saberes além da medicina (como o direito, no caso do aborto e da eutanásia) possam ser analisados e constituam um olhar de um outro ângulo sobre o objeto e os processos de sua constituição.

Fica aqui a esperança de que esse trabalho possa deixar no meio acadêmico e naqueles que se aventurarem por sua leitura, além de uma contribuição científica, uma inquietação que possibilite que outros pesquisadores também se enveredem por essa temática que une história, sujeito, corpo e discurso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideopsíquicos do Estado*: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Rio de Janeiro: Graal, 1985, p. 53-107.

ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 9-57.

ARAÚJO, I. L. Formação discursiva como conceito chave para a arqueogenealogia de Foucault. In: BARONAS, R. L. (Org.). *Análise do discurso*: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007, p. 89-101.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BROWN, Peter. *Corpo e sociedade*: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

CÂMARA JR, J. M. Abordagens diferentes ao estudo da linguagem: pré-lingüística, paralingüística, lingüística propriamente dita. In: \_\_\_\_\_. *História da lingüística*. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 9-13.

CASTRO, Ana Lúcia de. Culto ao corpo: identidades e estilos de vida. In: BUENO, Maria Lúcia; CASTRO, Ana Lúcia de (Org.). *Corpo, território da cultura*. São Paulo: Annablume, 2005, p. 135-151.

CASTRO, Ana Lúcia de. *Culto ao corpo e sociedade*: mídia, estilos de vida e cultura de consumo. 2 ed. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

CASTRO, Ana Lúcia de; BUENO, Maria Lúcia. Introdução. In: BUENO, Maria Lúcia; CASTRO, Ana Lúcia de (Org.). *Corpo, território da cultura*. São Paulo: Annablume, 2005, p. 9-10.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 480-483.

CODO, Wanderley; SENNE, Wilson. *O que é corpo(latria)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

COURTINE, Jean-Jacques. Introdução. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dir.). *História do corpo*: as mutações do olhar. O século XX. Vol.3. Petrópolis: Vozes, 2008a, p. 7-12.

COURTINE, Jean-Jacques. O corpo anormal: história e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dir.). *História do corpo: as mutações do olhar. O século XX. Vol.3.* Petrópolis: Vozes, 2008b, p. 253-340.

ECO, Umberto. *História da beleza.* Rio de Janeiro: Record, 2004.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. A ciranda dos sentidos. In: ROMÃO, Lucília Maria Sousa; GASPARG, Nádea Regina (Orgs.). *Discursos midiáticos: sentidos de memória e arquivo.* São Carlos: Pedro & João Editores, 2008, p. 13-22.

FISHER, Rosa Maria Bueno. Uma análise foucaultiana da TV: das estratégias de subjetivação na cultura. *Currículo sem fronteiras*, v.2, n.1, pp.41-54, Jan/Jun 2002.

FOUCAULT, Michel. *As técnicas de si.* s/d. Disponível em: <vsites.unb.br/Fe/tef/filoesco/Foucault/técnicas.pdf>. Acessado em: 12/09/2009.

FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976).* São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.* 13 ed., São Paulo: Edições Loyola, 2006.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas.* São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão.* 35 ed. Petrópolis: Vozes, 2008a.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder.* 26 ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008b.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber. Vol. 1.* 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009b.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade.* Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GUIMARÃES, Maria Eduarda Araújo. Globalização: o corpo como campo de batalha. In: BUENO, Maria Lúcia; CASTRO, Ana Lúcia de (Org.). *Corpo, território da cultura.* São Paulo: Annablume, 2005, p. 75-87.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro (Orgs.). *M. Foucault e os*

*domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004, p. 23-44.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: Claraluz, 2006.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. No diagrama da AD brasileira: heterotopias de Michel Foucault. In: NAVARRO, Pedro (Org.). *O discurso nos domínios da linguagem e da história*. São Carlos: Claraluz, 2008, p. 23-36.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 103-133.

KECK, Frédéric; RABINOW, Paul. Invenção e representação do corpo genético. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dir.). *História do corpo: as mutações do olhar. O século XX*. Vol.3. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 83-154.

LEPARGNEUR, Hubert. A Constituição do ser humano. In: \_\_\_\_\_. *Consciência, corpo e mente: psicologia e parapsicologia*. Campinas: Papirus, 1994, p. 11-75.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução: a obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Vol. 2. São Paulo: EPU; EDUSP, 1974, p. 1-36.

MACHADO, Roberto. *Introdução: por uma genealogia do poder*. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 26 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008, p. VII-XXIII.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes, 2003.

MAUSS, Marcel. Enumeração biográfica das técnicas corporais. In: \_\_\_\_\_. *Sociologia e antropologia*. Vol. 2. São Paulo: EPU; EDUSP, 1974, p. 211-233.

MILANEZ, Nilton. O corpo é um arquipélago: memória, intericonicidade e identidade. In: NAVARRO, Pedro (Org.). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006, p.153-179.

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dir.). *História do corpo: as mutações do olhar. O século XX*. Vol.3. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 15-82.

NAVARRO, Pedro. O pesquisador da mídia: entre a “aventura do discurso” e os desafios do dispositivo de interpretação da AD. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 67-92.

NAVARRO-BARBOSA, Pedro Luis. Mídia, memória e identidade. IN: FONSECA-SILVA, M. da C.; POSSENTI, S. (Org.). *Mídia e rede de memória*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007, p. 93-110.

NAVARRO, Pedro. Discurso e mídia: elementos do método arqueológico para análise da produção discursiva da identidade. In: ROMÃO, Lucília Maria Sousa; GASPAR, Nádea Regina (Orgs.). *Discursos midiáticos: sentidos de memória e arquivo*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008a, p. 225-244

NAVARRO, Pedro. Discurso, História e Memória. In: TASSO, Ismara (Org.). *Estudos do texto e do discurso: interfaces entre língua(gens), identidade e memória*. São Carlos: Claraluz, 2008b, p. 59-74.

ORLANDI, E. P. Análise de discurso e interpretação. In: \_\_\_\_\_. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

ORY, Pascal. O corpo ordinário. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dir.). *História do corpo: as mutações do olhar*. O século XX. Vol.3. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 155-195.

PAVEAU, M-A. & SARFATI, G-É. *As grandes teorias da Lingüística*. (Trad. Rosário Gregolin et al). São Carlos: Claraluz, 2006.

POSSENTI, Sírio. Análise do discurso e acontecimento: breve análise de um caso. In: NAVARRO, Pedro (Org.). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006, p.93-108.

PRADO FILHO, Kleber; TRISOTTO, Sabrina. O corpo problematizado de uma perspectiva histórico-política. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 1, p. 115-121, jan./mar. 2008.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. Tatuagem e globalização: uma incorporação dialógica em tempos de globalização. In: BUENO, Maria Lúcia; CASTRO, Ana Lúcia de (Org.). *Corpo, território da cultura*. São Paulo: Annablume, 2005, p. 89-102.

REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; FERREIRA, Ludmila. O sujeito e a tessitura dos sentidos no discurso jornalístico. In: ROMÃO, Lucília Maria Sousa; GASPAR, Nádea Regina (Orgs.). *Discursos midiáticos: sentidos de memória e arquivo*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008, p. 23-37.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEGURADO, Rosemary. As novas tecnologias e os impactos no corpo. In: BUENO, Maria Lúcia; CASTRO, Ana Lúcia de (Org.). *Corpo, território da cultura*. São Paulo: Annablume, 2005, p. 101-118.



SILVA, Francisco Paulo da. Articulações entre poder e discurso em Michel Foucault. In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro (Orgs.). *M. Foucault e os domínios da linguagem*: discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004, p.159-179.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social de identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 73-102.

SOHN, Marie-Anne. O corpo sexuado. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dir.). *História do corpo*: as mutações do olhar. O século XX. Vol.3. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 109-154.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade*: uma teoria social da mídia. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

VIGARELLO, Georges. Treinar. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dir.). *História do corpo*: as mutações do olhar. O século XX. Vol.3. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 197-250.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p.7-72.

## ANEXOS

### ANEXO 1

**ESPECIAL TECNOLOGIA**  
26 páginas com os eletrônicos do Natal

**EXCLUSIVO**  
Dan Brown fala a VEJA sobre seu novo livro

**BLECAUTES**  
Eles são inevitáveis. O desafio é torná-los cada vez mais raros

Editora ABRIL  
edição 2139 - ano 42 - nº 46  
18 de novembro de 2009

www.veja.com

**veja**

**CORPO**

**O NOVO MANUAL DE USO**

- 80% da saúde e longevidade dependem apenas de quanto a pessoa conhece seu organismo
- Teste: em 50 questões, descubra se você é um estranho para você mesmo

REVISTA DA

# SEMANA

www.revistadasemana.com.br

Guarda de filho divide Brasil e Estados Unidos *página 10*

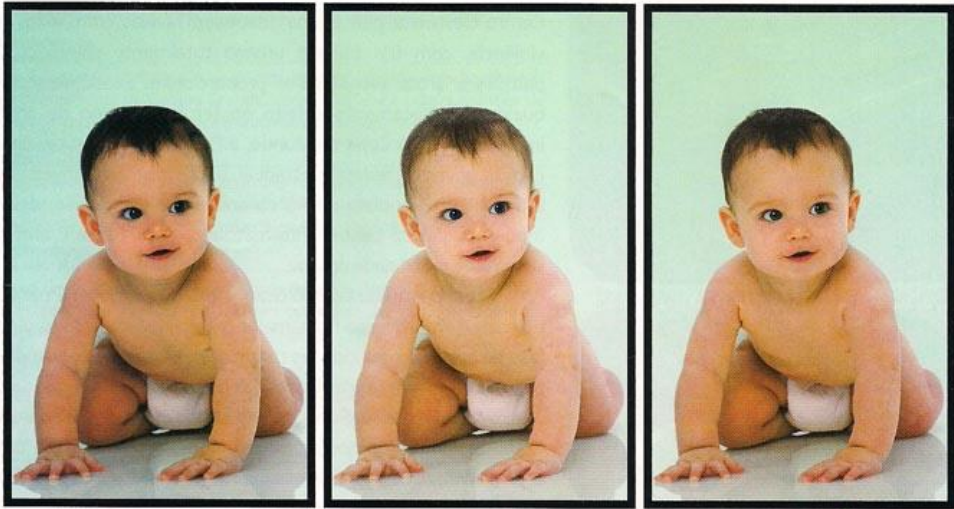
O novo avanço da pesquisa com células-tronco *página 30*

Todas as dietas funcionam, basta cortar calorias *página 31*

A lógica da nacionalização de grande bancos *página 35*

EDIÇÃO 78  
ANO 3  
Nº 9  
R\$ 4,90  
12 DE MARÇO DE 2009

**Abril**



☐☐☒

# ESCOLHA SEU BEBÊ

A genética já é capaz de selecionar crianças mais saudáveis, mais fortes e até mais bonitas

página 8

EXEMPLAR DE ASSINANTE  
VENDA PROIBIDA







**Especial**

# A MEDICINA REVELA A MULHER DE VERDADE

**As descobertas sobre as diferenças fisiológicas entre mulheres e homens devem mudar a prevenção, o diagnóstico e o tratamento de diversas doenças — especialmente no caso delas**

**Karina Pastore e Paula Neiva**

**A** té pouco tempo atrás, do ponto de vista da medicina, os homens e as mulheres eram, essencialmente, iguais. Na definição do antropólogo e anatomista alemão Rudolf Virchow (1821-1902), o homem era um ser humano ligado a um par de testículos e a mulher, por sua vez, um par de ovários ligando a um ser humano. A enunciação de Virchow, considerado o pai da patologia moderna, norteou praticamente todos os estudos científicos sobre a fisiologia humana. Nos últimos vinte anos, porém, investigações científicas começaram a determinar a clássica teoria de Virchow. Homens e mulheres pensam, agem e sentem de modo completamente distinto. Eles e elas enxergam, fazem a digestão, sentem cheiros, respiram e transpiram de forma diferente. O coração deles bate de um jeito e o deles de outro. O pulmão, o sistema imunológico, a audição, o paladar, a pe-

le... Enfim, as diferenças entre os sexos vêm surpreendendo mesmo os pesquisadores da medicina de gênero — um ramo que nasceu em meados da década de 90 e propõe condutas específicas para cada sexo, tanto na prevenção como no tratamento de diversos males.

A medicina de gênero é uma revolução. “Vivemos um dos momentos mais fascinantes da ciência. Para onde quer que olhemos, há sempre uma diferença entre homens e mulheres”, diz a cardiologista americana Marianne Legato, no livro *Evo's Rib* (A Costela de Eva). Essa revolução só não ocorreu antes porque, além da inexistência de exames clínicos e de imagem mais acurados, capazes de mostrar as diferenças fisiológicas determinadas pelo sexo, havia um secular entrave cultural: uma sociedade dominada por homens, em que a mulher tinha um mero papel coadjuvante, considerava-se mais adequado ao estudo do corpo humano o organismo masculino — do qual o feminino nada mais seria do que decal-

que. Escrava-se, assim, no plano científico, a passagem bíblica do Gênesis: “E a costela que o Senhor Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher”. Para se ter uma ideia de aonde o patriarcalismo nos levou nessa área, dois terços das doenças que afetam os dois sexos foram investigados exclusivamente em homens.

Tradicionalmente, a mulher só era considerada objeto de pesquisa científica sob “a ótica do biquini”, como define a médica Marianne, fundadora, ainda, do departamento de medicina de gênero da Universidade Colúmbia, nos Estados Unidos.

Com a emancipação feminina e a liberação da ciência de amarras arcaicas e misóginas — fatos sociais que se aliam ao desenvolvimento tecnológico —, pôde-se dar curso a estudos mais aprofundados sobre a fisiologia feminina e suas variações em relação à masculina. As descobertas se sucedem num ritmo que só não pode ser chamado de avassalador porque não existe tal ritmo na esfera da medicina. Mas elas têm caminhado relati-





## NA SAÚDE...

As principais diferenças fisiológicas entre mulheres e homens...

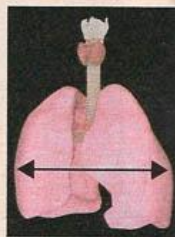
### CÉREBRO

- O cérebro dos homens é, em média, **15% maior** e **10% mais pesado**. Mas, no cérebro das mulheres, as conexões entre os neurônios são mais numerosas
- A comunicação entre as duas porções cerebrais é feita por uma estrutura chamada corpo caloso. Nas mulheres, essa ponte é maior, o que faz com que elas utilizem as duas metades do cérebro, para uma mesma função, com mais eficiência



### PULMÃO

- O volume do pulmão masculino é **20% maior** do que o do feminino — ou seja, a capacidade respiratória dos homens é maior
- A hemoglobina é responsável por levar oxigênio para todos os órgãos e tecidos do organismo. Como os homens têm mais hemoglobina circulante no sangue, a respiração deles é mais eficiente



### VISÃO

- As células da retina responsáveis pela identificação das cores são controladas pelo cromossomo X. Além de dois cromossomos X, as mulheres ainda contam com o estrogênio, que facilita o processamento de informações pelas células da retina. Por isso, elas têm mais facilidade para diferenciar as cores
- Nos homens, a visão central e de longa distância é mais aguçada do que entre as mulheres — o que, no tempo dos primeiros hominídeos, facilitava a caça
- A visão periférica das mulheres, no entanto, é melhor — o que era essencial para a proteção da cria

### OLFATO

- O olfato, que tende a ser mais aguçado nas mulheres, fica ainda mais apurado no período da ovulação

### AUDIÇÃO

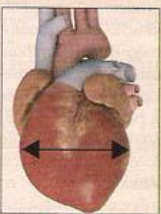
- As mulheres ouvem melhor, especialmente sons agudos, como o choro dos bebês

### PALADAR

- O paladar masculino é mais aguçado para distinguir sabores amargos e salgados
- As mulheres se saem melhor na identificação dos doces

### CORAÇÃO

- O coração masculino é **30%**, em média, **maior** do que o feminino
- Nas mulheres, o calibre das artérias coronárias costuma ser até **15% menor** — o que pode comprometer o sucesso de procedimentos como a angioplastia
- O coração feminino bate até **10% mais rápido** do que o masculino — inclusive durante o sono. Os batimentos cardíacos de uma mulher variam de 60 a 80 por minuto. Os dos homens, entre 55 e 70




### PRESSÃO ARTERIAL

- Por influência dos hormônios femininos, a pressão arterial das mulheres é mais baixa. Depois da menopausa, os níveis da pressão delas tendem a se equiparar aos dos homens

### SISTEMA IMUNOLÓGICO

- Como os hormônios femininos, principalmente o estrogênio, estimulam a atividade do sistema imunológico, as células de defesa das mulheres são mais eficientes do que as dos homens

Fontes: Raul Santos, cardiologista; Alfredo Halpern, endocrinologista; Angelo Ferrari, gastroenterologista; Mauro Muszkat, neurologista; Alberto Cukier, pneumologista; Cristiano Zerbini, reumatologista





## ...E NA DOENÇA

...e como um mesmo distúrbio pode ter impacto diferente em mulheres e homens

### DISTÚRBIOS CARDÍACOS

■ Apenas 1 em 5 mulheres vítimas de infarto apresenta os sintomas clássicos do evento, como dores no peito e no braço esquerdo. Elas reclamam sobretudo de uma sensação de indigestão — o que leva a erros de diagnóstico

■ Entre as mulheres, as obstruções costumam ocorrer em vasos de pequeno calibre

■ Nos homens, os entupimentos costumam comprometer as artérias maiores — o que facilita o diagnóstico do problema por vários tipos de exame, como o teste de esforço

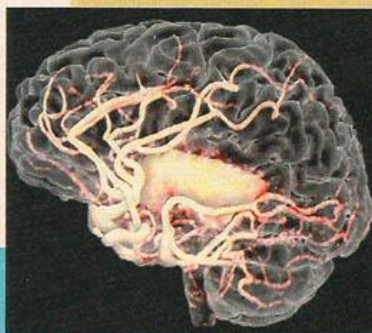
■ Entre os homens, as doenças coronarianas são mais prevalentes a partir dos 35 anos

■ As mulheres são acometidas pelos males cardíacos sobretudo depois dos 45 anos, quando começa a minguar a produção de estrogênio, o hormônio feminino, grande aliado da saúde cardíaca

■ Depois da menopausa, quando cessa a produção do hormônio, as mulheres passam a correr os mesmos riscos que os homens. Com uma agravante: por causa da idade avançada, a taxa de mortalidade entre elas é o dobro da registrada entre eles

■ As mulheres apresentam níveis mais elevados de HDL, o colesterol bom. Por isso, a taxa tida como ideal para elas é de, no mínimo, 50 miligramas por decilitro de sangue. Para eles, igual ou superior a 40

■ Baixos níveis de HDL, porém, tendem a ser mais nocivos para o organismo feminino do que para o masculino



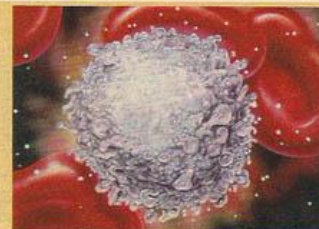
### DERRAME

■ Uma em cada 3 mulheres que sofrem um derrame não apresenta os sintomas clássicos do problema, como paralisia de um dos lados do corpo e dificuldade de fala — o que explica a falta de atendimento adequado a muitas pacientes

■ Devido à maior plasticidade do cérebro feminino, as mulheres costumam apresentar menos sequelas do que os homens, especialmente as relacionadas à fala

### DOR

■ As mulheres são mais sensíveis à dor. Elas a sentem por mais tempo e em maior intensidade do que os homens



### AIDS

■ O risco de contaminação pelo vírus HIV por via sexual é 9 vezes maior entre as mulheres do que entre os homens. Além de o esperma contaminado permanecer na vagina até uma semana depois da relação, a mucosa vaginal é um terreno propício para a multiplicação do HIV

### TABAGISMO

■ As mulheres têm mais dificuldade para deixar de fumar. Entre elas, o vício é mais psicológico do que químico

### STRESS

■ As mulheres são mais suscetíveis às crises de stress. Abundante no organismo feminino, o estrogênio intensifica a atividade das glândulas adrenais, responsáveis pela produção dos hormônios do stress

### DIABETES TIPO 2

■ O diabetes dobra os riscos de doenças cardiovasculares em homens. Nas mulheres, eles são 4 vezes maiores

### DOENÇAS AUTO-IMUNES

■ O sistema imunológico das mulheres é mais ativo do que o dos homens. Essa superativação aumenta a propensão do sexo feminino às doenças auto-imunes, como lúpus e artrite reumatóide



Fontes: Otávio Gebara, Otávio Coelho, cardiologistas; Freddy Eliashewitz, endocrinologista; Luiz Jacintho Silva, infectologista; e Daniel Feldman, reumatologista





são consideradas pacientes de médio risco seriam transferidas para o grupo das de alto risco. Diz o cardiologista Otavio Gebara, professor de cardiologia da Universidade de São Paulo: "Acredito que a inclusão desses novos marcadores poderá salvar inúmeras vidas".

Até os anos 70, a doença cardiovascular era considerada um mal tipicamente

masculino. Para cada mulher vítima da doença, havia sete homens na mesma condição. Com o ingresso delas no mercado de trabalho e a consequente exposição ao stress, ao tabagismo e às dietas gordurosas, houve uma espécie de "feminização" dos distúrbios cardiovasculares. Hoje a proporção é de uma para três, no período em que a mulher ainda não chegou à menopausa. Depois do fim da produção dos hormônios femininos, protetores da saúde cardiovascular, mulheres e homens se igualam nas estatísticas de infartos e derrames. Pois bem, apesar da maior exposição do coração feminino aos perigos da vida moderna e de todos os avanços no desvendamento da fisiologia das mulheres, a cartilha da boa saúde coroa-

ção doente, é até quatro vezes e meia maior entre as mulheres. Essa desproporção se deve ao fato de que, nelas, as placas de gordura tendem a se depositar em vasos coronarianos menores, cujo comprometimento costuma passar despercebido num teste de esforço (veja quadro nas páginas 82 e 83).

A preferência pelo sexo masculino como objeto de estudo médico era justificada basicamente por dois motivos. Por causa da montanha-russa hormonal a que as mulheres estão sujeitas todos os meses, seria preciso um grande número de cobaias do sexo feminino para chegar a informações significativas e confiáveis — o que demanda tempo e dinheiro. Já com os homens não há esse tipo de empecilho. Outro motivo alegado para a ausência do sexo feminino como objeto de estudo da medicina era o receio do que poderia acontecer se, durante uma pesquisa, uma paciente engravidasse. E se ela abortasse por causa dos testes? E se a criança nascesse com alguma má-formação?

A ausência do sexo feminino nas pesquisas clínicas, contudo, desencadeou episódios trágicos. Na década de 50, o medicamento dietilestilbestrol (ou DES, apenas) era um antiabortivo bastante popular. Vinte anos mais tarde, notou-se que as meninas nascidas de antigas usuárias do DES eram mais suscetíveis a um tipo raro de câncer vaginal. Outro episódio igualmente triste foi o da talidomida. Aprovado no fim dos anos 50 para o controle das náuseas da gravidez, o medicamento causava deformações nos fetos. Antes de chegar à farmácia, a talidomida só havia sido testada em ratos de laboratório — e, entre as cobaias, não havia nenhuma fêmea que estivesse prenhe. Desgraças como a da talidomida levaram a mudanças profundas na regulamentação dos testes clínicos. Em 1985, o Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos alertou: "A falta de pesquisas que forneçam dados sobre as mulheres compromete a qualidade das informações e dos cuidados médicos para com elas". Mas foi apenas em 1993 que o governo americano obrigou a inclusão de mulheres em pesquisas sobre doenças e medicamentos — o que acabou por fazer com que fossem criadas legislações semelhantes em outros países. No Brasil, apesar de não haver uma legislação específica, a inclusão de mulheres faz parte da rotina das pesquisas clínicas. Atualmente, a participação das mulheres nos estudos clínicos

## DEPRESSÃO

■ Para cada homem com depressão, há **2 mulheres** na mesma situação. As pesquisas mais recentes indicam, no entanto, que essa diferença epidemiológica se explica em parte por uma questão cultural: eles têm maior dificuldade do que elas em admitir o problema e procurar tratamento



## CÂNCER DE PULMÃO

■ As mulheres são mais sensíveis às substâncias tóxicas do cigarro. A probabilidade de uma mulher fumante ter câncer de pulmão é até **72% maior** do que a de um homem fumante



## OSTEOPOROSE

■ Os homens são mais protegidos contra a osteoporose. Uma em cada **4 mulheres** acima de **50 anos** tem a doença, enquanto **1 em cada 8 homens** nessa faixa etária sofre do problema



nariana continua a levar em consideração principalmente o coração masculino. "Cerca de 75% das mulheres vítimas de infarto são avaliadas como de baixo risco", diz o cardiologista Raul Santos, diretor da unidade clínica de dislipidemias do Instituto do Coração, em São Paulo. Uma das razões para isso é que os métodos de diagnóstico não levam em conta as especificidades femininas. Por exemplo: um dos instrumentos para o diagnóstico de obstrução arterial é o teste de esforço — aquele em que o paciente tem suas funções cardíacas monitoradas enquanto corre numa esteira ergométrica. A incidência de resultados errados, que indicam um





## É uma questão de natureza

Muitas das diferenças entre o comportamento feminino e o masculino são determinadas pela genética — e não apenas por questões culturais

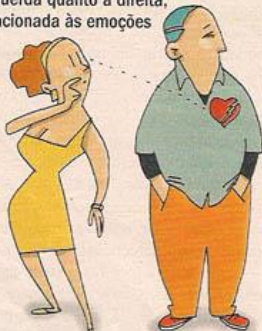


### ■ Por que as mulheres são mais choronas?

Porque elas produzem o hormônio prolactina, responsável pela produção de leite, em quantidades mais elevadas do que os homens, mesmo quando não estão amamentando. Como essa substância ativa os centros nervosos dos vínculos afetivos, elas tendem a demonstrar mais os seus sentimentos, inclusive com o choro

### ■ Por que elas conseguem perceber manifestações sutis de sentimentos e os homens só notam que algo está diferente no outro mediante demonstrações claras de estado de espírito?

Porque os homens costumam usar mais o lado esquerdo do cérebro, associado, entre outras funções, ao raciocínio lógico. As mulheres, por sua vez, para detectar sentimentos alheios, utilizam tanto a porção cerebral esquerda quanto a direita, relacionada às emoções



Fontes: Mauro Muszkat, neurologista, e os livros *Por que os Homens Fazem Sexo e as Mulheres Fazem Amor?* (Editora Sextante) e *Por que os Homens Nunca Lembram e as Mulheres Nunca Esquecem* (Editora Campus)

### ■ Por que as mulheres preferem pedir informações a estranhos a consultar um guia de ruas e os homens decifram um mapa com mais facilidade?

Porque no sexo masculino a parte posterior do hemisfério direito do cérebro, sede das habilidades espaciais, é mais desenvolvida. Por isso eles têm mais facilidade para interpretar mapas. A testosterona também ajuda a aguçar a noção espacial

### ■ Por que elas chegam do trabalho e querem conversar, contar como foi o dia, e eles só querem sossego e silêncio?

Porque, ao contrário dos homens, as mulheres têm várias regiões do cérebro relacionadas à linguagem verbal. Elas usam de 6 000 a 8 000 palavras diariamente, enquanto os homens utilizam, no mesmo período, de 2 000 a 4 000 palavras



### ■ Por que as mulheres são capazes de notar que o nó da gravata do marido está levemente torto e os homens são incapazes de perceber que o vestido de sua mulher é novo?

Porque, na história da evolução da espécie, os cuidados com a prole cabiam ao sexo feminino. Para proteger seus filhos, elas tinham de estar atentas a várias coisas, ainda que muito pequenas, ao mesmo tempo. Em repouso, 90% do cérebro feminino continua em atividade. No masculino, apenas 70%. Por isso, as mulheres são melhores para captar detalhes

mais cuidadosos, bem planejados, é de, em média, 20%. Pouco ainda, mas melhor do que ocorria até meados dos anos 90, quando a presença delas era praticamente nula.

É evidente que o ambiente tem um peso grande tanto na saúde feminina como na masculina. "Homens e mulheres não existem no vácuo. A maneira como eles se desenvolvem e sobrevivem é uma consequência direta da cultura e da sociedade em que estão inseridos", diz a médica Marianne Legato. Sabe-se que as mulheres muçulmanas têm menos probabilidade de contrair malária do que os homens muçulmanos. Talvez não apenas porque o sistema imunológico feminino seja mais forte, mas também porque, ao viverem com a maior parte do corpo coberta quase o tempo todo, elas estão menos sujeitas às picadas do mosquito transmissor da doença. Outro exemplo, nesse caso inverso: tinha-se como certo que a depressão era mais comum entre as mulheres por uma questão única e exclusivamente de química cerebral. Novos estudos revelam que também existe um fator cultural associado a essa diferença epidemiológica. Como os homens não têm o costume de falar sobre seus sentimentos, muitos deles acabam por mascarar os sintomas da depressão com o alcoolismo, o abuso de drogas, o jogo, a agressividade ou a obsessão pelo trabalho. "O conhecimento mais aprofundado da saúde de ambos os sexos é de enorme importância para aperfeiçoar a prática médica, principalmente com o aumento da expectativa de vida", disse a VEJA a médica Vivian Pinn, dos Institutos Nacionais de Saúde dos Estados Unidos.



ELAS,  
ELES E OS  
REMÉDIOS



## HOMENS E MULHERES, NA NEW YORKER

Exemplos do humor com que as diferenças entre os sexos são retratadas pelos cartunistas da revista



"FIZ TERAPIA DE REPOSIÇÃO HORMONAL POR DOIS ANOS ATÉ PERCEBER QUE O QUE EU REALMENTE PRECISAVA ERA REPOR STEVE"



"O QUE VOCÊ QUER, DENISE? EU NÃO CONSIGO LER MENTES."



O fato de vivermos mais (e pior, em desrespeito aos preceitos da vida saudável) nos tornou, homens e mulheres, mais vulneráveis a males que antes afetavam quase que exclusivamente o sexo oposto. Tida como uma doença tipicamente feminina por anos, a osteoporose passou a afetar um número considerável de homens mais velhos. Uma projeção feita por especialistas de seis países e divulgada recentemente na revista *Calcified Tissue International* prevê um aumento de 89% nos casos de fratura de fêmur entre homens, em menos de vinte anos. Em 2025, devem ser contabilizadas 800 000 fraturas do tipo no mundo, contra as 420 000 registradas no início dos anos 2000. "Não existe uma tradição em pensar a osteoporose como uma doença do homem. Por isso, muitos deles não recebem o diagnóstico correto, mesmo depois de sofrer fraturas", diz o reumatologista Cristiano Zerbini, presidente eleito da Sociedade Brasileira de Osteoporose. "É necessário estudar mais a fundo a evolução da doença no sexo masculino e descobrir se os protocolos femininos de diagnóstico e tratamento servem também para eles." Como se vê, está em curso uma revolução na medicina. E não só para as mulheres.

temente na revista *Calcified Tissue International* prevê um aumento de 89% nos casos de fratura de fêmur entre homens, em menos de vinte anos. Em 2025, devem ser contabilizadas 800 000 fraturas do tipo no mundo, contra as 420 000 registradas no início dos anos 2000. "Não existe uma tradição em pensar a osteoporose como uma doença do homem. Por isso, muitos deles não recebem o diagnóstico correto, mesmo depois de sofrer fraturas", diz o reumatologista Cristiano Zerbini, presidente eleito da Sociedade Brasileira de Osteoporose. "É necessário estudar mais a fundo a evolução da doença no sexo masculino e descobrir se os protocolos femininos de diagnóstico e tratamento servem também para eles." Como se vê, está em curso uma revolução na medicina. E não só para as mulheres.

reto, mesmo depois de sofrer fraturas", diz o reumatologista Cristiano Zerbini, presidente eleito da Sociedade Brasileira de Osteoporose. "É necessário estudar mais a fundo a evolução da doença no sexo masculino e descobrir se os protocolos femininos de diagnóstico e tratamento servem também para eles." Como se vê, está em curso uma revolução na medicina. E não só para as mulheres.

Três exemplos de como mulheres e homens respondem de maneira distinta a um mesmo tipo de medicamento

### ANTIDEPRESSIVOS

As mulheres respondem melhor aos antidepressivos do grupo dos inibidores seletivos da recaptação de serotonina (SSRIs), do qual fazem parte o Prozac e o Zoloft

#### A EXPLICAÇÃO

Esses medicamentos foram criados para ajustar as taxas cerebrais de serotonina, substância associada às sensações de prazer e bem-estar. Como as mulheres deprimidas tendem a apresentar quedas acentuadas de serotonina (muito superiores às registradas pelos homens), aumentar a quantidade dessa substância no cérebro é muito mais eficaz para elas do que para eles

### ANTIINFLAMATÓRIOS

Um estudo recente mostra que homens tratados com antiinflamatórios não esteróides, como o ibuprofeno e o paracetamol, estão mais sujeitos ao desenvolvimento de úlceras duodenais do que as mulheres

#### A EXPLICAÇÃO

Por causa da testosterona, o trato gastrointestinal dos homens é naturalmente mais sensível do que o das mulheres

### PREVENTIVO CARDIOVASCULAR

Os benefícios da aspirina na prevenção do primeiro infarto são exclusivamente masculinos. Na prevenção de derrames, porém, as vantagens do medicamento são maiores para as mulheres

#### A EXPLICAÇÃO

Os pesquisadores ainda investigam as origens dessas diferenças

Fontes: Raul Santos, Otávio Gebara, cardiologistas, e Eve's Rib, da cardiologista Marianne Legato (Editora Random House)

## Mixer | MALHAÇÃO EM CASA

# Rápido e total

Trabalhe o corpo todo com apenas um movimento

Procura algo capaz de mudar seu corpo sem grandes complicações? "O exercício que combina agachamento de pernas separadas com elevação com pegada aberta pode literalmente trabalhar mais músculos que qualquer outro movimento", afirma o treinador americano Alwyn Cosgrove. Acrescente esse exercício a seu treino e ganhe massa.

**O benefício** Suas pernas são o alvo óbvio durante o agachamento, mas não são as únicas regiões trabalhadas. Ao segurar o peso acima da cabeça, você desafia também ombros, braços, costas e abdome, afirma Cosgrove. Em resumo: é perfeito para queimar calorias e desenvolver músculos.

### Como fazer

- 1 Com uma distância duas vezes maior que a largura dos ombros entre as mãos, eleve a barra acima da cabeça até os braços esticarem. Levante-se com o pé esquerdo à frente e com uma distância de 60 a 90 centímetros entre os pés.
- 2 Com o tronco reto, desça o corpo até o joelho da frente ficar flexionado em 90 graus e o joelho

de trás quase tocar o chão. A canela da perna da frente deve ficar perpendicular ao chão.

- 3 Pare e retorne à posição inicial rapidamente. Faça de seis a oito repetições e troque de pernas. Complete duas ou três séries.

**Dica** Faça esse exercício no início do treino porque você desenvolve mais músculos e garante uma postura melhor quando está com mais energia. Se elevar uma barra acima da cabeça assusta você, comece com halteres.





## APOSTA DUPLA

PARA MANTER O CORPÃO,  
ELE FAZ EXERCÍCIOS EM  
CASA E NA ACADEMIA

Nunca faltou motivação para o mineiro Leonardo Szuster, 24 anos, praticar esportes. Ele malha há nove anos, joga futebol, tênis e faz trilhas. Mas nos últimos meses a vida profissional tomou conta da agenda e ele precisou encaixar a atividade física com prazos apertados no trabalho. A solução: trabalhar peitoral, costas e pernas em uma academia três vezes por semana – pois precisa de equipamentos mais pesados; e deixar o restante para fazer em casa. “Cuido do corpo e assisto a meus programas favoritos na TV”, conta.



>> “Comprei pesos. Às terças e quintas, trabalho bíceps e tríceps. Sábado é dia de ombro: abdução, elevação frontal e elevação de escápula para o trapézio. Faço três séries de dez repetições, com um minuto de descanso entre elas.”

>> “Sempre cuidei da alimentação. Não me proíbo de nada, mas algumas privações são necessárias para atingir os objetivos: no meu caso, manter 81 quilos em 1,81 metro. Portanto, priorizo frutas e evito açúcar, doces, gorduras e frituras. A grelha é uma ótima aliada contra a alimentação trash.”

>> “Adoro malhar à noite. Durmo muito melhor.”

## ANEXO 7

MH | FITNESS

**ELAS SE ABREM... \***

AS PARTES MAIS SEDUTORAS DO SEU CORPO, SEGUNDO **1203** LEITORAS DAS REVISTAS NOVA, BOA FORMA E GLOSS

|                                |     |
|--------------------------------|-----|
| Braços fortes .....            | 23% |
| Peito marcado na camiseta..... | 19% |
| Abdome malhado.....            | 18% |
| Costas largas.....             | 17% |
| Pernas musculosas.....         | 12% |
| Bunda, redonda e dura.....     | 11% |

\* PESQUISAS REALIZADAS NOS SITES DAS REVISTAS NOVA (DE 6/3 A 16/3), BOA FORMA (17/3 A 24/3) E GLOSS (17/3 A 24/3)

**90 MEN'S HEALTH / ABRIL 2009**



"Adoro o desenho do peito masculino. E curto braços também: me lembram força, segurança e aconchego. Como desejo muito meu marido, gosto de sentir todos os músculos dele."

Bianca Rinaldi, atriz



# Ganhe o corpo que elas desejam

Pesquisa exclusiva de MH mostra quais músculos você deve turbinar para chamar a atenção delas. O treino está aqui!

Por Wilson Weigl Colaborou Bruno Favoretto  
Fotos Andrzej Tyszko Ilustrações Noriatsu Yoshikawa

Isso mesmo, consultamos 1203 mulheres para você não correr risco de errar. Nessa enquete exclusiva, realizada em março nos sites das revistas *Nova*, *Boa Forma* e *Gloss*, elas indicaram que parte do seu corpo mais as seduz (veja resultado ao lado) e em qual

delas mais curtem pegar – descontado o amigão (resultado na pág. 94). O resultado é este guia para você montar uma agenda de treinos (comece pelos braços) e ampliar seu poder de fogo. E, claro, ganhar um corpo mais saudável. Ok, sabemos que as mulheres não cos-

tumam dissociar o visual dos outros atributos masculinos. “Mas a aparência contribui decisivamente para a atração inicial”, diz Jussania Oliveira, psicóloga especializada em sexualidade e consultora da *Men's Health*. Então turbine a sua com os 6 passos a seguir... >>

## 6 PASSOS PARA SE TORNAR O ALVO DELAS

Siga o treino proposto por Fred Berenguer, personal trainer e professor de musculação da academia Bio Ritmo, de São Paulo.

- 1) Faça quatro séries de cada exercício (de oito a 14 repetições por série).
- 2) Procure usar cargas bem pesadas.

- 3) Execute os movimentos devagar: leve mais ou menos três segundos em cada fase.
- 4) Alongue-se antes e depois de treinar.

### BRÇOS: OS CAMPEÕES DA PREFERÊNCIA FEMININA

| EM CASA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | NA ACADEMIA                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  <p><b>1) ROSCA ALTERNADA</b><br/>Em pé, com os halteres ao lado do corpo, as palmas voltadas para você, eleve um dos halteres em direção aos ombros enquanto gira a palma da mão para cima. Abaixe-o lentamente enquanto levanta o outro.</p> |  <p><b>2) TRÍCEPS TESTA</b><br/>Deitado, segure um halter com as duas mãos, os braços estendidos para cima. Flexione os cotovelos em 90 graus em direção à testa e volte ao início. Mantenha o abdome contraído para sustentar a região lombar no chão.</p> |  <p><b>1) ROSCA COM BARRA W</b><br/>De pé, com o tronco reto, segure uma barra W com as palmas das mãos voltadas para cima. Flexione os cotovelos em direção aos ombros sem movimentar o tronco. Retorne à posição inicial.</p> |  <p><b>2) TRÍCEPS NO PULLEY</b><br/>De pé na frente do aparelho pulley, segure a barra com as palmas voltadas para baixo, os braços flexionados a 90 graus. Empurre a barra para baixo até estender os cotovelos. Com o tronco reto, retorne à posição inicial.</p> |



"Curto olhar e acender os braços e costas. Um cara que tem esses músculos definidos, mas sem exagero, mostra que essas são as partes do corpo que a gente sente no momento do abraço."

Fernanda Souza, atriz

#### ELAS DETESTAM OS

**EXIBICIONISTAS** – que usam camisas abertas, calças apertadas, camiseta justa demais – e os músculos em excesso. Do ponto de vista feminino, um cara muito forte ou vaidoso demais não sinaliza um bom futuro parceiro, pois vai dedicar mais tempo ao espelho e à academia do que à companhia dela, assegurando atenção, dedicação e disponibilidade, qualidades que elas valorizam nos relacionamentos. "Caras muito bonitos também as intimidam", avisa Jusiana. Poucas encaram a concorrência que serão obrigadas a enfrentar ao lado do alvo da cobiça das outras mulheres.

#### PEITO: VICE-CAMPEÃO

**1) FLEXÃO DE BRAÇO**  
Contrai o abdômen e desce o corpo até quase encostar no chão. Vire a posição inicial. Para facilitar o exercício, apoie as pontas numa cadeira, deixando o quadril mais alto que o tronco.

**2) SUPINO COM HALTERES**  
Deitado, com os braços flexionados e os braços estendidos verticalmente. Segure os halteres com as mãos, polegares com o polegar. Flexione o cotovelo até 90 graus, sem girar os punhos. Estenda o cotovelo e volte ao início.

**1) SUPINO RETO**  
Deitado no banco horizontal, segure a barra com os braços estendidos e apoie a cabeça no banco. Desça a barra alta e a altura do peito mantendo os cotovelos abertos. Retorne à posição inicial.

**2) CROSSEVER COM TRONCO INCLINADO**  
Fique em pé na margem de uma escada, com os pés em cada um dos degraus. Leve os quadris para a baixo num arco amplo na frente do corpo. Vire à posição inicial.



"Gosto de admirar o peitoral de um homem. Um peito bonito passa a impressão de segurança, de autoconfiança, de ares de Super-Homem. E, quanto a tocar, simplesmente não resisto a apertar o bumbum! É um movimento quase involuntário. Quando percebo, já apertei."

Daniela Valente, atriz

**COSTAS LARGAS, PEITO DEFINIDO, ABDOME SARADO, BRAÇOS FORTES, BUNDA REDONDA.** São características que as mulheres curtem, tanto para observar quanto para desfrutar na cama. "I've got the goods" é uma expressão que se refere a uma mulher com a passividade livre para explorar o corpo do homem – diz a psicóloga. Vale frisar que, segundo a especialista, seu penis é mero figurante nas fantasias dela: traseiro e braços provocam mais entusiasmo do que nosso equipamento natural. Bem, desnecessário dizer que, ao conquistar um físico atlético, você ganha autoestima e autoconfiança, o que se traduz não só em mais sexo como também abre portas no trabalho e nas relações sociais. Então não precisamos dar mais motivos para você adotar o treino das partes que contam para eles.

#### COSTAS: 4º LUGAR NO SEU PODER DE ATRAÇÃO

**1) REMADA UNILATERAL**  
Apoie o pé esquerdo e a mão esquerda num banco, perna direita no chão. Segure um halter na mão direita, com o braço estendido. Com as costas retas, puxe o halter para cima o mais alto possível. Vire ao início. Repita todas as repetições e depois troque de lado.

**2) CRUCIFIXO INVERSO**  
Em pé, com as pernas afastadas e simétricas, incline o tronco para a frente, mantendo as costas retas. Segure dois halteres com os braços relaxados e os cotovelos semiflexionados. Eleve os braços até a altura dos ombros. Vire o tronco e depois troque de lado.

#### ABDOME: 3º LUGAR NA SEDUÇÃO

**1) ABDOMINAL COM PERNAS APOIADAS**  
Deite no chão com as pernas numa cadeira. Cruze as mãos atrás da cabeça. Eleve os ombros, arredondando as costas. Suba até sentir contratura abdominal e deslize o cotovelo esquerdo e o cotovelo direito do peito direito. Toque o chão.

**2) OBLÍQUO COM PERNAS NA VERTICAL**  
Deite no chão com uma mão atrás da cabeça e os braços flexionados. Apoiando alternadamente o cotovelo direito no chão e o cotovelo esquerdo no chão, eleve o tronco e o cotovelo direito. Toque o chão.

**1) ABDOMINAL COM PÓLIA ALTA**  
Apoie o pé esquerdo e a mão esquerda numa cadeira, com o braço estendido. Com as costas retas, puxe o halter para cima o mais alto possível. Vire ao início. Repita todas as repetições e depois troque de lado.

**2) ABDOMINAL CRUNCH NO APARELHO**  
Sentado na máquina, mãos nos pegas, pernas presas no apoio. Eleve e arredonde as costas levando a cabeça em direção à cintura. Inspire voltando à posição inicial.

#### MÚSCULOS? SÓ ATÉ CERTO PONTO

Um estudo da Universidade da Califórnia revelou que as mulheres gostam mais de caras definidos do que musculosos. Vendo fotos de homens sem camisa, 141 mulheres preferiram os tipos atléticos aos muito malhados. Elas disseram que o tempo que eles gastam na academia é um tempo sonado no relacionamento. Os bombados também foram considerados sujeitos a atrair outras mulheres – e pular a cerca.

#### As mulheres associam músculos a...

- ✓ Habilidade na cama
- ✓ Popularidade
- ✓ Proteção
- ✓ Saúde e bons genes
- ✓ Dinheiro e ambição
- ✓ Fidelidade
- ✓ Sensibilidade às necessidades delas
- ✓ Narcisismo genético



## PERNAS: 5º MELHOR ITEM PARA VOCÊ MOSTRAR

| EM CASA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | NA ACADEMIA                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  <p><b>1) AGACHAMENTO COM HALTERES</b><br/>Fique em pé, com um halter em cada mão, braços relaxados e pés na linha do quadril. Olhando para a frente, agache-se (os joelhos devem ficar na linha das pontas dos pés). Volte à posição inicial.</p> |  <p><b>2) AFUNDO PARA A FRENTE</b><br/>Em pé, com um halter em cada mão, braços relaxados e pés na linha do quadril, dê um passo largo para a frente. Mantenha o tronco reto. Sua coxa deve ficar paralela ao chão. Volte ao início.</p> |  <p><b>1) LEG PRESS 45 GRAUS</b><br/>Sente-se no aparelho, com as costas bem apoiadas e os pés afastados na linha do quadril. Destrave o aparelho e flexione os joelhos em um ângulo de 90 graus. Retorne à posição inicial.</p> |  <p><b>2) CADEIRA EXTENSORA</b><br/>Posicione-se no aparelho com as mãos nos puxadores, os joelhos flexionados e as pernas sob o apoio. Estenda os joelhos até a posição horizontal e volte à posição inicial.</p> |

## ELAS REVELAM SEUS DESEJOS NA CAMA...

1203 MULHERES DIZEM QUE PARTE DO SEU CORPO MAIS GOSTAM DE PEGAR NA CAMA

|                                                 |                                                |
|-------------------------------------------------|------------------------------------------------|
| Bunda ("Adoro segurar").....28%                 | Peito ("Curto tocando os meus")...14%          |
| Braços ("Curto a boa pegada").....25%           | Abdome ("Delícia um homem sem barriga").....6% |
| Costas ("Gosto de senti-las no abraço").....21% | Pernas ("Adoro coxas grossas").....6%          |



"Fico de olho nos glúteos – acho que essa preferência nacional não se restringe aos homens... Nós, mulheres, também adoramos uma bunda masculina! Também gosto de me aninhar num peitoral forte e definido: me sinto protegida."

Ildi Silva, atriz



## GLÚTEOS: 6ª ARMA PARA ATRAI-LA

| EM CASA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | NA ACADEMIA |  |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|--|
|  <p><b>1) EXTENSÃO DO QUADRIL</b><br/>Apoie as duas mãos (ou os dois cotovelos) e um joelho no chão e posicione a outra perna flexionada sob o peito. Estenda essa perna para trás até realizar a extensão total do quadril. Faça todas as repetições e troque de perna.</p> |  <p><b>2) ELEVAÇÃO DA PELVE</b><br/>Deitado, com os braços estendidos ao longo do corpo e os joelhos flexionados, contraia os glúteos e eleve a pelve. Volte à posição inicial, sem encostar o glúteo no chão.</p>              |             |  |
|  <p><b>1) EXTENSÃO DO QUADRIL COM POLIA BAIXA</b><br/>Em pé no aparelho crossover, mãos apoiadas, prenda uma perna na polia baixa. Faça a extensão completa do quadril com a perna da polia e volte à posição inicial.</p>                                                   |  <p><b>2) GLÚTEO NA MÁQUINA</b><br/>Posicione-se na máquina de glúteos, com uma perna presa na máquina e a outra servindo de apoio. Leve a coxa para trás até realizar a hiperextensão do quadril. Repita do outro lado. MH</p> |             |  |



Corpo

# De corpo INTEIRO

“**V**ocê é tão forte quanto o seu elo mais fraco”, sentencia o personal trainer americano Harley Pasternak. Assim o especialista explica por que o conceito de treinamento funcional é tão revolucionário. O elo mais fraco a que ele se refere é aquele músculo frouxo que deveria ser parceiro de toda a cadeia muscular, mas que rói a corda na hora do esforço. É o tal desequilíbrio gerado pela musculação tradicional, que prioriza alguns músculos, esquece-se de outros e exercita um pedaço de cada vez, isolado dos demais. “Ora, na vida real usamos diversos músculos para fazer um único movimento”, diz o educador físico Luciano D’Elia, organizador do I Workshop Internacional de Treinamento Funcional, realizado em São Paulo.

O evento reuniu mais de 200 professores de educação física interessados em incrementar seus planos de exercícios com o treinamento funcional. Por ora só a Academia Única, em São Paulo, e as unidades Pinheiros, Santana, São José do Rio Preto e Catanduva do SESC-SP têm equipe especializada — as demais 17 unidades serão habilitadas nos próximos seis anos. Já as grandes redes acabam de estreitar aulas inspiradas no método.

A questão é que, se a cadeia muscular não está igualmente forte e flexível, cresce o risco de você ter má postura, sucumbir ao fazer certos tipos de esforço e até mesmo ter uma bela dor. “Quando os pares de músculos, chamados de agonista e antagonista, estão desbalanceados, a tensão fica desigual, o que compromete a postura e a movimentação”,

descreve o personal trainer Thiago Passos, aluno do Instituto Chek, escola americana de treinamento funcional.

Outra preocupação é exercitar pontos-chave. “Os pequenos músculos, tanto os da coluna como os dos pés, são fundamentais para o bom funcionamento de todo o corpo”, enfatiza John Blievernicht, consultor da Academia Nacional de Medicina Esportiva, nos Estados Unidos.

O treino funcional prepara o corpo para um bom desempenho nas atividades rotineiras, como agachar-se, empurrar um móvel e carregar uma criança — daí seu nome. Para tanto usa elásticos, bolas, pranchas de instabilidade e bastões, entre outros aparelhos.

O programa desenvolve a força, a flexibilidade, a coordenação, o equilíbrio, a resistência e a velocidade. “O corpo se aprimora e transfere o aprendizado para os momentos de necessidade”, garante a educadora física Liciane Rossi, de Jundiaí, no interior paulista. “É provável que treinar a força dinâmica em movimentos parecidos com os do dia-a-dia funcione, mas é preciso comprovar essa hipótese”, pondera Júlio Serrão, professor de biomecânica da Universidade de São Paulo.

As pesquisas ainda engatinham. “A principal dificuldade é medir a atividade muscular durante situações de instabilidade, como a de alguns exercícios funcionais”, reconhece Thiago Passos. “Mas sabemos que abdominais sobre uma bola, por exemplo, ativam inclusive músculos periféricos, ou auxiliares, menos requisitados na versão convencional do exercício”, revela. >

Experimente o treinamento funcional, um programa de exercícios que exige esforço muscular integrado e em movimento. O método, que faz sucesso há anos nos Estados Unidos, promete seduzir também os praticantes brasileiros

por PRISCILA BOCCIA  
design EDER REDDER  
foto OMAR PAIXÃO



## EXERCÍCIO DIFERENTE

Entenda os princípios do treinamento funcional

FORÇA

AÇÃO

Nada de se sentar ou se apoiar. Durante o treino funcional é preciso movimentar o corpo inteiro.

O objetivo é solicitar diversas habilidades físicas

— **FORÇA, FLEXIBILIDADE, COORDENAÇÃO, EQUILÍBRIO** —, todas ao mesmo tempo, já que elas atuam em parceria na hora do esforço, na vida real.

elástico

FLEXIBILIDADE

### TRIDIMENSIONAL

O exercício é executado em três planos — **VERTICAL, HORIZONTAL e DIAGONAL**. O esforço é superior ao da musculação tradicional, em que os movimentos se restringem a um plano por vez.



### SINERGIA

Os músculos trabalham em conjunto. Veja como, durante o movimento, a força executada se transfere de uma parte a outra do corpo: primeiro os pés (1), passando por pernas (2), quadris (3), tronco (4) e, finalmente, chegando aos braços (5). Com isso a musculatura fica preparada para executar suas funções de maneira eficiente e sem dor.



COORDENAÇÃO

### PONTOS DE APOIO

O exercício começa e termina em um único pé — na saída, o esquerdo, e na chegada, o direito. E isso exige equilíbrio e coordenação.

EQUILÍBRIO



## MALHAÇÃO VERSÁTIL

Os exercícios trabalham mais de uma habilidade, embora uma sempre predomine

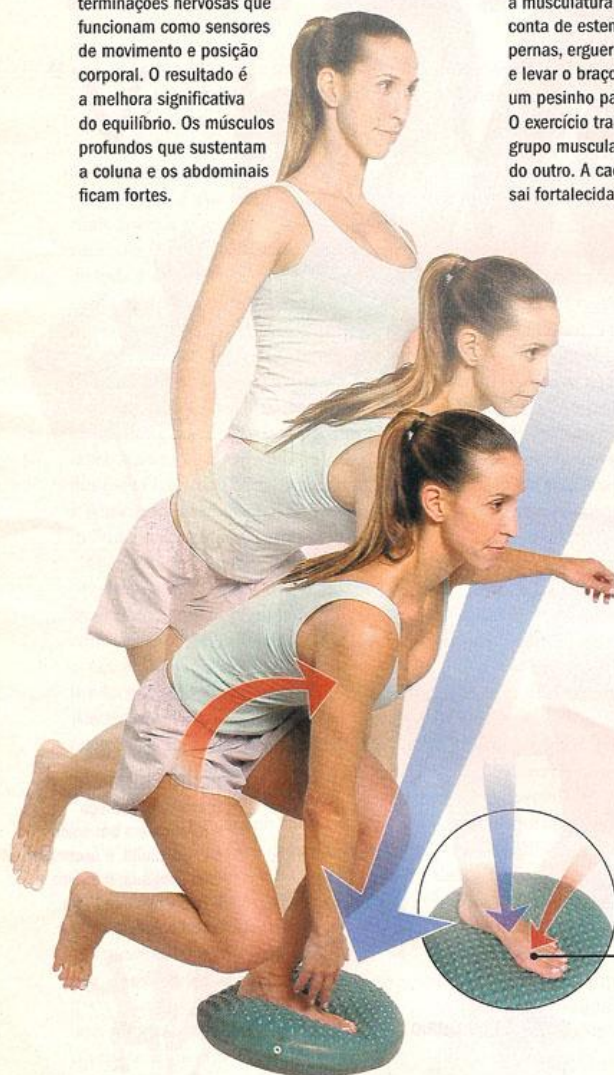
### EQUILÍBRIO

A superfície instável ativa os proprioceptores — terminações nervosas que funcionam como sensores de movimento e posição corporal. O resultado é a melhora significativa do equilíbrio. Os músculos profundos que sustentam a coluna e os abdominais ficam fortes.



### FORÇA

Pressionada pela gravidade, a musculatura precisa dar conta de estender as pernas, erguer o tronco e levar o braço que carrega um peso para cima. O exercício trabalha um grupo muscular na sequência do outro. A cadeia inteira sai fortalecida.



### OLHE PARA BAIXO!

Os pés são a interface entre o chão e o restante do corpo. Ou seja, se estão fortes e ágeis, ajudam a pessoa a se equilibrar e a fazer força. Como o uso contínuo de sapatos os deixa frágeis e fracos, vale a pena executar alguns movimentos com eles descalços para exercitar a sua musculatura.

PRODUÇÃO: MARITA PRADO / CAMELO E MAQUINHIM, ANDRÉIA BOGA  
AGÊNCIA: FROST / RIAN & BUTLER / RUTIMAY / NICE TREE



### FLEXIBILIDADE

Chega de tédio. Neste exercício, braços, abdômen e pernas são alongados de maneira integrada e dinâmica. O estica-e-puxa começa em um lado do corpo e termina no outro — o tronco gira para que o pé se aproxime do braço oposto. Isso aumenta a mobilidade articular e treina a coordenação.

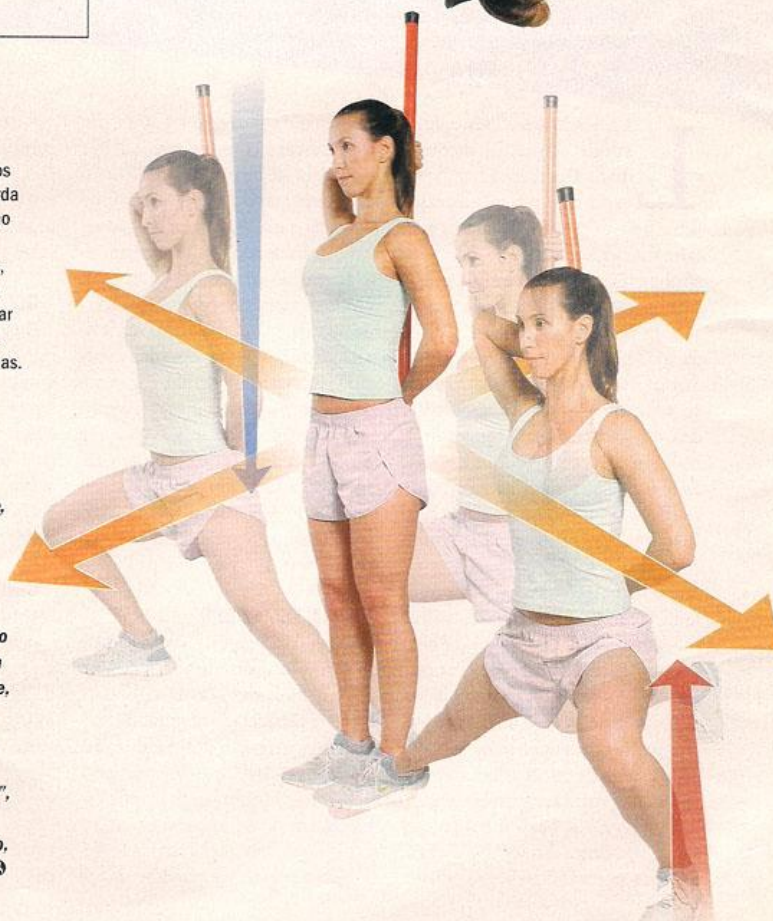
### OUTRAS HABILIDADES

Durante o treinamento funcional, o aluno faz muitas repetições. Há também um aumento progressivo das cargas. Com isso são desenvolvidas a resistência e a velocidade. O corpo passa a agüentar mais esforço por mais tempo e ainda ganha agilidade.



### COORDENAÇÃO

Os deslocamentos para os lados — frente, atrás, direita e esquerda — treinam a coordenação. Como os braços estão ocupados, segurando o bastão nas costas, a pessoa perde a referência de espaço, um truque para exercitar o equilíbrio. Os agachamentos, por sua vez, fortalecem as pernas.



**A** paulistana **Beatriz Resende de Andrade**, de 28 anos, é professora da pré-escola. “Passo o dia me agachando e carregando meus alunos de 2 anos no colo”, conta Bia. O treinamento funcional foi uma mão na roda para deixá-la forte e resistente, apta a encarar o pique da criançada. “A vantagem é que não enjoa porque aprendo exercícios novos a cada treino”, conta Bia, que frequenta a Academia Única, em São Paulo, cinco vezes por semana. 🏋️





**REVISTA DA**  
**SEMANA**  
[www.revistadasemana.com.br](http://www.revistadasemana.com.br)

EDIÇÃO 45  
ANO 2  
Nº 27  
Abril  
17 DE JULHO DE 2008

EXEMPLAR DE  
ASSINANTE  
VENDA PROIBIDA

**Por que Daniel Dantas, Naji Nahas e Celso Pitta foram presos** *página 12*

**As razões do fracasso da reunião de cúpula do G-8 no Japão** *página 16*

**A América Latina diante do fantasma da inflação** *página 37*

**GORDO PARA SEMPRE?**

**Uma criança obesa tem grande chance de virar um adulto obeso. O que a medicina, os pais e até o governo podem fazer para evitar esse destino**

*página 10*





## About me

Texto: Isabela Mena Foto: Xico Buny

# Odeio o meu corpo!

Saiba como conviver melhor com aqueles defeitinhos que todo mundo tem



A sensação é bem desagradável: você simplesmente queria mudar seu corpo inteiro. Ou boa parte dele. É a perna fina demais, a orelha de abano, o peito enorme, enfim: tudo contribui para te fazer sentir a última das criaturas. E o espelho, a calça skinny e a menina mais perfeita da classe parecem existir só para que sua vida seja pior. Mas, acredite, até a tal garota tem esse tipo de sensação!

### Culpe os hormônios...

Um dos motivos para essa insatisfação é biológico. Até os 17 anos, seu corpo passa por um monte de transformações. Altura, peso, formas, textura do cabelo, tipo da pele: tudo fica diferente graças à ação de novos hormônios que seu corpo está produzindo. Muitas meninas têm dificuldade de se adaptar a essas mudanças, principalmente porque nem sempre o corpo se desenvolve de maneira harmoniosa. Uma menina que espicha muito rápido pode parecer magra demais, assim como algumas variações hormonais podem alterar (para cima) o peso de outra. O melhor nessa hora é ter paciência. Essas mudanças não podem ser consideradas definitivas. Virão outras!

### ...E as neuras!

Nessa fase, é comum ter uma idéia idealizada do corpo, como se ele tivesse que ser perfeito para ser bonito. Mas, se prestar um pouco de atenção, vai ver que não é bem assim. Olhe à sua volta. As mulheres que você admira têm aquele corpo da atriz da novela? A resposta, na maioria das vezes, será não! Todo mundo tem defeitos. O que deixa uma garota muito mais bonita que as outras é a maneira como ela se vê. Pode reparar que as meninas que têm a auto-estima lá no alto acabam se cuidando mais e, por isso, estão sempre lindas. Então, preste atenção em você. Valorize-se!

### Fazendo as pazes com o corpo

Você queria ter as pernas da Gisele Bündchen, mas as suas estão mais para as da Juliana Paes? Opa! Já reparou o sucesso que a atriz faz com os homens? Saber tirar vantagem das suas formas e se espelhar em pessoas que tenham um biótipo parecido com o seu pode ser útil para dar um up no visual. Assim, você aprende a valorizar suas formas com as roupas e os acessórios ideais para elas. Logo, logo, você vai se pegar atraindo olhares e, então, naturalmente, vai fazendo as pazes com seu corpo.

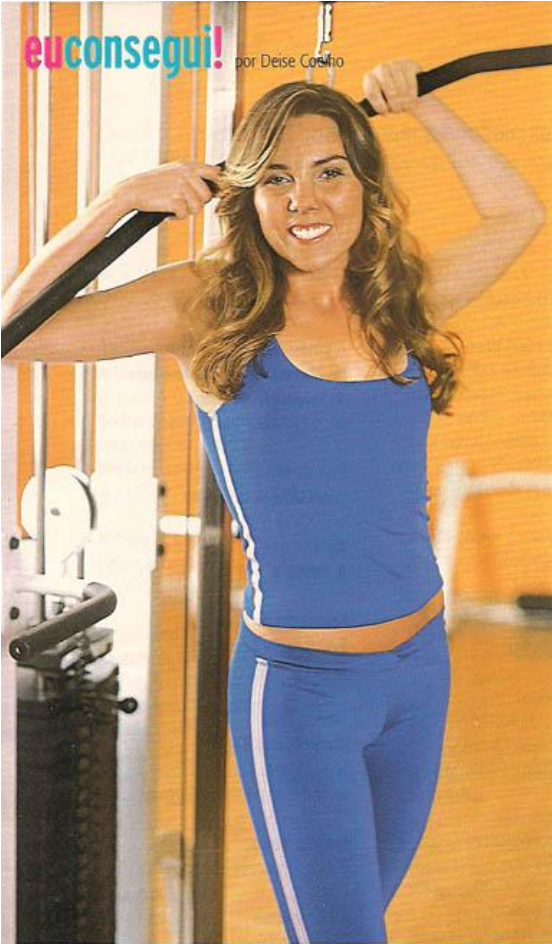
### Exagero perigoso

Sentir um bode de si mesma de vez em quando é natural e passa com o tempo. Mas, se você pensa nisso a ponto de perder aulas e deixar de ir a baladas por achar que não está bonita o suficiente, sinal vermelho. A insatisfação exagerada com o corpo pode indicar que você tem uma imagem distorcida dele. Ou seja, quando se vê no espelho, se enxerga muito mais magra ou mais gorda do que realmente é. Esse tipo de distorção é um primeiro passo para transtornos alimentares, como anorexia e bulimia. Se esse for o seu caso, fale com sua irmã mais velha ou com alguém em que você confie. Ela vai te ajudar a encontrar um jeito de sair dessa.

Agradecimento: Mattel Brinquedos

Quem deu as informações: Carlos Eduardo Carvalho Freire, professor da Faculdade de Psicologia da PUC-SP, e Alexandre Azevedo, do Ambulatório de Bulimia e Transtornos Alimentares do HC de São Paulo.





**euconsegui!** por Deise Cosentino

## Eu tinha vergonha do meu corpo

Para a paulista Cristiane Vasconcelos, liberdade é vestir uma miniblusa e deixar a barriguinha à mostra sem medo. Quem vê ela toda feliz hoje, aos 24 anos, não imagina que já houve tempo em que colava adesivos em suas fotos para esconder a barriga. Nos seus tempos de gordinha (pesava 73 quilos!), Cris experimentou um montão de dietas, mas só conseguiu enxugar com ajuda médica. "Todo mundo precisa de um empurrãozinho. Eu mesma tive de tomar uma fórmula, por seis meses, para controlar a gula." Mas não pense que com remédio ficou tudo fácil — emagrecer foi uma prova de fogo. A garota estava fazendo faculdade e não queria ficar de fora das baladas. "Minha dieta era de 1 200 calorias diárias. Pra rebater o prazer de um chope eventual ou um cachorro-quente de vez em quando, tinha de vigiar o cardápio o resto da semana." Seis meses depois, com 10 quilos a menos, ainda sobravam alguns pneuzinhos. Cris então recorreu à lipoaspiração. "Fiquei bem fininha, mas, por conta do meu rosto redondo, continuavam me chamando de bolacha." Cris não desistiu. Foi fazer um curso profissional na área de beleza e percebeu que podia melhorar mais seu visual. Resolveu apostar na academia e começou a escolher melhor os alimentos, em vez de apenas contar calorias — reduziu massas, frituras e gorduras, encheu a geladeira de frutas, verduras e produtos light. "Antes, eu corria, mas só quando tinha vontade. Passei a malhar quatro vezes por semana, focando os meus objetivos." A nova Cris faz spinning e musculação. Resultado: o corpo mudou, ela secou 3 quilos de gordura e ganhou músculos. Afinal livre do apelido, ela dá seu conselho: "Para se manter bonita, você tem de se aplicar. Esse é um projeto para a vida toda".



**ANTES**

**Cristiane Vasconcelos**  
Idade: 24 anos.  
Altura: 1,73 metro.  
Peso: 63 quilos.  
Conquista: enxugou 10 quilos de gordurinhas e somou 3 quilos de músculos.  
Tempo: um ano e seis meses no total.

### dica esperta

Cristiane virou uma expert em receitas light. Anote aí sua sugestão preferida.

#### patê de ricota light

|                                                                                                                                                      |                                                                                                                                                                   |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Ingredientes</b><br>500 g de ricota<br>2 col. (sopa) de manteiga light<br>1 copo de leite desnatado fervendo<br>Sal, salsinha e cebolinha a gosto | <b>Modo de fazer</b><br>Coloque todos os ingredientes aos poucos para bater no liquidificador e misture os temperos por último. Deixe esfriar e leve à geladeira. |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

#### Conselho da especialista

"A receita é leve, 1 col. (sopa) tem 29 calorias. Fique esperta com o excesso, pois você só precisa de duas porções diárias de leite ou derivados. Consumindo duas colheres do patê, você pode comer apenas mais uma porção (um copo de leite ou um iogurte)", diz a nutricionista Leticia Pacheco, do Rio de Janeiro (RJ).

### passa um dia com a gente!

Você quer participar desta seção e conhecer a redação da revista? Então escreva como conquistou um estilo de vida saudável e um corpo bonito. Mande uma carta para BOA FORMA, seção Eu Consegui!, com uma foto antiga e outra recente.

Foto: André Diniz/Arquivo. Produção: Lúcia Lopes e Bruna Gomes / Candy (Foto)